



Sociedade das Ciências Antigas

INICIAÇÕES

POR

PAUL SEDIR



TRADUÇÃO FEITA A PARTIR DO ORIGINAL FRANCÊS

INITIATIONS

PARIS - 1926

SÃO PAULO - BRASIL

FEVEREIRO - 2018

PREFÁCIO DA EDIÇÃO INGLESA

Desde 1926 a voz de Sédír deixou de ser ouvida. Era a voz de um precursor, de um enunciador gritando na selvageria das multidões. Sédír consagrou sua vida à difusão do Evangelho. Seu pensamento, ensinamentos e atividades podem ser condensados em uma única palavra: Cristo.

Só podemos falar aqui de sua vida pública, mas aqueles que tiveram o privilégio de estar entre seus amigos íntimos sabem que ele viveu por Cristo e em Cristo. Sua mente havia investigado e abrangido todo o conhecimento humano. Não havia um ramo da atividade humana que ele não havia explorado minuciosamente: religião, artes, literatura, história, agronomia, terapêutica, sociologia, etc. Era capaz de discursar como um especialista sobre qualquer tema com pleno conhecimento; mas sua humildade era tanta que ele nunca falou, exceto para responder perguntas ou evitar erros. Quando resolvia problemas complexos ou retificava opiniões erráticas, nunca deixava de mostrar o caráter provisório das estruturas intelectuais e advertia contra a aderência a sistemas rígidos. Gostava de dizer que a vida deveria, antes de tudo, ser vivida e que a grande homenagem que o homem pode render à Verdade é não limitá-la a uma fórmula, mas vive-la.

Yvon Le Loup (SEDIR) nasceu em 2 de janeiro de 1871, em Dinan, Bretanha. Contudo, passou a maior parte de sua vida em Paris, onde faleceu em 3 de fevereiro de 1926. Sédír fez um estudo profundo das religiões do oriente e do conjunto de especulações que constituem o esoterismo. Eminentemente ocultistas admiravam o seu domínio destas ciências. Entre 1894 e 1900 publicou uma série de obras, que se encontram esgotadas; nestas obras, expos alguns resultados de suas pesquisas. Neste meio tempo, de 1890 em diante, colaborou com várias revistas e periódicos, entre os quais L'Initiation (fundada por Papus em 1888) a fim de trazer a público está veneráveis sínteses inacessíveis aos leigos. Foi em Outubro de 1891 que o nome de Sédír apareceu pela primeira vez na revista L'Initiation. Foi então que, tento chegado ao auge do conhecimento e dos poderes, afastou-se de repente de seus colegas artesãos, para se consagrar unicamente ao Evangelho. Em sua vida, ocorreu um evento solene e decisivo (em julho de 1897) que o tornou ciente do Nada e da vaidade das ciências e sociedade secretas. Como não temos a liberdade de dizer nada mais, podemos citar um trecho de uma carta publicada em 1990 no *Echo du Merveilleux*:

“Tenho mergulhado em muitos assuntos desde 1887, quando comecei a me sentir apaixonadamente atraído por eles...nunca tive muitos meios matérias, mas o destino me compensou colocando em meu caminho os representantes das maiores tradições esotéricas... Rabis me transmitiram seus manuscritos secretos; alquimistas me admitiram em seus laboratórios; Sufis, Budistas e Taoístas me levaram para a morada de seus deuses, muitas noites. Um Brahman me permitiu copiar suas tábuas mânticas e um Yogue me passou os segredos da contemplação. Mas depois de uma tarde, quando encontrei certa pessoa, todos estes homens admiráveis que me ensinaram se tornaram como que nada, tão etéreos quanto o vapor leve que se levanta ao entardecer da terra superaquecida”.

Sédír tinha uma única ambição – guiar até o Cristo aqueles com os quais tinha contato. Neste livro, ele conta a história, ou melhor, o drama, do encontro sublime que definiu seu destino apostólico. Esta história é apresentada no formato de romance, mas o próprio Sédír nos certificou pessoalmente que cada detalhe deste livro é factual. De fato, durante o cético, frívolo e científico século, orgulhoso de suas conquistas e poderes, foi um plano do Céu, que um dos verdadeiros Amigos de Deus vivesse entre nós, passando por um “Ninguém” na multidão, ocultando seus desconcertantes múltiplos poderes “sob o manto de uma vida burguesa mediana, dissimulando suas virtudes e superioridades, assim como dissimulamos nossos vícios. Há um Príncipe desta Terra – delegado de Lucifer; e há também o Senhor desta Terra – delegado de Cristo”.

Todos os servos de Cristo assim o são pela virtude de sua união com Cristo. Esta união é mais ou menos profunda; mas não importa o quão profunda, a individualidade do servo, seu EU permanece distinto do “EU” de Cristo. Não há nenhuma identidade entre Ele e o servo, apenas semelhanças,

concordância e harmonia. A identidade como ensinada pelos Orientais, entre Atma e Parabrahma, é apenas uma ilusão metafísica. Assim, o Senhor da Terra é único dentre os servos, soldados ou amigos de Cristo que possui as qualidades e a correta quantidade de Luzes mais provável para ligar nossa vida terrestre à Palavra diretamente. Sédír recebeu as ordens de Cristo, executou-as e transmitiu as esperanças de paz dos habitantes da terra à Ele. Ele não é o Cristo, apenas representa o Cristo. Nenhum ser receberá a Palavra totalmente. Ele é tudo o que a Terra é capaz de perceber e receber de Cristo. Criaturas terrestres o confundem com o Cristo. Não estão erradas, pois ele é Cristo, repito, na medida em que o Cristo total pode se revelar no nosso planeta sem ofusca-la ou reduzi-lo ao pó.

Neste livro, Teofane representa a parte interior de Andréas – a Luz pura da alma eterna; Andreas é o espírito imortal. O doutor representa a mente racional consciente e Estela a intuição. Objetivamente, estas personagens representam níveis e funções no Exército da Luz.

Como o grande poeta Théophile Briant, amigo de Sédír e um dos poucos que o compreenderam plenamente, escreveu: “Até mesmo na cruz das lamentações profundas é preciso não se desesperar. A promessa de nosso Salvador é formal. Deus está e sempre estará entre nós até o fim do mundo. Mas não se deve procura-Lo nos palcos, nos palácios, nem nos lugares onde as trombetas do renome e da fama ressoam. Ele é o “Desconhecido” o “Ninguém” de Sédír, perdido anonimamente na multidão. Ele evita a “curiosidade dos ímpios”.

“Amemos nossos irmãos assim como a nós mesmos e O encontraremos. Ele pode estar trabalhando bem ao nosso lado, em um das comunidades destruidoras de personalidades humanas. Pode ser aquele homem na entrada do metrô, empurrado de lado por um viajante impaciente. Pode ser aquele transeunte que se debruça no parapeito do Sena, ou um dos que caminha nas margens. Ele é Humilde e só possui apenas meios escassos, pois não se preocupa em armazenar riquezas além daquelas que o invisível Arcanjo, que caminha ao seu lado, lhe premia a cada dia. Ele vive no meio de nós. Ele nos observa e nos espera. Ele carrega, assim como Tarcisius, a Eucaristia de seu Coração entre os homens; ele é o depositário das línguas de Fogo. Sob sua roupa indescritível oculta o esplendor do Monte Tabor e talvez a salvação do Mundo”. Emile Besson, 1957.

APRESENTAÇÃO DA TRADUÇÃO ESPANHOLA

A obra que tens em tuas mãos, caro leitor, é uma das melhores já escrita por Paul Sédír (1871 – 1926). Se lida com atitude aberta e sincera, ela penetrará e crescerá em ti, talvez sem que percebas. É a força do verdadeiro, do genuíno, que tanta falta nos faz.

Paul Sédír conheceu um homem excepcional, o personagem Andreas, em 1987, a partir deste momento foi abandonando todos os seus cargos nas sociedades esotéricas e ocultas mais importantes de sua época e se dedicou a divulgar a mensagem de Cristo com toda a energia que foi capaz. Fundou a sociedade *Amigos Espirituais* em 1920, que por sua vez mantém viva sua obra e sua mensagem. Esperamos que tal mensagem cale em ti e possas ir viver um pouco além do lugar em que te encontras neste momento.

Agradecemos aos Amigos Espirituais por manter viva a obra de seu fundador, Paul Sédír.

“Bom é recordar as velhas palavras que hão de voltar a soar”
Antonio Machado

São Paulo, Fevereiro de 2.018

Havia alguns gregos entre os que vieram a adorar à Deus no dia da festa.
Estes, pois, dirigiram-se a Filipe, que era de Betsaida da Galiléia e rogaram-lhe, dizendo: Senhor,
queríamos ver a Jesus.

Filipe foi dizê-lo a André e então André e Filipe o disseram a Jesus.
E Jesus lhes respondeu, dizendo: *É chegada a hora em que o Filho do homem há de ser glorificado.*
Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só;
mas se morrer, dá muito fruto.

Quem ama a sua vida perdê-la-á, e quem neste mundo odeia a sua vida,
guardá-la-á para a vida eterna.
Se alguém me serve, siga-me, e onde eu estiver, ali estará também o meu servo.
E, se alguém me servir, meu Pai o honrará.

Agora a minha alma está perturbada; e que direi eu?
Pai, salva-me desta hora; mas para isto vim a esta hora.
Pai, glorifica o teu nome. Então veio uma voz do céu que dizia:
Já o tenho glorificado, e outra vez o glorificarei.
Ora, a multidão que ali estava, e que a ouvira, dizia que havia sido um trovão.
Outros diziam: Um anjo lhe falou.

Respondeu Jesus, e disse: Não veio esta voz por amor de mim, mas por amor de vós.
Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo.
E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim.
E dizia isto, significando de que morte havia de morrer.
Respondeu-lhe a multidão: Nós temos ouvido da lei, que o Cristo permanece para sempre;
e como dizes tu que convém que o Filho do homem seja levantado?
Quem é esse Filho do homem?

Disse-lhes, pois, Jesus: A luz ainda está convosco por um pouco de tempo.
Andai enquanto tendes luz, para que as trevas não vos apanhem;
pois quem anda nas trevas não sabe para onde vai.
Enquanto tendes luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz.
Estas coisas disse Jesus e, retirando-se, escondeu-se deles.

Jo 12:20-36

ESTADO DE ÂNIMO

Eu acabava de chegar aos 40. Minha carreira de médico atuando nos subúrbios não acabara com meus sonhos de juventude, tempos felizes em que era livre para deixar tudo por um bom livro ou pela conversa com um místico. Minhas lembranças voltavam-se sempre para o velho amigo Desidério, morto há quase vinte anos e aos desconhecidos que encontrei em seu funeral. A cada noite, quando o cansaço não me impedia, prolongava meu dia folhando os livros que ele me havia dado, sobretudo um pequeno caderno negro, no qual me debruçava sempre, sem motivo aparente, sobre os nomes de Andreas e Teofane.

Um incidente trivial veio romper a monotonia de minha vida. Minha desastrada criada fez um estrago em uma seda bordada, presente que recebi de um colono de meus pais. O magnífico tecido representava um feixe de ramos de pêssegos, com flores cor de rosa, mescladas com ramos de cerejeiras brancas. O relevo do bosque, das folhas, das pétalas saía do fundo da tela com uma preponderância policromada; os traços, as sombras transparentes, as belíssimas associações de cores, tudo plasmado com a delicadeza desenvolta de um tom pastel. Três flores foram afetadas pelo acidente e já havia quinze dias que buscava uma bordadeira qualificada para reparar o dano. De Marais me mandaram a Epinettes; de Epinettes à escola profissional de Plaisance. Ali me disseram que perto do Lago Saint-Fargeau, encontraria uma espécie de antiquário, com toda espécie de objetos curiosos; a mulher deste artista talvez pudesse restaurar minha obra prima.

Certa manhã sai de Billancourt onde morava rumo às alturas de Menilmontant. Conhecia este bairro há muito tempo. Ali havia visitado um sapateiro alquimista. No entanto, demorei a encontrar a rua que buscava. Mas, o passeio era agradável, sob o sol brando de abril. Qualquer um pensaria estar na periferia de uma cidade de províncias. As flores dos pequenos jardins eram de encher os olhos; as folhas novas das acácias transpunham as cercas das casas desabitadas, ao estilo Paul de Kock; pelas calçadas corriam bandos de crianças; o realejo, querido para o parisiense nativo, tocava suas antigas melodias. Na medida em que subia a rua rumo à Porte du Pré (Porta do Prado. Nota do tradutor). Os arbustos substituíam os muros; os merendeiros, as casinhas e os terrenos se multiplicavam.

Entrando na rua do antiquário, vi um carro parado em frente a uma casa que continha um letreiro. Era um carro grande, antigo e confortável; minha surpresa foi extrema quando dei uma olhada para dentro e reconheci o posto ambulante que meu venerável professor de histologia, o Doutor B...doou para não perder tempo com suas compras. Os papeis, as edições especiais da Sociedade de Medicina, a lâmpada elétrica, a pequena máquina de escrever, tudo estava ali.

Não querendo explicar minha presença, caso meu professor aparecesse, continuei meu caminho. O carro estava estacionado bem em frente à casa a qual me dirigia.

Decidi voltar quinze minutos mais tarde. A rua levava às fortificações. Um rebanho de ovelhas passava por ali justo neste momento, guiado por um homem e dois cachorros altivos, da extinta raça dos boqueirões. Alguém parou perto de mim para observar também o belo trabalho destes bons animais. Era uma destas pessoas com as quais nos sentimos bem desde o início; alto, presença marcante, perfeitamente bem vestido, coisa rara para o bairro e para o horário, seu trato era distante, mas cordial. Disse a mim:

- O Sr. também gosta dos cães pastores?

-Sim, respondi, me deixam louco, principalmente os de Brie.

- Eu também, sem dúvida somos dois velhos pastores. E acrescentou sorrindo: O doutor não me reconhece? Não importa, voltaremos a nos ver. Despediu-se e desapareceu depois da cerca sem que eu me preocupasse de lembrar quem era.

Seu rosto, seu porte e, sobretudo seu olhar, não me eram desconhecido. Mas, onde eu o teria visto? E que palavras enigmáticas! Quando pronunciou a palavra: pastor, senti um ligeiro golpe no peito e, agora, uma onda de força me penetrava por inteiro. O que quis dizer com aquilo? Pensativo, voltei pelo caminho. O carro já não estava. Uma nova surpresa me deteve. No letreiro, li estas palavras:

ANDREA
REPARADOR – ANTIQUÁRIO
TODO TIPO DE REPARAÇÕES

Seria Andrea o misterioso que assinava as Cartas, o dândi do enterro de Desiderio? Mas então, foi nesta mesma manhã que havia visto o personagem de agora? Era ele, o chefe dos herdeiros desconhecidos; sim, seus olhos, sua estatura; era ele, ou o nome foi apenas uma coincidência!

Fiz um esforço para recuperar o sangue frio. Examinei a casinha de ladrilhos. Toda a parte baixa era uma loja de segunda mão. Um jardim se estendia por trás até o bulevar onde haviam passado as ovelhas. O jardim estava plantado com algumas hortaliças ordenadas, flores e arbustos exóticos em um pequeno pátio, galinhas, um canil, um poço. O teto da tenda servia de terraço ao único piso da casa, construída sobre o desnível do terreno. Através da cerca um cachorro vermelho e acinzentado, com sobranceiras grossas me olhava. Sobre o telhado havia uma cabana, uma espécie de observatório. Aproximei-me do mostruário. No interior vi tornos fixos, um ateliê de joalheiro, com

várias pinças, limas, brocas e todo tipo de espátulas de quem trabalha madeira. Nas estantes, potes, frascos, recipientes. Um verdadeiro marco de um velho artesão.

ANDREAS

Enquanto observava todo aquele lugar que acabara de descobrir, um homem saiu do interior, dirigindo-se a porta, vestia camisa sem mangas, como dos estampadores. Seus ombros largos e os braços grossos indicavam um vigor extraordinário; seus músculos parecidos com os dos tártaros; seu rosto, no entanto, era de um honrado francês, um pouco bruto, como de um velho soldado. Mais tarde pude ler nele além da bondade, a fineza, a inteligência e muitas outras coisas.

Estava tão seguro de me encontrar frente a um artesão, que lhe perguntei: O Sr. Andrea está?

-Sou eu, respondeu.

Fiquei surpreso e decepcionado ao mesmo tempo; já que não se parecia em nada com o elegante jovem com o qual eu havia cruzado antes.

- Vim lhe trazer isto, disse eu. Rasgaram este tecido e me recomendaram trazê-lo aqui, já que me parece que sua esposa é a única artista capaz de repará-lo.

-Bem, senhor, entre. Pode olhar este mostruário de estampas, se tens um tempinho; tenho que terminar algo urgente, volto em cinco minutos. O homem voltou à sua forja, depois de ter me dirigido um olhar vivo e profundo, o qual eu não esperava.

Pensei ter encontrado algum aficionado por alguma atividade original. No ateliê vi belas gravuras, delicadas cerâmicas, verdadeiras raridades. Estava disposto a ganhar a confiança de Andrea. Fui até o pátio, onde ele se encontrava, com o pretexto de que preferia disfrutar do bom sol que fazia. O cachorro se inclinou, deu umas voltas e se deitou entre seu amo e eu.

- Tranquilo, é um amigo. Disse o ferreiro ao cão.

- Dê-lhe a mão senhor, estes cães gostam de ser tratados como pessoas, disse sorrindo.

Com efeito, o cão se aproximou, cheirou minha mão encostando seu grande e gelado focinho e voltou para o terraço.

O lugar onde me encontrava com o dono era preparado para o trabalho com ferro. No canto mais pitoresco do cercado, o robusto reparador ia e vinha, colocando suas bigornas e ativando o fogo. Um gato nos espiava de cima da lenha, pássaros assobiavam nos arbustos; no primeiro piso uma voz feminina grave cantava; o som de crianças brincando chegava dos solares próximos; era toda uma atmosfera alegre, ativa e suave.

- Creio que todas estas antiguidades possam lhe interessar. Tenho mais ainda. Veja isso: (era uma faca torta), o segredo desta têmpera se perdeu. Veja! Não é um grande trabalho?

E dobrando a lâmina até fazer um círculo, soltou rapidamente, o que fez com que recuperasse a retidão. Acredito aquela têmpera era sebo de cabra fervente.

- Estas são receitas caseiras? Perguntei?

- Perdoa-me senhor, a gordura de cabra não tem a mesma composição química que a gordura de ovelha, suas propriedades são diferentes.

Falava como um papagaio, enquanto martelava uma pequena corrente. Ao terminar, examinou minha seda.

Trata-se de uma peça belíssima, disse; proveniente do Kuang-Si; percebe-se a influência japonesa; mas, não importa, raramente vejo uma peça tão boa. Sabe como se deve costura-la para que não perca seu efeito?

- Não, como? Perguntei.

Pois bem, veja: a sombra desta camélia é cinza quando a luz do sol lhe pega e rosa como este quando o sol está num ponto mais baixo; a sombra deste ramo é horizontal, portanto o tecido foi feito para ser admirado ao por do sol, colocado encima de um muro ao oriente, com o espectador sentado ao chão.

Surpreendido com estes comentários engenhosos, imediatamente fingi umas perguntas em bordado e cerâmica do extremo oriente. Ele me disse os nomes que eu tentava busca e acrescentou:

- Meu caro senhor, desconfia de mim; acredita que nos conhecemos há pouco tempo, mas nos entenderemos. Minha esposa não poderá fazer o serviço por menos de duzentos francos e precisará de três semanas. Vou fazer-lhe um recibo. Aqui está a artesã.

Uma mulher já mais velha descia as escadas lentamente. Era de altura média, bem formada, com vestes simples, mas muito limpas; um bonito cabelo grisalho marcava seu rosto resplandecente, um pouco marcado; seu olhar encantador obtinha em seguida a simpatia. Os movimentos de sua cabeça, sua atitude, a elegância de suas mãos me surpreenderam; por momentos parecia uma grande senhora.

-Estela - disse o ferreiro - imediatamente, algo extraordinariamente leve veio pelo ar a oprimir minha garganta; nunca havia visto brotar o amor como fazia estes velhos esposos. A vibração de sua voz profunda, o sorriso de seus olhos, todas as rugas de seu rosto moreno, como se tivesse sofrido as nevascas e as tormentas de toda a terra, toda a atitude de seu corpo, expressava a indizível ternura e a imutável gravidade de sentimentos mais que humanos.

Minha emoção foi instantânea. Já não tinha dúvida que tinha diante de mim Andrea e Estela de Desiderio. Seria possível? Um segundo mais tarde, minha desconfiança estava de volta. Eu disfarçava o incômodo; decidi esperar já que, depois de tudo, que prova teria da identidade destes personagens?

- Estela - disse então o ferreiro - aqui está a obra que te compete arrumar; acordamos duzentos francos e prazo de três semanas.

A mulher, sorridente, concordou. Olhei bem para ela e vi que seus traços, se observados em separado, apontavam qualidades opostas: a boca indicava ser boa e prudente; nariz imperioso; o queixo, voluntarioso; o contorno das maçãs do rosto, enérgicos ao ponto da violência; a curva das pálpebras, da mais nobre melancolia; as linhas da fronte, as mais suaves; no olhar possuía a feliz luz que brilha nas inocentes pupilas das crianças. Resumindo: dois seres enigmáticos.

Como Andrea recusou o sinal que eu queria lhe dar, insisti:

- O Senhor mal me conhece!

- Não mesmo? Respondeu com um sorriso, dizendo depois: “O servo chama o tigre”, citando Lao.

-Mas diga-me - tendo já vencido minha desconfiança - quem é o senhor? Onde aprendeu tudo o que sabe? Viveu no oriente para saber tantos pequenos detalhes?

- De fato já viajei pelo Oriente, de onde trouxe, mais que nada, recordações, erros e verdades. Assim, por exemplo, o signo que vejo em sua palma direita, quer dizer, segundo os adivinhos amarelos, indica que o senhor se dedica às ciências ocultas e não sem êxito. Mas outra marca me indica que o senhor possui uma vantagem muito rara em comparação a maioria dos aficionados pelo oculto.

- Qual?

- Caso eu revelasse, a perderia! Respondeu seriamente. O senhor tem buscado muito; lembre-se que a verdadeira Luz vem somente de Deus.

Compreendi então que este homem sabia e que eu me aproximava da meta de toda a minha vida. Sacrifiquei todas as coisas perseguindo o oculto: família, prazeres, uma posição lucrativa. Vinte anos de investigações me levaram diante de uma muralha. Entre os que tomei como mestres, uns me prometeram mais do que podiam cumprir; outros me recusaram por intolerância de raça ou de religião; outros me abandonaram sem piedade; houve também aqueles que quiseram que eu fosse buscar a sua verdade num país distante. Não está a Verdade em todas as partes? Estava cansado de tantos fracassos. E este homem? Seria mesmo Andrea? E esta mulher? Estaria enfim eu em um bom caminho?

Meu interlocutor continuou falando.

- O fenômeno milagroso não prova o Verdadeiro. Como distinguir se a força que produz o milagre vem de baixo ou de cima? A ciência também não é uma prova. Que cérebro poderia conter todos os segredos da imensa Natureza? De que modo convém ao estado espiritual, intelectual, físico do discípulo, o seu passado, futuro, meio social, os seres dos quais ele é o chefe, os que ele segue, é possível julgar sem saber? Não creias o senhor que eu sei algo. Eu não sei nada. Nem sequer conheço a profundidade de minha ignorância.

- No entanto, o que fazer para avançar? - Perguntei escolhendo as palavras, já que todo meu vocabulário técnico e solene me parecia inadequado para com esse homem tão simples. Eu, iniciado em um grande número de graus, afiliado a todas as seitas europeias que tocam de perto ou de longe o iluminismo, persona principal de várias delas; eu que escrevi tantas obras de estudo; eu a quem os interlocutores estrangeiros chamavam: *Mestre muito sábio*, no que acabei acreditando pela força da repetição; eu que havia realizado ritos mágicos e renovado as curas paracélsicas; eu que havia “lançado Luz” sobre um grande número de homens e mulheres respeitosamente atentos; eu que me acreditava impávido e impassível, sentia como minha torre de marfim tremia na base; estava desorientado; decidi tomar com este ilustre desconhecido uma atitude distinta e sincera: o desejo ardente de chegar a uma síntese, a um descanso.

- Eu lhe responderei quando vier almoçar conosco. Marcamos uma data?

Aceitei sem pestanejar e fui embora. Minhas ocupações profissionais me impediam de refletir sobre todo o ocorrido; quando voltei à casa de Andrea estava mais indeciso do que nunca. O costume de analisar havia apagado minha intuição. Tive que entender o quanto estava atrasado no reconhecimento do indivíduo desconhecido do Bulevar Sarurier.

ORIENTALISMOS

Estela havia posto a mesa no andar de baixo, junto ao jardim. Enquanto aguardávamos o almoço, Andrea me fez beber uma aguardente branca, misturado com água, explicando-me que o licor fabricado com uva colhida durante a noite não é nocivo, sobretudo se é destilado várias vezes; disse que este não destrói as células de gordura daqueles que, com o temperamento como o meu, não estão, ao que parece muito providos (magros). Enquanto fumava, questionava meu interlocutor:

- Eis aqui meus questionamentos: vou abreviá-los ao máximo. Começamos pela filosofia búdica. Proclama que a matéria é indestrutível e eterna; Por quê? De onde vem o movimento que anima o mundo? Temos que segui-lo ou nos separarmos dele? Este desejo de viver que levamos dentro, quem nos deu? O que inspira a alguns o desejo contrário? Do jeito que somos temos que lutar contra a potência mágica dos sentidos, por meio de uma mente que é também um produto das forças que queremos destruir. Por outro lado, os que alcançaram a iluminação impõem ao que medita um método experimental, positivista, analítico. Portanto, se a extensão da ignorância aniquila a força sensorial, é preciso que o discípulo, para escapar do carma, para não renascer, conserve sua consciência depois da morte, ou seja, que tenha descoberto previamente, por intuição, a existência de um universo invisível que suas meditações racionais não podem demonstrar-lhe. O Mahayana enumera os oito ramos do caminho. Admito que pelo primeiro ramo, a ciência, constatamos o vazio do físico; pelo segundo ramo, as cinco proibições, e pelo terceiro, a abstenção dos dez pecados, sendo de uma evidente moralidade; mas a prática das seis virtudes transcendentais, o quarto caminho, me parece impossível. Porque se eu me tornei monge, se já não possuo nada, como posso dar esmola? Cheio de egoísmo, de vaidade, de desprezo, já que acredito ser melhor que os outros, como poderei praticar o amor a tudo o que existe? O budismo cingalês, tibetano, japonês, chinês, tártaro, só representam os que querem seguir uma sucessão de sínteses provisionais, compromissos entre o estado do discípulo e o ideal ao que se esforça. Evidentemente, a dor é inseparável da existência; mas ninguém pode provar que a existência seja produzida pela ignorância. Se um prazer me deixa insensível, já não é um prazer para mim, mas não por isso deixa de existir. Por conseguinte, é possível que no futuro seja novamente atraído por seu encanto. Se resistir, impeço algumas células de seu florescimento; e eu, budista, escrupuloso por toda a existência, teria perdido energias. Não pretendo insinuar que devo satisfazer minhas paixões; exponho simplesmente uma contradição das regras budistas.

Além do mais, onde encontraria hoje, não há um mestre, senão uma doutrina? Como escolher entre as dezenas de seitas japonesas? Os Bonzos chineses já não sabem grande coisa; no Tibete, como discernir o que vem do culto Bumpa, da escola Yogacharia ou do tantrismo de Kala Chakra? Fica o budismo siamês, sobre o qual não tenho documentos.

-Tudo isso me parece bastante correto.

-Tomemos agora os mistérios procedentes diretamente do brahmanismo.

Concordo que a Yoga foi construída para permitir ao espírito humano receber os germens do maior número possível de forças e assim poder removê-las. Os códigos especiais para controlar o som, a música, a ótica, o magnetismo, a forma muscular, a paixão, não me interessam, pois me parece que, se chegarmos a compreender o centro de tudo isso, conquistaremos tudo o que depende dele. Estudei apenas o Raya Yoga. Perdoa todos estes detalhes, queria proporcionar-lhe os elementos para um diagnóstico certo.

O MENINO RAQUÍTICO

Alguém chamou da rua. Andrea foi ver quem era e voltou para me chamar. Era uma mulher do povo que levava no colo um bebê enfermo.

- Venha doutor, venha ver o que tem este pequeno. Pediu Andrea.

Depois do exame, concluí que tinha raquitismo de herança alcoólica.

-Não acredito - disse Andrea; deve ser simplesmente o apêndice xifoide.

Com efeito, a ponta do esterno se curvava para dentro, amolecido.

- Tenho algo aqui para os ossos, mas não sou médico, não posso receitar medicamentos.

- Posso assinar a receita, se lhe parece bem.

- Eu agradeço doutor, não quero lhe comprometer.

E aqui algo mais simples que a mamãe pode fazer com a frequência que desejar.

Encostou o bebe em uma poltrona, pedindo à mãe que passasse o indicador ao longo do osso esterno.

- Sente algo? Perguntou à mãe.

- Sim, senhor - respondeu a mulher; é como se tivesse caído água fria no centro do dedo.

- Tudo bem; sinta a pequena ponta que se move.

De fato, a cartilagem parecia se mover diante de pequenas sacudidas.

- Eu lhe agradeço muito, senhor. Chorava a pobre mulher.

-Nada, nada - dizia Andrea - fazendo graça para distrair a criança. Quando uma mãe ama seu filho, o bom Deus lhe ajuda, é à Ele a quem deve agradecer, e só à Ele deve pedir...ao invés de tagarelar com as vizinhas. Faça o mesmo cada vez que o pequeno dormir. Bom, adeus, se nada disso funcionar, aqui está o doutor.

E quando ficamos sozinhos, comentou:

- Você tinha razão; é por conta do alcoolismo, porém, mais vale que esta mulher não despreze seu marido. Vamos almoçar.

PROLETÁRIOS

Não tivemos sequer três minutos de sossego durante o almoço. Uma fila de visitantes nos interrompia constantemente. Todos obreiros, homens e mulheres, que vinham pedir conselhos antes que a sirene da fábrica os chamasse.

Logo me dei conta de que, se Andrea não tinha muitos admiradores entre a elite intelectual e social, tinha numerosos e fervorosos amigos, entre as pessoas do povo. O local estava sempre cheio.

Era um resfriado forte, uma ferida, uma briga de trabalho, uma discussão com o patrão, com o sindicato. Andrea parecia estar ciente de tudo. Conhecia as fábricas, os engenheiros, os pequenos industriais, as cooperativas, os secretários dos comitês; falava todos os jargões, compreendia o carpinteiro, o mecânico e o montador, como se fosse um deles. As ideias de todo este meio social lhe eram familiares; sabia como comover os corações e acalmar aqueles que perdiam a cabeça;

desfazia os planos dos ambiciosos; falava com eles sobre a burguesia, sobre as crianças, sobre os dias do campo. Muitas famílias deviam à ele o fato do pai voltar pra casa aos Sábados à noite com o salário quase intacto.

- Como consegue fazer com que as pessoas te escutem? perguntei-lhe. Quando eu estava no hospital, tinha muitas dificuldades em contentar a todos, ou melhor, para não ofender ninguém. Os mais velhos eram os menos maleáveis; com os pequenos arteiros fazíamos o que queríamos.

- É muito simples, eu vivi com eles. Você é um burguês; mil detalhes indicam isso. Você não os sente, o que o impede de compreendê-los. Por outro lado, este é o obstáculo que nos fecha em qualquer âmbito da vida: não poder sair de si mesmo.

- Sem embargo, assimilar uma metafísica não é o mesmo que penetrar nos espíritos?

- Pode ser que sim, eu desconheço tanto a metafísica como a psicologia...

Olhei para Andreas, pensando que “fazia uma brincadeira”, mas não, ele não sorria. Falava sério.

- Compreender, conhecer, não é o mesmo que perceber ou conceber; é tomar com, nascer com, organizar, encarnar com a ajuda de todos os materiais intelectuais, estéticos e físicos. Se quiser saber o que é um operário, terá que se tornar um operário e sem intensão de regressar; de outra forma não passaria de um marginalizado. Não é nada fácil. Vá, ao menos, observar os operários, tomar conhecimento do que pensam, como se sentem, sem ideias pré-concebidas.

- Sim. É o que os docentes chamam de observar objetivamente?

- Se você diz.

- Parece que o autêntico inventor da coisa é Abelardo.

- Tanto faz. Basta saber que para conhecer de forma plena é preciso apenas abdicar totalmente da equação pessoal, do temperamento, da individualidade. Com meditações sistemáticas podemos chegar a isso, na mente. Os brâmanes assim dizem e os jesuítas também chegaram a esta conclusão, à sua maneira. Mas, se considerarmos que o intelecto se encontra perpetuamente modificado pelas variações psicológicas, magnéticas, sentimentais, espirituais, somos levados a buscar outro órgão de conhecimento, mais central, mais alto. Este órgão é o “coração”. Nenhum objeto pode ser conhecido se antes não o amamos. Só se obtém o conhecimento perfeito aquele que é “pobre de espírito”, simples até a unidade, despojado até a nudez e humilde como um nada.

- O Evangelho possui um sistema de lógica?

- Sim, entre outras mil coisas. Mas continuemos a falar dos trabalhadores. Eles têm, sobretudo os parisienses, muito amor próprio. Ignoram ser o terreno fértil onde brotam árvores vigorosas e flores encantadoras; o único que enxergam é que estão perto da terra e que são pisados por todo mundo há séculos. No entanto, todos os campos necessitam do arado. Os trabalhadores sabem bem que possui pouca instrução, pouca educação; mas não gostam que lhes digam, nem sequer com um olhar. Não querem ser tratados como marginalizados. Ao primeiro contato com um Senhor a primeira atitude é de se fecharem. Acreditam firmemente que são desprezados ou porque não usam roupas caras ou porque falam de forma incorreta. É como o horror que tem dos hospitais; imaginam que, já que não pagam, são utilizados como cobaias; preferem dar seu dinheiro a um médico, recém-formado, cuja prescrição não cumprirão. O chefe é sempre o vilão porque é oficialmente um trabalhador mais forte que os outros; por outro lado, admiram o patrão, já que ele excita seus maus instintos, sobretudo o de restringir os custos.

-Como! Interrompi. O Sr. Acredita que a culpa é da economia?

-Juntar tesouros não é uma regra inscrita nas leis do Céu. Por outro lado o patrão erra muitas vezes, seja por ganância, falta de piedade, considera seus trabalhadores um pouco mais que máquinas. O pequeno patrão esquece que já foi um desses trabalhadores aos quais joga praga todos os dias; seu coração se transformou numa caixa forte e chega a ser um tirano em pequena escala. Desta forma, uma invencível desconfiança separa as duas classes. Cada uma está convencida que a outra lhe explora. As preocupações da direção azedam os chefes; as discórdias sindicais alimentam o mau humor do proletário. O sindicalismo não provê vantagens reais, pois é a caricatura da fraternidade. Baseado na matéria está movido pelo espírito da divisão e da intriga; Os privilégios são frequentes. Para que estes grupos gerem os frutos sociais que se espera deles, é preciso que seus membros se coloquem de acordo sobre uma ideia geral, mas quantos séculos serão necessários para difundir nas massas a tendência do indivíduo a esquecer de si em benefício da coletividade!

-Deste modo, enquanto isso o que se pode fazer?

- Que cada um faça o que puder em seu pequeno âmbito. É bom ir até o povo, sem frases, como um camarada. Por outra parte, se queremos que nossos superiores cheguem a nos ver, é necessário antes que baixemos até os nossos inferiores. Pode ter certeza, sem dúvida alguma, que não sabemos quem é cada qual, se nos separamos das ideias preconceituosas e se pedimos, o Céu nos inspirará as boas palavras, tranquilizadoras e justas.

EXAME DO VEDANTA

Tendo iniciado o almoço desta forma, claro, terminou muito tarde. Eu tinha compromissos, tive que ir embora.

Na minha visita seguinte, foi Estela que colocou a conversa no terreno metafísico.

-Meu lugar é ali acima, disse sorrindo; mas gosto muito de ouvir essas conversas, ainda que não saiba muita coisa ou o porquê das coisas...Outro dia o doutor criticou o budismo...o bramanismo lhe agrada mais?

- Não creio que minhas críticas afetem o budismo, nem o bramanismo as que vou fazer. Peço sua opinião.

Os Vedas defendem a ideia de que o homem contém, em miniatura, representações de tudo o que existe no universo. Tanto em um homem, como no outro, existe um princípio central, uma articulação, sobre o qual se engrena, seguindo formas diferentes, os mecanismos de duas máquinas. Este pivô no homem é o ATMA, acima do inconsciente superior, que dá lugar à mente. Parece que este pode apropriar-se dos sucessivos mecanismos do inconsciente. Aumentar, aprofundar, sublimar a esfera consciente até o Atma, é o que propõem os grandes iogues.

- Tudo isso está correto, respondeu Andreas. Vocês sabem que a Gupta Vidya (Sabedoria Secreta) possui, entre todas as ciências, a propriedade original de se complicar em razão da complexidade do intelecto que a assimila. Seus manuais autênticos, ao menos o que é lido nas criptas, são apenas resumos; os mais detalhados não possuem mais do que vinte páginas de folhas de palmeira que se tornam incorruptíveis através de um curioso procedimento. São ajudas para a memória; o aluno deve inventar ele mesmo a adaptação pessoal de cada regra geral. Mas estou impedindo que prossigas com sua exposição; desculpe-me, mas estou chegando a uma idade a qual se gosta de ter um ouvinte benévolo.

- Tenho certeza do grande proveito que obtenho das recordações que o senhor tenha a me contar; mas sigo com minha explicação; parece-me que meu espírito estará aliviado, quando terminar de expor-lhe minhas dúvidas. Isto é o que eu queria compreender do Raya Yoga; Veja se estou errado. Eu pego uma pedra, a sensação do contato se produz em tempo infinitesimal; no movimento voluntário pelo qual deixou ou tiro minha mão emprego um tempo mais ou menos igual: por volta de trinta e três milionésimos de segundos. O iogue busca ser consciente deste duplo movimento e dos fenômenos cerebrais que se realizam no curto intervalo que acabo de explicar. Quando conseguir discernir conscientemente os nervos através dos quais corre a sensação e o reflexo, as células cerebrais implicadas e as fases de idealização, terá quase que controlado sua mente, ou seja, a mente já não estará atada ao cérebro; poderá ser transportada a qualquer ponto do corpo; o iogue poderá ver com as pontas dos dedos, ouvir com seus olhos, etc. Começará um treinamento similar para as sensações hiperfísicas, para os pensamentos, para a memória, para o próprio princípio do pensamento e por último, para a noção do “eu”. Tendo alcançado desta forma acima do consciente, passa-se para as indescritíveis experiências permitidas a um homem “livre”.

- Exato, interrompeu Andreas, ao menos segundo minhas tentativas pessoais.

- Muito bem! Continuei. Comecei estes trabalhos e obtive certo estado amorfo da mente, me aproximei do monoideísmo, que senti perto de alcançar; de repente, cada vez uma barreira me jogava no tumulto comum. Há um muro.

- O Senhor é quem diz. Mas este muro aparece para lhe ajudar?

- Tenho que pular o muro ou derrubá-lo? Sou eu que o construí anteriormente? É um adversário? É um amigo?

- Não sei o que dizer doutor. O Senhor mesmo tem que descobrir. O senhor pode demolir este muro, dar-lhe a volta, saltar por cima ou cavar por baixo, mas não tente nada: espere. Estes exercícios só se aplicam a pessoas com suas faculdades. O senhor comete o mesmo erro que um atleta novato que desenvolve os músculos peitorais e os bíceps, sem pensar primeiro em alargar o tórax e reforçar o coração.

- Sim. Exclamei contente de entrever uma nova ideia. Seu ponto de vista difere do bramânico; mas o senhor conhece um princípio mais central que o intelecto, que não pertença ao inconsciente? Os livros hindus situam todos “a lua mental” por cima do “sol vital”.

- Está correto para eles, mas nós temos outra coisa.

- O que?

- O senhor tem visto o nome mil vezes, doutor e ainda era um menino...

- Mas em que livro?

- No Evangelho - murmurou docemente Estela - Jesus fala sem cessar de nosso coração.

- Nosso coração, o coração, repliquei: é um símbolo, uma figura retórica.

- Nada disso. – disse Andreas com firmeza; no Evangelho só há símbolos para os que vivem no reino das alegorias. O que significa uma palavra diante de um ato? O que é um sistema diante das realizações? O que é o saber diante do poder? Conhecer um fenômeno a fundo exige que o tenhamos experimentado mil vezes antes.

- Mas o que o senhor sustenta é o fracasso da Ciência! O senhor tem esgotado tantas ciências! O senhor dispõe de poderes de ação insuspeitos? Se o que diz é certo, todos os meus sonhos se desmoronam, só me resta esquecer meus livros, meus hieróglifos, meus números, meus esquemas. Terei perdido vinte anos de estudos; sou uma ruína!!!

- Doutor, eu também tive minhas dúvidas. - respondeu Andreas com um tom afetoso; cheguei a me desesperar a ponto de já não ter mais lágrimas; O orgulho me mantinha, um grande orgulho, o orgulho de ter salvo uma pendência pela qual, há séculos, nenhum europeu tinha se aventurado. Hoje, sei que não foram minhas próprias forças as que me ajudaram a realizar esta ascensão. Mas, naquele tempo, só acreditava em mim mesmo. As desgraças caíam sobre minha cabeça sem fazê-la se inclinar; nunca havia parado de avançar, todos os meus discípulos avançaram por mim; de repente me senti só. Meus mestres eram impiedosos; se cai, pensavam eles, é por ser demasiado fraco para subir mais além e ajuda-lo seria desperdiçar nossas forças. Havia aprendido tanto, visto tanto, lutado tanto, solucionado tantos enigmas contrários que o bem, aos meus olhos, já não se distinguia do mal, nem a direita da esquerda. Existe um Deus, existe um Diabo? A criação está ordenada, é um caos? Eu próprio, quem sou eu? Livre ou escravo? O que será de mim? Sucumbirei? É o nada o que me persegue? Será uma eternidade gloriosa o que me espera? Repetindo assim meus trabalhos, minhas viagens, minhas reflexões, passava sem interrupção do temor à indiferença. Tudo o que havia experimentado: filosofias, dialéticas, teologias, mistérios práticos, venenos, presenças horríveis e macabras, desesperanças sentenças dos que estavam por trás de toda ilusão, o que se poderia deduzir de tudo isso? Eu havia visto, nos êxtases iniciáticos, a forma dos deuses da Natureza e da Ciência. Como o construtor de pontes de Kipling, ébrio do ópio oculto, as vezes havia sido testemunho das conversações secretas destes seres formidáveis. De tudo isso só me restava um cansaço infinito. O que fazer? Como os adeptos de Benares, eu teria que voltar a pedir à Matéria, apesar de tudo vitoriosa, o elixir do esquecimento?

Fascinado por compartilhar de suas confidências, escutava com todas as minhas forças. Por fim havia encontrado um homem que não falava em vão; Havia encontrado um autêntico experimentador! Entrevia o fim dos meus dias de tatear no escuro; provava a esperança, a clara esperança, o amanhecer, por fim. Andreas, tranquilo, fumando com simplicidade sua longa pipa flamenca, escura e lisa como um bambu de ópio, continuou dizendo:

- Durante esta crise interior, eu temia por minha segurança pessoal, apesar de que tudo parecia tranquilo ao meu redor. Sabia que os rancores orientais são máquinas terrivelmente pacientes e sábias e eu havia despertado alguns ressentimentos. Foi da seguinte forma: minha estrela quis que fosse admitido em praticamente todas as associações esotéricas muçulmanas, hindus e chinesas, tântricas, shivaístas, bruxos javaneses, chapéu vermelho do Butão, montanhese de Nan Chan me iniciaram em suas magias. Conhecia as línguas perdidas, os ritos que só transmitidos ao ouvido, os objetos horríveis que só se consegue através do crime, as pedras ou as ervas raras cuja busca necessita de meses de peregrinação; vivi em retiros perdidos no fundo dos bosques; vi o preparo de venenos sutis, filtros irresistíveis; acompanhei caçadores intrépidos que se atrevem a arrancar as garras, os dentes e os pelos das feras, que os rituais rechaçam se são de animal morto. No vapor dos holocaustos, na névoa do sangue derramado, muitas vezes me apareceram as formas monstruosas dos deuses do além; meus pensamentos foram frequentemente confundidos pelo olhar malvado e irônico destes seres, diante dos quais, os mais fortes e os mais sagazes seres humanos não são mais do que pigmeus. Os invocadores hábeis que, graças aos cálculos de astutas correspondências, detém estes titãs por um segundo e lhe arrancam uma resposta, são para eles um objeto de insulto e quase sempre lhes serve de joguetes.

Pude me convencer progressivamente de que só a teoria da magia é ciência exata; sua prática abunda em oportunidades de erro; muitos dados continuam sendo imprecisos. Quem quiser arrancar da Natureza algum poder desconhecido, à força, se lança ao abraço do Destino; seus discursos, ainda que reflitam por um momento sua tenacidade, só o tornam mais inexorável e mais doloroso. É

preciso tempo para o amadurecimento que se fixa desde a origem. Se o homem guarda o desejo de todos os poderes, é por que possui os brotos dele mesmo. Mas, como é impaciente demais, faz com que amadureçam mediante artifícios, resultando em plantas débeis, destinadas a perecer às primeiras rajadas do furacão. Estas conclusões condenam os trabalhos de minha juventude, era preciso escolher: fechar os olhos à evidência ou voltar ao início.

- Estou pasmo, disse eu, de ver como esclareces a minha própria situação. Quanto me preocupei em buscar no longe e obscuro uma verdade simples, resplandecente e tão perto!

- Todo mundo faz o mesmo, doutor, console-se. É muito difícil escapar da sedução do mistério. Lembro-me que desde o princípio de minha estadia nas Índias, fui lealmente alertado pelos adeptos. Explicaram que era um erro buscar nos símbolos estrangeiros, enquanto que minha religião proporcionava signos admiráveis; disseram-me que nosso Mestre eterno, o mestre dos europeus é Jesus e que a esperança daqueles que Nele confiam não podia ser decepcionada. No entanto, guardei essas palavras durante anos em minha memória, sem ouvi-las! Erramos de não tentar viver esquecendo tanto do moral, como do intelectual! Quando estes brâmanes me falaram desta forma, se tivesse ignorado a ideia pré-concebida de que queriam me expulsar dali, estes dois minutos de presença de espírito me fariam ganhar anos que não voltarão. Sim, tive a debilidade de me arrependeu algumas vezes desta perda.

- Debilidade? Perguntei um pouco surpreso.

- Claro, é uma debilidade acreditar que algo tenha sido inútil.

- E agora? O que pensa dos conselhos bramânicos?

- Os considero corretos,

- Então deve-se seguir a religião? Deve-se ir à igreja? E o “eu igreja”?

- É preciso seguir a própria consciência, depois de tê-la iluminado da melhor forma possível.

- De fato, o homem tinha uma consciência antes que existisse toda organização eclesiástica...

Neste ponto, Andreas leu meu pensamento, sem dúvida, porque me interrompeu com um sorriso:

- Doutor, não desviemos de assunto; não somos bispos, nem eu, nem o senhor; não nos cabe julgar os padres, nem sua teologia, nem suas particularidades. Se você acredita que o Cristo continua vivo, siga sua palavra; com ela basta.

O tom com que Andreas pronunciou estas palavras me pareceu especial. Veio-me uma inquietude. Eu repetia quase involuntariamente.

- O Cristo ainda vive?

Então me dei conta, com um estremecimento, das extraordinárias consequências que tal hipótese poderia ter. Porque a palavra de Andreas impressionava por seu tom definitivo. Não que ele fosse um orador; expressava-se da forma mais simples; mas, por trás de seus discursos familiares, sem que seus gestos ou o seu olhar indicassem, eu podia perceber cada vez mais o resplendor misterioso, muito suave, porém muito forte, anunciador verídico de presenças sobrenaturais. Esta dualidade me desconcertava. Não me atrevi mais a fazer perguntas precisas sobre suas possíveis relações com Desidério ou com Teofane; eu me teria feito de inocente se ele quisesse me enganar; ou

desconfiado, se ele tivesse sido sincero. Esperava que o tempo me liberasse desta incerteza, que me doía, já que todo o interesse de minha vida estava sendo julgado nestes dias.

Depois de uma pausa, meu interlocutor recomeçou, como que falando a si mesmo.

- Sim, observa os atos e as palavras deste ser divino, não posso deixar de compadecer-me das imaginações indecentes e besteiras que escrevem sobre ele. Os brâmanes se surpreenderam quando lhes disse que muitos espiritualistas ocidentais acreditam que Jesus tenha sido iniciado pelos essênios, egípcios ou lamas; que os espiritualistas o representam como um médium, os magnetizadores como um du Potet à frente de sua época, os ocultistas como um mago; que todos pretendem chegar à sua altura, sem contar os que se colocam acima dele, porque chegaram dois mil anos mais tarde!

-Sim! – interrompi - já ouvi estas bobagens do famoso...

- Não dê nomes doutor; não julguemos; apenas comparemos, me replicou levantando-se. Aprendemos de Cristo sua profunda indulgência: “Pai, perdoa-os porque não sabem o que fazem”.

O BRAHMAN

Havia passado dois meses desde a minha primeira visita. Depois de duas semanas, Andreas passou a me recomendar clientes de seu bairro. Apesar de ser uma verdadeira viagem, me ocupava dos doentes de bom grado; era um pretexto para visita-lo.

Certa manhã, depois de minha ronda de visitas, fui até sua casa. Ao dobrar a esquina, parei em uma lavanderia cuja dona tinha curado. Naturalmente, conhecia toda a tribo de trabalhadores, desde as valentes meninas, que consumiam sua juventude nos vapores insípidos da roupa e o calor desagradável da estufa. Este pequeno mundo de tanta faladoria, travesso, mas sincero, me havia acolhido com amabilidade. De vez enquanto eu me permitia bater um papo e pagar algumas castanhas. Na semana anterior me aviam avisado que em breve seria a “Festa do Aprendiz”.

Subindo ao subúrbio do Templo naquela manhã, comprei um belo anel de marques, com pedra de rubi, de um ambulante que queria se livrar dele pela modéstia soma de quarenta e nove perras, ao invés de vinte e sete e cinquenta francos!

Entrei na lavanderia, oferecendo primeiro o anel, em seguida, com a permissão da patroa, o vinho branco. Assaltaram-me com perguntas de todo tipo de doenças; com estas conversas fiquei ao par sobre a mulher do policial, do empregado da prefeitura, do varredor...

- Sabe, senhô, seu amigo o Senhô Andreas, tem um chinês em casa. Chegou de noite; deu-me um susto! Entrou perguntando o caminho; não tinha acendido a luz, mas vi que era um homem bonito e não falava bem o francês.

-Não é um chinês, não tem trança!

-É sim, tem a cara amarela.

Seguiram comentando o assunto, enquanto eu saía o quanto antes; e para não parecer um intruso fui comer na casa do comerciante de vinhos. Depois, lá pelas duas horas, fui até a casa de Andreas.

Seu “chinês” era um altivo hindu com turbante, barbudo, ereto como uma vela, claramente pertencente à casta de Kourou. Depois das devidas apresentações, deixou de lado um pouco de seu tríplice orgulho ario, de aristocrata e de sacerdote; falamos de forma descontraída, sem reservas.

Cultura inglesa, arqueologia, medicina, astrologia, epigrafia, agnosticismo, monismo foram os pretextos para adquirir uma excelente opinião, um do outro. De vez em quando, Andreas lançava um comentário. Por último, o hindu começou a elogiar a Ciência das ciências, o Raya Yoga. Era um prazer ouvi-lo. Um orador mais do que eloquente, com tal soltura, tal precisão de palavras, com tantas felizes combinações de ideias, que ninguém nunca se cansava de acompanhar suas explicações. Os feitos, as teorias, os quadros se encadeavam, se opunham, se reuniam, sem fim; era uma trama brilhante, uma composição variada como, sobre os muros dos templos, os traços esculpidos revelam os guerreiros, os monstros, os gênios, os deuses, as dançarinas, com abundante luxúria, que o cérebro dos visitantes se entorpece em uma espécie de devaneio intermitente, no seio da qual tudo parece possível e fácil, todos os mistérios explicáveis e todas as utopias razoáveis.

Desta forma escutava o brâmane quando Andreas o interrompeu dizendo:

- Permitam-me interromper meu hóspede, fazendo aqui uma pergunta, ou melhor, duas.

Tendo o oriental consentido, Andreas continuou.

- Se não me falha a memória, seus livros ordenam a não tentar nenhuma prática da yoga antes de ter seguido com êxito dois sistemas de treinamento moral, sem os quais os exercícios práticos se converteriam em prejudiciais e até mortais para o aluno imprudente.

- Correto. Admitiu o sacerdote.

- Muito bem, poderia ter a amabilidade de nos proporcionar os detalhes desta preparação?

- Não ensinaria nada novo nem ao Senhor, nem ao seu honorável amigo, dizendo-lhes que se trata das dez observâncias e das dez purificações.

Estas são as primeiras:

Ahimsa – não causar nenhuma dor, nem por pensamento, nem por palavra, nem por ato a nenhum ser vivo.

Satia – dizer sempre a verdade pela inteligência, pela palavra e pelos gestos.

Asteya – a indiferença pela posse do que quer que seja, pela inteligência, pelo pensamento, pela palavra e pelo ato.

Brahmcharia – a castidade do corpo, das palavras e dos pensamentos.

Daya – o exercício da bondade para com todas as criaturas, inclusive com os demônios.

Aidjava – a igualdade de humor no cumprimento de todos os atos prescritos e na abstenção de todos os atos proibidos.

Kshama – a virtude de sofrer com paciência todas as coisas agradáveis ou desagradáveis.

Dhriti – a conservação da vontade inquebrantável tanto durante a desgraça como na felicidade.

Mithaara – consiste em alimentar-se de forma saudável, com alimentos equivalentes a 1/4 da capacidade estomacal.

Sancha – é a purificação do corpo com ritos religiosos e a purificação do coração com a distinção entre o absoluto e do relativo.

- Diga-me também, por favor, perguntou Andreas, as dez fórmulas da segunda série.

- Aqui estão, continuou o hindu.

Tapas – a penitência corporal moderada.

Santhosha – que consiste em estar satisfeito com tudo e por tudo agradecido à Deus.

Astikeya – é a adoção da doutrina védica sobre o mérito e o demérito.

Dahna – a caridade feita às pessoas merecedoras.

Ixwara-Pouja – o culto devido ao Senhor, segundo os ritos.

Siddhanta-Sravana – o conhecimento da filosofia religiosa.

Kriti – ter vergonha das faltas religiosas ou cívicas que se comete.

Mathi – seguir as prescrições dos livros sagrados com fé e amor.

Djapa – recitar as orações cotidianas.

Vrata – abster-se dos atos proibidos pelas regras religiosas.

- Um discípulo só está apto para os trabalhos práticos da yoga quando é incapaz de falhar em nenhuma destas prescrições? Perguntou Andreas.

-Sim, senhor. Respondeu Nagendra-Nath (este era o nome do oriental). Esta é a doutrina dos antigos rishis, mas os inovadores modernos a esquecem ou mutilam.

- Sim , eu sei disso, brâmane. Perdoe-me por ter feito com que nos desse tantos detalhes; era importante que *nosso* amigo doutor os conhecesse, respondeu Andreas, insistindo na palavra “nosso”. E quanto a mim, decifrei o venerável texto em minha juventude...Um pouco antes de completar dezesseis anos; esta leitura me absorveu completamente por vinte e um dias e vinte e uma noites.

O olhar do sacerdote se incendiou um segundo entre suas longas pálpebras desgastadas, mas perguntou com jeito simples e amabilidade mundana;

-Então o senhor conheceu a minha pátria? Quais os estados que visitou?

-Vários, respondeu suavemente Andréas; é porque estava buscando a pedra que se encontra na cabeça do cervo.

Devo dizer aqui que o povo, na Índia, atribui a esta pedra hipotética uma virtude soberana contra a mordida da serpente; e uma importante irmandade oculta, dando a esta crença um significado simbólico, tem feito da frase que Andreas acabou de pronunciar, uma contra senha.

-Na verdade - respondeu o brâmane, com o mesmo ar de indiferente cortesia - tenho em minha casa uma destas pedras; também tenho uma flauta de sete furos para encantar as serpentes.

- Seu país é rico em curiosidades - disse Andreas, levantando-se para pegar seu cachimbo; permaneceu de pé, cruzando a perna direita, sobre a esquerda, acrescentou:

- Um de seus compatriotas, um velho que andava apoiado a um bambu, me deu uma lira, cujo som encanta inclusive as víboras cinzentas. Era, se me recordo bem, no reino de Oudh, perto de Rudrapura.

Neste momento Nagendra pareceu perder sua impassibilidade; esta réplica de Andreas, não era outra senão a frase pela qual os agentes errantes do Reino de Agarta se apresentam aos seus inferiores. De toda forma, em razão de minha presença, o sacerdote se limitou a se levantar também, fazendo uma saudação.

- Peço que permaneça sentado - disse Andreas retomando sua cadeira. Voltemos aos treinamentos. Permita-me fazer algumas observações, as quais o senhor compreenderá imediatamente, se conseguir esquecer por alguns momentos quem é e quem foram seus instrutores. Primeiro, onde está o homem que pode viver aqui abaixo, sem causar dor a nenhuma criatura? Este fósforo sofre quando o ascendo e sofrerá quando eu o apague. Até minha simples respiração sacrifica a milhões de pequenos seres. Expressar a verdade pressupõe que a conheçamos: se eu conheço a verdade para que serve a yoga? Ser indiferente a tudo é uma grosseria para com Deus. Tudo o que Ele nos dá é precioso, já que é unicamente através do uso daquilo que Ele nos dá que tornamos possíveis novas e mais generosas dádivas. Ser casto? Se meus pais tivessem sido, meu espírito se chocaria com as portas da terra e esta inação forçosa seria para ele um suplício infernal. Ser bom para todas as criaturas? Para começar só Um é bom; se sou bom é porque alcancei o objetivo e, portanto, já não há necessidade de yoga. Ter um humor inalterável? Para isso seria preciso ter passado por todas as experiências; A iniciação seria inútil; ninguém pode passar impassível diante de uma dor se não passou por ela antes; e ainda se pede princípios. Estar agradecido à Deus por tudo o que nos manda, inclusive os piores sofrimentos, só um homem livre pode fazer isso, mas uma aluno iogue jamais. Quanto as observâncias rituais deixo-as para você, só pelo fato de ter nascido na bendita terra de Bharrat, os Vedas contém para você toda a verdade.

O hindu saudou e disse:

- O senhor me revela um horizonte acima do Meru.

Andreas continuou:

- Se o venerável brâmane tem seu caminho próprio, o muçulmano e o cristão também tem cada um o seu. Movemo-nos pelos artifícios da ditosa ilusão. Mantenhamos cada um a sua via. Volte da América e de Londres, o senhor, que recebeu honras, condecorações, chás e discursos. Uma vez de volta à sua ermitã, depois de ter feito os sacrifícios e pagado no templo as extraordinárias sansões que lhe correspondem, por haver abandonado a terra sagrada e vivido no país dos Mlecchas (bárbaros), mal cheirosos e comedores de vaca, verás se o último dos chefes de polícia, de uniforme caqui, montado sobre seu cavalo australiano, não o põe pra correr chamando-o de negro idolatra idiota. O anglo-saxão fala de fraternidade, mas não a coloca em prática. Já viram como os civilizados ianques se comportam com os cavalheiros de cor? É assombroso, mesmo que os ouvintes de Nova York, Boston, Filadélfia nem suspeitem, nem mesmos os clientes do Carlton. Vocês acreditam que eles compreendiam algo de sua metafísica. Vocês estão separados dos ocidentais por um muro. Desculpe se digo estas coisas de forma tão dura, mas é necessário que você seja advertido.

O hindu, um pouco ofendido, me lançava um olhar - Andreas disse:

-Meu amigo? Não se preocupe; se apoia com uma muleta de mendigo.

- Eu sei muito bem que a prudência mais sábia guia todas suas ações, disse Nagendra, aliviado. Não tenho a menor dúvida com relação ao cavalheiro. Com isso saudou a mim e a Andreas e logo começou um longo discurso em hindi, do qual pouco compreendi. Voltei nas noites seguintes, convidado por Andreas, para ouvir as novas conversas. Ele e Nagendra falavam em francês, em inglês. De vez em quando eu pegava um nome de “mulá”, de um general russo ou de um chefe muçulmano; desta forma, aprendi com estes dois homens, muito mais coisas sobre o mundo asiático do que poderia falar. Uma viagem do czar, uma missão etnográfica japonesa, os apostolados lazaristas, a construção de uma via férrea, o movimento de uma bolsa na Cidade e outros acontecimentos igualmente sutis, foram dissecados; mostraram-me os ressortes: pude comprovar mais uma vez a verdade do velho adágio hermético: “tudo está em tudo”. O esoterismo surgia em situações imprevisas; e que sabedoria possuíam estes homens! Que amplitude de visão, que habilidade! Decididamente Andreas devia ser o herói de meu pequeno caderno negro. Muitas coisas aconteceram desde então; eu parecia ter tido êxito; parecia ter chegado ao último grau da iniciação. Minhas visitas posteriores voltaram a me mergulhar na perplexidade.

O DURACAPALAM

Não eram estas novas questões o que me preocupava, mas sim os velhos enigmas, as velhas contradições. Voltava a falar delas para Andreas com uma tenacidade doentia. Ele me escutava pacientemente e como resposta me contava algum episódio de sua ocupada juventude.

No entanto, seus relatos geralmente continham sempre uma palavra, que aparentemente pronunciada por acaso, esclarecia um dos problemas acabando assim com as minhas lógicas estreitas.

Eis aqui uma das mais completas destas histórias maravilhosas, é Andreas quem fala. Contou-me em várias visitas.

- Havia acordado em Paris, antes de partir, alguns contatos com certos hindus e tudo havia sido preparado para que eu encontrasse imediatamente a quem me dirigir... Desembarcado em um pequeno porto malabar, teria que passar pela cidade vestido como um sacerdote shivaíta, com certo amuleto no pulso. Mal havia entrado no bairro hindu, quando um homem de baixa casta veio a mim e me presenteou. Ele me levou ao campo. Ali, um carro rápido nos transportou até os Ghats, o qual subimos até o entardecer. As dificuldades do caminho não me permitiram desfrutar do frescor noturno, nem da serenidade da paisagem. As plantas, as pedras, certo medo das feras e os bichos venenosos absorviam toda a minha atenção. Um pouco antes da aurora, chegamos a uma espécie de planalto rochoso, coberto por uma erva dura e queimada; sobre esta superfície encontrava-se alguns montes de pedras espalhados e colocados em círculo. Meu guia se dirigiu a uma massa rochosa, que se parecia bastante às pedras levantadas de Cornualha (Inglaterra). Mal lancei um olhar ao magnífico amanhecer sobre o mar, à minha direita, quando tive que me arrastar baixo a abóboda formada pelas pedras. Ao fundo, encontrei uma espécie de buraco, seguindo a meu guia; depois um corredor inclinado nos conduziu a uma espécie de masmorra onde repteis se arrastavam entre ossos brancos. O hindu assobiou para afastar as serpentes e depois de alguns passos desembocamos em um lugar profundo e estreito. Avistei um pedaço de céu azul e fiquei feliz com isso, confesso.

Entramos em um novo túnel bastante curto e por fim, saímos ao ar livre encontrando diante de nós o espetáculo comovente de uma cidade em ruínas. Os *pandits* (título honorável outorgado na Índia aos eruditos – nota do tradutor) afirmam que o Décan contém muitas destas cidades mortas, destruídas por guerras ou cataclismos. Soube mais tarde que esta havia ficado isolada por um terremoto que, separando as rochas, cavou ao redor, um círculo de penhascos cujas muralhas lisas impediam qualquer tentativa de descida. A posição desta cidade, mais abaixo do planalto que havia

subido e a natureza argilosa do solo, serviam para reter a água de chuva. Por esta razão, as ruínas estavam cobertas por uma vegetação exuberante, onde habitavam populações de macacos e pássaros. Era uma paisagem fantástica. As ruas largas de lajes rachadas pelo tempo eram bordeadas por palácios em ruínas. Aqui e ali, algumas colunas de mármore rosa, pequenas lagoas, que haviam sido banhos, retumbam com o conserto provocado pela lenta destruição que o crescimento das plantas produzia nos edifícios, escadas monumentais, com seus grandes degraus desunidos; tudo isso invadido por plantas e flores, contavam com o concerto dos pássaros e o barulho dos macacos. Orquestra extraordinária de ensurdecadora harmonia, silêncios majestosos, cheia de segredos. Em toda parte, árvores enormes, cuja magnífica frondosidade nada permitia ver ao curioso que se atrevesse se aventurar a subir pelos precipícios que rodeavam a cidade. Meu guia andava apressado pelos terraços, entre as colunas instáveis e cruzamento das ruas convertidas em terrenos baldios. O imenso portal esculpido de um *pagoda (estilo arquitetônico oriental – nota do tradutor)* surgiu de repente à nossa frente. Tínhamos chegado. Um brâmane saiu, saudando-me em inglês. Acomodou-me no terraço de uma galeria, à sombra, pediu para que trouxessem frutas e bebidas frescas e me disse para descansar por algumas horas em uma cama militar. Mas a surpresa e a expectativa com relação aos espetáculos desconhecidos me impediram de dormir.

Examinei o templo. A beleza de sua construção, a riqueza dos detalhes, a medida das proporções o igualavam aos mais famosos monumentos de Benarés e de Ellora. Se minhas lembranças de leituras tântricas não me enganam, o edifício devia ter sido construído em honra à Ganesa, o deus elefante. Compunha-se de um imenso recinto ou galeria circular, contendo outros cinco recintos escalonados e concêntricos, cheios de portais. A galeria central, a mais alta, estava ocupada pelo templo propriamente dito. Mais tarde vi que continha três altares, em baixo de uma abóboda sustentada por enormes colunas decoradas. Cada altar era constituído por uma massa cúbica de três metros de lado, que servia de base para uma pirâmide truncada de cinco faces, um pouco mais alta. O teto era um terraço elipsoidal, com dois pedestais desde os que se elevavam um quarto e um quinto andar. O centro deste terraço, entre estes dois últimos altares, se abria sobre a nave inferior para dar passo a uma enorme estátua do deus, cuja auréola sobre passava todo o conjunto.

O conjunto de baixo relevo e de frisos representava a lenda de Mahadeva, mais ou menos como a descreve o Skanda-Pourana. Era todo de pedra, sem madeira, sem metal.

Parama-Shiva e seus vinte e cinco murtis estavam sobre o primeiro altar. Sobre o segundo, Daksha, em meio aos Prayapatis, fazia penitência a Shiva, depois engendrava a seus filhos: os primeiros mil, os Hariasuas; outros mil, os Sabalasúas, que governam as essências sutís do universo, o Tatvas; depois suas sessenta filhas, entre as quais resplandesceu Uma, a esposa de Shiva. A extensa teoria de todas estas figuras, cada uma acompanhando o símbolo de uma força cósmica particular, se desenvolvia sobre as quatro faces do altar, sobre as cinco filas de colunas de sustentação, sobre os cinco planos da pirâmide que arrematava o conjunto.

O terceiro altar mostrava a queda de Daksha e a transformação de sua filha Uma em Parvati, no monte Himaván, enquanto que Shiva, sob o aspecto de Dakshinamurti, trata em vão de iniciar os munis à sombra do fícus. Durante esta iniciação, os Asuras se expandem pela terra e cometem mil atrocidades. Então, o Mahadeva emana Humará ou Subramania, o guerreiro espiritual.

No terraço superior, o quarto altar retratava os incidentes do nascimento do outro filho de Shiva, Ganesa, o pacífico. Por ultimo, o quinto altar, segundo o mito da Língua Purana, representava a quántupla Shiva e seus vinte filhos.

Por Sadhodjyata, a vida é absorvida;

Vamadeva, executa a lei e o ritual;

Tatpurusha, fixa as criaturas na ciência suprema;

Aghora, o terrível, ensina a Yoga;

Isana, a forma de todas as formas, sintetiza a União, a Razão, a Penitência, o Saber, a Observância religiosa e mais vinte e sete qualidades da alma que conquistou a liberação.

As serpentes da eternidade se arrastavam pela galeria exterior, com suas sete cabeças. Os guardiões simbólicos dos mistérios apareciam em intervalos regulares. Os elefantes sagrados, portadores do saber oculto, guardiões das portas do templo, baixam suas trompas e seus chifres de marfim diante do visitante. O muro de contensão desaparecia sob o caos esculpido em formas demoníacas, confinadas, segundo os Livros, nos mundos inferiores do Invisível. Por trás dos cactos, arbustos e figueiras da Índia percebiam, nas sombras, as caras fechadas, os caminhos bestiais dos vampiros, dos Pisatchas, dos Kataputanas e dos Ulkamukhas músicos. Ao norte estavam as imagens de Soma e de Indra; ao oriente, as imagens dos Yakshas, guardiões dos tesouros, presididos por Kubera e Yakishini, sua esposa; ao ocidente, o terrível exército dos Rakhshasas dirigido por Khadgha-Ravana, o dispensador de vitórias. No sul ficava a entrada principal.

O brâmane que me acolheu, fino e elegante de largo rosto racial; olhos harmoniosos e circunspectos de prelado romano, veio unir-se a mim no final do dia. Ele me explicou que todo este velho templo, transformado em laboratório, estava à minha disposição e que todos os seus hóspedes, por causa da alta personalidade que me havia recomendado, se consideravam meus servos. Eu o agradei, usando as fórmulas hiperbólicas do bem viver oriental e começamos a visitar o local.

“Há uma atitude mental a qual peço que adote para começar: não tenha pressa, tenha muito tempo diante de si e que serás colocado diante de coisas totalmente novas. A impaciência, inclusive a pressa seriam obstáculos que não ajudariam em nada”. Prometi fazer tudo o que pudesse para chegar a essa tranquilidade que sabia ser o sinal distintivo dos sábios dos quais eu seria o aluno; pedi-lhe que confiasse em mim, preparando-me para receber minha primeira lição.

O templo tinha o aspecto de laboratórios e oficinas, porém não havia ali nem minerais raros, nem essências preciosas, nem aparatos de magia psicológica. Os sábios que ali trabalhavam só estudavam os que os europeus chamam de “forças físicas” por meio de instrumentos muito sensíveis. Estes devem ser isolados de correntes magnéticas do solo e da atmosfera. O isolamento é obtido mediante procedimentos manuais de fabricação. Nunca se trata de máquinas; as peças metálicas, os fios são todos retos, forjados, laminados, ajustados à mão, com uma paciência inacreditável. Vi um dos operários golpear uma peça de cobre, sem parar, desde o nascer do Sol até este se pôr, com um martelo de relojoeiro. Durante a noite, outro o substituí, trabalho que durava meses, segundo me informaram.

Não vou me deter a descrever todos os aparatos, dos quais meu guia me ensinou os mecanismos. Mas, havia um específico, cujo uso inacreditável sobressaía a mais extraordinária imaginação das novelas de ficção científica.

Caminhando por este museu de máquinas, meu guia, Sankhyananda, me mostrou uma espécie de caixa cúbica grande, de material amarelo como ouro e transparente como o cristal, dizendo:

-Isto é um Duracapalam, o que poderia se traduzir na sua língua por “tele móvel! É usamos para viajar nos planetas de nosso universo material.

Arregalei os olhos, espantado! Meu guia continuou:

- Você vê aqui uma aplicação do sistema de Tattvas, (De acordo com a escola Samkhya de filosofia na Índia, **Tattva** são métodos para compreender os cinco elementos alquímicos e a forma pela qual interagem, criando-se uma progressão lógica para cada grau elemental. Os elementos são discutidos a princípio de modo simbólico; em seguida, o estudante é ensinado a compreender a teoria estrutural do mundo Elemental. Nota do tradutor) do qual nossos filósofos monistas descobriram uma parte da quarta dimensão na teoria. Eis aqui a cadeia de raciocínio que usamos. De toda a minuciosa física sankhya que pretendo expor, apontarei apenas o indispensável:

“Existe uma substância universal única da qual todos os objetos são apenas formas. Estas formas são percebidas por nós unicamente através dos cinco sentidos; portanto, podem se classificar sob a nomenclatura do sentido que as percebe. Cada sentido é sensível a este modo do movimento atômico; audição, olhar, tato, paladar, olfato pertencem respectivamente à vibrações do éter, da luz, do ar, da água ou da terra, que também levam movimentos dos átomos;

o éter, movimento em todos os sentidos,

a luz: raios retilíneos;

o ar: redemoinhos;

a água: movimento equilibrante;

a terra: movimento de parada.

“Cada um dos elementos possui as características dos outros, em sua base. O éter, além do som, contém uma cor, uma forma, um sabor, um odor. Veja você mesmo as outras aplicações. Por último, cada uma destas formas cinéticas é representada na mente humana. Tudo pode. Portanto, tudo pode ter uma correspondência, sob certas condições”.

Sankhyananda me descreveu sobre todas as propriedades do fluídico acústico. Disse:

- O som, entre outras qualidades, possui a mobilidade, a fluidez, a suavidade. Chamamos isso de Sneha. Ademias, sabíamos bem antes de seus físicos que transmite o calor. Por último, o som incita o movimento por um poder de impulsão que chamamos Pranamitva. Os instrumentos musicais de corda, as melodias rítmicas, a forma da substância universal que chamamos Akasa, possui, como qualidade específica, o som e, como qualidade genérica, a forma, o movimento e o calor.

Grandes e numerosas experiências nos ensinaram que estes tipos de sons contêm as formas mais perfeitas, outros são mais ricas no elemento calórico, outras desencadeiam um forte movimento. Sabemos distinguir cada classe de som, produzir sons e inclusive aumentar sua intensidade, através de diversas receitas psico-fisiológicas. Desta forma, por exemplo, um faquir pode elevar-se no ar e permanecer suspenso por certo tempo, mediante o emprego de certo som, sob certa tensão nervosa; em outros termos, a força nervosa pode atuar sobre a matéria através do som. Isso está comprovado. O conceito de espaço é um dos mais difíceis de fixar. Os europeus, não concebem mais do que um espaço físico. Chamam-no de espaço real. Para nós, isto é ilusório; enquanto que nosso espaço real é o que alguns de seus geólogos e matemáticos chamaram de hiperespaço. O espaço físico é finito porque se fosse infinito só poderia ser medido por um número infinito; no entanto, não pode existir um número infinito concreto. A tradição está de acordo sobre este ponto na parte teórica e a experiência o demonstrará, espero. Se o espaço é finito, tem uma forma, e esta forma é esférica, porque não há razão para que se estenda por um lado mais do que de outro. O espaço é o lugar de todas as criaturas e seguramente recorda aos personagens cosmogônicos que o simbolizam.

Seus moradores estão submetidos à lei imutável da transformação. Eis aqui verdades elementares. Elas serão suficientes para revelar o princípio do tele móvel.

Esta máquina deve poder transportar-se sobre todos os planos do espaço e subsistir. É preciso, portanto, apresentar uma inalterabilidade de sua matéria e uma força motriz independente das forças físico-químicas e de fluxos, ou seja, da essência superior. Fica entendido que não saímos do universo visível.

Estas condições parecem irrealizáveis; no entanto, nós fizemos. Como?

Os químicos de nossas criptas podem fabricar metais inatacáveis por qualquer agente físico; mas, para obter metais inatacáveis às forças de outro planeta, é preciso conhecer o mundo que queremos explorar.

Como sair do círculo vicioso?

Nossas observações do firmamento, do ponto de vista mecânico, matemático e biológico, o que poderíamos chamar de astronomia e astrologia, se conservam há mais de duzentos séculos. Mas hoje, se fazem medições a cada noite. Estas medições são centralizadas, classificadas, sintetizadas e assim estabelecemos para cada corpo celeste uma tabela hipotética de todas suas propriedades físicas, químicas e naturais. O que elaboramos aqui não passa de probabilidades, mas o cálculo mostra que a possibilidade de erro é ínfima.

Portanto, se um observador se transportasse no tele móvel ao ponto mais perto do planeta mais próximo, poderia ratificar a tabela estabelecida para este planeta. Então nossos químicos e nossos engenheiros poderiam inventar uma segunda máquina, para o exame do planeta seguinte.

A antiga e venerável magia que a cada século se manifesta sob formas circunstanciais, não é um terreno de divagações; é uma ciência exata e positiva. Os autênticos magos não são sábios exaltados, mas engenheiros, físicos, químicos do invisível. Os inocentes que se hipnotizam com pantáculos e mantras para obter um poder, não sabem que estes desenhos são esquemas de uma cinematografia desconhecida, cujos âmbitos são os misteriosos espaços de quatro, cinco, seis e sete dimensões. Imaginar isso parecia pura loucura para seus filósofos. No entanto, existem entidades ativas nestes espaços; inteligências que pensam, organismos corporais que trabalham e fabricam máquinas, as estruturas destas estátuas invisíveis, destas sinfonias inaudíveis, de todas estas criações incognoscíveis, porém fecundadoras dos corações nobres e dos espíritos profundamente humanos.

Com Descartes, vocês consideram que toda matéria é extensa e que toda extensão é matéria, ou seja, é espaço cheio.

Sim, a extensão é substancial; sim, as forças simples que a fecundam existem independentemente.

Apropriar-se de uma e de outra, este é o duplo problema que nosso tele móvel pretende resolver.

Temos já a energia acústica especial da qual lhe falei no início. Buscamos um ponto de apoio, um centro de fixação e por último um mecanismo de direção.

Por outra parte, os elementos simples da matéria, os átomos, não podem atuar uns sobre os outros, já que não se tocam; se não, por causa de sua infinita pequenez, se tocariam por toda sua superfície e a matéria, sendo um bloco cheio, permaneceria imóvel. Precisamos supor estes elementos banhando-se em um meio mais fluídico, constituídos por outros átomos, muito menores, movidos por velocidades vertiginosas, chocando-se sem parar com os átomos do éter e imprimindo-lhes

assim movimentos vibratórios. Esta hipótese se baseia em cálculo diferencial. Temos verificado por várias experiências realizadas por meio de aparatos óticos muito mais potentes que seus microscópios, e dos quais os espelhos mágicos das lendas populares são um esboço.

Como se organiza a matéria? A resposta a esta questão irá proporcionar o dado que nos falta.

Já estabelecemos os volumes atômicos dos chamados corpos simples. Apesar da incerteza destes cálculos, foi dito que os volumes atômicos dos corpos de uma mesma família são múltiplos simples. É inútil lembrar de Dumas e Wurtz. Sim, uma feliz casualidade coloca nas mãos de um químico um agente capaz de modificar as posições dos átomos em um corpo, será possível transmutar o cloro em iodo ou o carbono em rubídio.

- Este agente existe; nossos sábios o conhecem; nossos livros o nomeiam. É o Vyoma-Panchaka-Akasa. Mandala Brahmana, assim como outros, descreve suas cinco formas. A quarta, o Surya Akasa, se caracteriza por uma propriedade especial de condensação. Encontramos um corpo que pode receber uma carga considerável destas moléculas voláteis, para as quais todas as formas materiais de três dimensões são permeáveis. Nosso acumulador tem o aspecto de um bloco, como um livro grosso, composto de quinhentas ou seiscentas finas lâminas de cristal, em linguagem alquímica, é um céu de Saturno. Estas folhas estão cortadas seguindo uma forma que lembra as superfícies catacústicas. Quando o aparato tem que ser carregado, um de nossos sannyasis entra para alcançar uma certa tensão nervosa. Então se fecha para repetir sobre o livro de cristal ou um certo mantra, por volta de cem mil vezes. É necessário que desde os laboratórios situados na superfície do solo, se possa ouvir a vibração harmônica das lâminas de cristal, guardadas pelo operador em sua cripta situada a uns vinte metros abaixo da terra.

Este é, essencialmente, o motor de nosso tele móvel. Esta máquina necessita um marco, um abrigo contra as mudanças de temperatura, tormentas elétricas, as incursões de visitantes imprevistos, todo tipo de incidente possível no curso de uma travessia interplanetária na qual qualquer mínimo contratempo seria mortal para o condutor do aparato.

Voltemos, para falar em uma linguagem ocidental, às teorias da pangeometria.

Podemos adotar o sistema de Euclides ou o de Bolyai, a geometria da esfera segue sendo a mesma; enquanto que, na geometria hiperbólica, a circunferência, na medida em que aumenta seu raio, tende já não mais à linha reta, mas à linha curva, distinta da reta ainda que caindo para a tangente; é o *horociclo*. Esta curva fantástica, paralela a uma reta, engendra superfícies e volumes que se desenvolvem naturalmente ao interior das superfícies e dos volumes euclidianos. É isto o que temos conseguido realizar no interior de um corpo material físico.

Este corpo, inatacável a todos os agentes mecânicos e a todos os reagentes físicos conhecidos, é um metal precioso que transmutamos graças a numerosas batidas e temperadas especiais. Em estado de ouro, só o éter luminoso se condensa, o Taijas; enquanto que agora este cofre cúbico que vemos aqui, está repleto, se é que podemos falar assim, de uma substância intangível, o Surya Akasa.

- Não o toque, disse o brâmane, quando estendi a mão para a caixa brilhante; o contato lhe seria perturbador. Para utilizar este aparato sem perigo, é necessário ter seguido um treinamento para que o organismo possa suportar enormes tensões elétricas. É uma yoga especial. No momento não temos ninguém preparado para isso neste templo: por outra parte, nesta estação, o estado fluídico da comarca é desfavorável. Mas se o senhor ficar por algum tempo, poderá ver a experiência.

Andréas retomou a palavra dizendo:

- Estas são as primeiras informações que meu guia me deu. Além de outras complementares que juntei pouco a pouco e que lhe direi segundo me permitam minhas lembranças.

O problema, em resumo, consiste em encontrar um acumulador capaz de absorver a força sônica, o fluído acústico, se preferir, e o fluído nervoso por meio do qual o ser humano percebe as sensações e concebe as ideias. A matéria prima deste aparato é um metal extraído de certas aluminas, por meio de cuidados infinitos. A caixa transparente que mencionei, leva em seu centro este pequeno aparato que lembra um livro de cristal. Para carrega-lo, sete sacerdotes se submetem antes a um rigoroso treinamento que dura quarenta dias. Só comem uma vez ao dia: aveia, miolo de certos animais e peixes muito elétricos. Vivem em uma célula cujos muros são pintados de cor violeta e desenhos dos esquemas da força que precisam captar. A cada vinte e quatro horas tomam quatro horas de descanso, em sessões de cinco horas cada uma, dispostas de maneira que a metade de cada um destes períodos coincida com a saída do Sol, o meio dia, o por do sol e a meia-noite. Devem, mediante a repetição do mantra da força sônica e da concentração da mente sobre as propriedades conhecidas desta força, chegar a vê-la, a tocá-la, a degusta-la, a cheirá-la e ouvi-la. Estes treinamentos só se realizam em épocas determinadas pelos astrólogos por meio de um estudo minucioso das variações magnético-telúricas. A escolha do lugar é definida com base num mapa destas correntes.

O treinamento dura quarenta dias. Segue-se três dias de sono contínuo, obrigatório aos operadores. Logo, durante sete dias, seis deles carregam a máquina impondo-lhe as mãos, sem descansar, sem comer, sem dormir. Fui levado à sua presença na noite do sétimo dia. Seu aspecto era fantástico. Tendo vivido no escuro durante sete semanas, já que a luz solar contém raios inadequados para esta experiência, a pele destes homens estava com a cor marfim velho; seus olhos brilhavam com um olhar fixo sob suas pálpebras morenas. Seus movimentos eram comedidos para economizar suas forças. Foram conduzidos à cela onde se encontrava o tele móvel, uns vinte e três metros abaixo da terra, posicionando-os em pontos pré-fixados, sobre pele de lince. Imagine o silêncio absoluto desta gruta, sua atmosfera estranha, o aspecto fantasmagórico destes personagens. Contudo, eu desejava estar ali, doutor; era a primeira vez que via um espetáculo parecido - então, Andréas se pôs a representar a cena, indo e vindo, para mostrar a colocação dos atores.

Andréas continuou contando:

- Neste momento, o sétimo operador entrou na caixa transparente, onde são selados os doze artistas por um meio de uma massa de vidro especial. São colocados na diagonal com as pernas dobradas e as mãos juntas, seguindo uma certa postura (asana). Atrás dele se encontra o acumulador; na altura dos olhos, um disco de ouro obscurecido, sob os cotovelos, duas alavancas de cristal que se comunica com o acumulador por duas varetas de prata. Está sentado sobre um assento oco, cheio de pó de carvão feito com a lenha de uma espécie de louro. Fica-se imóvel, com a respiração cortada, olhos fixos, em dharana. Tudo isso ocorre em silêncio sob o resplendor de um pavio embebido em azeite de camélias. Encolhido em um reduto exterior, observo tudo através de um grosso cristal violeta; as intensas correntes que atravessam a cela faz com que seja perigoso permanecer ali dentro. Continuei observando.

O operador aciona as alavancas duas ou três vezes. Um som agudo me fura os tímpanos, seguido de um enorme rumor de mar encrespado. De repente, a caixa desaparece da minha vista...minha surpresa foi tão grande que pensei ter sido hipnotizado. Mas, eu continuava vendo os outros seis sacerdotes imóveis, ouvia meu mestre falando comigo, não tinha febre. Acabava de assistir a uma desintegração, da forma mais extraordinária. Meu mestre explicou que o aparato havia estado tão saturado de fluído sônico e o corpo do operador também, que sua dupla permanência na cela, visível para um vidente, fixado por uma figura geométrica - que os magos ocidentais chamam de Pantáculo, desenhado no solo da cela.

Uma semana mais tarde, Sankhyananda me fez ir ao reduto de observação. Os seis outros participantes também estavam ali, como se fossem estátuas. Esperei uma hora. Uma fluorescência atravessou a penumbra; os seis ajudantes levantaram suas mãos ao esquema. Um vapor flutuou no ar e silenciosamente e de repente, a caixa translúcida apareceu, com seu operador, na mesma posição inicial. Tiraram o operador, rígido como uma múmia, o levaram rapidamente a um quarto vizinho onde um banho bem quente estava preparado; fricções, massagens, unções, cuidados minuciosos lhe foi aplicado. Depois, voltaram a lhe subir ao ar, o fizeram tomar alguns alimentos e então começou a passar informações ao chefe da comunidade, passeando com aspecto tranquilo, como se não fosse o herói de uma incrível odisseia.

A EVOCAÇÃO BRAMÂNICA

Em uma visita posterior, Andréas me disse:

-Veja doutor, nós europeus nem terminamos de soletrar o alfabeto da ciência. Os orientais, também não - acrescentou sorrindo; apesar de que parecem conhecer muito mais do que nós, o fato é que soletram outro alfabeto.

-Outro alfabeto? Interrompi escandalizado, já que eu acreditava nos dogmas esotéricos: A Ciência única, a Religião única, o Poder único. Existem vários “Saberes”.

- Claro doutor, eu que não sou grande coisa, conheço uma dezena de sistemas da química, mais os da física; sem contar da fisiologia! Andreas continuou sorrindo. E logo, como consolo disse:

- Veja essa história: Os brâmanes ensinam que as forças cósmicas estão organizadas para formar, cada uma, um reino, análogo aos reinos que a história natural estuda. Acreditam que o magnetismo é um mundo, a eletricidade outro, etc. Como verificar esta hipótese? Como perceber, analisar, utilizar estes universos desconhecidos? Inventando aparatos de medição? Educando nosso sistema nervoso? Os materialistas teriam escolhido a primeira opção; os místicos teriam empregado a segunda. Meus mestres utilizaram tanto uma como a outra, pois buscam sempre resolver os antagonismos.

Vejamos um dos magnetismos terrestres, que designaremos com a letra C. Os brâmanes definiram algumas de suas propriedades; Depois buscaram as características das forças psíquicas humanas que apresentam as mesmas características. Segundo o que acreditam, tudo se corresponde, supuseram que desencadeando estas, as outras se manifestariam automaticamente. As variações do magnetismo C estão, segundo parece, em relação com certas manchas solares; no organismo humano, sua fonte de emissão é o umbigo.

Alguns sonâmbulos pretendem ver com o plexo solar e com a fronte. No Oriente se conhece a arte de transportar os sentidos físicos a qualquer ponto do corpo; é Yoga; estabeleceu-se um treinamento que permite sentir e pensar com o plexo umbilical.

Já não se trata, a partir de agora, de pegar um sujeito preparado, de escolher uma hora e um lugar por onde passem fortes correntes C. O experimentador, arrastado por esta onda de fluxo, plenamente consciente, faria suas observações e, graças a um “apoio” fixo, voltaria a se apoiar no momento previsto para o refluxo, sobre o plano físico, tal e como faria um mergulhador não limitado pela necessidade de voltar a tomar ar.

Este é um resumo das explicações que me foram dadas. Pedi imediatamente para participar de uma experiência similar. A resposta foi evasiva; havia que esperar, nada havia sido decidido, o procedimento era delicado e a saúde estaria em risco assim como o equilíbrio cerebral. Respondi

com diplomacia que meus mestres julgariam a mim melhor do que eu mesmo; deixamos de falar do projeto.

Algumas semanas mais tarde, Sankhyananda falou de próximos tremores de terra, de correntes C, de nós que passavam por nosso templo; compreendi o que ele apenas insinuava; voltei a fazer o pedido, e fui aceito entre os cinco operadores.

A água que flui no canal que cavamos na terra é a imagem exata do procedimento que se desejava empregar. Este magnetismo C sempre se precipita aos pontos de menos tensão; busca o equilíbrio, mas o busca com estrondo, sem dúvida, pensei eu; porque se chama assim: a tormenta das regiões subterrâneas.

Foram semanas de severo treinamento: comida, sono, posturas, respirações, conjuros, tudo estava previsto com uma minuciosidade tirânica. Não sei o que estes esforços acrescentam ao ser humano, mas proporcionam por um tempo uma deliciosa alegria física e mental; voltamos a ser jovens, com os sentidos ativados, pensamento lúcido, entendimento claro como um lago tranquilo. A serenidade da Natureza nos penetra; liberamos-nos de apreensões e preocupações. Os dias transcorrem em suave alegria.

Nossa experiência ocorreu um pouco antes do pôr do Sol. Foi escolhido um pequeno círculo rochoso. O solo foi limpo antes de traçarem, com pó coloridos, as figuras e os caracteres que significavam as propriedades das tormentas subterrâneas. Os objetos, os perfumes, as roupas, a orientação, foram fixadas segundo as correspondências conhecidas entre a força estudada e diversos minerais, vegetais, odores, espaços, formas e sons. O doutor conhece a teoria das assinaturas? Não é assim?

Eu tinha ordens de não sair do lugar, sob nenhum pretexto, ainda que a terra se abrisse. Estando todos colocados, na posição requerida, nos orientaram a entrar num certo estado físico-psíquico de Dhyana, no qual se mantém a consciência Vigia. Eu via meus companheiros; o chefe nu, de pé diante de nós, murmurava seus mantras, com varetas perfumadas nas mãos; queimavam-se algas juntamente com resinas enjoativas. De repente tive a sensação de baixar a um palácio muito antigo, ao fundo de uma grande mina. A arquitetura deste edifício, os seres que a habitam eram manchas sobre a paisagem, como nas fotografias espiritistas, vemos os fantasmas iluminar os contornos dos objetos materiais. Pouco a pouco, o ar parecia tornar-se mais seco e ainda que o insuportável cheiro de asafétida (planta) não chegava até a mim, já que, no estado em que se encontrava minha respiração só se realizava a cada meia hora – outro aroma me invadia as narinas e a garganta. Pesado, gorduroso, amargo, ácido, este perfume horrível foi acompanhado em seguida de um enorme barulho de trovão, no centro de onde nos encontrávamos. Meus ossos tremeram com essas vibrações profundas; tinha pesadelos de uma queda sem fim. Meus músculos se contraíam sem que pudesse evitar, meu corpo tinha medo e queria fugir. Mas eu sabia que isso seria a morte para mim e para meus companheiros. Não é possível se expor impunemente aos raios puros das forças secretas.

Juntamente com a angústia de não saber o que fazer, o temor de não ver um sinal possível do mestre, a ansiedade de aguentar até o final. Passei um momento muito desagradável, que me pareceu muito extenso.

Focado em meus esforços, vi de repente, no centro de nosso círculo, um pouco acima de nossas cabeças, dois olhos que nos olhavam com curiosidade, com astúcia, com poder. Um rosto apareceu, emoldurado por cabelos ondulados e flutuantes. Em seguida, um corpo se formou, de pé, sobre uma perna só, com a outra encolhida. Tudo estava decorado com telas suntuosas, com joias resplandecentes. Dos ombros saíam numerosos braços gesticulantes, uns vinte talvez. Mãos de dedos ágeis pareciam dizer coisas, como os surdos-mudos. Duas delas, sobre o peito, faziam o gesto

que ascende o fogo mágico do mundo inferior, de forma incessante. Raios surgiam aqui e ali e esta forma fantástica, gigantesca, modelada em negro sobre negro, emanava terror. Dava ideia de uma máquina enorme, viva, inteligente, obediente, sem dúvida, mas como um monstro antediluviano só que domado. Um frio intenso nos aniquilava; o estrondo contínuo e penetrante nos atravessava até a medula. Em um abrir e fechar de olhos, eu percebi como o corpo do mestre estava molhado de suor. As folhas sobre as quais estávamos agachados ficaram amarelas e amassadas. Com este sinal soubemos que a presença havia parado de falar. Todo o fantasma desapareceu prontamente, na claridade da lua que já estava alta. Levantamo-nos com dificuldades. Fazia 6 horas que estávamos ali, em contato com o mais terrível dos pânicos, o dos hostis invisíveis.

Dormi todo o dia e durante a noite seguinte; nosso sistema nervoso não possui nem elasticidade, nem plasticidade dos hindus.

Ao acordar, durante a meditação da manhã, me dei conta de que havia dado um grande passo. Vi que as forças se revelavam progressivamente, na medida do olhar que a contemplava. Em princípio parece ser meras casualidades; logo se descobre certa lógica e em consequência são chamadas de: fluídos, correntes, vibrações, leis. Por último nos damos conta de quais são as obras destas criaturas, as quais o politeísmo saudava como o título de imortais.

O mais importante é que comecei a compreender que não sabia nada. Quem sabe um dia possa simplesmente sentir a Vida! Eu desejava isso com toda a minha alma! Mas ignorava totalmente que para a realização deste desejo, a ajuda mais efetiva viria de uma mulher.

Dizendo isso, Andréas dirigiu à Estela um olhar sério de inefável ternura.

CONSOLOS

Certo domingo, ao chegar à sua casa, Andreas não estava. Tive que esperar várias horas. Estela, para entreter-me, me mostrou todos os bastidores do estabelecimento: arquivos de caixa registradora, móveis com gavetões repletos de bugigangas, vitrines cheias de objetos raros. Mostrou-me suas rendas da França, Gênova e Honiton. Depois, suas turquesas reverdecidas macerando com tronco de raiz de Fresno; em suas tigelas, opalas cortadas, drágeas preparadas para uma medicação; a carcaça de um velho crowth irlandês (instrumento musical), reconstruído a partir de velhas miniaturas, secando ao sol e mil curiosidades mais. Então disse:

- O doutor não imagina como Andreas é paciente, cuidadoso e metucioso. Extraiu a caixa desta viola de um pedaço de madeira pereira, que submeteu durante meses à ação do sol mediante um sistema de lentes; para envernizá-la, preparou uma resina de pinheiro marítimo e aplicou umas vinte camadas. Este caldeirão comprou em Trône; irá fazer um pote tibetano. Estes pedaços de marfim estão há meses submersos nestes frascos, para tomar cor.

Além do ateliê de reparações, havia nesta loja elementos que poderiam ser de um museu: objetos de madeira flamencos do século XVI, alaúdes antigos, cachimbos, cofres, fruteiras persas com ciprestes de Zaratustra, um bule japonês de terracota decorada com mica, de preço incalculável; algumas porcelanas chinesas, como uma da família verde com os caracteres benéficos escritos em *ta chuang*; pedras sonoras, gongos cinzelados, moedas raras, anéis estilo Marat, Rocambole, de ferro, com uma Pedra da Bastilha; posters oficiais, aguardentes, retratos feitos com fisionotrazo (instrumento de desenho, 1786, considerado antecessor manual da fotografia. N.T.), tapetes enrolados, punhais tibetanos para afugentar as sombras, máscaras tunguses (povos antigos da região da Chia e Sibéria. N.T.) e tantas outras coisas.

- Todas estas miudezas possuem a sua história. Disse Etela. Com certeza Andréas lhe contará um dia. Aliás, ele acaba de chegar.

Andréas chegou afetuoso e cordial. Pediu permissão para trabalhar enquanto falava comigo, tendo como objetivo terminar uma jarra de estanho usando a lima. Quando lhe relatei a péssima semana que havia passado: cansaço, fracassos, rancores, impaciência, dificuldades, ele respondeu para meu consolo:

- Não será a última vez que isso lhe vai lhe ocorrer.

Estela nos serviu o chá, chá em blocos, provenientes da China, chamado Tibete Kiapa Ka Kig, segundo comentou Andréas. Estava delicioso. Sem parar de limar, Andreas ouvia minhas queixas, com uma paciência infinita. Eu me maravilhava com este personagem tão simples, tão sóbrio, tão vivo, tão centrado: afetuoso, mas sem passionalidade; patriarcal, mas sem posse; humano, em uma palavra; como um velho sábio que me amava entre todos os seus filhos; apesar de que, eu sabia, qualquer um que se dirigisse à ele com o coração aberto, teria a sensação de ser a menina de seus olhos. Talvez, houvesse um estado desconhecido de Amor, pensava comigo mesmo. As impressões que eu tinha do momento se superavam em frescor, límpida alegria, verdor, eram as alegrias mais puras que já tinha conhecido até então. Sentia-me tranquilo, confiante, descansado à sombra de um afeto sereno e estável.

Andreas era agora meu tutor. Não foi nenhuma surpresa para mim, em absoluto; perto dele, naquele dia, tudo me parecia claro e natural.

- Retoma a posse de si mesmo, me dizia; toma fôlego; encontra tua calma. Este a quem ama, o Ser ideal, ainda que sendo externo a ti, se converte em teu hóspede, de vez em quando; este Herói da eternidade está rodeado de inimigos, é verdade, e o nevoeiro O oculta de ti; mas Sua vitória é segura e Sua influência sobre ti permanece intacta. Acredita que Ele não previa os baques do caminho por onde te convida a seguir-Lo? Nada acontece ao homem que não seja produto de sua própria vontade.

O que tu podes fazer é inútil e prejudicial se outro o faz em teu lugar.

Observe o mau estudante; não aprende nada de sua lição; oferece uns trocados para que seu vizinho estudioso faça suas tarefas. Quando copia, aprende ou perde seu tempo? No exame de fim de ano, sua ignorância e sua dificuldade ficarão em evidência. Da mesma forma, lhe digo, não afastes os problemas que se apresentam; não imite o preguiçoso, ao invés de avançar, retrocederias.

A pressa, juntamente com o desânimo transferiria a ti a agitação da nossa época. A vida se altera, os desejos se inflamam, as forças se contraem e logo desfalecem. Se pudesse ver as almas de teus contemporâneos, de mil não se encontra nem cinco, quem sabe nem duas, que busquem a verdadeira Luz com intenções puras.

É notório que os tratados de magia prometem o poder sobre os homens e os invisíveis; esta promessa está implícita nas lições dos magnetizadores. Não existe por acaso, no senso de nossa civilização positiva e utilitarista, sociedades que propagam estas doutrinas absurdas acerca da influência da vontade sobre todas as coisas “sérias” da vida, sobre a riqueza, o êxito e outras frivolidades? O doutor sabe muito bem que estes apóstolos são os bobos enganados ou animais selvagens cínicos. No entanto, gozam de certo êxito.

Estes sábios proclamam que o universo material está perfeitamente organizado, que tudo acontece segundo a justiça, porque, dizem, tudo está submetido à lei de casualidade e da conservação da energia. De acordo. Afirmam que o universo moral é anárquico e o universo invisível, caótico. Que inconsequência!

Não podem negar que a justiça atua em todos os âmbitos. Por que incitam o homem a revelar-se contra seu destino em vez de ensinar-lhes a utilizá-lo? Por que querem que o devedor espiritual não pague suas dívidas? Por que ensinam a atacar e a atracar na sombra?

Convencem a um ingênuo que através de alguns treinamentos, poderá sugestionar um adversário, enganar um comprador, seduzir um indiferente. Com que direito ensinam a cometer este duplo crime? Prejudicar através de uma manobra tenebrosa e fazer com que forças que foram criadas para o trabalho do espírito sirvam ao egoísmo material.

Como esta gente não percebe que fomentam a inveja, a discórdia, o ódio? Ao atuar graças a um hálito do invisível indevidamente adquirido, atijam o fogo infernal no coração humano e no mundo. Não são cegos que empurram outros cegos ao precipício?

Desta forma, a terra quase sempre corrompe as luzes que recebe. Recordo que na Rússia, sob o Kzar Alexandre I, um amigo foi enviado a um distrito onde estabeleceu as bases de uma pequena sociedade de Filhos do Céu. Alguns camponeses começaram o trabalho; conseguira construir uma fraternidade entre eles. As perseguições começaram em seguida. Um homem de bem os defendeu diante do governo. Depois de uma série de trâmites, conseguiu que esta pobre gente pudesse viver sem impedimentos administrativos. Este homem se chama Lopoukhine. Mas o que o estado cesariano não pode fazer, fez o Espírito das trevas. Os filhos destes trabalhadores escutaram a falsos sábios e hoje, os dujubores (membros de um movimento religioso e social pacifista da Rússia, nos séculos XVIII e XIX – NT), porque é a eles que me refiro, pervertidos pelos livros de um escritor que goza de reputação universal, abraçaram a revolta, a alienação mental, o ódio ao trabalho, as piores loucuras. Igualmente, quando o homem na cena universal, compreendeu que levava em si a semente de poderes ocultos, teve muitíssima pressa para fazê-las germinar por qualquer meio, pervertendo-as com hipnotismo, a sugestão, o auto-hipnotismo, a magia. Portanto, aqueles que compreendem os ensinamentos de Deus, que aceitem a pobreza voluntária de corpo, espírito e inclusive da inteligência. As curiosidades que sacrificar agora, meu querido doutor, lhe serão pagas cem vezes, algum dia. Eu te asseguro.

Assim falou Andréas. Estes ensinamentos reanimaram meu valor. Entrevi horizontes mais claros. Uma força se despertou em mim. Tomei consciência da vaidade dos títulos e dos diplomas, da incerteza do meu saber. Senti uma gratidão enorme para com um velho homem tão acolhedor, para com uma mulher tão boa. Depois de tudo, por que saber se eram ou não os amigos de Desidério de minha juventude? Não era mais sábio aceitar, utilizar o que me ofereciam de boa vontade?

O ESPIRITUALISTA

Estava a ponto de comentar minhas reflexões com Andreas, que guardava seu banco de trabalho, quando Estela nos anunciou o jantar.

No final do jantar, ouvi várias pessoas entrando na loja. Quando Andreas e eu nos unimos a eles, fiquei surpreso de reconhecer uns quinze visitantes; alguns rostos que já havia visto nas escolas ou nas sociedades neo-espiritualistas. Cumprimentei um velho médico magnetizador; um jovem astrólogo e homeopata; um carpinteiro do bairro parisiense de Picpus, famoso por curar as fraturas e as torsões; um tipógrafo libertário e místico; um operário guarnicero (especialista selas. N.T.), discípulo de Boehme; um capitão aposentado, presidente de um grupo espiritista; um eletricitista kardecista; um funcionário de uma livraria, bispo gnóstico; um farmacêutico hermetista; um pastor protestante; um homem jovem, loiro, de olhos claros; um velho republicano de 48, fouruerista (seguidor da Teoria de Organização Social de Charles Fourier. N.T.). Era possível ler, no olhar de todos: a sinceridade, o ardor e a convicção.

Sempre tive grande empatia por estes inovadores idealistas. Eles perpetuam a bela tradição liberal dos celtas. Estes homens do povo, elevados acima de sua classe por força do trabalho, remediando as lacunas de sua educação por meio de uma inteligência quase sempre original, ricos em iniciativas generosas, cândidos apesar das desilusões, alegres apesar das feridas, criando regras entre os densos matagais de velhas utopias, para mim representam vivamente os melhores aspectos da alma francesa.

Nada lhes parece demasiado para alcançar seu objetivo, aceitam simplesmente as pequenas e as grandes privações. Tenho conhecido alguns que, depois de saírem do trabalho, as sete e meia da tarde, comiam um pedaço de pão, nas ruas sombrias, antes de se dirigirem a uma conferência, voltando para seus bairros à pé, às onze da noite, economizando o bilhete de ônibus para comprar um livro importante. Quão enternecedores são os pequenos sacrifícios sem glória! Que ardor nos deram no trabalho, que confiança no futuro da raça humana! Seu velho sangue generoso não está extinto e a luz do espírito não está completamente apagada!

Mais tarde me dei conta que os convidados de Andreas não o conheciam muito bem. Uns o consideravam um curandeiro, outros o consideravam um sobrevivente dos primeiros grupos Kardecistas; um extraordinário médico; dois ou três acreditavam que era um grande iniciado nas seitas orientais. Todos fumavam e bebiam, salvo um membro da Estrela Azul. O tema principal era um congresso de metafísica anunciado para a próxima primavera.

Andreas participava pouco da conversa, respondia de forma evasiva aos que lhe perguntavam, dizendo que não sabia, que não tinha capacidade suficiente para dar conselhos, que queria estar tranquilo, que ali havia muitos sábios para escutar assuntos abstratos e assim por diante. Percebi que todos estes excelentes rapazes estavam um pouco desconcertados. Como conhecia vários, decidi intervir. Usando minha própria autoridade, sugeri que não pedissem a Andreas que aceitasse um posto no congresso, que nem sequer pronunciassem seu nome, mas que, se tivesse conselhos a dar, nos enforcáramos a segui-los.

Andreas pareceu aceitar. Explicaram a ele o programa, indicaram os nomes dos organizadores, os oradores; foi exposto o objetivo buscado. Ele permaneceu calado durante um bom tempo e depois se voltou para mim e disse:

- Não acredita doutor que se os membros deste congresso não forem verdadeiros santos, seu destino é a esterilidade? Se os participantes esperam brilhar, se esperam elogios de seus trabalhos, se denigrem, se colecionam os artigos da imprensa... E sua frase que começou ironicamente acaba com um sorriso franco.

-É por isso, interrompeu o tipógrafo, homem moreno, magro, de rosto apaixonado, é por isso que os egípcios faziam seus congressos em segredo, entre os iniciados.

Sim, concordou Andréas, não eram os únicos. Mas hoje é útil, é necessário que tudo seja descoberto. Está escrito no Céu. Deve de estar escrito no Evangelho.

- Sim, respondeu o pastor, citando o livro, o capítulo e o versículo.

- Por outro lado, a perfeição não é deste mundo. Não se pode exigir que os investigadores continuem no anonimato. Como fazer? Buscar uma etiqueta, uma bandeira, um título que unifique a todos. Dar-lhes um regulamento de organização, de maneira que nenhuma personalidade, nenhuma escola prevaleça sobre as demais. Que cada grupo tenha, não um presidente, senão um secretário, que todos os participantes sejam iguais. A ação individual se adaptaria melhor à influência do Espírito. Mas se querem um congresso, façam seu congresso. Pelo menos não tenham como base o dinheiro, nem uma personalidade determinada, mas sim um ideal.

Podemos fixar isso, disse o carpinteiro com sua voz grossa e rouca. Somos todos humanos, não é? Não temos as mesmas opiniões, mas podemos conversar e nos explicar. Eu não gosto de ler, me dá sono. Mas ouvir falar sim, me agrada.

- Claro, disse Andréas. Nos instruímos escutando uns aos outros se ninguém pensa em se destacar.
- O senhor leu o programa? Perguntou um jovem aprendiz. Propomos o estudo do magnetismo, em seu aspecto físico e terapêutico, o estudo dos fluídos, do *od* (uma força coercitiva. N.T.), o duplo, os fenômenos espirituais, a fotografia transcendente. O senhor sabia que o fantasma de uma pessoa viva foi fotografado? Tentaremos produzir provas experimentais, afirmações do esoterismo.

- Bem, meu querido mestre. O senhor tem um assunto para a experimentação?

-Não, disse o advogado. Eu estou na sociologia.

- Quem tem um bom sujeito, são, forte, uma mulher valente?

- Eu - disse o magnetizador de províncias - um bom e jovial gigante.

- Então estica as mãos assim. Vamos pedir ao Céu que nos permita ver o outro lado do magnetismo, a parte dos três polos conhecidos. Estão todos de acordo?

-Sim, responderam todos.

- Eu não exerço a mínima sugestão, disse Andreas. Nem tão pouco emprego a vontade, apenas peço. Bem, o que sentes?

- Noto o índice, disse o gigante, mas dói, o senhor sabe.

- Tudo bem, continuemos.

- Agora é o coração. A carne está apertada e gelada...Agora o dedo anular, está quente, como se me aproximasse de uma vela. O mindinho treme, como quando nos dá a corrente elétrica. No polegar passa uma corrente fresca pelo osso... Já não sinto mais nada.

- Te lembrarás destas cinco sensações? Eis aqui o que aconteceu. Os espíritos dos dedos foram liberados por um momento do magnetismo geral do corpo. Cada vez que pedir – tendo as mãos limpas, se entende – está liberdade será devolvida a cada um dos dedos, durante um minuto, e poderás usá-los para ajudar os doentes. O indicador para as doenças do fígado, o coração para os ossos, o anular para o coração, o mindinho para o sistema nervoso, o polegar para problemas psíquicos. Mas mantenha as mãos limpas, quero dizer a consciência pura. Nunca lhes falaram sobre isso?

- Não senhor, disseram algumas vozes.

- Vejam que eu não sei magnetizar. É possível fotografar estes fluídos desconhecidos, inclusive seria possível obter fotos coloridas.

- Tenho sua permissão para investigar isso? Pediu o farmacêutico espagirista.

- Certamente, respondeu Andreas, mas não cabe a mim permitir ou proibir nada. O que lhes mostro aqui não é nada novo. Já falei de algo análogo ao Barão du Potet, mas creio que não utilizou.

-Como o senhor conheceu a du Potet? Perguntou alguém. Mas imediatamente o oficial espírita perguntou:

- E para os mortos senhor?

Andreas parece que só entendeu a segunda pergunta.

- Aos mortos o melhor que você tem a fazer é deixa-los tranquilo, respondeu suavemente. Mas eu já sei que não me escutarás. Ao menos reze, antes de suas sessões, e busque uma forma de evitar o esgotamento de seus médiuns.

- Sim, mas se apagamos a luz os ascéticos dirão que enganamos.

- Por que não provam com lâmpadas de cristais, malva ou violetas? Coloque azeite perfumado com cravo e canela nas lamparinas.

- E se empregarmos animais, sangue e perfumes? Insinuou um discípulo de Eliphaz Levi.

- Não, o animal sofreria muito. Ademais você não sabe o que é um perfume. Entenda melhor isso. Usem uma mesa sólida e quadrada. Fixe embaixo do tabuleiro, em ângulos opostos duas lâminas de cobre e duas de zinco. Junte-as com fios de forma a se construir uma espécie de solenoide (fio condutor enrolado em hélice, de espiras muito próximas, em torno de um eixo. Serve de indutor. N.T.). O médium deve estar sentado em uma cadeira colocada sobre o mesmo tapete de lã da mesa e fecharão a corrente sobre ele. Pode ser que sob estas condições ocorram deslocamento de objetos sem contato, com fricção mínima. Que o número de assistentes seja par e que o diretor da sessão tenha sangue frio, sobretudo se fizerem passar uma corrente pelos fios.

-Tudo isso... disse um velho discípulo de Wronski escondido num canto escuro - tudo isso está correto, mas o fenômeno só convence se já se possui a convicção eleutérica. É preciso um corpo de doutrina, uma síntese...

- Uma doutrina? Mas já se tem, querido professor, disse Andreas. Os quadros do Messianismo são tão reais quanto possível. Ademais, já existem tantas teorias, tantos sistemas. Mas o doutor continuou dirigindo-se a um médico, que é tão bem conhecido, deveria colocar em andamento uma fundação para acolher os médiuns. A saúde seria restabelecida se alegrarem um pouco o espírito, tiraria deles a preocupação com a materialidade por dois ou três meses. Para começar, bastaria que nos encontrássemos na casa de alguém, que tenha dois ou três quartos, em meio ao bosque. Desta forma, obteriam fenômenos mais interessantes e menos enganação. Muitos investigadores famosos foram enganados. Mas estes pobres sujeitos tem muitas desculpas: são enganados, são mal pagos, são abandonados, são assediados, irritados...

- Mas, será que tudo isso não são apenas redescobrimientos, rejuvenescimentos? Perguntou timidamente um moço alto e pálido, admirador dos católicos contemplativos,

-Claro que sim, disse Andreas, com um sorriso. Trata-se do velho novo. Daqui a algum tempo você verá o novo. Desconfiem. Serão frutos venenosos. De toda forma, depois de alguns anos, nossa atmosfera oculta algumas forças novas. Até agora, não veja mais do que dois ou três homens que as possam manipular.

Vários quiseram mais informações, mas Andreas advertiu:

-Não, não, não quero acrescentar mais nada. Estes homens querem permanecer no anonimato. Mas vocês são livres para buscar por conta própria. O que eles descobriram está ao alcance de todos.

-Como? O que é preciso fazer? Perguntaram vários dos presentes.

Andreas começou a rir com malícia. Mas vocês sabem muito bem, sabem há tempos o que é preciso fazer para que o Céu nos dê um segredo. Não se lembram? Você, já faz vinte anos, quando sua mãe estava doente. Vocês, o ano da grande greve, quando nos encontramos uma noite sobre a Ponte de Tolbiac. E você, doutor, quando realizou aquele plantão em Nice, quando ainda era um interno. Quase que se engana com o tubo...

- Sim, mas desde então, tomo mais cuidado, respondeu o médico suavemente.

-Muito bem! Para lembrar o que dizia nosso amigo Alexandre, O Grande – Andreas chama para perto de si o carpinteiro – seria bom que alguém neste congresso renda uma homenagem pública de reconhecimento a seus predecessores. Eles têm este direito. Que se fale destes percursos, que sejam reabilitados, que os nomes daqueles que a intolerância submeteu ao suplício no passado sejam publicados, aqueles que durante toda sua vida suportaram a miséria e o sarcasmo. Foram eles que lhes abriram o caminho, não os esqueçam. Suas lágrimas regaram o campo cuja colheita vocês começam a colher.

- Permitam-me senhores - falou o velho de 1848 - que digam os imprudentes. Quanto ignora a disciplina do secreto, que as antigas confrarias iniciáticas e sua herdeira, a franco-maçonaria, tanto recomendavam. Como é isso? Ensinam as pessoas a adormecerem, a atuar à distância, a captar fluídos, a sugestionar e sabe-se mais o que! Ninguém vê que estas receitas podem ser lidas por criminosos ou simplesmente por utilitaristas? Não creiam que Mesmer leva a culpa por todos os acontecimentos cometidos pelo hipnotismo! Vocês não pensam que as atas de suas experiências de exteriorização vos transformam em responsáveis por um certo número de feitiços? Ou será que suas teorias sobre a reencarnação ou seus sermões sobre o carma não são mais que frases!

O velho entusiasta nos lançava olhares de indignação.

- Tens razão, concluiu Andreas. Mas fala em um deserto. Vocês são todas pessoas valiosas, muito amáveis, mas sentem um enorme prazer ao ver seus textos impressos e seu nome acompanhado de adjetivos elogiosos. De todas as formas, pensem nas medidas, em seu congresso, contra o possível mal uso de seus descobrimentos. Mas é tarde. Vocês vieram de longe e precisam acordar cedo. Podem ir-se rapidamente e quando reencontrarem velho falante, ele terá outras coisas a lhes dizer.

O MAGNETIZADOR

Alguns dias mais tarde, voltando da casa de Andréas, o encontrei falando com o magnetizador de províncias. As curas deste último tinham incomodado o sindicato dos médicos de sua cidade o que o fez ser citado pelos tribunais. Este bom homem estava muito zangado, e não fazia mais do que insultar estes ignorantes dos costumes, que tanto se ocupavam dos pobres doentes, mas que os curavam tão pouco. Insistia, usando anedotas, sobre o afã de ganância, sobre a falta de dedicação e a intolerância que demonstravam, etc.

Andreas tentava lhe acalmar, dizendo:

- Você está fazendo como estes oradores das lojas que, só porque alguns sacerdotes se mostram pouco dignos, metem todo o clero no mesmo saco. Eu não sou praticante, nem confio ilimitadamente na ciência, mas sei que há gente boa em todas as partes. Conheço alguns sacerdotes admiráveis e alguns médicos também, e na verdade, toda corporação conta com um número de ambiciosos, de avaros ou egoístas. Você diz que os médicos pedem muito dinheiro. Isso não vale para os médicos rurais ou de bairro. Os seis ou sete anos de estudo lhes custaram caro. Pagaram seu

diploma, tem suas taxas profissionais, certo tipo de vida para sustentar, mulher e filhos que manter. Com que direito tu exiges deles uma abnegação que nem um homem em cada mil possui?

- Mas por que me impedem de curar, se eu faço isso melhor que eles?

- Por que você é um concorrente. Assim é a vida. Não é o ideal, concordo, mas onde está aquele que alcança o ideal? Os danos e interesses que eles terão que pagar irão compensar as taxas que o senhor não está pagando.

- De fato, é bastante justo o que dizes. Eu não tinha pensado nisso. É verdade. Eles pagaram para ter a permissão de exercer...

- O senhor cura naturalmente, sem estudos, ou com pouco estudo se comparado com os da faculdade de medicina. Além disso, entre nós podemos falar com confiança, certo? O senhor cura, mas mesmo assim lhe pagam, ainda que bem mais barato que a um médico. Por outro lado, o senhor tem certeza que cura sempre?

- Isto é verdade. Respondeu o magnetizador. Tive alguns fracassos, ainda que raros.

- Sim, eu sei. Mas não é disso que quero falar. Penso nos doentes que, saindo de sua casa parecem curados. Mas o senhor tem certeza de que foram curados a fundo?

- Claro, tenho certeza, disse o magnetizador um pouco surpreso. O que está querendo dizer?

- Simplesmente isso. Que não raro o senhor cura na aparência e por certo tempo, depois a doença acaba voltando sobre outra forma. Por acaso o senhor torna seus doentes imortais?

- Evidentemente que não.

- Portanto, só cura parcialmente. Parece que estou falando de contradições, mas escute bem. Você é partidário da teoria dos fluídos. Uma doença significa maus fluídos. Você os elimina, introduzindo bons fluídos em seu lugar, muito bem; alguns de seus colegas receitam ervas, outro atuará através da vontade, um terceiro empregará espíritos. No fundo, tudo isso é mais ou menos a mesma coisa. Mas, para onde vão os maus fluídos que vocês eliminam? Quando você encontra baratas na cozinha, tampa os ralos e as baratas vão para a casa do vizinho. Você nunca se perguntou para onde vão estas forças insalubres, que a tua força curativa elimina? Vão a outra parte, buscando outro organismo que esteja disposto a recebê-las.

- Mas senhor, disse o magnetizador, eu incomodo? Não devo mais magnetizar? O que queres que eu faça?

- Sim continue. O fazes bem, tens o dever de aliviar com os meios que a Natureza lhe proporcionou. Fazes muito bem. Simplesmente queria fazê-lo perceber que não és o todo poderoso, que é apenas um pouco mais forte que os médicos, um pouquinho mais, e isso porque acreditas na Vida.

- O que vejo é que destróis a confiança que eu tinha em mim mesmo. Coloca algo em seu lugar, diga-me algo.

- Muito bem, não lhe direi que se alguém fica doente é porque fez por merecer, e que é preciso deixa-lo sofrer para que expie....

- Não, interrompeu o magnetizador. Se me dizes uma coisa dessas não lhe escuto mais. Eu não tenho nada a ver com essas teorias dos sábios. Eu sou do povo. Minha mãe não pode me dar grande

educação. Só sei uma coisa: se alguém sofre e eu posso tirar-lhe o mal e não o fizesse, seria um verme.

- Eu sei, respondeu Andreas. Tens um grande coração. Nunca economiza tua ternura, além de ser honesto. Ao contrário, recomendo que siga com seu magnetismo. Mas como impedir que os maus fluídos se dirijam a outra parte para fazer estragos? Com a magia? De acordo, é possível fazer conjuros, atar o mal a um lugar concreto. Mas, mais tarde uma terrível tormenta cairá sobre tua cabeça. Com seus próprios meios? Mas o senhor não vê os fluídos. Pediria ajuda a um sonambulo? Sim, se este sujeito se mostra perfeitamente lúcido e se pode se proteger, já que, no sono, somos muito mais vulneráveis do que quando estamos despertos. Assim, só nos resta um recurso, que é recorrer ao mestre da vida e da morte.

- Rezar alguns *Pai Nossos*? Disse o magnetizador com um sorriso largo. Por acaso se curam as mulheres que passam a vida na igreja? Ao contrário, são as mais fofoqueiras e malvadas.

- Deixemos as beatas de lado. Deus só quer que sejamos caridosos. Quando era criança e trazia boas notas no sábado, teu pai lhe dava umas moedas no domingo. Continue assim, ajude os pobres um pouco mais do que fazes e nunca se aborreça; quando estiver diante de um doente dirija-se à Deus, diga-Lhe: “não sei o que fazer, ajuda-me, vou passar a este doente a força vital que Tu me destes. Cure com ela e faça com que as coisas se ajeitem depois”. Em seguida, atue como de costume.

- Porém, o bom Deus terá muito o que fazer se...

- Não se preocupe com isso, interrompeu Andreas. Sabes muito bem que no palácio o administrador manda mais do que o amo. Com o bom Deus, quanto mais simples somos, melhor nos escuta. Não se esqueça de que os doentes só se curam quando Ele quer.

- No entanto, Ele não pode querer que soframos?

- Ao contrário. Deus quer que sejamos felizes. Por isso temos sempre menos dor do que deveríamos, segundo a justiça.

- Mas por que precisamos sofrer? Deus poderia evitar isso?

- Sim, se não fossem cabeçudos. Nossa obstinação é não fazer o que nos disse. Quando passamos muito tempo no bar, no outro dia nossa cabeça dói. Não é Deus que envia a dor de cabeça. É uma reação da Natureza. As doenças não tem outra causa. Nós nos comportamos mal. Isto causa incômodo a outros seres, naturalmente visíveis e invisíveis. Não há nenhuma razão para que se deixem pisotear. Protestam. E então, isso engendra a doença, a infelicidade, a má sorte. Por isso é preciso dizer à Deus: “Cure este doente se esta é a Tua vontade”, porque poderia ser que a pessoa em questão suportasse a doença melhor do que poderia suportar a pena ou a perda de dinheiro que substituisse a doença, que você, como curador, deseja tirar-lhe.

- Bem, eu compreendo. Em resumo, tenho que fazer o melhor que puder, mas não me obstinar em curar.

- Isso. Veja, há vinte maneiras de se machucar uma perna, mas sempre será uma perna machucada. Da mesma forma, há vinte maneiras de curar. É por isso que o homem que cura só pode ser um bom homem. Um médico duro e avarento cura se for sábio. Assim, alguns seres do Invisível podem dar a alguns o poder curativo, porque assim obtém influência sobre os doentes. - Mas então, tudo isso é muito perigoso, exclamou o magnetizador.

- Sim, é perigoso. Mas não há nada que temer por este lado, sempre que aceite não ser mais que um instrumento nas mãos de Deus. O bom Deus não permite nunca que se extraviem os que Nele confiam.

A UNIÃO DE ESPIRITUALISTAS

Quando voltei à casa de Andreas, o jovem carpinteiro estava ali perguntando sobre os meios necessários para realizar a união das escolas espiritualistas, no famoso congresso que falávamos anteriormente. Andreas tentava meter um pouco de realidade nas generosas utopias do místico entusiasta.

- Para começar, o espiritualismo moderno não passa de um esboço. Seu vocabulário nem sequer foi fixado. Um termo técnico tem significado diferente para cada escola. Uma mesma ideia recebe nomes diferentes. É preciso todo um estudo de preparação para se entender. Seria possível publicar um dicionário?

- Sim, se encontrar um espiritualista com autoridade suficiente para que todo o mundo aceite suas definições. Senão, seu dicionário não será mais que o manifesto de tua escola.

- E se fixamos antes uma doutrina?

- Saia um pouco do seu quarto, faça algumas visitas aos grupos espiritualistas, de magnetizadores, de astrólogos, de ocultistas, de teósofos. Depois volte para me dar os elementos de teu corpo de doutrina. Todos se dizem muito tolerantes. Mas, a tolerância consiste, para cada escola, em demonstrar que todas as outras só possuem uma parte da verdade e apenas ela tem toda a verdade. De toda forma, esta multiplicidade de teorias é natural, necessária e útil. A verdade tem inúmeras faces e é preciso conhecê-las todas. Ademais, a unidade só surge da multiplicidade, na Natureza. Por último, só o choque dos sentimentos e das ideias engendra a verdadeira tolerância.

- Quer dizer que meu projeto é inviável? Perguntou o jovem.

- Eu, em teu lugar, daria andamento ao projeto, apesar de tudo. Verás um monte de sumos sacerdotes. É um espetáculo instrutivo. Ademais, intervindo no momento oportuno, poderá extrair da batalha uma noção importante, a saber, que o único ponto de união possível consiste em que o importante de todos estes sistemas não é produto da teoria, mas da prática. O importante é a moral.

- Sim, concordou o carpinteiro. Mas se os espiritualistas só se colocam de acordo sobre a moral, não vale à pena centralizá-los, porque a mais elevada moral espiritualista é igual a mais elevada moral materialista. Fazer o bem pelo bem, não por temor aos guardiões visíveis e invisíveis, nem por recompensa. Epícteto e os grandes santos católicos assim o ensinam.

- Tem toda razão, tenta unir essa gente de qualquer forma. É preciso sonhar. O sonho é útil. Mas não se pode embriagar-se de sonhos.

Onde estamos? Estamos todos sobre a terra. Para onde queremos ir? Todos juntos ao Absoluto. Mas a distância é enorme, tão grande que os números astronômicos podem nos dar uma ideia dela. Não podemos tomar todos o mesmo caminho, porque não somos idênticos uns aos outros. Observe quando viajantes partem em direções opostas. Cada um verá paisagens diferentes, cidades, povos, monumentos, museus, etc. O mesmo se passa com as diferentes religiões, com as diversas iniciações. Porém, todos estes viajantes levam à cabo o mesmo ato: caminham, sem o que não seriam viajantes. Eis aqui o papel da moral. Sem ela, ainda que acumulemos mistérios, ritos, ciências, não avançamos. Com ela, sem nada mais, avançamos tão rápido que não nos detemos para ver as curiosidades do caminho.

- Em outros termos, concluiu o jovem, os espiritualistas necessitariam um sentido comum: que não abracem trabalhos os quais não estejam capacitados a realizar com êxito.

- Exatamente, querido amigo, mantenha o sentido da realidade. O dia em que dois espiritualistas sejam incapazes de falar mal um do outro, eles farão mais pela união das escolas do que se houvessem organizado vinte congressos e firmado vinte volumes de exortações. Qual a sua opinião doutor? Perguntou Andreas voltando-se para mim.

- Estou completamente de acordo, respondi. Creio que nos conduzem sem que nos damos conta, mas nossos guias, bons e maus, não nos transmitem seus propósitos, de igual forma que um general não confia seus planos e suas tropas. No entanto, os chefes das Trevas, hábeis e cheios de artifícios, sabem fazer nascerem curiosidades nefastas nos corações cândidos, baixo louváveis intenções. Portanto, sejamos prudentes.

- Deus não deixará que um homem sincero se extravie! Exclamou o boehmista.

- Ademais, é necessário que este homem reconheça antes que é capaz de errar, que não confie unicamente no seu saber e na sua inteligência, que tenha modéstia. Respondeu Andreas.

- Sim, concluiu o jovem, só temos que seguir sendo sinceros, nos tornarmos humildes, demonstrar nossa valentia. Deus fará o resto já que, por cima de todas as religiões, de todas as adesões, se encontra o culto ao Espírito. E, unindo-nos ao Pai, pelo Filho, somente então poderemos dar-nos o título de espiritualistas.

Durante estas últimas réplicas, nosso amigo o pastor havia entrado com familiaridade. Expôs as tentativas de alguns de seus colegas para favorecer uma aproximação entre o catolicismo e o protestantismo. Hoje é o dia das generosas utopias – pensei eu.

- A mim me parece – continuou o ministro – que nós, os partidários do livre exame, representamos o princípio universal do individualismo, da liberação. Somos um pouco os exploradores em religião. Enquanto isso os católicos, conservadores, tradicionalistas, sistemáticos, representam o passado. Querer fundir estas duas tendências parece muito arriscado. Os sacerdotes e os pastores devem saber, já que são ministros do mesmo Deus e testemunhos de suas solitudes, que entre as atividades divinas, a que se ocupa, sobretudo do homem é a: Providência. Graças à ela, nossas aspirações mais altas encontram respostas e sim obrigarmo-nos ao mínimo, ela nos apresenta os meios para sair dos buracos que nos metem, cada um por sua vez, tanto a carga fatídica do passado, como os arrebatamentos desenfreados do futuro.

- Vejo senhor, em seus correligionários, uma divisão indefinida de seitas, além de uma influência do racionalismo, seja nos estudos filosóficos, seja nos estudos históricos, que conduz ao esquecimento do sentido divino do Evangelho. Não é certo que os mais sábios dentre o seu clero já não vê no Salvador mais que um homem, e em seus milagres, apenas símbolos ou fenômenos científicos? Não são estes os mesmos ensinamentos das iniciações anti-crísticas orientais?

- Ninguém despreza mais do que eu, doutor, tal estado de ânimo – replicou o ministro. É uma falta que o catolicismo não comete. Mas, perdoem a minha franqueza, seus teólogos se fixam demais no passado, exageram o valor dos ritos, permitem que a letra assassine o espírito e o governo de sua igreja parece político demais. Então, o único terreno de entendimento seria, não a divindade de Jesus Cristo, já que muitos de meus colegas desgraçadamente não acreditam nela, mas a ação moral, a caridade.

- Com efeito, as controvérsias são inúteis. Os faladores não são realizadores, disse Andreas. Mostre-me um só pastor ou cura que seja santo. Quero dizer, homens de sentido comum, de vontade forte e que tenham realizado o ideal prático de sua religião. Prontamente se falaria deles. Homens cuja existência inteira não seja mais que uma contínua evocação da Providência. A força de oferecer à Unidade todo cansaço físico e moral, faz com que a Unidade descende sobre eles, que aprendem a encarná-la, tornando-se capazes de construir-lhe um corpo orgânico no coletivo social.

- Sim! Exclamou o jovem carpinteiro. Homens assim poderiam até mesmo convencer ao Consistório, o Colégio Sacro, aos políticos e aos indiferentes! Mas, eu tenho lido alguns livros de apologética. Queremos experimentar os fenômenos do misticismo, queremos catalogar os milhões de fatores envolvidos na organização de uma alma coletiva, religiosa ou política e não podemos, nem sequer, enumerar as forças que produzem um micróbio!

- O exemplo é um pouco simples – fez ver Andreas com meio sorriso – mas, em geral, é correto. Para conquistar a matéria, é preciso estudá-la com meios materiais. Mas o Espírito não se deixa captar, foge quando quer. O nosso espírito imortal se aperfeiçoa através do Espírito Eterno. A religião é apenas algo superficial. Justapor formas religiosas é fazer um mosaico. O que precisa é que os fieis das distintas religiões subam até Deus. Ali serão unos. O Eterno é um Deus vivo. Isto é que é preciso experimentar.

- Estas tentativas de unificação não são novas – acrescentei, querendo induzir nosso anfitrião a nos revelar alguns pontos obscuros da história das confrarias místicas. Citei nomes, mencionei os Rosa-Cruzes, os Filaltes, a Igreja interior de Eckartshausen, mas Andreas cortou minha manobra, mencionando que poderíamos perder o último ônibus. Como de costume, ele me retinha até o começo da madrugada. Compreendi que não o faria falar mais esta noite e fui embora com o boehmista e o pastor.

INCERTEZA

Circunstâncias diversas fizeram com que se passassem longas semanas antes de poder voltar a Menilmontant. Neste período estive atormentado por dificuldades. Os negócios, as amizades, as relações, tudo se tornou para mim uma fonte de descontentamento. Soube de várias histórias mal intencionadas sobre Andreas. Pessoas aparentemente honradas se queixavam dele. As dúvidas me invadiram de novo. Como nunca me atrevi a perguntar-lhe sobre Desidério, minha confiança se debilitou. A irresolução e o desânimo apareceram. No entanto, não disse nada a Andreas. Um pressentimento oculto me dizia para não julgá-lo. Eu sabia como que os comentários mundanos travestiam tudo. Ao mesmo tempo queria apagar de minha memória a sua lembrança. O ilógico destes impulsos interiores me desconsertava. Até então não tinha muita experiência com os purgatórios da alma.

Quando cheguei lá encima, a vista da casinha foi o suficiente para me serenar. Estela me recebeu com encantadora jovialidade. Falou do seu trabalho para consertar meu tecido.

- Tive que fabricar um cartão com papel de China (papel de seda). Andreas lhe aplicou um leve verniz transparente, feito por ele. Assim, pude recortar as pétalas das flores que faltam, de forma que meu novo bordado fique translúcido, como o original.

- A entretela não teria sido suficiente? Perguntei surpreso com tanta delicadeza.

- Não, teria ficado opaco. Veja o Sr. mesmo.

O tecido, com efeito, estava reparado de forma admirável. Era impossível distinguir os reparos. Eu fiquei encantado e agradei calorosamente à Estela. Mas quando quis lhe pagar, ela se recusou

firmemente, dizendo que seu marido reprovava. Pensei comigo: e me dizem que essa gente é inescrupulosa e interesseira!

Andreas, que apareceu, neste momento, deu razão à sua mulher. Insistiu para que eu aceitasse este presente, tendo a certeza que um dia o outro eu teria a oportunidade de devolver o favor.

Sentamos sob o pergolado. Estela nos fez provar licores preparados por ela mesma, seguindo receitas antigas e graças a uma conversa descontraída, pude lhes falar sobre minhas vacilações e, de forma velada, sobre os rumores que circulavam sobre eles. Estas confidências os deixaram indiferentes.

- Contam-se muitas histórias sobre mim; isso me encanta – declarou Andreas. Prefiro muito mais ser atacado, a ser adulado. Como diz a Bíblia, tudo tem seu peso, seu número e sua medida, não é mesmo? Há certa quantidade de calúnias circulando pelo mundo. É melhor que recaiam sobre mim, que não as levo em conta, do que sobre outras pessoas que se afetam e que poderiam sofrer danos. É o bem que alimenta o mal, porque é o bem que possui a vida. Mais vale servir de capim ao mal, do que ser alimentado pelo bem. Mais vale ser atacado, do que atacar... Sempre que permaneçamos humildes.

- Respondes à pergunta que eu tinha nos lábios – disse eu. No entanto, ouvi um místico, um velho médico da marinha, que o senhor conhece, sem dúvida, ensinar que não se defender da maledicência ou da calúnia é um suicídio.

- Não nego que a maledicência provoque feridas. Mas se as repele, irão para o vizinho. Ademais, só pelo fato de algo vir até você, significa que este algo estava pessoalmente destinado.

- Seria a doutrina do abandono à vontade de Deus? Perguntei.

- Sim, mas não caímos no quietismo. É preciso suportar os sofrimentos e fazer o bem.

- Reunir o passivo ao ativo?

- Isso mesmo. Examine o último período de sua vida. Não pode ver de onde vêm suas dúvidas atuais?

- Não – confessei. Não consigo relacionar a causa e o efeito. Seriam meus estudos de ocultismo, minhas práticas de yoga? Não é necessário provar antes de julgar, como dizia São Paulo?

- Certamente, mas o doutor é um europeu, sempre com pressa para agir. Agir é excelente, mas fazer uma reflexão por alguns minutos, pedir à Luz, são precauções que nunca prejudicam a obra. Disse Andreas, que vendo meu silêncio, continuou:

- Vejamos doutor. O Senhor tem feito algum treinamento? Fixação do olhar, formação de imagens mentais, auto-hipnoses, desenvolvimento da vontade? A grande operação de depois do ritual de Eliphaz Levi?

Meu sorriso me entregava. Andreas continuou:

- Dá para ver em seu rosto. Você está esgotado. O fígado não vai muito bem. Os pulmões também não. Suponhamos que lhe apareça um gênio, como será? Supondo que tenhas uma força de 10, poderá conduzir uma força de 1000?

- No entanto, o condutor, com um gesto, coloca sua locomotiva em movimento.

- Não são forças da mesma classe. O mago atua por sua força...digamos astral, sobre seres igualmente de natureza astral. Além disso, o condutor conhece certas leis da matéria, enquanto que o mago evoca justamente para conhecer estas forças misteriosas. O que faz é uma petição de princípios.

- Exato, evidentemente. Mas, sua magia só chegou até você graças a um ser um pouco mais forte, falo de forças e não de Luz. O químico que descobre um novo composto se arrisca em se envenenar ou a explodir-se junto com seu laboratório.

- Acredito, disse eu, que não tentarei mais operações mágicas.

- Então - concluiu Andreas - prepare suas costas, assuma suas responsabilidades. Considere apenas um de seus exercícios e pense nisto: em todas as células de seus alimentos, em todas as moléculas das tinturas, das drogas, dos móveis, das plantas, dos animais empregados, em todas as fibras do corpo que o senhor colocou em movimento para alcançar seus objetivos, em todos os invisíveis que sua vontade utilizou. Todas estas desordens e ruínas precisam ser reparadas.

- É justo. Disse.

- Fique em paz. O Céu fará algo por você, concluiu Andreas com um tom paternal.

Mais uma vez saí dali sossegado. Na boca deste homem tão simples, a metafísica mais abstrata se transformava em claro sentido comum. Seu olhar, tão honesto, havia transmitido força. Seu sorriso havia dissipado meu pessimismo. Regressei cheio de confiança e quase que com vergonha por minhas recentes inquietudes.

A VISÃO DO MENTAL

Minha visita seguinte encontrou Andreas a ponto de sair. Convidou-me para acompanhá-lo, ou melhor, me rogou que lhe acompanhasse, como se eu fosse lhe ser útil. Sua cortesia, especial em seus modos, parecia sempre brotar espontaneamente como uma fonte fresca. Os comedimentos que tinha para com seus hóspedes eram um encanto. O santo de Assis devia possuir estes mesmos modos tão atrativos. Andreas gostava, verdadeiramente, de seus visitantes e aqueles aos quais proporcionava os maiores serviços, observavam desorientados como se comportava, como se fora ele quem devia algo. Assim aprendi o que é um homem verdadeiramente humilde.

- Vou a Plaisance visitar um doente, disse. Não lhe importa caminhar?

- De forma alguma, gosto de caminhar, mas não seria melhor tomar um carro ou trem da periferia para ganhar tempo? Respondi.

Andreas disse que preferia caminhar. De fato, nunca o vi usar nenhum veículo na cidade. Quem sabe se impunha estas fadigas por penitência. Talvez usasse estas horas de viagem para o trabalho mental, graças ao seu poder de atenção. De qualquer forma, me dei conta que muitas vezes de que apenas escolhia o caminho mais curto.

Era a primeira vez que saía com ele. O trajeto interminável, através de ruas barulhentas, foi percorrido sem que eu me incomodasse com a distância. Andreas caminhava com passos tranquilos, como esses corredores de rua que caminham 100km sem descansar. Fumava muito, mas falava pouco. Devo mencionar que, cada vez que saía com ele, me encontrava em um estado nervoso muito especial. Os espetáculos do caminho já não me distraíam de certa tensão interior, graças à qual, os temas de nosso diálogo se esclareciam quase antes de terem sido formuladas. Parecia que

eu estava sobre uma plataforma de onde via o rosto oculto das coisas, ou melhor, a verdadeira face de todas as coisas. Já não sentia meu corpo, não pelo cansaço, além do que tinha a sensação interna de ter aprendido muitas outras coisas além das que me havia contado.

Aproveitei a ocasião para falar com Andreas sobre outro campo de meus estudos, sobre prática contemplativa e todas as minhas tentativas indecisas de alcançar um resultado tangível.

- O melhor de seus resultados é um início de teses. Disse Andreas.

Logo, para minha surpresa, enumerou os diversos sintomas patológicos dos quais eu nunca havia falado para ninguém. Não me atrevi a perguntar como ele sabia destes detalhes. Continuou dando uma extensa explicação técnica da Yoga. Evitava, como que por medo de se tornar pedante, o emprego de termos sânscritos, tratando de traduzi-los de forma muito exata e engenhosa.

- Em resumo, a ginástica respiratória praticada com moderação é útil, concluiu. Mas se lhe junta uma tensão voluntária, magnética ou mental, infringe-se a Lei. O volume de oxigênio, de ácido carbônico, a quantidade de alimentos, tudo está fixado com antecedência para cada um. Ultrapassar estes limites, inclusive com a intensão aparentemente nobre de se conseguir uma cultura psíquica intensiva, provoca reações. Por mais sutil que seja o raciocínio, não provaremos nunca que fazemos o bem mediante um mau procedimento. Será um bem aparente, provisional e promotor de uma mal que está perto.

Eu me calava, buscando objeções sem encontrar nem uma. Diante de meu silêncio, Andreas continuou:

- Vou lhe contar o que vi uma noite, durante minha segunda viagem ao Tibet. Durante o sono, me apareceu o que parecia ser um batalhão de soldados que trabalhavam construindo estruturas para o acesso a uma fortaleza que não se podia ver. Os mensageiros chegavam e partiam a galope. Uma luz lunar iluminava toda a paisagem. Concluí então que o sonho era de ordem intelectual. Coisa curiosa, o solo rochoso e acinzentado parecia se mover, como um coração palpitante. De repente apareceu um grupo de seres de cabeças enormes e desproporcionais na parte superior; lembrei imediatamente as efigies dos sábios chineses que você conhece bem, doutor. Esta falange se dirigia à tenda do general. Estava dirigida por um macrocéfalo extraordinário cujo corpo era completamente translúcido. Falava com o general duramente. Pequenas luzes violetas saíam de sua boca. Os movimentos dos exploradores e os desbravadores mudaram imediatamente. Muitos deles, vestidos de vermelho, foram expulsos do acampamento. Os vi correr aqui e lá, pelo campo, para logo caírem ao solo, um a um. Seus companheiros que permaneciam no acampamento se tornaram, pouco a pouco, similares aos seres de cabeças enormes. Os trabalhos do assédio foram abandonados e nos dirigimos através da planície movediça até uma cidade do sonho, que percebi na cúspide de uma cadeia montanhosa. Soube que este quadro fantástico não era mais de que uma miragem. A Ascensão durou anos. De vez em quando os caminhantes se encontravam com formas fantásticas, com animais antediluvianos, com monstros que só os videntes conhecem. De repente, o batalhão foi cercado pelos vermelhos que acreditavam mortos. Um oficial de cabelos longos os conduzia. Aproximaram-se tranquilamente aos seres cristalinos que caíram sobre o solo, como cinzas, assim que foram alcançados. As rochas tomaram o aspecto do terreno e, em pouco tempo, apareceu uma vegetação exuberante. Tudo desapareceu. Acordei. Estava prestes a amanhecer, subi a um monte que havia por perto, para observar a aurora, como era meu costume.

- Que belo deve ser se for igual ao que vi nas montanhas de Belledonne! Disse eu, esquecendo a visão.

- É inimaginável. Os vales mais baixos encontram-se há três mil metros. A claridade da atmosfera, a pureza do ar, o indescritível silêncio, o patético drama das cores que se desenvolve no horizonte,

antes que o Sol apareça de repente, todas estas imensidades entram na alma, impetuosamente e a renova. Esta manhã, de pé ao ar gelado das neves perpétuas, murmurando as fórmulas do Caminho que eu seguia, compreendi o sentido de minha visão e caí com grande comoção. Creio que não precisam de todo o que descrevi sobre meu entorno para compreender também.

- A mim me parece que o Sol árido, é o plano mental, não fértil por si mesmo, solo no qual se edificam as ilusões. Os soldados vermelhos e os exploradores representam as sensações. Os seres cristalinos são o que Boehme chama de vontade própria. Esta visão ensina que o homem não tem direito de decapitar nenhuma das manifestações vitais que a Natureza nele colocou. Querer governar os movimentos do princípio mental é uma ilusão perigosa porque, para reconhecer quais de nossas imagens mentais devem ser apagadas ou reforçadas para alcançar a onisciência, seria preciso antes, possuir a onisciência. Respondi.

- Além disso, nosso único instrumento, o cérebro, só é capaz de refletir uma pequena parte do universo – acrescentou Andreas, depois de um curto silêncio e com um leve sorriso.

- Muito bem querido doutor! Compreendestes muito bem um dos significados de minha visão. Mas lhe contarei minhas suposições. Os solitários gostam de falar quando encontram alguém que lhes escutem, sobretudo quando estão velhos.

EM PLAISANCE

A travessia do Bulevar San Michel me impediu de responder. Mas, a partir do Jardim de Luxemburgo, retomei rapidamente a conversa.

- Compreendo tudo o que me ensina, no entanto, não me deixo convencer. Disse.

- Tem razão, doutor – exclamou Andreas. O juízo e a análise nos foram dados para serem utilizados. - Permita que explique melhor o que disse. Eis aqui o que não consigo entender. A Providência é boa e justa, certo? Por que permite que os homens inventem métodos perniciosos de evolução?

- Com efeito, o que o senhor expõe é um problema difícil – respondeu meu companheiro com um ar grave. Seria preciso descentralizar-se mentalmente – acrescentou depois de um minuto de reflexão.

- Não compreendo – repliquei. Descentralizar-me?

- É verdade. Tenho o mau costume de usar comparações absurdas. Sabe, o entendimento funciona como um sistema algébrico ou como uma elevação da geometria descritiva. Mas também como o cálculo diferencial e o hiperespaço.

- Continuo sem compreender – confessei depois de refletir por um bom tempo.

Andreas fez um gesto de dúvida e perguntou-me:

- Quando tiver compreendido, me promete que irá continuar se comportando como se não o tivesse? Ia dizer que sim, mas sob o olhar sagaz de meu interlocutor me dei conta da orgulhosa vaidade de minha resposta. Dei-me por satisfeito em responder que faria o melhor possível. Estávamos então, me recordo, diante do belo parque de Couesnon, que logo foi demolido para construir em seu lugar uma garagem de tranvias. A noite começava a cair. Andreas parou, endireitou a cabeça, pois a tinha quase que sempre inclinada, me olhou nos olhos durante alguns segundos e disse:

- Bem-aventurados os pobres de espírito! Isso é o que podemos ler no livro do Cordeiro.

No entanto, o espírito do homem só conhece os que podem viver na atmosfera do Consolador. Não podemos respirar este ar tão vivo. Não obstante, cada prova tonifica nossos pulmões e aprimora o esboço, que todos levamos, de uma estátua do Verbo. Mas, não poderemos nunca, com nossas próprias forças, animar esta estátua. Só o Verbo pode insuflar-lhe a Vida, Sua Vida. No entanto, muitos homens, cegos, acreditam que esta estátua está viva. Apegam-se à ela, fazem dela sua obra, sua coisa. Aumentam a sombra e, acreditando ir ao Ser, se extraviam rumo ao Nada. Alguns chegam a suspeitar de seu erro. São aqueles que não foram totalmente invadidos pelo orgulho. Podem escutar as advertências do anjo guardião. Começam a apalpar a inconsistência deste mundo. Aprendem a esquecer e o Céu dá cem passos em sua direção, por cada escalão que descendem em direção ao centro do mundo. Tudo o que já lestes, tudo o que já escutastes de exótico e misterioso só lhe deu em troca um único axioma: “Toda ação tem sua reação. Tua mão só pode se levantar ao firmamento se teu ombro e teu corpo pesam sobre o solo com um esforço equivalente”. A isto costumava chamar lei do binário, não é? Ao longo de teus anos de estudo, as células cinzas de seu cérebro armazenaram, descobriram em ti muitos organismos desconhecidos, batizados com nomes gregos ou sânscritos, egípcios, chineses, segundo suas esperanças do momento. Há tirado forças como e onde pôde. Convertestes em uma espécie de atleta decorativo e inútil, capazes por vez, de esforços extraordinários, mas condenado o resto do tempo a um regime meticuloso. Admiram-te e tu te orgulhas.

Todos os corpos nascem, crescem e logo diminuem. Por acaso teus corpos invisíveis escapam desta lei? Não. É preciso restituir todos estes órgãos, todos estes poderes prematuros. Vamos agora conduzir-te ao caminho descendente.

Andreas se calou. Havíamos chegado. Entramos em uma obra cheia de barro com casas de ladrilho sujas, em planta baixa, tipo um cortiço onde todas as portas e janelas dão para um pátio central, povoadas de gangues ruidosas. Uma mulher velha e gorda reconheceu Andreas, fazendo-nos entrar num quarto triste onde, ao fundo, em uma cama bastante limpa, um homem olhava os visitantes com ansiedade. Era uma dessas pessoas que as cidades engendram aos milhares, usados desde a infância para um trabalho precoce, a quem só o álcool proporciona a força para viver apesar da má alimentação, a falta de higiene e a apatia.

O homem desatou a lamentar-se, em coro com sua mulher. Andreas, de pé, chapéu nas mãos, escutava atentamente, abanando a cabeça com compaixão. Parecia refletir. Por fim, o velho terminou com suas queixas gritando com o que lhe restava de voz:

- O bom Deus não é muito justo! Tudo isso é conversa de exploradores! O bom Deus não existe!

- Como! O bom Deus não é justo? Murmurou Andreas. E você? Você é justo, por acaso? Tenho que contar tudo diante da senhora? Acrescentou mais baixo, enquanto a mulher havia ido buscar uns copinhos de licor. E, inclinando-se, disse algumas palavras junto ao ouvido do doente.

- Como você sabe disso? Perguntou o homem assustado?

- Cala-te, cala-te, respondeu Andreas contente da jogada que acabara de fazer ao bom homem. Estamos em paz. Não se queixes mais e não direi nada. Mas, disse, ameaçando-o com o indicador – terás que andar direito...

A mulher voltou. Brindamos, bebemos. E começou a queixar-se, por sua vez.

- Meu bom senhor será curado? Murmurou. O que vai acontecer à ele?

- Isso eu não sei, querida amiga, respondeu Andreas. Meu amigo aqui, o doutor, poderá lhe dizer. É grave, não é doutor?

Eu fiquei bastante incômodo pelo personagem que me cabia representar. Do ponto de vista médico o homem estava acabado, mas Andreas estava ali. Decidi confessar a verdade.

- Sim, é muito grave, Será um milagre se sair desta.

- Então senhora – perguntou Andreas – Quer mesmo ficar com este velho patife que tens de marido?

Diante destas respostas, a velha se pôs a chorar.

Mas Andreas lhe tomou afetuosamente o braço e o colocou sobre o seu. Ele vai se recuperar, console-se. Mas não devem mais brigar, não valeria à pena. Lembrem-se de que há gente muito pior que vocês. Você ouviu bem, não? Disse ao marido. Então adeus; até qualquer dia. O senhor vem doutor?

Eu estava um pouco decepcionado, esperava ver um milagre.

- Por que não o curastes de imediato? Perguntei.

- Ora, primeiro porque não sou eu quem o curará. Logo, não necessita se por de pé imediatamente. Tem algum dinheiro. Pode esperar uma semana. O que teria feito o senhor, um ocultista, para curar este homem?

- Está muito doente – respondi. Não sei muito bem. Tentaria transportar o mal à uma árvore ou a um animal...

- Sim, introduzir o mal em algum lugar onde não tem o direito de ir. Gostaria de te ver se lhe enviassem alguma doença dos deuses. Sim, poderia gemer amargamente.

- É verdade. Não tinha pensado nisso. Muito bem, e se eu lançasse outro gênio sobre o gênio da doença?

- Caso seu gênio seja um gênio mais fraco, seu doente cairia num estado ainda pior. Deve haver uma parábola no Evangelho sobre isso. Se seu gênio elimina o mal ou se o mata, você é o responsável pelo que ocorrer em seguida. O gênio da tuberculose irá buscar seus colegas para vingar-se. E então, o que farás? E se, furiosos, estes seres atacarem inocentes?

- Então não vejo nenhuma solução. Ater-se à medicina comum?

- Nem pensar, doutor. A coisa fica interessante de verdade quando se apresenta impossível. Ou o Céu adiará a dívida do doente ou mudará o modo de pagamento.

- Eu gostaria de acreditar – disse eu – mas não estou convencido.

- Eu sei – respondeu Andreas sorrindo. Adeus doutor. Que passe bem. Venha me visitar na próxima semana. Pode ser na quarta-feira?

- Sim, certamente – disse um pouco distraído pelos meus pensamentos. Havia pensado que faríamos um agradável passeio de volta, lento, longo, com interessantes conversas, com agradáveis pausas, com novidades. Tinha tantas coisas que explicar, tantos projetos que apresentar! Mas Andreas já tinha desaparecido na noite nascente, que apenas algumas lanternas apontavam de vez em quando. Entrei em casa bastante melancólico.

O HOMEM UNIDO À TERRA

Dois meses antes, eu havia recebido de uma sociedade de publicações científicas, o encargo de um trabalho bem grande em relação a uma questão de patologia. Havia enviado meu manuscrito, já há alguns dias e, voltando da rua du Château (Literalmente a Rua do Castelo NT) encontrei em meu correio uma carta do editor comunicando a devolução de meu manuscrito com uma desculpa qualquer. Primeira desilusão. Felizmente estive muito ocupado por alguns dias com a finalidade de distrair-me. Duas semanas mais tarde, passando pela Praça da Escola de Medicina, encontro um novo livro que tratava do mesmo tema que o meu. Comecei a folhar: era uma cópia do meu trabalho, salvo algumas modificações insignificantes. Minha desilusão se transformou em uma autêntica e verdadeira indignação. Essa manhã havia previsto almoçar com Andreas. Portanto, não tive que tomar a decisão imediata de informar o editor ou fazer uma denúncia. Tomei meu ônibus, chegando um pouco tarde ao Lago Saint-Fargeau.

Era começo de julho. Nos subúrbios, me distraía e me interessava por todo esse pequeno e agitado mundo que se aglomera entorno do meio dia, os bebedores dos bares, comerciantes assediados por agentes, as lojas, os muros brancos, as janelas variadas, os aprendizes com seus cartuchos de batata frita, os gritos, os odores, os gestos, as palavras graciosas e até mesmo as palavras trágicas renovavam minha simpatia pelo povo e minha admiração por toda a inextinguível e impetuosa força que surge com generosidade.

Mal havia apertado as mãos de Andreas e Estela quando, agoniado pelo meu assunto, contei o que havia acontecido. Meus anfitriões riam enquanto serviam meu prato e como único consolo, Andreas me dizia:

- Esqueça isso. Com certeza seu editor não lhe toma por um inocente. Com certeza teve que fazer esta manobra com prudência. Releia seu tratado. O doutor não leu. Estou certo de que não poderia contar o que nele se diz.

- É verdade – declarei. Eu mal o li.

- Muito bem! Estela, já que o doutor confessa sua ingenuidade, dê-nos um pouco de Tokay.

Meus amigos me mimavam como se fosse um filho. Reprovei a mim mesmo. Estava sendo tonto por causa de meu rancor, que só contribuía para aumentar mais o mal que a falsidade de um comerciante astuto me havia feito. Abandonei meu rancor, querendo desfrutar da felicidade daquele momento.

Sentamos embaixo do pergolado para tomar um café quando bateram à porta. A empregada apresentou um homem maduro que parecia ser comerciante. Mas, debaixo da bela aparência, envolto em um abrigo, apoiando-se sobre dois bastões, andando com dificuldade, seu rosto parecia devastado pelo sofrimento.

Andreas convidou-o a se sentar, perguntando o motivo de sua visita.

Havia um mês que, sem razão, havia lhe dado dores violentas, persistentes, às vezes insuportáveis, sobretudo nas costas. Começavam pela manhã e se estendiam até à noite, detendo-se ao meio dia e às duas da tarde e mais alguns pequenos alívios de vez em quando. Já havia consultado todos os médicos, todos os curandeiros. Não era reumático, nem sífilítico. Não tinha artrites, nem taras nervosas. Seus pais eram pessoas perfeitamente saudáveis. Isto foi o que disseram os médicos, confessando que não compreendiam sua doença e nada conheciam que pudesse aliviar-lhe.

Este homem, cujos traços expressavam vontade, inclusive teimosia, confessava seu desespero e sua incapacidade de aguentar por muito tempo esse martírio.

- Minhas dores são atrozes, nos disse. Neste instante, enquanto falo com vocês, parece que me cortam as costas, que me desprendem os músculos com pentes de ferros, que recebo golpes violentos, que me furam, que me desmembram as vértebras. De fato, o pobre homem mal conseguia articular palavra, retorcendo-se na cadeira buscando escapar de sua lacerante tortura.

- Caso eu tivesse algum inimigo, se acreditasse nestas coisas, pensaria ter sido enfeitado – concluiu. Senhor, se não puder fazer nada por mim, só uma bala me libertará deste inferno.

- Nunca se deve desesperar – disse Andreas – ainda que estivéssemos amarrados na boca de um canhão carregado. Sim – acrescentou enquanto fumava – seu caso é curioso. O senhor está ocupado este meio dia?

- Estou livre – disse o doente. Acha que posso trabalhar com o suplício pelo qual estou passando?
- Pois bem, se quiser vamos dar uma volta pelo campo. Isso muda as ideias, não é verdade doutor?
Disse Andreas voltando-se para mim.

- Certamente – respondi sem compreender, mas suspeitando de que seria testemunho de alguma coisa extraordinária.

- Ir ao campo? Disse o doente. Para que? Não creio que o senhor queira rir de mim. Bom, depois de tudo, tudo me dá igual, tudo me dá igual...

- Sim, concluiu Andreas como que respondendo ao pensamento de seu interlocutor. Quem sabe encontramos algumas ervas.

Saímos de trem pela Estação de Vincennes. Ali, Andreas comprou três bilhetes de ida e volta com destino a uma pequena e distante estação, onde descemos depois de hora e meia de trajeto. No albergue, Andreas soube encontrar rapidamente uma espécie de charrete, conduzido pelo filho da casa rumo a um cultivador dos arredores que Andreas indicou. A bela granja ficava há uns cinco quilômetros da estação e era composta por três alas de edifício; descemos no pátio, Andreas e eu, enquanto o enfermo aguardava no veículo.

Andreas perguntou a um rapaz pelo dono, enquanto caminhávamos entre o galinheiro e o chiqueiro, esperamos sob o olhar vigilante de dois cachorros peludos.

- Eu já sabia! Exclamou Andreas, olhando para um poço que cavavam os operários num canto do pátio. Foi até onde se guardava as ferramentas, pegou um punhado de terra e a examinou entre seus dedos, inspecionando.

Depois de alguns minutos chegou o granjeiro.

- Bom dia Senhor Martineaus. Não me reconheces! Procurando falar-lhe em sua linguagem habitual.

- Creio que não, respondeu o agricultor. Deixe-me pensar...

- Vejamos, Não se lembra quando era bem pequeno, por volta dos 10 anos, estava de férias na casa de seu tio de Bagnolet e cortou a perna em três lugares?

- Sim, exclamou o homem. Foi o senhor quem me curou. Fiquei ótimo. Sim, sim era o senhor. Eu era muito pequeno, mas me fixei em seus olhos e em seu cachimbo.

- Isso mesmo, continuo sendo eu, mas este cachimbo não é o mesmo.

- Fico muito feliz por revê-lo. Entrem um pouco para se refrescarem. A patroa já vem, está enchendo os alimentadores.

Eu segui os dois homens. Sentamos, bebemos, conversamos...e eu preocupado com o doente que gemia na charrete.

- Então, o senhor está fazendo um poço pelo que vejo.

- Sim, o velho secou. Deixe-me explicar.

E o granjeiro começou a detalhar seus planos de administração doméstica.

- Muito bem – disse Andreas, depois de tê-lo escutado. Vou lhe falar francamente. A mim me incomoda que o senhor faça um poço.

- Como lhe incomoda? Perguntou o granjeiro espantado. Como assim? Por que? Sei que lhe devo, mas, enfim... isto é demais, é muito estranho o que diz.

- Sim, me incomoda que o poço seja justamente ali, insistiu Andreas – olhando o bom homem diretamente nos olhos. Por isso vim lhe pedir que o escave em outro lugar.

- Mas, como chegastes até aqui? Como encontrastes minha granja? Já faz muito tempo que meus tios morreram e meus pais não são desta região. Como o senhor sabia que eu estava cavando um poço? Disse o granjeiro, tomado de espanto.

- Passeando – disse Andreas suavemente.

- Enfim, reconheço que lhe devo muito. Ademais está em seu direito de não querer contar-me seus assuntos.

- Escuta – disse Andreas sem que seu interlocutor se surpreendera que o passara a tratar por “você” – quanto que você já gastou neste poço? Eu te pago e te indico gratuitamente um lugar onde a água é melhor. Aqui há uma derivação, mas eu te direi onde está a camada. Sabe? É uma água boa para a saúde.

- O senhor mexe as varetas! Eu devia ter desconfiado – disse o campesino.

- Exceto que não tenho varetas. Venha, temos que pegar um trem. Primeiro passo é pagar-lhe o que já gastou. Depois, para seus operários e faça com que cavem no lugar que vou indicar. Se até amanhã a sonda não te der um fio de água especial, me escute, *especial*, poderás ficar com meu dinheiro e seguir com seu primeiro poço.

- Muito bem. Feito – disse o campesino. Vamos colocar isso por escrito, certo?

- Perfeitamente. Mas começa a fechar agora mesmo.

Voltando à granja, o doente que havíamos esquecido gritou desde longe:

- Vão demorar muito? Vou ficar bem?

Fui pedir-lhe que tivesse um pouco de paciência. De repente, no momento em que os poceiros jogaram no aguaceiro as primeiras pás, o rosto deste homem mudou. Ficou pálido, abriu a boca, mas só depois de alguns segundos pode dizer com pavor nos olhos.

- Estou sem dor.

- Não te disse que o campo tem coisas boas? Disse Andreas.

Concluímos rapidamente o assunto. Andreas pagou cerca de quinze *lúises* ao granjeiro, que ainda desconfiava – dando seu endereço para que enviasse notícias do novo poço.

Voltamos à estação a trote ligeiro. A volta foi um pouco incômoda. Eu não entendia nada, o doente muito menos. Só repetia de vez em quando: já não dói nada, não dói nada.

Quando chegamos à praça da Bastilha, Andreas o chamou de lado; eu só ouvia o homem respondendo energicamente: Eu lhe prometo senhor, assim será.

Uma vez sozinhos, arrisquei algumas perguntas.

- O que tem a ver as dores com o poço? Tem alguma relação?

- Certamente, doutor – respondeu Andreas com ar indiferente. Esta terra e as costas deste homem são da mesma família.

Compreendi que não lhe apetecia falar.

- Mas como o senhor sabia disso?

- Passeando.

- Como encontrou este campesino?

- Digo-lhe que, passeando.

Estava claro que não queria ensinar esta noite. Por outro lado, se desculpou por isso com sua graça afável e encantadora, antes de me deixar. Disse que havia assuntos complicados que lhe preocupavam neste momento. Mas não soube de mais nada. Parece que tinha pressa em ficar só.

A MÚMIA

Passeávamos, eu e Andreas, numa bela manhã de outono ao longo do admirável Quai Voltaire (Passeio parisiense ao longo do Rio Sena. NT), cujo encanto nobre e discreto só os autênticos apaixonados por Paris sabem aproveitar. A madeira velha dos bancos, o longo contorno cinza do Louvre, a cúpula do Instituto (Instituto da França, Paris. NT), o perfil da Praça Dauphine apresentam-se com graça, na perspectiva de uma delicada luz; o Sol, à direita, deixa a flecha da Sainte-Chapelle (A Santa Capela. NT) e a Torre de Notre Dame (Catedral de Nossa Senhora de Paris. NT) em uma sombra distante. Paisagem intelectual, bela pela elegância aristocrática, vibrando com tudo que as gerações e os séculos marcaram com seus ardores, com suas dores e seus pensamentos.

Andreas fumava em silêncio, com os olhos fixos no chão quando parou diante das vitrines do mineralogista, que tem seu estabelecimento em frente à velha casa do senhor pintor, o marques Desbouts; se apartou de repente, tomando do mostruário do comerciante de rosto avermelhado uma pequena estatueta egípcia do deus com cabeça de gavião. Gasto, corroído, coberto de uma cor cinza esverdeada, deformada, o bronze não tinha nada de extraordinário.

- Observe doutor – me disse

Observei o objeto com um pouco mais de atenção, quando um mal-estar me invadiu sem motivo. Andrés me olhou e acrescentou sorrindo:

- Viu? Mais vale que nós levemos este pássaro. A outro poderia acontecer algo ainda pior. Vem segue-me. Chamou o antiquário e comprou a estatueta sem pechinchar.

Ao mesmo tempo, me enrosquei na própria bengala e quase caí pesado se Andreas não me segura. A princípio pensei ter sido apenas uma falta de jeito, só depois relatei o incidente ao bronze.

Andreas virou na Pont-Neuf (Ponte Nova. NT), descendo as escadas que estão ao pé da estátua de Henrique IV. Não entrou no jardimzinho, mas passando por trás de alguns pescadores, parou às margens da costa e, dando as costas, se colocou a estudar a estatueta, em silêncio, durante cinco longos minutos. Acostumado com suas esquisitices, eu fiquei atrás sem dizer nada.

Vi uma espécie de fogo azulado sair de suas mãos antes de dissolver-se quase que imediatamente no ar leve. Andreas pegou um jornal do bolso, envolveu cuidadosamente a estatueta, amarrou com um fio e esperou que um bateau-mouche (embarcação típica de Paris, que circula pelo Sena. NT) passasse. Lançou seu pacote na água, o mais longe que pôde. Voltamos subindo à ponte.

- Tudo bem? Perguntei.

Andreas me ofereceu um cigarro e depois de fumar um pouco disse:

- O doutor se lembra da história desta múmia do Museu Britânico que causa tantos problemas aos visitantes, já há uns oito anos?

- Sim – respondi. Todos os jornais já falaram disso, inclusive um grande artigo sobre o caso foi feito na Inglaterra.

- No entanto – continuou – quando morremos não é necessário que o corpo apodreça para que suas células repousem? Muitos espíritos esperam este momento em volta do homem, não é verdade? Portanto, se impedirmos que o corpo apodreça, violamos uma lei natural, fazemos com que as células sofram, privamos certos seres de sua evolução, paramos uma ou várias rodas do tempo.

- Certo. Nunca havia pensado nisso.

- Quando os sacerdotes egípcios embalsamavam milhares e milhares de cadáveres não movimentavam essas forças com uma força enorme? Não encadeavam as almas à terra natal de seus corpos? Não estavam carregando uma enorme bateria com uma força especial?

- Sim – disse eu – creio que sim. Qual era o objetivo?

- Isso é um segredo. É inútil revela-lo. Pensa um pouco, rapidamente encontrará a resposta. Mas, se alguma pessoa ou alguma coisa que não está isolada ou protegida entra em contato com um circuito

elétrico com voltagem, não se produz uma descarga elétrica que pode ter as características perigosas de um curto circuito?

- Claro. Os egípcios fazem isso e suas equipes devem causar, de maneira natural, uma desordem no meio estranho refratário onde estão expostos. Mas, parece que o sarcófago em questão já não contém mais a sua múmia.

- E o que isso muda? Sabes bem que segundo os ritos, as imagens, os signos e as cores que decoravam o sarcófago expressavam a personalidade vital do defunto, e que estavam unidos à ele por meio de encantamentos especiais. Com certeza isso deve estar traduzido em algum lugar.

- Sim, de fato, eu vi isso nos anais do Museu Guimet.

- Muito bem! Compreende agora?

- Sim, creio que sim. Não tem nada que possamos fazer para atenuar este mal?

- Sim, se for capaz de encontrar um homem capaz de ver as coisas que aconteceram há quatro mil anos, capaz de falar com almas atlantes, capaz de desatar nós atados por organizações centenárias, capaz de voltar a colocar em movimento orbes povoados de milhares de espíritos, imóveis desde aqueles tempos, esse homem pode fazer algo.

Como Andreas ao dizer isso havia adotado um ar de mistério que fazia com que seu interlocutor tivesse a sensação da existência de uma força desconhecida, não perguntei nada mais. Foi ele quem rompeu o silêncio.

- Lembro-me, meu caro doutor, há uns quinze anos passava justamente por aqui com um de meus amigos, um senhor de D'Annovilliers.

- O que deixou umas memórias sobre Jean Lorrain?

- Exato. Bem, me contou que na véspera havia jantado na casa do Sr. Sadi Carnot, que na época era presidente do Senado, entregando-lhe naquela noite, para satisfazer sua petição, um pequeno Buda de basalto, que havia recebido de um explorador. Este último a tinha encontrado no país dos Song. Está na Alta Birmania, mais à direita. Também já passei por ali, em minha juventude. Esta estatueta havia pertencido sucessivamente a cinco ou seis chefes que haviam falecido todos de morte violenta. O Bonzo (sacerdote budista. NT) de quem o explorador havia comprado, sendo budista, havia sido bastante honesto avisando-lhe destes pormenores. O explorador também morreu num acidente. Segundo o que contava à mesa o Sr. D'Annovilliers, o Sr. Carnot, não acreditando de forma alguma nestas superstições, insistiu em ficar com este ídolo. Bom, já sabes como morreu Carnot.

- Então mestre, se compreendi bem, não se pode alterar a ordem das coisas, nem violar o curso das leis naturais, nem sequer tirar de seu país os seres que estão unidos à ele.

- Sim doutor, é meu conselho de amigo. Deixe que os mortos enterrem seus mortos. Caso vá a algum país antigo, deixe em paz as estatuetas que pareçam estar esquecidas nos cantos. Mais tarde prometo lhe ensinar como podemos tocá-las.

- E o diamante azul de Tavernier?

- Esta é outra história. Um dia destes falaremos sobre ela.

E tendo acendido novamente nossos cachimbos, seguimos fumando entre os amigos livreiros e os familiares plátanos. (Árvores de Paris. NT).

O PRIMEIRO DE MAIO

Anunciaram imponentes manifestações populares para o dia primeiro de maio; comentei com Andreas, expressando o desejo de saber a que poderia corresponder no invisível as agitações políticas e os movimentos sociais.

Andreas marcou uma consulta tarde da noite. O encontrei com uma mulher de certa idade, a qual me apresentou como vidente.

- Não podemos ir junto ao outro lado do telão. Seria preciso ter um maior domínio de si do que temos. O aspecto de certos seres e a violência de certos turbilhões nos deixaria confusos. Esta mulher irá em nosso lugar e nos contará o que vê.

- Ela não corre o mesmo risco que nós?

- Não. Não está tão descoberta como estaríamos. Estará em uma espécie de observatório.

- Muito bem. Não poderia dar a mim esta defesa?

- Sim, seria possível, se você fosse sensato, mas não é obediente o suficiente. Cometerias imprudências.

- Neste caso – consenti – só me resta inclinar-me.

Esperava ver algo parecido a uma cerimônia mágica, conjuros, mistagogia. Não havia nada disso. Andreas simplesmente disse à sua convidada:

- Sente-se na poltrona. Vamos começar.

- A vidente se sentou comodamente e adormeceu imediatamente.

- Vejamos – me perguntou Andreas – o que é que desejas?

- Primeiro queria saber em que estado se encontra – respondi.

- Mas doutor, se encontrará no estado no qual tu queres que se encontre. Não se trata do fluído ódico que eu utilizo. Sabes bem que existem várias classes de magnetismo. O que vamos fazer atuar é pouco conhecido. Eu não emprego nem fórmulas, nem sugestões e esta mulher pratica os mesmos métodos. Nunca me permitirá enredar com algo a ninguém. Ademais pode ver tão bem o que há em sua carteira, como o que há em tua mente ou em Pequim.

Omito aqui uma dezena de experiências que realizei para verificar estas afirmações, as quais reconheci como exatas. Inclusive vi que o sujeito conservava, durante suas visões, a consciência do plano físico. Só o movimento era difícil.

Finalmente, solicitei que Andreas a enviasse ao invisível social, que me interessava especialmente estudar.

A vidente se voltou para Andreas com um olhar de interrogação.

- Sim, sua escolta está chegando – lhe disse sorrindo.
- Que escolta? Perguntei.
- Irias sozinho a um país completamente desconhecido? Perguntou-me. Caso pudesse escolher iria por uma linha férrea ou caminharia por vários meses. As pessoas com que vai se encontrar não são nem terrestres, nem sequer são homens. É preciso, pois livrá-la de suas perguntas e curiosidades. Existe tantas fronteiras em outras partes como aqui.
- Quem sabe é a isso o que se referem os guardiões mencionados no Pistis Sophia e as palavras de passe das câmeras simbólicas da Maçonaria?
- Com certeza. E voltando-se ao sujeito lhe disse: Já pode ir.
- Como se guia? Perguntei. Existem diferentes tipos de espaço? Que sentidos a guiam?
- Queres saber de tudo, respondeu Andreas sorrindo. Espera, estudaremos isso mais tarde.
- Aqui está o osso, o unicórnio, o leopardo, a rena, o dragão, o leão, a águia, o dromedário, a vaca, o castor, o galo... disse o sujeito.
- Sim, não conte todo o zoológico – disse Andreas. Veja só o que faz o galo, por exemplo, porque é a França o que nos interessa primeiro.
- Existe no mais além um lugar, um espaço, no qual as nações são representadas sob formas de animais? Como é isso? Eu pensava que as Egrégoras fossem campos fluídos. Que faz aí um animal?
- Mas tudo está em tudo – respondeu Andreas. Uma pedra aqui embaixo pode ter forma humana em outra parte. Um arcanjo do invisível pode ser uma gema nas profundidades das montanhas, ou melhor, pode residir ali. O enigma do universo é tão simples! Por isso é que não o resolvemos. Um animal? Mas sim, tudo é um animal: Eu, a Terra, a Via Láctea, um automóvel, a geometria....Jonas e sua baleia, uma cena vivida num canto do invisível.

O que caracteriza biologicamente o animal? É uma individualidade voluntária, responsável, móvel, que mantém sob um domínio temporal um princípio abstrato, de energias fluídas, de minerais, de organismos vegetativos, de vísceras similares aos astros. Só vemos as espécies animais físicas terrestres, mas existem espécies igualmente terrestres, hiperfísicas, sociais, religiosas, humanas, políticas, cósmicas, industriais, intelectuais, etc.

As teorias modernas da matéria irradiante, dos íons, elétrons, evidenciando que a célula orgânica ou o átomo inorgânico são sóis minúsculos, podem ajudar a compreender as antigas visões dos animais sagrados, dos demiurgos Devas, dos dragões ígneos. Nosso corpo não se apresenta como uma pequena nebulosa tão compacta e brilhante que resplandece por cima de nossas cabeças se se inventassem um instrumento que tornassem perceptíveis os íons que os compõem?

O doutor me faz falar como um papagaio.... Olha bem teu galo – continuou Andreas – dirigindo-se à vidente.

- Era belo – disse ela – mas parece desaparecer em fumaça e outros animais saem do nevoeiro na qual se converteu. Parece um campo cercado. Aqui há um rebanho de ovelhas em plena confusão que se batem e esperneiam. Estão muito sujas. Cães Buldogue estão ao redor delas. Estão defendendo estas bestas enlouquecidas, mas às vezes matam uma e a devoram. Há um grupo de pequenos animais, parecidos a cães, vindo em direção a este primeiro grupo. São de todas as cores e

de todas as formas. Uma espécie de monstro imóvel, com braços como de polvo, está perto deles, excitando-lhes para que se avance ao assalto das ovelhas.

No centro destas há uma raposa que comanda os bulldogues. Num canto, atrás dos arbustos, um crocodilo parece dormir, mas as gralhas e pássaros vão e vem em torno da raposa e do polvo. Pousam aqui e ali sobre os dois rebanhos, cuja confusão aumenta com gritos e bicadas, enquanto que a raposa e o polvo se consultam de vez em quando, parecendo estar de acordo para reforçar o terror das ovelhas e agressividade dos cães. De vez em quando devoram os feridos, mas não se dão conta que, na verdade, é o crocodilo que os digere. Vejo um homem. Leva uma rede de pesca. Vejo que ele a estende entre os dois rebanhos. Os cães param pouco a pouco. As ovelhas voltam a pastar. O homem olha para os três animais chefes e faz com que venham para um canto. Fala com eles várias vezes.

- Está bem. Interrompeu Andreas. Descansa um pouco.

- Que significa tudo isso? Perguntei.

- Caso ela tenha inventado toda esta história ou eu a tenho sugerido, não quer dizer nada. Quem sabe ela verdadeiramente viu esta cena diante de seus olhos.

- E neste caso?

- Cabe a você encontrar a resposta. Talvez se trate de uma alquimia ou de astrologia; talvez se trate de um fenômeno social, como vou saber? A única coisa que o sujeito fez foi observar. Seria preciso conversar com estes seres. Mas isso seria cansativo demais para ela.

- Para que serve então esta sessão de sonambulismo?

- Não serve para muita coisa doutor. É preciso compreender que é bom ter entusiasmo, mas não se podem realizar trabalhos que estão acima de nossas forças. Fossemos puros, você e eu, se pudéssemos ser chamados filhos de Deus, nada da criação nos seria oculto. Compreenderíamos todas as coisas e todos nos entenderiam. Seríamos humildes, seria possível nos colocar em contato com o espírito das nações ou das organizações políticas e religiosas e guia-los segundo os desígnios da Providência. Até lá só podemos trabalhar em silêncio, nos entregar e ter confiança em nosso Amigo.

OS INVISÍVEIS

Andreas havia ido à Bretanha em uma destas curtas viagens imprevistas que costumava fazer. Passou para me pegar em Nantes. Naquela noite devíamos visitar um camponês doente que vivia cerca de 10 km de Vannes, em uma casa cinza com um grande telhado, que as árvores do caminho só permitiam ver a cúspide.

O reitor acreditava que o camponês estava possuído. O médico queria lhe internar o quanto antes, pois sabia que era alcoólico.

Na casa destes taciturnos bretões, Andreas havia sido comedido nas palavras. Na sala escura, na qual uma pequena lamparina animava as sombras, a avó e a filha se dividiam entre as panelas e o berço. O homem estava sentado conosco, com seu bastão nas mãos, chapéu e cachimbo. Andreas fumava também enquanto bebíamos um copo de cidra. Um gato magro rodeava e dois cães salpicados de barro, de olhos brilhantes, se aqueciam em frente à chaminé.

La fora o vento começava a soprar. Começou com uma pequena canção na chaminé, mas logo se converteu em uma furiosa orquestra que fez ressoar de cima a baixo a velha e sólida casa. Como em setembro as tormentas são raras, uma das mulheres, um pouco surpresa se levantou e entreabriu a porta para ver o quintal. Vi ela fazer um gesto, dar uns passos pelo caminho e voltar correndo. Seu rosto ficou da cor das cinzas. Disse em voz baixa: Não corre nem um fio de vento e se benzeu. Seu homem levantou a cabeça como alguém que desperta de um sono. Levantou-se e ergueu seu bastão com agilidade selvagem. Mas Andreas já estava de pé e lhe olhava com a luz de suas pupilas imutáveis.

O camponês se colocou de quatro, começando a morder os bancos aqui e ali e a uivar como lobo quando está furioso de fome. As mulheres tremiam, em grupo debaixo da escada, tendo escondido os animais atrás delas. Quanto mais forte soprava a tormenta, mais forte o homem uivava. O demônio negro do Terror agitava nesta sala seus venenos mais mortíferos. Eu me incomodava por Andreas não esboçar reação. Tinha que fazer algo, precisava fazer alguma coisa... Os minutos se passavam com o mesmo concerto do vento e do possuído.

Foi então que uma Coisa marrom empurrou a porta com sua pata, silenciosa, muda, alta como um grande lobo velho, ágil, pelo liso, espumando pelo nariz, olhos vermelhos acesos veio se sentar na frente do homem, que continuava latindo e que, com o alento pestilento da besta, era atacado por tremores convulsivos.

Andreas se colocou entre os dois e a besta dirigiu à ele seus grandes olhos claros, cruéis e astutos. Andreas pegou suavemente a enorme cabeça selvagem, suas mãos recorriam o pelo espesso e, no entanto, eu via como que se o corpo do lobo tivesse ficado diáfano por alguns momentos. Isto fez com que eu perdesse meu sangue frio. Um odor indescritível saía a baforadas de seu nariz espumante. De repente a besta se recolheu para atacar, mas Andreas a segurou pelos ombros e ali ficaram os dois, olhando-se nos olhos, até que, assim como se apaga uma vela, o fulgor vermelho que se agitava no centro dos olhos selvagens se apagou.

- Faça com que todos saiam. Senta o homem, rápido! Disse Andreas.

Coloquei pra fora as mulheres, o berço e os cães e levantei pessoalmente o homem que havia se calado. A tormenta diminuía ao mesmo tempo. A besta caiu sobre suas patas e retrocedeu até a boca da chaminé desaparecendo em vapor. O camponês se esticava, esfregava os olhos e reclamava. Viu baba na manga de Andreas, dando um pequeno sobressalto.

- Escuta Jean Marie, disse Andreas. Dentro de uma hora te lembrarás de tudo, mas nunca falará nada. Vá imediatamente buscar a senhora Le Dallo. Esteja lá amanhã ao amanhecer. Volte à pé, dê à ela cem francos, já sabe e faça com que se reze uma missa para ela todos os sábados. Prometido?

- Sim, disse o homem, dirigindo-se à frente de uma pequena Virgem de gesso que estava sobre a chaminé. Benzeu-se e rezou um Pai Nosso, uma Ave Maria e disse:

- Juro devolver as vinte pistolas (Nome familiar que designa 20 luises, antiga moeda francesa. NT), mandar rezar as missas e nunca falar disso.

- Está bem. Disse Andreas. Quero te ver a caminho. Não tenha medo, nada te acontecerá no caminho. Pelo menos esta noite.

Três minutos depois, nos encontramos na estrada. Jean Marie se afastava rumo ao norte, enquanto voltávamos à Vannes.

Como era natural, comecei com minhas perguntas para Andreas.

- Era uma vingança – me respondeu.

- Mas o lobo era translúcido e mesmo assim pesava, era material, porque sujou seu paletó.

- Sim - respondeu. Por acaso não estudou magia? Sabes bem o que é a licanthropia. (transtorno mental em que o indivíduo acredita ser um lobo e se comporta como tal. NT). Estamos no país dos homens lobo. Nos locais onde a Natureza é forte, o homem é pouco intelectual, oferecendo aos espíritos das pedras, dos bosques, das poças de água, das nuvens, dos ventos, das terras não cultivadas, muitos meios de atuar. Desta forma, as criaturas psíquicas são videntes, intuitivas, médiuns e as criaturas invisíveis estão mais perto da matéria.

- Uma prova mais de que a Natureza procede sempre por gradações imperceptíveis; de que, em todas as partes o homem possui de forma inata a intuição do invisível.

- Sim, em todas as partes o homem recebe interiormente o que necessita. Hoje tendemos a dizer que as ciências misteriosas não chegam todas do oriente. Não está correto. Não somente nos livros ocidentais, mas também nas tradições populares encontram-se todas as teorias que ensinam o esoterismo da Índia, China e do Tibet. Simplesmente estamos sob o império de uma fascinação mental, enviada sobre nós por certos homens poderosos, mas que não durará para sempre.

- É verdade que o Zohar contém todas as ideias que eu havia visto antes nos Puranas. A teoria bramânica, dos períodos cronológicos, está também no Sepher e no Trithemius, e em Arbatel. Caso completemos a Agripa com certos padres da Igreja, podemos construir uma pneumatologia tão complicada ou tão complexa como a dos Vedas. Paracelso tem os mesmos ensinamentos de medicina, de história natural, de física e química que os samitas hindus. Mas será que podemos afirmar sempre que o Oriente é a fonte da qual todos os iniciados bebem?

- É verdade. É inútil discutir quem foi primeiro. O fato é que ninguém compreende nada de nada. Temos apenas aparências de compreensão. Nem o cabalista, nem o pitagórico, nem o iogue, nem o arhat, nem o walí, nem o santo, ninguém chegou, mais do que outro ao zenit do conhecimento e do poder. Só possuem aproximações, mais ou menos aproximadas. Cada um se encontra em um topo da montanha. Todos enxergam pedras, árvores, animais, povos e nuvens. Esta é a concordância das tradições, mas nenhum vê os mesmos bosques, nem as mesmas aldeias. Estas são as divergências entre as tradições.

- Quer dizer que os objetos dos quais o esoterismo se ocupa estão afastados demais de nós para que possamos distinguir outra coisa além de grandes conjuntos?

- Sim. Quando o investigador encontra algo claro, preciso, neste ponto se reúnem tantas forças diferentes que lhe é impossível nomear a todas; por conseguinte, não é possível dar-se conta da verdadeira natureza de seu descobrimento. Assim, a cena que se passou a um momento é o último ato de um drama que começou há quatrocentos anos. Esse camponês e a bruxa que tomou a forma de um lobo são velhos inimigos. Vão se reconciliar em seguida, mas quem contará os milhões de espíritos de todas as classes que seu ódio secular colocou em movimento?

- Quem vai colocar ordem em tudo isso?

- Deus, por meio de certos seres. Tudo está vivo, tudo tem seu espírito, sua inteligência. Toda forma material é o espírito de um gênio. Sim, supondo que possa fazê-lo, quero reconciliar estes milhões de centelhas de vida, precisaria de mais tempo do que este homem e esta mulher empregaram para fazer-lhes batalhar. Se me dirijo a vários chefes destes gênios, precisarei busca-los, encontra-los, quando provavelmente se foram para muito longe desta terra. É mais simples que me dirija à Deus,

que tudo sabe, e que em abrir e fechar de olhos, faz com que esta multidão compareça diante Dele e a julgará, reorganizando-a.

Então, todos os livros de magia, de pneumatologia ou de angeologia, apesar de conter informações exatas, incitam o investigador a dirigir-se às causas secundárias e não à causa primeira?

- Justamente. Apesar de que todos dizem dirigir-se à Deus, não empreender nada sem conciliar sua ajuda por meio de uma conduta pura, sempre pulam esta página, pensam que serve para o povão, não para o iniciado que acreditamos ser. Corremos atrás do secreto, das curiosidades e no final, nos perdemos.

- Em resumo, existem gênios, chefes, príncipes, governadores e reis invisíveis, deuses dos planetas, raças, nações, cidades e cabanas, guias de profissões e situações individuais, socorristas que nos ajudam. A cabala, as religiões, o sufismo, o budismo, o bramanismo, todos são unânimes neste ponto. Mas, é mais prudente e mais eficaz não buscá-los e não pedir a ninguém mais senão à Deus.

- Sim. O homem deve atuar com a Luz que lhe faz homem, ou seja, com a chispa divina depositada em si, desde o começo... Quando atua com um dos corpos desta chispa, com sua inteligência, magnetismo ou vontade, atua no exterior e sobre o exterior e não mais no centro e sobre o plano central do mundo. Fica no centro, na unidade, na harmonia e tudo o que fará irradiará unidade, harmonia e paz. Repito: tudo o que os maiores homens, tudo o que já foi revelado aos mais puros não constitui nem a milionésima parte da Ciência total. Cada qual segue seu caminho. Não há polêmicas, nem críticas, nem combates neste plano Uno no qual deveríamos estar. O que acredita ser verdadeiro, fale e, sobretudo, faça com que se torne realidade. Os outros fazem o que tem que fazer. O Amigo está aí para lhe ajudar em tudo, para colocar cada um em seu lugar, segundo um plano que apenas Ele conhece. Trabalha assim e permanece em Paz.

A VIDEIRA

Ao invés de regressar imediatamente a Paris, Andreas pegou o trem de Chinon, descendo em Le-Bouchard. Subimos por uma pequena via férrea de interesse local, junto a uma multidão de granjeiros que voltavam do mercado. A pequena locomotiva avançava ladeando entre colinas aquecidas pelo sol de verão. Separados por muros de pedra seca, os vinhedos escalonavam suas linhas de brotos, a se perder de vista, as plantas de folhas azuladas pelo sulfato. A temporada se anunciava fraca. Os camponeses se queixavam que a colheita seria apenas a metade da normal. O vinho provavelmente não podia ser guardado, nem os polvos, líquidos, fertilizantes, enxertos podiam parar as novas doenças que sempre apareciam. A ruína se apresentava. Era preciso alguns bons anos para se recuperar um pouco.

- Vocês tiveram vários anos bons – disse Andreas. Para que serviram? Economizaram? Esbanjaram? Fizeram algo pelos pobres? Não. Muito bem. Por que esperam que a terra seja melhor que vocês?

- Vocês não contam tudo que temos gastado com plantas da América, com fertilizantes, irrigação.

- Este ano foi muito útil – respondeu Andreas. De fato, nada poderia ter contido a doença. A ciência dos agrônomos deveria ter declarado sua impotência e se voltado para práticas empíricas, das quais falam os velhos, sentados embaixo da árvore, com o bastão embaixo da barba e o cachimbo na boca.

- Sim – continuou Andreas – em outros tempos o bom Deus passava pelos campos, mas hoje vocês são autossuficientes! Seu bom Deus é o sulfato de cobre, e seus anjos são os fosfatos. Consiga algo com eles agora que esgotaram a terra. A preguiça impediu que plantassem viveiros, o que não é

natural. Sabe-se muito bem que se um homem só bebesse aguardente, sem comer, morreria. Não se pode forçar. Sabem tratar bem a seus cavalos e bois, façam o mesmo com a vinha.

Os camponeses escutaram sem dizer nada, para não parecer que mudavam de ideias como cata-vento, mas alguns se deram conta em seu foro íntimo de que este senhor poderia estar certo.

- No entanto – perguntei a Andreas – não tenta aproximar esta gente à igreja e ao sacerdote?

- Por que não? Respondeu-me. Eles não precisam ter uma visão geral do governo. Nasceram camponeses. Isto quer dizer que só devem obedecer, desta vez. O catolicismo é a melhor das religiões.

- Sim. Mas, qual a relação entre catolicismo e a doença da vinha?

- A Relação é muito estreita doutor e também com a doença do gado, do granizo, com a chuva, com o vento e com muitas outras coisas.

- Como assim?

- Isso ocorre de maneira muito natural. A característica da religião de Jesus é unir a criação inteira com Deus, porque é a religião do Verbo. Compreende isso, doutor?

- Sim, mais ou menos. Mas parece que vai me dar trabalho explicar aos filósofos.

- Nem é preciso! Seria preciso antes, fazê-los compreender a realidade objetiva da religião. O único que enxergam é um conjunto de fórmulas subjetivas. Nos dogmas só enxergam símbolos intelectuais e nos ritos apenas símbolos morais. O dogma é algo em si mesmo e o rito contém em si mesmo uma virtude. Sim, além disso, o sacerdote é um santo, esta virtude aumenta. Mas, para não nos desviarmos de nosso tema, é preciso levar em conta, para explicar a influência que uma oração litúrgica pode ter sobre um fenômeno físico, que o círculo coletivo de uma Igreja abarca mais que os homens que formam parte dela. A igreja católica, por exemplo, não abarca unicamente os sacerdotes, e fiéis mortos e vivos, inclui muitos outros seres, visíveis e invisíveis. Primeiro estão os gênios das nações que a reconhecem e os gênios subordinados que lhes obedecem. Inclui certa porção de espíritos infernais e de espíritos celestes, de espíritos das ciências e das artes próprios a estas nações; os espíritos das cidades, dos povos, dos rios, das montanhas, dos bosques, dos campos que dependem dos gênios nacionais ou étnicos; os espíritos das instituições, políticas, civis, intelectuais; das máquinas, das casas, dos palácios. Em resumo, os espíritos de todas as classes de seres e de formas materiais, construídos pela força da Natureza ou pela vontade dos homens, que entregaram sua fé ao senhor desta religião.

- Poderíamos inventar uma fisiologia espiritual da religião, do estado, da indústria, de todo o que constitui a civilização?

- Sim, respondeu Andreas. Lembre-se que a Natureza só trabalha segundo um único plano e que a mesma lei pela qual o astro se desenvolve rege o grão, ou seja, a virtude e a tudo o demais. Vê como o Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda? Vê com que atitude interior é preciso estudar o Evangelho?

- Sim – respondi. Intuo vastos horizontes. Mas, voltemos aos nossos vinhedos danificados. – porque sabia que poderia evitar a pergunta habilmente.

- Muito bem! Voltemos – disse Andreas. Qual é o ato mais elevado que um homem pode fazer, ato ao qual pode aplicar suas energias mais profundas e puras e com isso despertar mais ecos em todas

as esferas de sua individualidade? Não é o ato religioso? Por isso, já que tudo está relacionado no universo, já que não podemos fazer nada sem que haja repercussão no meio, com mais razão a oração, movimentando nossos centros mais secretos, moverá por reação todos os centros do meio ao qual estamos atados.

- Existe algo mais? Perguntei.

- Sim, na comunidade social, a célula encarregada de representar a função da oração que é o sacerdote, pede alguma coisa, segundo as fórmulas indicadas pela tradição, ou seja, pela cadeia de sacerdotes ancestrais até chegar ao fundador desta religião; essa petição encontra um eco nos outros membros da referida coletividade. Da mesma forma, quando teu coração ora, o resto do corpo sente algo. O resto da coletividade visível e invisível está em oração e por causa do nome de Deus que está sendo invocado. As partes da coletividade que discordam da lei acabam que, voluntariamente ou pela força, por acatá-la.

- Sim respondi. Gostaria de acreditar, mas ainda não compreendo com clareza.

- Claro que não compreendes, exclamou suavemente um sorridente Andreas. Não te digo estas coisas para agora mesmo. Só precisará delas muito mais tarde. O doutor esqueceu delas tempos atrás, mas, sabe, às vezes ocorre em nós certos tremores de terra. Às vezes as capas profundas de nosso espírito voltam a subir até o sol da consciência, enquanto que o que estava no alto se enterra no subsolo escuro. Isso deve de estar escrito no Evangelho.

- Talvez quando revela: “Ele derruba os poderosos, etc.”.

- Sem dúvida – respondeu Andreas. Bem. Quando o sacerdote, o mestre, as crianças, os camponeses e algumas boas mulheres passavam os Santos Sacramentos pelos campos de trigo, cantando salmos com a voz desafinada, espectadores invisíveis desta cerimônia estavam presentes. Escutavam as palavras latinas, ou melhor, a fé que dinamizava estas palavras lhes aparecia como rastros de luz, como barreiras de fogo, como pontas. Os pequenos seres que fazem o granizo, a chuva e o vento, obedeciam melhor do que obedecem a estas trombas que se espalharam pelas vinhas.

- É tão simples assim como diz?

- É sim, a Natureza campestre é muito sensível às forças psíquicas. É por isso que os bruxos ou os salmistas têm mais êxito nos campos do que na cidade. A religião é algo tão natural, o coração é tão manifestamente receptáculo da vida, que ambos encontram sua expansão mais normal fora das criações artificiais do ingênuo humano.

- Podemos encontrar aqui a razão do fracasso dos tratamentos químicos dos vinhedos nestes anos?

- Sim, podemos. A terra, que está viva, se acostuma a quase tudo, como um simples Mitrídates. Ademais, o produto químico está morto a maior parte do tempo. Em consequência, não pode dar o que não possui. Portanto, só se trata de um excitante para o solo, como o álcool e o café para o nosso corpo. Tal como o corpo, a terra tem apenas uma capacidade limitada de absorção. Uma vez saturada, chega ao limite de seu rendimento e não pode sobrepesá-lo. É preciso que o cultivador procure outra coisa. É o que se passa neste país. A justiça imanente, às vezes, emite decretos que são executados apesar de todos os artifícios dos engenhos humanos. Quando os homens são obstinadamente avaros ou maledicentes, por muito tempo, apesar da clemência do clima ou da bondade do solo, certos seres – os justiceiros – abrem certas portas do outro lado. Então a avareza e a maledicência humana entram num lugar onde recebem da vida certa faculdade de procriação orgânica. Forma-se, então, na superfície do Sol, nos bolores, um pouco por toda parte, microorganismos à princípio unicelulares que evoluem rapidamente, convertendo-se em

animáculos. A filoxera não tem outra origem. O que te digo é tão certo que, em todo esse país que percorremos, só há uma vinha quase sana, a vinha de um homem que ora.

- Há, portanto relações estreitas entre o que os ocultistas chamam de astral e o físico?

- Claro que sim. Todas as parte do universo estão perpetuamente relacionadas, se banham uma nas outras. Salvo quando, excepcionalmente, um muro se constrói para realizar um isolamento local e temporal. Esta é a causa desta infusão universal que as religiões tanto recomendam que é oferecer à Deus todo ato e todo pensamento.

- Mas com relação aos seus pobres, o Céu não fará algo desta vez para salvá-los da ruína? Quem sabe desta vez se emendam ao se verem tão mal.

- Já faz muitos anos que o Céu tem paciência com eles – disse Andreas. Mas isso não mudou nada. Deus tem muito tempo. Se ao menos tivesse um entre eles que compreendesse o que Deus pede, muito sofrimento seria evitado. Mas nada!

- Então por que não avisar a este homem do qual me falava a um momento?

- Muito bem! Avisaremos – respondeu Andreas com o tom que tomamos diante das perguntas inoportunas de uma criança. Se os homens se dessem conta de que são objetos de incessantes solitudes! Somos vulneráveis por todos os lados, desde nosso corpo até a própria ponta de nosso espírito. Roçamos a morte – as mortes – várias vezes ao dia. Não, o homem não cultiva o agradecimento o suficiente. Assim, nós viajamos sem maior complicação desde esta manhã, de forma tão natural. Somos uns ingratos!

E com estas palavras, Andreas submergiu, com os olhos meio fechados, em uma longa e taciturna meditação.

AVALANCHE NO HIMALAIA

Certa noite, ao chegar à casa de Andreas, o encontrei ajudando sua mulher em um preparativo de viagem. Uma amiga íntima, doente, havia lhe pedido que fosse vê-la, devendo pegar o Expresso do Sul imediatamente. Acompanhamos Estela até a Estação de Austerlitz. Andreas fazia de tudo para vê-la bem acomodada; percebi a cortesia especial de seus modos, algo que só havia visto antes em dois ou três velhos senhores. Andreas conhecia a todos, desde o comissário, até os homens da equipe de trabalho.

Quando o trem partiu, propôs um passeio noturno pelo campo. Aceitei com entusiasmo. Uma noite de papo, com semelhante companheiro de caminho era uma sorte.

Propus pegar um trem suburbano para chegar mais rápido ao campo. Foi assim que por volta da uma da manhã, os habitantes de Villaine, sem dormir ainda, puderam perceber, graças à Lua, suas sombras através dos campos, dirigindo-se para as colinas arborizadas que dominam o vale da Bièvre.

- Estes são – disse eu – os países que eu gostaria muito de conhecer: a Grande Tartária: Índia e China!

- Sim. Mas, quantos viajantes deixaram ali sua pele! Há regiões que já possui uma reputação para a qual podemos nos preparar, como a Índia, o Himalaia. Mas o clima do Turquestão, da Mongólia não é menos mortal. Lembro-me de ter sofrido muito ali.

- Como assim? Perguntei.

- Foi assim. Era minha primeira viagem a Lhasa. Naquele momento tinha a moral particularmente baixa, como essas ocasiões que você me relatou. Como a desgraça nunca vem só, eu tinha também outras fontes de preocupação. A minha situação era a seguinte: Em toda a Ásia, como certamente sabe – continuou Andreas – a política e as ciências ocultas estão estreitamente ligadas e se ajudam mutuamente. Os brâmanes estão mais ou menos tranquilos em sua etnogenia. Os mulçumanos já são mais ativos, dando bastante dor de cabeça tanto à imperatriz das Índias como ao Kzar. Enquanto à China, todo mundo está hoje à corrente das surdas e lentas maquinações das sociedades secretas contra a dinastia manchú. Os anamitas sonham em recuperar a autonomia e os tibetanos vigiam do alto de seus nevados observatórios os movimentos dos povos que se agitam neste imenso continente.

As migrações dos nômades budistas de Tartaria, dos maometanos iranianos, afegãos e hindus, dos taoístas, dos membros da Tríada e do Nenúfar branco lhes são fielmente relatadas por rápidos emissários e por uma espécie de telefone sem fio que conhecem desde séculos. Os lamas estudam com interesse a descida dos russos ao sul e a subida dos ingleses ao norte. Por outro lado, todas suas simpatias se dirigem aos primeiros.

Não se pode fazer um fastidioso resumo da política tibetana, nem das vicissitudes deste sacerdócio central. Basta saber que o Dalai Lama e os grandes lamas de Tartaria estão muito mais de acordo do que crê a massa de seus fiéis. Seu supremo conselho, que inclui além destes budas viventes, os chefes de todos os cultos iniciáticos da Índia, China, Japão, Anam e Malásia, projetava iniciar uma aproximação de um chefe de um grande império Europeu. Isso já faz muitos anos. Precisam de um emissário que estivesse a par das coisas do Ocidente e puseram seus olhos em mim.

Mas os mensageiros, as caravanas, o cerimonial não lhes permitia manter estas negociações em segredo absoluto. O grande povo, os noviços, os lamas, inclusive os Khampos ou cardeais, estariam prontos devido as inevitáveis idas e vindas que ocasionam estes procedimentos diplomáticos. Era preciso, portanto, buscar um pretexto que justificasse aos olhos da população a importância outorgada à minha pessoa.

Neste instante, Andreas parou, ascendeu seu cachimbo, observou os vales adormecidos sob a Lua e disse:

- A Natureza é clemente aqui.

Logo, afastando-se alguns passos, se manteve imóvel, numa contemplação silenciosa. O leste já se clareava um pouco. Os coelhos se aventuravam sobre a avenida, as andorinhas cantavam ao redor de uma granja e no vale. De repente apareceu o Sol diante de nós, por cima do Bosque de Hay e, ao mesmo tempo, uma cotovia surgiu deu um surco da terra, como uma bala, entoando sua oração matutina.

Andreas voltou-se para mim para continuar seu relato.

- O Transcapiro não estava terminado. Meu cortejo e eu fizemos a rota à cavalo, através das planícies do Turquestão. Vi as ruínas da antiga Amarcanda, de Merv, centros desaparecidos da brilhante civilização árabe. Gostaria de te ver ali: assado durante o dia, cegado pelo polvo à tarde, gelado pela noite, sofrendo de sede continuamente, não podendo acalmá-lo por medo das infecções intestinais, vítima da areia ruim que deixa mal-humorado aos mais pacientes. Mas te contarei sobre isso outro dia.

Uma vez completada a minha missão, voltamos ao Tibet. A viagem se fez tranquila até os altos maciços do Hindukush. Coisas terríveis me aguardavam no teto do mundo. Era a terceira vez que meu destino me levava às nevadas soledades do Himalaia. Mas, apesar de que o frio, o cansaço e a fome me repelissem – apesar da paz que sempre senti no mais profundo de um deserto – as penosas subidas, as perigosas descidas, as tormentas, as terríveis ilusões óticas, não eram nada comparadas com as alegrias do montanhista. Carregar os pulmões com o ar gelado dos cumes embriagar-me de noite com a vista de um firmamento esplêndido, saborear a magia do Sol nascente e as trágicas orquestrações das cores do Sol poente, submergir na tranquila beatitude das noites, quando a Lua ilumina o silêncio formidável, solo perfurado de tarde em tarde pelo grito de uma besta cassada no fundo dos vales. Nesta paz imensa, imóvel e cheia de vida, a majestade da Natureza visível exalta o coração do homem até o Invisível. Ali descansa mais perto da Grande Mãe. O artificial e o inútil se perdem como folhas secas. A mesma enormidade das formas materiais terrestres que te oprimem, faz surgir do fundo de teu coração uma pequena queixa, tão débil, que é a única capaz de subir ao Céu e fazer de dele descenda o Amor.

Não é por acaso que os episódios mais importantes da história religiosa aconteçam no cume das montanhas. O monte Meru, Nebo, Horeb, Tabor, Calvário são trampolins misteriosos desde onde se lança, com esforço sobrenatural, a oração dos iniciados. São Refúgios da Graça onde descem, desde as margens eternas, a nave que lhe traz ao sacrificado as ajudas necessárias para a consumação do holocausto.

As emanções das correntes telúricas se depositam no fundo dos vales. O ar da montanha é mais são, a terra é mais rica. Debaixo da neve, os rochedos incubam silenciosamente a formação de aluminas virgens. A água das montanhas flui por eles, vigorante, saturada dos sabores do solo materno. O odor dos bosques enche o peito, o vasto horizonte agudiza o olhar, a escalada de encosta íngreme forja músculos de aço. O cataclismo imprevisto das avalanches, as traiçoeiras rachaduras, colocam os nervos sob o controle de uma vigorosa vontade. A solidão exalta a alma, tornando-a ávida de absorver, ela também, os ventos impolutos dos cumes místicos.

Na intimidade da Natureza, a cultura do civilizado se seca e desaparece. O sentido íntimo recupera seu lugar normal. O instinto do verdadeiro, uma vez despojado dos preconceitos e das convenções sociais, pode abrir livremente suas verdes frondosidades, na perpétua primavera de uma alma inocente de novo. Ah! Se os homens não quisessem ser mais sábios que a Natureza! Se percebessem que seus sistemas são estéreis e não geram mais do que frutos insípidos, permitiriam, sem se preocuparem com o amanhã, que as forças vivas de seu interior se movimentassem levemente aqui e ali, se abrissem aos raios do verdadeiro Sol, provariam a alegria em si e em torno de si, como um coro de meninos dançando frente à porta da cabana!...Mas, já não queremos entender que o simples é o verdadeiro.

Certa noite, havíamos acampado na face sul de uma montanha para resguardar-nos de um vento forte que nos havia castigado o dia todo. O Céu estava claro. Nada indicava uma tormenta e, no entanto, eu havia visto alguns falcões de cabeça branca rumo ao norte, contra o vento, abaixo de nós, nos vales. Comentei meus temores a meus companheiros, instalando minha tenda onde, como candidato ao Nomekhanat, eu dormia só, entre as rochas, em uma orientação sul-norte. À noite, acordei como um baque no meu teto de lona. Com estávamos rodeados de fendas e precipícios, esperei até de manhã para ver o que era passando algumas horas escutando a tormenta de neve golpear as paredes de minha “yurta tártara”.

Quando o barulho parou quis sair. Tive que empurrar a neve. Um sol resplandecente fazia brilhar o imaculado platô e os picos de diamante. Mas meus companheiros, suas tendas, seus camelos e os cavalos, tudo havia desaparecido. Um iceberg havia se formado entre as rochas que cercavam minha yurta, como se fosse uma cabana com muros de neve. Inspeccionando o lugar encontrei um retalho de feltro há vários metros abaixo de mim. A caravana inteira havia sido arrastada como uma

folha pela avalanche e eu estava só, com um saquinho de chá, sem água, nem fogo, a cerca de 5 mil metros de altitude e 35 graus abaixo de zero.

No entanto, não estava excessivamente preocupado. Se meus servidores haviam sido realmente vítimas de um acidente eu poderia, através de uma aplicação que vocês chamam de telepatia, pedir ajuda ao convento mais perto e esperar vários dias mergulhando em um dos estados letárgicos da Hatha Yoga. Mas, se meu abandono havia sido premeditado, só podia contar comigo mesmo. Nenhum lama atenderia a minha chamada. O mais prudente naquele momento era me proteger da fome.

Certamente já ouviu falar de adeptos que puderam materializar, por exemplo, um saco de arroz desde que tivessem um grão para servir de base, de ponto de apoio. Eu só dispunha de chá, o qual não é alimentício. A neve havia coberto os excrementos, onde se pudesse encontrar um fragmento vegetal esquecido pelo estomago dos camelos. Não podia usar este procedimento. Mas, me era relativamente fácil, com um pouco de paciência, atrair e absorver certas partículas que provém da decomposição das rochas e da chuva. O mineral, que os médicos têm estudado muito já ha um século, possui tudo que o homem pode necessitar. Assim, pois, a matéria prima não minguava.

Já havia colhido um punhado de pó avermelhado, preparado um lugar abaixo da minha yurta, escrito as fórmulas e planejado a operação, quando, sem razão, estas palavras que havia lido no ano passado e já havia esquecido, atravessaram minha memória: “Faz com que as pedras se convertam em pão”. Levantei-me, profundamente comovido. Com que direito iria molestar o plano da Natureza? Que seria de todas estas vidas microscópicas que minha vontade ia jogar a um território espiritual – que não era o seu – destruindo a curva de sua evolução, tiranizando-as para fazê-las realizar uma tarefa para a qual não estavam preparadas? Talvez minha vida seja mais preciosa que todo este pó, mas se continuo com minha operação, prevalecerá a lei do mais forte. Se faço uma injustiça hoje, que abusos de poder não farei amanhã?

O tempo passava. Teria que adiar para o dia seguinte a transmutação que havia previsto. As ideias se amontoavam na minha cabeça. Resistir a essas sugerencias será a morte. Não tenho medo de morrer, mas não quero morrer. Mais que o desejo de viver, é meu orgulho que está ferido. Começo de novo os preparativos para minha operação. Está tudo pronto, vou pronunciar as palavras rituais e...meus lábios ficam calados. Algo descendeu sobre mim, como um licor amargo e adstringente. De repente me senti tão pequeno, tanto de corpo como de inteligência, que fiquei ali, parado como um inseto, aferrado à parede rochosa, esperando o desconhecido e feliz por esperar, em uma noite de refulgentes estrelas.

Ao amanhecer, saí deste perigoso torpor. Os escrúpulos místicos haviam desaparecido. Havia me esquecido das dignidades, dos mistérios, da política mundial, da igreja dos lamas. Não era mais do que um montanhista faminto, mas desperto e querendo enfrentar-me com a maior destreza com a neve, com o frio e os precipícios.

Peguei o feltro da minha tenda em forma de trenó, ao qual me ateí o melhor que pude. Provido de uma estaca em cada mão como guia e, confiando em minha boa estrela e em minha experiência com a neve, me deixei deslizar por uma descida que tinha certa continuidade, ao pé da qual esperava encontrar, em algumas horas, com algum ser vivo.

As contusões não faltaram, nem o risco de quebrar o pescoço. Mas, cerca da metade do dia, já tendo descido cerca de dois mil metros, localizei uma faixa de grama e, um pouco mais abaixo, algumas árvores. Estava salvo.

Juntei minhas forças para lançar uns gritos de socorro, que o eco poderia levar até aos ouvidos de algum pastor. Tive a alegria de ouvir ressoar no ar uma resposta ao longe. Uma meia hora mais

tarde, um campesino subia à costa correndo, todo contente de poder ajudar um santo lama, sentado sob os pinheiros, com grande ar de nobreza e despreendimento.

A PROVA

Alguns dias mais tarde – continuou dizendo Andreas – conduzido por alguns pastores, eu voltei à minha barraca para esperar ali, com a maior tranquilidade possível, acontecimentos que pressentia decisivos. Logo chegou o embaixador do Grande Lama de Urga, com o pretexto de festejar um aniversário. No dia seguinte, vieram me buscar com grande pompa, no meio de um estrondo de sinos, fogos de artifícios e aclamações populares. O conselho dos doze nomekhans estava reunido. Colocaram-me no centro. Em silêncio me apresentaram um grande pergaminho no qual, para minha surpresa, podia ler que havia sido escolhido para ostentar um alto cargo se, durante minha missão europeia, não tivesse dado provas notórias de minha incapacidade. Olhei para a assembleia de forma apagada, já que pressentia que todos estavam ocupados em espiar-me com toda a força de sua atenção. Qualquer um que estivesse em meu lugar haveria se defendido destas acusações, uma vez que a punição para estes juízos secretos geralmente era a morte. No entanto, minhas experiências anteriores com as astúcias orientais me serviram. Sim, decidiram suprimir-me, só um milagre poderia me salvar. Não poderia escapar com minhas próprias forças. Seria necessário adivinhar antes o que esperavam de mim. Eu sabia que era superior a eles em certos ritos que os santuários bramânicos nunca havia comunicado aos budistas. Obrigar-me a revelar estes mistérios, isto é o que queriam com tantas manobras. Mas eu não queria faltar com a palavra empenhada. Esperei, frente à potência destas doces vontades, ávidas por arrancar-me o segredo, no silêncio daquela sala, no meio do movimentado monastério e da cidade jubilosa. Nenhum deserto me havia parecido tão terrível.

Minha impassibilidade deve ter surpreendido meus juízes. Levaram-me de volta a minha cabana, depois de terem me colocado no polegar, em sinal de honra, um soberbo teco, que é um anel de jade gravado e cinzelado.

Os nomekhans não pretendiam atentar contra minha integridade física. Mas eu temia ser submetido a torturas de outro tipo, que não lhes eram desconhecidas e às quais nunca vi resistir nenhum infeliz que os políticos dos conselhos secretos tinham sujeitado. Os sábios não falam desta arte, mas o povo acredita que certos lamas podem lançar um exército de demônios atrás de ti. Espero que compreendas que não te diga nada sobre este ponto.

Foi o que aconteceu. Os planos de fuga começaram a brotar em meu cérebro mas, como leva-los à cabo? Não podia sair só. Não tinha nada de roupa além de uma túnica de lã e um chapéu grande. Não tinha dinheiro. Estava desesperado. Tentei empregar uma sugestão hipnótica para ganhar a um de meus servidores. Mas tinham se antecipado aos meus planos. Todos estavam, por assim dizer, dominados pelo grande conselho. Tive muita dificuldade para manter minhas tentativas em segredo. Estava preso como uma mosca em uma teia de aranha. Durante uma semana estive duvidando, cumprindo com os ritos públicos, com o rosário de contas nos dedos, os ensinamentos nos lábios, já que tinham permitido que eu conservasse o decoro e as funções de um dignitário. O que em outros lugares não eram cadeias. Logo meu nervosismo se acalmou e o cansaço começou a minar minhas energias. É o que esperavam meus tentadores. Quando me viram suficientemente debilitado, impressionado, desesperado, mandaram me buscar, oferecendo o cargo de abade de um dos conventos de Lassa, fazendo que eu visitasse desde o sótão até os telhados. A riqueza que havia ali acumulada era inimaginável. Quartos todos forrados de pedras preciosas sem cortar, amontoados de joias, moedas, armas, obras de arte, manuscritos, móveis, desenhos, coleções de plantas, minerais, animais desaparecidos, instrumentos mágicos, vestidos. Fiquei deslumbrado. Minhas mãos se abriram para estes tesouros, apesar de mim mesmo. Mas, antes que a febre de possuir me invadisse completamente, pude dizer aos que me acompanhavam: Para que serve isso? O ouro desaparece, a ciência é vã, a beleza não habita, em absoluto, nestas terras. Então, mudando de tática, me saudaram

como aquele que esperavam para levar à cabo seus projetos, os quais me explicaram. Tratava-se de jogar metade do antigo continente sobre a outra metade, para subjugar a terra inteira sob seu domínio. Eu era agora um herói, semideus, adorado por milhões de homens. Toda a beleza, toda a potência, toda a riqueza seriam minhas, assim como toda inteligência e todo o amor que o coração humano pode conter. Uma chama se acende em meu organismo esgotado. Escondi minhas mãos nas mangas para que ninguém as visse tremer. Aos meus pés estavam os tesouros dos homens, sob meus olhos o horizonte esplêndido, os cumes, o éter, os bosques, na inocência de seu esplendor primaveral, sobre os terraços inferiores, os noviços e os monges, dobrando-se em dois diante da minha presença, me serviam o vinho da ambição.

Tu estabelecerás a glória de nosso senhor, o Buda, sobre toda esta terra, me diziam os cardeais lamaicos. Talvez possa mudar o destino do mundo ou talvez submeter o mundo a nós, com a ajuda do entusiasmo das multidões, Viverás para sempre, presente sobre estas montanhas; também presente por onde quiser, ignorado se preferir, objeto único sob os olhos dos homens, se quiseres assim. Durante horas, estes solitários, normalmente mudos, debulharão por horas em meu ouvido o rosário das sublimes concupiscências.

O reino invisível de Buda se abriu ao meu espírito, sua aura me rodeou por um instante. Mas, entre as rodas fluídicas de raios de diamante, através das chamas de ouro que brilhavam em meu cérebro, ao fundo das lavas de rubi que fluíam por meu peito, em todo o alto do dado de safira inclinado sobre minha cabeça, apareceu um ligeiro resplendor, fresco como uma gota de rócio, doce como um sopro de vento nos campos floridos. Então pude responder: O senhor Buda disse: Tudo é ilusão. Portanto, não podem destruir as ilusões criando novas ilusões. Permitam, o vós mui sábios, que só, tanto no deserto, como na cidade, destrua primeiro no fundo de mim mesmo a ilusão radical. Só então a Verdade poderá então querer descer, então poderei responder-lhes, então serviremos juntos a todos os budas e a seu pai, o Inconcebível. Com estas palavras, os *nomekhans*, vencidos, se retiraram.

Meus sofrimentos haviam acabado. Alguns dias mais tarde, chegou um homem com uma caravana de comerciantes chineses. - Acredito que o doutor conhece este personagem, acrescentou Andreas - Chegamos à conclusão de que minha saúde necessitava um clima mais benigno, oferecendo-me a descer com ele até a Índia. Aceitei. Que encanto esta viagem em silêncio pelos vales, à sombra dos bosques de pinhos, várzeas e bétulas. Nos finais de tarde encontrávamos um pequeno urso, com um cervo, macacos; a águia cinzenta nos seguia desde o alto do céu; as flores das montanhas da Europa, ranúnculos, philadelphus, clematis, anêmonas se multiplicavam na medida em que avançávamos nas férteis colinas do Alto Nepal. Só tomamos o trem em Sarán, em direção a Bihar, o Burdwan e Madhupur em direção ao Ganges até Calcutá. Durante estes três meses, quantas lições viventes me foram ensinadas por este misterioso companheiro que já não acreditava voltar a ver sobre esta terra. O sol já estava forte quando Andreas se calou. Deitou-se à sombra, numa vala e me convidou a dormir por um par de horas.

Descemos depois à granja de seu amigo, que avistávamos desde o alto. Nosso anfitrião era um campestre velho e grande, que tinha franja e argola de ouro nas orelhas; mostrou seus estábulos, quadras e depois do almoço, seus vastos campos de cultivo de hortaliças. Conversou a sós com Andreas, por cerca de meia hora e nos despedimos.

Mal pegamos a estrada e Andreas me perguntou: O Senhor sonhou esta manhã?

- Sim – respondi – mas eram lembranças da véspera: a granja, o trabalho, a chuva...

- Ah! E por que se a vida material influi sobre o sonho, não influiria o sonho sobre a vida material? Perguntou.

- É engenhoso o que diz. Que ciência tão obscura a oniromancia!

- É um pouco culpa nossa. Colocamos vendas nos olhos e nos queixamos de não ver claramente. Caminhei uns minutos em silêncio, juntando minhas forças para vencer definitivamente o muro que notava diante de mim.

- Muito bem – disse com todo o ímpeto de minhas forças mais queridas, com todas as forças de meus desejos mais profundos. Faça-me ver!

- Ó, Doutor! – exclamou ele suavemente, com um ar de censura – Que pensas que sou? Entenda que sou um ignorante, impotente, incapaz. Quando era jovem, acreditava que podia fazer coisas, mas agora, cada dia, cada minuto percebo que não valho nada.

Andreas se calou. Seu silêncio estava cheio de coisas incompreensíveis para a razão, mas que meu coração escutava. No entanto, eu analisava minhas sensações com plena consciência. Minhas pernas percorriam alegremente o caminho sob a sombra crescente de antigas macieiras. Meus pulmões se enchiam com as delícias do vento fresco do crepúsculo. Uma força magnética estremecia em meus músculos e em meus ossos. A cabeça estava tranquila, já que neste momento eu enumerava os motivos lógicos que poderiam me explicar os motivos de Andreas. E então, desde o fundo mais profundo de mim mesmo, muito além da sede ordinária de minha vontade, havia outro eu, não desconhecido, mas pouco conhecido, que se elevava e replicava a Andreas com a voz, com a boca de meu primeiro eu, pragmático e cotidiano.

- No entanto, há homens que sabem, que podem. Há um homem... Talvez muito longe....talvez muito perto Aquele do qual me falou...- disse eu pensando no companheiro de viagem ao qual havia feito alusão pela manhã. Por outro lado, não podia evitar de associar este homem à lembrança do desconhecido que presidia os funerais de Desidério, nem do personagem com o qual me havia cruzado na manhã de minha primeira visita a Andreas.

- Não sei se devo – murmurou Andreas balançando a cabeça. Se lhe ensino a Luz que vi, o senhor vai querer também tomar uma parte dela. Mas, no caminho que se conduz à ela, tudo é disposto para aleijar o caminhante. Estrada ruim, pó, encostas, buracos, falta de sombra, cruzamentos nos quais nos arriscamos a ser atropelados, passagens sombrias, onde os bandidos armam emboscadas durante a noite...(sua voz vibrou de repente, como uma corda de violoncelo). Quando já tenhamos os pés ensanguentados, empapados de suor e gelados por conta da nevasca, com os joelhos esfolados e o estomago vazio, ainda temos que seguir avançando! Gritou com uma extraordinária concentração de energia e toda sua potente estatura.

Este homem, por momentos, te arrancava o coração, como o leão sacode sua presa antes de levá-la. Eu me maravilhava com o desconhecido, do qual ele parecia ser o guardião. Como é normal fiz logo em seguida os mais infantis juramentos de valentia, de perseverança, de tudo o que me passou pela cabeça.

O TIGRE

Para a compreensão da narração, devo mencionar desde agora o relato que Andreas fez, vários meses depois de uma de suas viagens a Siam. Conto exatamente como minha memória me permite:

- Sabe, eu viajei já há bastante tempo através da bacia do norte de Saluén. As lendas que correm sobre estes territórios desconhecidos tinham sido determinantes para minha escolha. Montanhas, bosques intermináveis, cursos de água ainda não descobertos, flora e fauna exuberantes, tigres para caçar, todos os encantos irresistíveis...

Tão logo me liberei da escola e dos conselhos da família, corri visitar a Índia. Depois, fascinado por impressões maravilhosas, fui a Rangún para descansar e preparar uma viagem menos precipitada para Laos e o Shan. Querendo penetrar a alma destes povos, tive ajuda de uma estrangeira que meu ceticismo da época me apresentava como legítima.

- Tomei conhecimento da extrema cortesia que os orientais manifestavam para com os europeus. No entanto, me parecia algo forçado, ditado por sentimentos que não eram a simples bondade ou temor. Pensei que a explicação era a consciência de certa superioridade sobre nós. Mas no que consiste tal superioridade? Por outra parte, estes povos são profundamente religiosos. Para um observador pouco atento, está claro que a Índia e os territórios vizinhos são terrenos abandonados para qualquer classe de sacerdotes. Os leigos podem zombar acidentalmente de tal ou qual sacerdócio, mas, no fundo, a veneração e o temor que lhes tem permanecem intactos. Desta forma, me vi prontamente me convertendo em budista. Já falava hindu. Estudei o *pali* para poder decifrar nos textos as palavras do Sublime. Acostumei a caminhar descalço, a conter minhas atitudes e olhar; desfiz-me de meu equipamento de explorador. Desconfiando da rapidez com que os mínimos incidentes se propagavam de boca em boca, chegando às vezes muito longe, entre estas gentes as quais o trabalho não absorve totalmente, fingi subir num barco que zarpava e, com a cumplicidade de um amigo, troquei de trajes rapidamente em sua cabine e voltei a descer à doca, transformado em monge medicante. Uma mudança tão radical em meus costumes e meu regime produziu toda uma transformação de minha mentalidade. Havia me tornado um anônimo, só, não possuía mais que uma túnica, um bastão e uma tigela. Depois de alguns dias, me esqueci do “bom vivam” que costumava ser. Senti que renasci em vigor corporal e lucidez cerebral. Estava me perdendo na fuga dos dias, das semanas, dos meses. Simplesmente vivia. Isso é tudo.

Antes acreditava que os bonzos siameses (sacerdotes budistas NT) eram indolentes, desocupados, preguiçosos. Por acaso não nos são apresentados pelos orientistas como simples conhecedores de algumas formulas rituais e alguns lugares filosóficos comuns? Logo me dei conta de meu erro, apenas passei uns dias num convento distante no qual fui facilmente acolhido. Cada noviço é designado a um Perfeito, pelo menos por um ano. Fui confiado a um homem maduro, simpático e tranquilo. Mas, enquanto que todos os errantes com os quais nos encontramos tem um ar ausente, este sacerdote mantinha um rosto afável e um eterno sorriso. De estrutura bastante corpulenta, cabeça raspada, rosto fino e aquela serenidade eclesiástica que se encontra em todas as latitudes, me recordava aos sábios e vigorosos provinciais franciscanos ou beneditinos da Itália, cuja inteligência silenciosa e ativa é o fator mais efetivo para a perenidade do catolicismo.

Assim era aquele que eu chamava de monsenhor, a quem lavava os pés três vezes ao dia e servia. As primeiras semanas foram deliciosas. Levantando antes do amanhecer para varrer o pátio e fazer uma arrumação enquanto todos ainda estavam em suas células, eu desfrutava ingenuamente do frescor, do ar ameno do bosque próximo, do silêncio, do céu especial. Estas alegrias matinais deixavam o dia todo perfumado. Na leitura da tarde, encontrava-me na mesma quietude.

No entanto, eu não esquecia o objetivo de minha viagem e uma oportunidade se apresentou para a aproximação do mesmo. Era a época em que a França começava a conquistar o Tonkin. Detalhe pouco conhecido por nossos diplomáticos, as hostilidades haviam agitado todas as montanhas onde nascem o Rio Claro e o Rio Roxo. Nunca pude conhecer as razões para tantas inquietudes entre tribos tão distantes.

Seja como for, meus budistas birmanos tinham relações com mosteiros e eremitas perdidas até as cercanias dos Lolos. Havia trabalhos de construção, trabalhos ativos, para os quais me julgaram muito apito por causa do vigor físico. A princípio, meu preceptor me dirigiu um pequeno discurso no qual expressou, com termos discretos, entre elogios e conselhos, que não estava muito convencido da sinceridade de minhas convicções religiosas. Surpreendido por sua explicação protestei com indignação.

Esta bem meu filho – me respondeu sorrindo, sem me olhar nos olhos. Por que buscas o veneno então?

Fiquei estupefato, porque tinha razão. Havia fabricado uma zarabatana em segredo, juntou longos espinhos e buscava colher um veneno, das terríveis cobras cinza, cuja mordida mata em um minuto. O motivo era que, para minhas futuras explorações, precisava de armas contra as feras. Não havia dito nada a ninguém sobre estes preparativos. Pensei que me haviam espionado. Neguei com o maior sangue frio. Mas o Venerável voltou a dizer: meu filho, a mentira é um suicídio. O tigre não pode lhe fazer mal àquele que venceu a ira. Mas é preciso viver na ilusão antes de ver o Permanente. Veja as montanhas de onde o teu destino te chama, lá encima aprenderás como quem se desprende dos doces encadeamentos pode penetrar no pensamento do outro.

Nos fomos cinco ou seis.

Todos os relatos dos viajantes se assemelham. Vou lhe contar o meu. Imagina os encantos destas longas jornadas silenciosas. Superaram o que eu esperava. Mas as noites foram penosas por conta dos mosquitos e das pragas venenosas. Mas, por casualidade singular, em dois meses de caminhada através das selvas, bosques, rochedos, pântanos, nenhum de nós foi picado.

Sem mencionar as longas semanas que empregamos em construir o Vihara. Eu me impacientava, elaborando sem descanso novos planos para voltar a descartá-los. Estávamos na vertente oriental do Rio Negro. Por conseguinte, só me restava seguir por um dos inúmeros arroios que descia pela montanha para estar seguro de chegar em algumas semanas ao coração do Tonkin. Nossa base era um platô relvado, rodeado de bosques. O ar daquele lugar era aromático e estava carregado de eletricidade. Também, de acordo com as escrituras, nosso superior havia ordenado uma severa abstinência.

Só eu tinha o direito de sair para coletar raízes e frutos que constituíam nossos únicos alimentos. Eu me sentia tranquilo, desapegado, um pouco sonolento, conquistado pela poderosa influência daquela frondosa natureza e pelo magnetismo coletivo deste grupo de homens ao redor.

Uma manhã, no bosque, pulando uma árvore caída, o barulho que provoquei despertou uma destas terríveis víboras cinzentas que buscava. Ela se levantou mais rápida que um relâmpago. Meu olhar se cruzou com seus olhos fixos e friamente cruéis. Então ela fugiu tão rápido como a ponta de um chicote. Mas o caçador que levava dentro ressuscitou de repente em mim. Lancei-me sobre ela de um salto, tendo a sorte de cortar-lhe o pescoço. Arranquei-lhe as presas, recolhi o conteúdo de suas glândulas de veneno no oco de uma pedra. Decidi partir com o por do sol.

Não havia lua naquela noite. Eu escondia em minha túnica amarela minha zarabatana e minhas pequenas flechas envenenadas, e parti imediatamente. A empreitada era bastante arriscada. Não havia nada a temer dos que deixei para trás, mas sim muito daquele país, infectado de bestas ferozes. As encostas íngremes destas montanhas são um enorme transtorno inextricável de vegetação alta, arbustos espinhosos, de rochas, onde me rodeiam os tigres. Desde a segunda noite de caminhada comecei a ouvi-los. Para dormir um pouco, tive que passar a noite nas árvores, bem alto. Com relação aos répteis, não havia como evitá-los. Confiei em minha boa estrela.

Só no final da semana seguinte avistei um homem. Era um indivíduo bem grande que conduzia bois. Quis parar, mas não pude, pois só tinha um leme. Já tinha trocado duas vezes de curso de água. Agora navegava por um rio, a corrente era menos forte. De repente, algumas horas depois daquele encontro, um rugido ao longe chegou aos meus ouvidos. Na segunda curva do rio o som aumentou, enquanto meu barco fazia piruetas em um redemoinho. Percebi que ia cada vez mais rápido. Meu coração se encolheu. Para manobrar precisava da destreza de um selvagem. Sentia-me

perdido, por menos alta que fosse a cascata ou que tivesse pedras. Não havia nada a fazer. O rio se estreitou bruscamente entre paredes lisas. O ruído se tornou ensurdecedor, me senti arrastado como uma folha pelos redemoinhos espumosos. Senti uma queda, uma contusão, um mergulho. O instinto me fez emergir à superfície e fui para numa areia esgotado, ferido e sem consciência.

Uma dor aguda, que me rasgava as costas me acordou. Um peso enorme me esmagava. Um cheiro de putrefação me asfixiava. Encontrava-me deitado de barriga para baixo, não podia me mexer. Compreendi que um tigre estava sobre mim, sem pressa de levar-me. Sua língua áspera lambia o sangue que minava de meu ombro. Recobrando completamente a consciência, vi com a lucidez do desespero o meio de sacar uma flecha de meu peito – que por milagre não se quebraram – mas o animal poderia me matar em seu espasmo de morte – Tanto faz, é preciso provar a sorte. Bem lentamente, consegui dobrar um braço, pegar um flecha, quando ia tratar de me mover um pouco para proferir o golpe, o animal deu um rugido terrível e, com todo o peso de seu corpo, meteu suas garras na minha carne ainda mais profundamente. Acreditava estar morrendo de dor. Meus movimentos convulsivos me orientavam para a beira do rio. Por cima de minha cabeça via o terrível nariz da fera. Não estava preocupado comigo, olhava algo. Busquei a ver o que era, e avistei um homem de grande envergadura que vinha tranquilamente até nós. O sofrimento devolveu minha presença de ânimo. Já nem sequer sentia as fortes garras fincadas em meus músculos como se fossem fendas ensanguentadas. Olhei o recém chegado, vestido com um tecido amarelo avermelhado, pernas e ombro direito nus, mostravam uma musculatura e uma perfeição de linhas admiráveis. Seu peito largo, ombros maciços, o gesto dominador de sua cabeça, a grandeza de seus traços físicos expressavam uma força pouco comum, tanto física, como moral. Tratava-se de um europeu, certamente, ou um desses brâmanes de pura casta cuja pele é tão clara como a de um provençal. Apesar de meu atordoamento, observava com prazer os harmônicos movimentos daquele homem. Fiquei surpreso com sua barba. Gostaria de ter visto seu rosto, mas sem dúvida, meus esgotamento só permitia que visse, quando focava meus olhos, uma névoa violeta só perfurada por um ponto brilhante que era seu rosto. O tigre rugiu. Com seu rabo potente golpeava o solo como que açoitando a dura superfície. O homem já estava a apenas alguns passos. As garras do tigre entraram ainda mais profundamente, como se fosse saltar. Senti como tremiam suas patas. Roncou agudamente. O homem estava ali, pousando sua mão sobre a fronte achatada da fera. Os músculos terríveis relaxaram, o peso que me esmagava se retirou. A besta feroz partiu, seguindo os passos de meu salvador, cabisbaixo, membros flexionados. Na mata, o desconhecido parou e disse ao tigre em francês: “Não te castigarei: Vá, mas não ataque mais ao homem”. A besta lambeu os pés do singular domador e desapareceu entre as árvores.

Este homem me levantou, lavou minhas feridas, me fez um curativo de folhas amarradas com cipó. Depois, preparou-me uma cama sobre uma pedra ali perto e foi buscar frutos para nossa alimentação. Depois que eu comi e dormi, permitiu falar. Você já adivinhou quem era meu salvador – sentenciou Andreas depois de um momento de silêncio.

A ORAÇÃO

Retorno agora o relato de nosso passeio no ponto que parei. Apesar de que estas lembranças sejam, às vezes, revestida de forma um pouco romântica, espero que se compreenda a intensidade do interesse que eu colocava nas revelações de Andreas, se se tem em conta que, apesar dos inúmeros fracassos que sofri em minha busca de um verdadeiro mestre, tinha mantido o entusiasmo de minha juventude, assim como a assegurada certeza do êxito. Aqueles que tem compartilhado da mesma posição durante toda sua existência, me compreenderão.

Andreas, depois de me atender, ficou um pouco taciturno, me ofereceu tabaco e pegando sua pipa me deixou meio de lado, caminhando durante uns quinze minutos sozinho, no meio da estrada. Quando voltou a se colocar ao meu lado, me mantive em silêncio, sem saber como reatar a conversa. Foi ele quem falou.

- Sim, doutor, acredite-me. As provas das quais fala Jean Bricau (Jamblique), o poço de Raziel, o qual Moisés desceu, os antros olímpicos, os mistérios da ilha de Sein, de Samotracia, os redutos subterrâneos do Bramacharia, onde vão se reunir com ele todos os deuses do submundo, os tragões que impedem que se suba à torre do Invariável Médio, os mesmos tiranos, manchados de sangue, coprófagos e sodomitas, aos que adoram alguns homens descarriados. A permanência em qualquer um destes lugares, a presença de qualquer um destes seres não demanda tanta energia quanto o esforço vulgar, diário, contínuo e simples, em direção à Luz das luzes. Nesta subida, há momentos em que ninguém te compreende, ninguém – sua voz rugia – teria a força suficiente para levantar um párpado, sem que um anjo fosse enviado....Ai, doutor! Isso é o que nos ensina a oração!

Estas últimas palavras me desconcertaram. Sempre havia considerado os mistérios antigos como o sumun (ápice) da glória humana, cuja conquista exigia uma vontade toda poderosa. Na verdade, meus livros haviam me enganado. Havia outra coisa.

- Mas – perguntei – De que iniciação você fala? Que oração?

Ele parou e me olhou da cabeça aos pés, respondeu: Posso lhe assegurar de que esqueci todas as iniciações. Contudo, te compreendo. Por que orar se a Causa primeira atua com justiça, com bondade, com perfeição? A oração não seria então mais do que uma puerilidade, um sintoma da cegueira de nosso coração ou um tenaz egoísmo. Seria, segundo o seu pensamento, como uma criança mimada que insiste em sua brincadeira, o orgulho que se acredita ser bastante importante para que o universo se adapte à sua vontade ou o ser que não concebe que seu desejo não possa ser satisfeito!

- Ó, sábio! – sua mão poderosa se depositava amistosamente sobre meu ombro - Nunca vistes um lactante no seio de sua mãe, uma mulher sobre o peito de seu marido? A pedra enterrada procura sair à superfície? Acaso a planta não perfura o muro para encontrar a luz? As bestas se param em frente ao sol pelo menos uma vez ao dia. O oceano se levanta com regularidade pela influência dos eflúvios salênicos que o revivificam. Os povos perseguem a felicidade, os planetas também, inclinando-se pelos polos. Sua inteligência só é tão vasta porque tens perguntado muito. Quer dizer que cada um destes seres pergunta como tem que fazer? Não, a criação inteira é imperfeita, mas possui o sofrimento desta impotência e o pressentimento de um êxtase superior. Se a perfeição e o ideal não existissem, a Providência teria tido o cruel valor de semear estes sentimentos em nossas profundidades? O caminho do homem é similar ao do resto dos seres. Que siga com toda a simplicidade o sentido espontâneo da vida, palpitante em seu interior e não será possível que erre. Permaneci por um bom tempo pela estrada escura, repetindo a mim mesmo estas palavras que me pareceram preciosas e definitivas. Nunca havia ouvido algo parecido. Minha emoção impedia-me de raciocinar. Tudo o que podia fazer era gravá-las na memória.

O PHAP

Andreas continuou dizendo:

- O homem do qual queres falar é efetivamente aquele que vistes anteriormente, no enterro de Desidério. Na Europa chama-se Teofane. Eu o encontrei pela terceira vez em Lhasa, onde parei quando voltava de Siam, depois de ter realizado um trajeto pela China, Mongólia e Kijata.

Sempre me lembrarei com prazer destas viagens, dos trens que atravessam a selva ou a encosta (estepa), das silhuetas das feras despertadas nas florestas. De vez em quando a cúpula negra de um solitário de olhos vermelhos. Também dos estranhos companheiros de viagem: ingleses ou americanos vestidos de caqui, o cavalheiro nativo com turbante e traje branco; o tropel de santones de todas as seitas e todas as religiões, o reboiço de grandes arrabaldes, os caravases e os portos, o

doce encanto das praias, a majestade das neves perpétuas suspensas sobre sua cabeça, a grandiosa melancolia dos desertos de areia ou matas, Foi assim que aprendi a ver a beleza que reside em tudo e em todas as partes. Vejo uma casa de trabalhadores de seis andares como uma poesia, assim como o pico do Himalaia.

Havia deixado os brâmanes do Decan porque, cansado dos áridos estudos da física oculta, esperava entrar antes na alma hindu iniciando-me em suas formas de culto. Cheguei a Benarés com todas as cartas de recomendação necessárias para que o desprezo que inspiramos nos orientais não passasse de uma ligeira desconfiança, posto que a gentileza daqueles povos desperta a ironia dos que conhecem seus verdadeiros sentimentos para com os comedores de vaca, que é como os chamam. Por outra parte, nossos funcionários ou nossos sábios não poderão conquistar a confiança de um oriental em apenas um par de meses. Cada um destes interlocutores guarda cuidadosamente para si sua verdadeira opinião, já que cada uma das duas raças acredita, com a mão na consciência, ser superior a outra.

Primeiramente havia me dedicado ao estudo da ciência natural, mas não cheguei a extrair conclusões satisfatórias de minhas experiências. Pensava que só podia confiar em mim mesmo, acreditando que minhas faculdades de observação e reflexão não estavam suficientemente desenvolvidas para extrair de meus trabalhos os ensinamentos que os brâmanes afirmavam que continham. Era simplesmente porque não possuía os documentos suficientes. Fui então para Java nas planícies para voltar às montanhas.

No final desta segunda estância, no Himalaia foi onde passei pelas terríveis provas que lhe relatei outro dia, das quais Teofane, em sua quarta visita promoveu o desenlace. Eu havia me ordenado lama. Como conhecia as características wu-wang e quase que já podia escrever em tibetano, adquiri em seguida uma boa posição na hierarquia, colocando-me a serviço do astrólogo chefe de um grande monastério, o Perún Mabré. Este palácio, ou melhor, esta cidade estava povoada por mais ou menos quinze mil pessoas. Este lugar protege o Dalai, a pesar de que este permanece quase sempre invisível. Minha função era calcular todos os dias o horário das cerimônias de um pequeno templo especial, já que ali tudo é regido pela astrologia, e lhe asseguro que é uma disciplina complicada.

Foi então que numa daquelas manhãs voltei a ver Teofane. Tinha o mesmo rosto que há vinte anos, mas a expressão de seus traços havia mudado, ainda que todas as linhas de seu corpo e todos os seus movimentos continuavam marcados pela mesma potência sobre-humana. Na estrada onde me encontrava se juntou uma caravana que escoltava a um phap anamita até a cidade.

Teofane me viu e se aproximou sorrindo. Apenas havia lhe dado a mão, quando um sentimento inexplicável se apoderou de mim. Sentia-me submergido num banho de luz de uma doçura e força infinitas. Desde o coração até a ponta dos dedos, todas as células de meu corpo estremeciam com a mesma sensação libertadora, como se tivesse passado do fundo de um calabouço ao ar livre que circula nos alpes, ao amanhecer.

- Com está? - me perguntou – e Estela, como tem passado?

Com esta lembrança, Andreas parou e sorriu pacificamente e depois continuou dizendo:

- Quis falar de meus trabalhos de amadurecimento, mas ele me disse: Logo terás notícias minhas! E se foi com o olhar magnífico que talvez conheça bem. Sua escolta que havia parado, se pois em movimento. Fiquei olhando a silhueta atlética subindo a costa, até que uma volta do caminho lhe ocultou de minha vista. Voltei a mim da espécie de êxtase que sua presença me havia provocado.

Assim foi sua terceira visita.

- No entanto – disse eu – você havia visto muitas coisas, algumas terríveis, em todos estes sacerdotes do oriente.

Não ouvi a resposta, pois eu mesmo estava absorto. Vi como as profundas trevas nas quais errava desde há tanto tempo, eram perfuradas por uma tênue luz. Nada poderia me acontecer que não fosse irremediável. Se me metesse num beco sem saída, podia voltar ao bom caminho. Se uma decepção me aguardava esta seria menos dura, posto que já a havia previsto. E se me encontrasse diante a consecução de meus esforços! Eu me encontrava nestas reflexões quando o barulho de uma transvia nos anunciava a proximidade com a cidade. Separamo-nos para ir cada um à sua casa.

A AVIAÇÃO

Certa noite, na casa de Andreas, conversamos sobre o progresso extraordinário que a ciência da aviação passava por aqueles dias e todo o mundo coroava o atrevimento, o engenho e a perícia dos homens voadores. Nosso hóspede não parecia compartilhar do mesmo entusiasmo e alguém lhe fez este comentário.

- Claro que sim – protestou ele. Concordo com tudo isso. Ademais, ao mesmo tempo se distrai a opinião pública. Preocupamo-nos menos das coisas indispensáveis e molestas.

Um de nós falou então sobre a civilização, da defesa nacional, da cultura da energia, do espírito empresarial necessário para que um povo possa manter seu status.

- Claro! Respondeu Andreas. São previsões muito acertadas, mas chegaram a ser cumpridas? As invenções contribuíram para a felicidade da humanidade? Vocês sabem bem que só uma coisa é preciso tanto para as nações como para os indivíduos: a ajuda ao próximo. Estes aviadores são atrevidos, sem dúvida, mas se não tivessem tido nenhuma ajuda, apesar de toda sua perseverança, de sua ciência, de seu desinteresse pessoal, de seu valor, não teriam alcançado o êxito que tem tido. O homem não imagina como recebe ajuda em tudo que empreende.

- Muito bem! Se o Céu tem ajudado a aviação, não se trata de um excelente descobrimento, sob qualquer ponto de vista?

- O Céu? – disse Andreas mexendo a cabeça – Sim e não. Evidentemente que nada pode ocorrer sem a permissão do Céu. Mas deixa fazer muitas coisas que não são más, em ultimo extremo, que caprichos, curiosidades ou cobiça. O Céu não se opõe a todo mundo que “coloca muita manteiga na sopa”, mas não ordenou isso, posto que recomenda justamente o contrário.

- Mas então – replicou um jovem passante - se um povo não se mexe para frente, os outros lhe sobrepõe, o oprime e finalmente o conquista.

- Sim, - respondeu Andreas, com um sorriso – está correto, eu não digo que um povo deva dormir em sua suave indolência. A Natureza não permite, por outro lado, veja o que aconteceu aos Boers...

- Então tem razão os Ingleses? Interrompeu energicamente um velho empregado.

- Eu não digo isso. Os Boers erraram ao não saírem do atordoamento de sua existência patriarcal, mas a Europa errou ainda mais ao não fazer nada por defendê-los.

- O que um povo precisa fazer? Perguntou o aprendiz.

- O mesmo que o indivíduo. Precisa trabalhar, interessar-se por tudo, manter-se em sua posição, e que não tenha medo de se incomodar e nem de gastar dinheiro para ajudar, quando seja necessário, os povos mais atrasados.

- Não foi isso o que fez a França?

- Sim, frequentemente. Não é por casualidade – acrescentou Andreas com certa gravidade – que a França seja a irmã maior de todas as nações. E não sou chauvinista por dizer isso.

- Ó! Disse o passante que havia viajado um pouco. Nós somos os menos chauvinistas. É preciso ouvir o que os americanos, os ingleses e os alemães pensam de seus países, para ver que somos modestos...

Andreas fez um gesto evasivo que deteve o jovem advogado, mas se calou. Então eu perguntei:

- Bem, e a aviação?

- O que queres saber? Perguntou nosso mestre.

- Diga-nos algo.

Andreas pareceu fazer alguns esforços de memória, enquanto que seu olhar tomava uma expressão abstrata. Logo, sentando-se, nos disse o seguinte:

Tudo chega até o homem através de modelos (clichês), seja porque seu caminho os traz aqui para baixo, ou porque o desejo humano os atrai. Mas, muito poucos entre nós são fortes o bastante para desviar um modelo de seu caminho. Os modelos constituem todo um mundo universal. Formam o conjunto dos rascunhos de Deus, dos trabalhos que Ele tem preparado para nós e para todas as criaturas. Existem modelos cósmicos. A criação é o maior dos modelos. Modelos planetários, continentais, raciais, nacionais, individuais. Existem modelos meteorológicos, astronômicos, religiosos, científicos, políticos. Uma doença, um casamento, uma catástrofe, um livro, um infortúnio, um nascimento, uma morte, são todos modelos. Uma batalha, um assassinato, uma erupção vulcânica, um grande prêmio, a álgebra, um grande discurso, a reunião desta noite, todos são modelos. Inclusive os objetos, um canhão, um navio, a catedral, as instituições políticas, um tribunal, uma lei, uma cidade, uma montanha, um aparato, um automóvel, são modelos. Um aeroplano é também a materialização de um modelo.

- Isso é iluminismo platônico – disse o doutor em letras.

- O Senhor acredita que Plotino, Porfírio e os demais inventaram algo completamente novo, que não fizeram mais do que reproduzir entidades intelectuais? E sem esperar resposta, Andreas continuou agitando a mão vivamente.

- Não. O homem não é mais do que um copista, mais ou menos hábil e engenhoso. O cérebro não é mais do que um aparato fotográfico, mais ou menos sensível. Acreditem.

- Como fica a vontade então? Replicou o universitário.

- Ela abre ou fecha a torneira – retomou Andreas. Mas, acrescentou com uma espécie de saudação às exceções. As pessoas muito fortes, muito inteligentes, podem fazer muito por meio da vontade. Enquanto que nós, os comuns, somos conduzidos um pouco em rebanho. Estou falando do que ocorre em geral. Bem. Então, igual ao homem, ávido por encontrar algo novo, ou por ganhar dinheiro, ou por tornar a vida mais cômoda, ou por qualquer outro motivo, busque a partir de seu próprio movimento, ou pela vontade de Deus, o que a marcha natural das circunstâncias lhe situe no caminho de um modelo. Os mesmos fenômenos se produzirão. Caso recuse o modelo, este se afaste e logo volta. Caso o homem rejeite o modelo uma segunda vez, o mesmo volta uma terceira vez. Mas se o homem o recusa uma vez mais, o modelo se vai definitivamente. De qualquer forma, se o

homem só aceita ao segundo oferecimento, sua tarefa será mais penosa do que se tivesse acolhido o modelo de imediato. Se o aceitar na terceira oferta, a invenção lhe custará mais penas. O que eu chamo aqui de “o homem” é outra coisa do que a entidade da qual se ocupa a psicologia. Falo do espírito do homem, do verdadeiro eu, do que está mais elevado do que a consciência.

Quando o eu se interessa pelo modelo, este se detém. Estes dois seres permanecem em presença mútua durante um tempo mais ou menos longo. Penetram-se reciprocamente. O espírito humano magnetiza, por dizer assim, o modelo, construindo a partir dele uma imagem vitalizada de maior ou menor força. Quando este trabalho de assimilação espiritual, de digestão, finaliza, o modelo modificado se vai, seguindo seu caminho. Então a imagem sobe ao cérebro, da mente, quero dizer, e quando esta o percebe, nasce de repente, na cabeça do homem, uma ideia. Ele não sabe de onde vem isso ou acredita que é resultado de sua inteligência, de suas investigações, mas estas no interferem em nada. A Natureza não tem o sentido de propriedade, nem do amor próprio do autor. Uma vez percebida a primeira intuição pela consciência, o que o homem normalmente chama de vontade, pode se unir a este resplendor ou desprezá-lo. No primeiro caso, a imagem flutua por algum tempo ao redor do homem, e se este não se ocupa dela com decisão, vai embora, com a possibilidade de que um cérebro mais hospitaleiro, mais aberto ou mais curioso lhe de acolhida. Se a vontade aceita a intuição, começam então as inquietudes, os trabalhos, os deveres do inventor, mas o êxito final faz com que tudo seja esquecido.

- Tudo o que quero é acreditar nisso – disse o filósofo, depois de um momento de silêncio -, apesar de que tudo isso pareça muito às lendas mitológicas. Mas como esta misteriosa imagem passa do inconsciente para o consciente?

- Vou explicar – respondeu Andreas – quando me digas com palavras e com letras como se converte o 0 em 1, como a sensação física produz a percepção, a ideia. Veja bem, estamos fechados em um cercado, mais ainda, entre quatro paredes. Estudar as geometrias das dimensões que sejam, é um subterfúgio, não uma solução. O instinto, a intuição percebem o não-eu por uma espécie de “dar-se conta”. Então, a inteligência diseca, corta, faz anotações, destila abstrações. Quando é sã, chega a uma ideia correta, mas frequentemente não é sã. Neste caso, o sistema científico já não corresponde à realidade.

- Então, fiz muito bem de não ter estudado mais – declarou um homem jovem e robusto de traços enérgicos, que até então havia estado calado.

- Não, te enganas – lhe respondeu Andreas. Ao contrário, é preciso estudar e fazer com que a razão atue. Senão, por que o Bom Deus nos teria dado a razão? Mas é preciso lembrar, ao mesmo tempo, de que não sabemos nada. Refletir, deduzir, alinhar cálculos, fazer esboços, equações, tudo isso é útil. Só é preciso simplesmente deixá-los em seu lugar. Aqueles que, por exemplo, desejam construir um aeroplano, a ideia fundamental vem ao ver um modelo e de seu desejo. Ele se esforça para torná-lo realidade através do conhecimento que possui das leis do mundo físico. Construir uma bicicleta exige noções de matemática, geometria, mecânica, mas montar uma bicicleta é um instinto. Os que tem um sentido de equilíbrio aprendem antes, sem fazer cálculos sobre o deslocamento do centro de gravidade. Raciocinam bem pouco. É a experiência, a prática, o que lhes serve. O mesmo se aplica para o automóvel, a natação ou o simples caminhar. Quando quiseram nos ensinar a caminhar, na infância, não nos fizeram nenhum croqui. Admita que o trabalho do intelecto está sempre subordinado a uma percepção instintiva ou intuitiva.

- Mas, do que depende esta percepção? Do modelo? E o modelo, o que o dirige? Perguntou um jovem, uma atrás da outra.

- O modelo é um ser vivo – respondeu Andreas. Assim, os ceifeiros são um modelo de morte para as espigas que ceifa. Tem sua própria existência, seu destino pessoal. Limitando-nos ao terreno dos

descobrimientos, todos os aparatos que o homem já inventou são analogias de metal ou de madeira de órgãos ou grupos de órgãos da vida animal. O coração é uma bomba aspiradora e compressora. O sistema nervoso é um telegrafo, e assim tudo. Isto se produz na terra, inclusive de um dilúvio a outro. As tensões psíquicas se convertem em um aparato, entre trinta a setenta séculos mais tarde; este aparato objetivo, por sua vez, se torna em um órgão fisiológico. Por exemplo, no curso do último ano platônico, os Atlantes se ocupavam bastante da transmissão do pensamento. Seus esforços acabaram atraindo para a atmosfera fluídica terrestre as forças que permitiram o telégrafo sem fio, e quem sabe, depois de um ou dois dilúvios, existirão homens naturalmente providos de um sentido telepático.

- Que imaginação! – exclamou o filósofo em voz baixa.

- Sim, Senhor – respondeu Andreas com um sorriso alegre. A vontade de uma massa de homens, mantida há muito tempo, atrai o que lhes agrada, vive, evoca a vida. O que transmite o pensamento, para seguir com o mesmo exemplo, para seguir com o mesmo exemplo, não são fluídos, são no fundo, seres. Há mais ou menos cento e cinquenta anos se aproximou de nós um planeta, no qual vivem animais com muitas patas, olhos saltados, corpulentos, como besouros gigantes. Eles constituíram o modelo para os automóveis. Fala-se de uma região inexplorada do globo já há uns cinquenta anos, sobre alguns pares de seres alados. São eles que, sem querer, por sua simples presença, ajudam a resolver o problema de ser mais pesado que o ar.

- Neste caso – perguntou o ajustador, com os olhos brilhantes de interesse – não podemos fazer com que estas criaturas se aproximem de nós, aumentar seu número e fazer algo para utilizá-las?

- Isso não – disse Andreas. Podemos fazer isso, mas não se deve fazer. Quando digo: “podemos fazer”, me refiro a que um homem muito forte e muito atrevido poderia fazer. Mas não conheço ninguém capaz de conseguir esse empenho. Vocês devem ter compreendido, se é que fui claro, que o mundo dos modelos é a chave da vida universal. O Pai só confia esta chave àqueles que são suficientemente sábios para não fazer mau uso dela. E é preciso sofrer terrivelmente, acreditem, para aprender esta sabedoria. É preciso ter se sacrificado, é preciso ter perdoado, é preciso ter trabalhado por séculos e séculos. Nós todos receberemos um dia esta chave, eu garanto, mas nos coloquemos imediatamente à obra. Concordam? – acrescentou, dirigindo-se à todos.

Logo, voltando-se para o doutor em letras:

- Veja, cavalheiro, que no resumo das contas todas estas imaginações desembocam na simples e comum moral.

- Sim – concluiu o velho empregado – Mãos à obra! No entanto, me parece que ao contatar um modelo com o espírito humano, o modelo deve sair diferente de como veio.

- Correto – respondeu Andreas. Temos influência sobre os modelos, uma influência inconsciente, mas real. Contenta-se em ajudar o próximo e estará cumprindo com seu dever em todos os casos imagináveis.

NA CORTE

Na semana seguinte regressei a Menilmontant. Encontrei Andreas trabalhando. Sobre a mesa de trabalho estava fixada a bola de ferro do gravador, com o cinzel em mãos, traçava os ornamentos de um pequeno gongo, cujos arabescos continham caracteres hieráticos.

- É a antiga escrita chinesa – me disse sorrindo. Os senhores que fazem imprimir por Leroux estariam em uma enrascada se tivessem que decifrar isto.

Estela apareceu, acompanhada de um visitante, um homem grande e gordo, bem vestido, de modos requintados. Eu devia conhecê-lo dos círculos oficiais, mas não fui apresentado.

Depois de me informar se Andreas dispunha de tempo, lhe pedi a continuação da história que de alguma maneira me havia prometido. Concordou com agrado. Havia recuperado seu ar paternal. Nunca acreditei estar na presença do mesmo homem que parecia ler nos corações, ter poder sobre as doenças e elevar os ânimos decaídos.

- Compreenderá – meu filho – pelo que conhece da política oriental, que são muitas as razões que me impede de dar-lhe o nome dos países e das pessoas que visitei durante minha última viagem diplomática. Não é que não tenha confiança no senhor – acrescentou – mas, tudo isto está repleto de segredos que não são os meus, e que não posso revelar.

- Compreendo perfeitamente – respondi. Você me acolheu com muita bondade. Já lhe devo muito para opor-me a reserva com a qual julgar pertinente dirigir-se a mim.

- A propósito – disse, parando de cinzelar e dirigindo-se a sua mulher. Para mim foram muito tristes aqueles dias nos esplendores sucessivos do antigo Oriente e do moderno Ocidente. Eu sabia que estavas ali, bem perto, minha amiga. Tu não ignoravas minha proximidade. E nem sequer uma vez pude romper aquelas cadeias da pompa que, no entanto me invejavam os milhares de pobres diabos que acudiam de todas as partes para ver o misterioso embaixador das misteriosas montanhas. Inclusive, reconheci, entre os diplomáticos e os engalanados estados maiores, mais de um rosto que havia encontrado em outra ocasião. Ninguém, entre eles, me deixou ver em sua fisionomia outra coisa além de curiosidade. Eu devia ter mudado muito. Até você Stella, sem a clarividência que dá o amor, teria encontrado neste homem maciço, as neves, os ventos e o sol tinham enrugado o rosto e endurecido o olhar, aquele que em outros tempos chamavam: Andreas, o bonitão? Sorriu suavemente.

Sua mulher se ajoelhou, beijando suas mãos magras e musculosas. Ele a incorporou sem esforço, continuando seu relato apertando-a junto a si. Estas efusões, que nenhuma namorada da sua idade poderia permitir, sem cair no ridículo, pela nobreza de suas atitudes, pela gravidade de seus rostos, por um eu inexpressível, faziam nascer somente a emoção pura de um espetáculo sobre-humano.

Andreas continuou com voz tranquila:

- No entanto, enquanto assistia certa noite a uma festa, impassível como deve ser, enquanto meu pensamento me lançava a ti, a tua querida presença, da qual apenas 50 horas de vias férreas me separavam; enquanto buscava em vão algum truque que pudesse vencer a vigilância de meus subalternos, por alguns dias, vi, ao lado do monarca que me alojava, o augusto rosto de Teofane. Meus ossos se estremeceram. Consegui conservar o sangue frio necessário para saudar e responder à recepção. Um parente do rei me apresentava sob um nome falso a este homem misterioso em quem eu havia depositado, pouco a pouco, minha confiança, já que naquela época, todos se acreditavam menos nobre que o altíssimo dignatário tibetano que eu parecia ser.

Trocamos algumas frases oficiais em Inglês. Contou que havia viajado pelo Oriente, tendo se interessado muito pela sabedoria de meus supostos compatriotas. Agradei em nome de meus mandatários e nos sentamos à mesa real. Minha falsa categoria de gran lama fez com que me sentasse à esquerda do soberano, enquanto que à minha frente, Teofanias se sentava à direita da rainha. Enquanto representava meu papel, um papel estranho, de cujas dificuldades eu só podia escapar esquecendo-as ao máximo, adquiri a convicção da existência de um Princípio Divino que guia o homem passo a passo. Ele mesmo, com delicadeza e ternura tão grande, como se nossa conduta pudesse influenciar de alguma maneira sobre sua imutabilidade essencial. Teofanias me olhava. Dos seus olhos saía uma força, uma atmosfera fluída, que esclarecia minhas intuições

confusas, que coordenava minhas energias dispersas, e me fazia descobrir, desde o alto do espírito, um horizonte novo e mais magnífico.

Não veja doutor, nesta espécie de êxtase interior, uma fascinação magnética. Meus treinamentos me haviam despojado de toda passividade a este respeito. Nenhuma luz poderia ou poderá baixar meu olhar. Existe algo em Teofanias que escapa aos sentidos, ao raciocínio, as investiga. É um não sei o que...não posso explicar – acrescentou depois de me lançar um olhar cuidadoso. Acredito ter percorrido todos os infernos e todos os paraísos que os antigos sábios do Oriente puderam descobrir desde dois ou três dilúvios. Nenhum ser, seja qual for seu aspecto; nenhum ambiente, seja qual for sua força, se parece ao aspecto, ao resplendor daquele que devia, uma vez mais, como já lhe contei, salvar-me de uma morte inevitável.

Nunca vi Teofane usar os subterfúgios que os aventureiros da política cosmopolita empregam com tanta arte. Mas, sua conduta, sua atitude, o som de sua voz, seu olhar, seu gesto, eram de grande mobilidade. Às vezes parecia um eloquente orador. Outras vezes, assumia um ar paternal de um bom pai de família, que escuta as confidências de seus netos. Outras, o sorriso irresistível de um deus ou a intensidade insustentável de um olhar rápido. Com os amigos, a palavra firme, reta, golpeada como um bronze que soa. Num instante depois, tratando com um meio sábio, aparecem as dúvidas e as concordâncias de cortesia. A beira da estrada consola a pobre cujo marido lobo voltaria da taberna. No palácio, previu friamente as tragédias que iriam atropelar o príncipe. Resiste a cansaços esmagadores, à insônia, ao barulho de problemas insolúveis, e só se queixa de enxaqueca. Ressuscita os mortos, dá ordenas ao mar, à terra, aos invisíveis e repete que não pode e não sabe nada. Diz que nunca abre um livro, mas sabe em que *pagoda* (trempló N.T.) se encontra determinado manuscrito, em qual resquício de qual montanha cresce uma planta rara. Aconselha o agricultor, o soldado, o diplomático, o sacerdote, marinheiro, comerciante, ao artista e ao erudito. A cada um oferecia o meio de perceberem a lacuna técnica, a debilidade de seus sentidos, dos defeitos de seus gostos, da palidez de sua vontade. Altivez si, mas nunca vi ninguém se comportar com familiaridade com ele. Sem servilismo, dando a cada um a deferência que exigia a etiqueta, mas vários dos grandes da terra sentiam-se honrados de estar ao seu lado. Um enigma, em uma palavra, que poucos poderiam adivinhar.

- Sabe o que conta a lenda dos Rosa-Cruzes? Perguntei enquanto Estela preparava o almoço. Se eu entendi bem, o último extremo da evolução do homem é ele mesmo: que o perfeito seja nomeado verdadeiro Rosa-Cruz, adepto, amigo de Deus, santo ou reintegrado, pouco importa, está correto?

- Com efeito – respondeu Andreas. Os sábios – se referia aos sectários do ocultismo – empregam termos idênticos para designar estados muito diferentes e também termos diferentes para designar o mesmo estado. A Rosa-Cruz é uma coisa, a santidade é outra, o amigo de Deus chegou a um desenvolvimento muito característico, assim como o adepto, assim como tudo. Mas, em última instância tudo se unifica, para diferenciar-se de novo segundo a vontade do Pai, no Céu. Só que aquilo que chamo de última instância, o limite, está longe, tão longe que nem sequer Gautama pode franquear a centésima parte a distância que nos separa dele.

- Neste caso, que devemos, que devo fazer eu, se quero chegar ao estado em que você está, no que está Teofane?

- Mas doutor – protestou Andreas com veemência – Não creia que eu seja mais do que os outros. Eu não tenho poder algum.

- No entanto, permita-me que lhe diga, não está sendo lógico, salta à vista que você sabe e pode fazer uma infinidade de coisas que eu não posso alcançar.

- Eu repito, doutor, eu não sou superior ao resto das pessoas. Incluso sou menos do que muitos outros. Sua pergunta é um pouco, como diria eu? Estreita, já que, como podes julgar com antecipação quem pode alcançar tal ou qual estado?

- Verdade – concordei. Mas, o que então eu deveria perguntar?

Neste ponto Andreas se esquivou de minha impertinência dizendo:

- Desculpe, tenho que tirar o vinho do tonel – falou com o mesmo tom que tinha empregado para falar dos mais obscuros mistérios. É a esta constante mescla das vulgaridades da vida material e das sublimidades da vida espiritual, sucedendo-se sem entrecortar-se, tão natural era nele a simplicidade, a que atribuo a espécie de encanto que a sua lembrança ainda exerce sobre mim. Considero esta simplicidade como a prova mais concludente da verdadeira grandeza de espírito. Quando voltou a subir, com os braços carregados de garrafas, parou na minha frente e disse quase que violentamente:

- Doutor, eu sei uma coisa: é preciso fazer a vontade de Deus, fazer tudo o que pudermos, mais do que podemos e não se preocupar de mais nada.

SOBRE A INICIAÇÃO CRÍSTICA

Andreas dirigiu-se à cozinha para se liberar da carga. Logo, tirou a água com a bomba, esfriou o vinho com um pano molhado e voltou para me pedir que sentasse à mesa.

Estela era uma cozinheira talentosa. Tinha a teoria de que era preciso se alimentar de acordo com a comarca que tivesse o mesmo clima no qual vivemos e como neste dia fazia muito calor, havia adicionado especiarias fortes à comida, sobretudo o curry. Durante a refeição não me deixou tomar outra coisa senão água e um pouco de aguardente reduzido e perfumado que ela mesma preparava. Os dois cuidavam de mim a mil maravilhas, como se estivesse convalescente. Eu me deixava querer, já que a comida era especial. Se bem que meus anfitriões comiam bem pouco.

Quando parabeneizei Estela, ela respondeu: - Foi Andreas quem me deu estas receitas. Durante um tempo ele é quem cozinha. Temos provados pratos extraordinários, mas, acredite-me, onde melhor se come é no norte da Índia. O senhor acaba de ter uma amostra.

Porém, eu não perdia de vista os verdadeiros objetos de minha curiosidade e, de vez em quando fazia uma pergunta prudente:

- O que o Senhor chama de limite? Seria o Táo de Lao Tse? Seria o Parabrahm, o Ain Sof, o Nirvana?

- Tudo isso são palavras – disse ele. Ficaria o doutor escandalizado se eu dissesse o que penso?
- Procurarei compreender – respondi.

- Bem. Acredito que o cérebro mais poderoso da terra só poderia refletir a imagem de uma fração infinitesimal do cosmos. Acredito que a inteligência possui vida, mas que não é a Vida, que se cultivamos com exclusividade, trabalhamos com um reflexo, enquanto que em nós existe uma realidade, que é o coração.

Bom – pensei eu. Misticismo, bhakti...

O que eu chamo coração – prosseguiu, depois de ter me lançado um olhar perspicaz – não é o sentimento contemplativo da monja de clausura. É isso também, sim, mas são também todos os

sentimentos, todos os amores, todos os ódios, todas as alegrias, todas as dores, as risadas, as lágrimas as melancolias, os músculos rígidos para o esforço, as emoções da adolescência, as ambições da maturidade. É a vida inteira que é preciso viver. Purificar nosso corpo astral é tomar uma ducha para adquirir poderes mágicos. É o ato que precisa ser purificado, sublimado, unificado. Esta é a verdadeira imitação do Verbo.

- Agora compreendo – exclamei – porque Teófilo Scheighardt ensina que aquele que pratica o primeiro livro da Imitação de Jesus Cristo é já quase um Rosa-Cruz. Até agora só vi ali uma religiosidade simples, sem profundidade.

- Este homem tinha muita razão – disse Andreas.

- Então as palavras do Evangelho devem ser interpretadas literal e absolutamente? Se vivemos bem este “suplemento” que o Céu nos dá “a mais” abarca tudo: Ciências, poderes, faculdades transcendentais!

- É exatamente isso – respondeu Andreas, empurrando para mim o pote de tabaco. Leia o Evangelho com a maior simplicidade, com toda sua inocência. Pouco a pouco, o que lhe parece insípido se tornará saboroso. A lei é simples....fazer o que se pede....filho meu... Servir é seu lema...Aquele que serve aos homens será servido um dia pelos anjos – dizia envolvendo-se em uma nuvem de fumaça de fumo.

Frases vazias, podem pensar. Estas palavras são, com efeito, frias e vazias sobre o papel, mas quando chegam aos meus ouvidos, como estavam vivas, como eram vibrantes, quantos ecos adormecidos despertaram em mim! Como sinto falta daquelas conversas tranquilas após as refeições, naquela casinha pitoresca, a calma daquela quase solidão interrompida apenas pelos gritos das crianças, pelo ruído dos poucos carros que passavam. A aparição desta forte silhueta, de modos plenos de afetuosa bondade, a vista deste rosto rude e augusto; Saudades de Estela se movimentando para lá e para cá, desperta, alegre, com os olhos prenhes de aurora! Minha melancolia se adaptava tão bem a seu magnífico outono! Hoje, o inverno chegou a mim. Deixa-me a recordação, que me dá força, tanto quanto sua presença me deu a luz no passado. A força ainda me é dada, renovando-se na tranquilidade das noites.

- Desta forma então mestre – disse depois de um breve silêncio – pude abandonar a especulação, lutar contra o desejo de saber, contra o ardor de atuar segundo o ideal esotérico, como dizem: os livros trabalham o mago, segundo a serena vontade que conquistou.

- Os livros! – exclamou Andreas enquanto Estela sorria com indulgência. Já li todos os livros da tradição ocidental, os alemães, os ingleses, os latinos e os franceses. Dispensei muitos outros. Aquele que quiser ficar aí, que fique, mas aquele que quiser cumprir seu verdadeiro destino, inclusive em detrimento de seus aparentes desejos mais nobres, que este se limite ao Livro único, à Vida que se multiplica ao seu redor, em cujo emaranhado lhe será permitido, quando chegar o momento, colocar um pouco de ordem.

- É verdadeiramente mais difícil viver simples e claramente do que abstrair-se, durante os dias e as noites de toda uma existência, com textos áridos, à margem de todas as vaidades do mundo, de todos os falsos prazeres sobre os quais a multidão se precipita?

- O doutor já perceberá que sim – respondeu Andreas. Os atos mais insignificantes podem ter uma grande influência sobre seu futuro e o futuro daqueles que o cercam. Seus filósofos tem meditado sobre o grão de areia de Cromwell, mas nem suspeitaram que muitas das ordens das criaturas imateriais estão unidas ao homem. O doutor deve ter aprendido algo sobre o tema no “de revolutionibus animarum” de Luria.

- Sim – respondi. Li o livro de Rosenroth.

- Pois bem! Tudo tem a sua importância. O matrimônio, por exemplo, que hoje nos esforçamos em demolir a qualquer custo, exerce uma repercussão muito longe no futuro dos esposos e está motivado por causas não menos profundas. Mas é preciso entender que a busca deste passado e deste futuro seria vã para nós. O presente, este é o nosso território. Buscar atrás ou à frente é infantil. Não digo que aqueles que fazem estas investigações se enganem. Toda busca é útil. Mas, você doutor, que quer a vontade do Céu, eu, que sou um ignorante, nós devemos nos contentar em aprender, em toda circunstância – ouça-me bem – a esquecer sempre e em todo lugar em benefício dos demais. O amor entre o homem e a mulher é apenas uma escola elementar do amor das almas pelas almas. Quando este último se inflama, os amantes podem estar separados por toda a extensão do zodíaco. Mesmo assim sentem a presença mútua e o coro de suas orações sobe em voo solo até o Pai, o Filho e o Espírito.

Como se colocou de pé para pronunciar esta última frase, eu também me levantei para ir embora.

A BABEL ESPIRITUALISTA

Fomos visitar Andreas, eu com uma coleção de papiros recém apresentados no Louvre, subimos à Montmartre. Chovia. A praça da Ópera e a praça do Havre pareciam uma muralha bombardeada com seus galhos, estacas e poças. Caminhões, ônibus, trem e taxis, com suas buzinas, campainhas, sirenes, faziam um tremendo barulho. As lâmpadas no meio do pântano cegavam. Uma multidão corria entre a escuridão e as luzes para pegar os trens mais próximos. Evidentemente, os diabos raivosos instigavam esta gente, fazendo com que saíssem de suas lojas, escritórios e oficinas só para assa-los em outro forno. A maior parte destes pedestres estava em silêncio. Outros falavam apressados, como se a tumba não estivesse próxima para todos.

- No entanto – disse Andreas, parecendo ter lido minha sensação – é bom para eles que estejam aí e que se agitem assim. Se isso lhe ajuda a avançar...

- Pensava também – respondi – em outra confusão, mais perto das minhas inquietudes. Por todas as partes há uma tentativa de conciliar os diferentes espiritualismos. Buscam os pontos comuns da yoga, da cabala, da gnoses, do budismo, do taoísmo, do pitagorismo, do catolicismo, do hermetismo, de todos os panteísmos e de todos os humanismos. Analisam, tentam....

- E – interrompeu Andreas com um sorriso – querendo construir um monumento, só se consegue um trabalho mal feito.

- É por causa deste temor que procuro um indício, uma direção.

- Muito bem! Conte-me.

- Pois bem – prossegui – durante esta última quinzena, li livros dos líderes de diversas escolas neo-espiritualistas, psíquicos, néo-católicos, protestantes, liberais, católicos que se definem como ortodoxos, investigadores que se acreditam convertidos em adeptos. Quero acreditar que todos estes sábios sejam sinceros e estão convictos. Longe de mim suspeitar que sejam voluntariamente os subordinados de uma diplomacia oculta. Mas, digam o que digam, vejo que a maior parte dentre eles são anticristãos, ou melhor, anticristos, se a palavra não soar um pouco defasada.

- Não está totalmente desencaminhado – respondeu Andreas.

- Por exemplo, a Senhora Blavatsky se serve das concordâncias astronômicas que vemos nas vidas dos fundadores de religiões. Que João Batista tenha nascido no solstício de verão e que o Cristo tenha nascido no solstício de inverno, que tenha ressuscitado no equinócio da primavera já foi manifesto por Dupuis, por Ragon, por Vaillant e por muito outros, que ampliaram esta evidencia para Lao Tse, Krishna, Buda, Pitágoras, Platão e muitos outros. Partenogêneses, tentações, sofrimentos, identificações com o Absoluto, suplícios, está tudo aí...

- O que prova isso? – interrompeu Andreas. Não vê que querer deduzir uma semelhança espiritual de uma material é um argumento de materialista?

- Mas, as ciências adivinhatórias...

- As ciências adivinhatórias vão do físico ao mental, mas não ao espiritual. O sangue, a linfa e os reflexos, que possuem o homem e o cão, provam que possuem a mesma inteligência e a mesma alma?

- Eu sei bem que o Cristo é único, que é diferente de seus predecessores e sucessores na história do messianismo universal. Sei que nele, seu corpo fluídico, astral, se preferir, seu corpo mental foram organismos santos e sábios, potentes como dos mais altos de entre os adeptos, mas que seu *eu*, sua individualidade, foram um ato especial, uma vontade particular do Absoluto. No homem comum, o *eu* é um elemento composto, no sentido do qual adormece a luz divina da alma. Em Cristo, é esta luz, desperta, perfeita, resplandecente a que constitui seu eu, sua vontade. É realmente o filho de Deus. Os outros salvadores eram apenas homens, mas acredito que alguns deles foram inspirados por Deus, em intervalos, e sobretudo acredito que podem ajudar seus fiéis com a simples mas indispensável condição de que estes pratiquem o mandamento principal: a caridade.

- Sim, agora vejo – disse Andreas – o que escreveram os sábios que acaba de citar. Não podem se comportar de outra forma. É melhor que sigam com este raciocínio até o final de sua linha de pensamento atual.

Não respondi nada, pois não era a primeira vez que via Andreas tomar seu tempo para converter pessoas à sua opinião; Seguiu dizendo?

- Não, nosso Amigo não disse: “Meu Pai celestial e eu (meu ego encarnado) somos a mesma coisa. Se seu ser visível tivesse sido o Pai, nem os homens, nem o planeta poderia suportar seu deslumbrante esplendor. Eu digo com maior simplicidade e exatidão: “Eu e meu Pai, somos Um”: a mesma essência e não a mesma substância.

- Ele não disse: “Meu Pai, eu, vós, discípulos iniciados em minha doutrina, somos um, consumados na Unidade”, mas disse: “Que eles sejam um, como nós somos um. Como Tú, Tú estás em mim e como eu estou em Ti, que sejam um em nós. Porque esses discípulos sabem de ciência íntima e verdadeira, sabem que saíram de Ti”.

Então perguntei:

- O Cristo disse: “Meu Pai é maior do que eu” e em outra parte: “Meu Pai e eu somos um”.

- Não há contradição nisso: A contradição que acreditas ver neste texto está em ti. Às vezes é Deus quem fala e às vezes é o homem. No Evangelho não pode ser dito tudo. Não compreenderíamos. Dizendo de outra forma, tudo já foi dito, mas o homem não compreende e é impossível explicar-lhe qualquer coisa da qual ele já não tenha uma intuição latente dentro de si. É preciso tempo.

- É verdade – continuei dizendo – que existe uma economia da Revelação. É verdade que a inteligência humana se amplia. Mas não há entre o modernismo e o dogma ortodoxo uma simples diferença de iniciação? A divindade de Jesus é incompreensível, está acima da inteligência. É um fenômeno, um estado do ser que teve lugar à margem do criado, do relativo, enquanto que nosso intelecto só pode funcionar no interior destas últimas esferas. Está claro que existiu, na igreja primitiva, uma reserva com relação a certos dogmas, uma iniciação se quisermos dizer assim, mas a palavra do sacerdote nunca podia proporcionar esta luz ao neófito. Unicamente Deus possui a qualidade e o poder de se fazer conhecer por aquele que julga digno.

- Sim, é verdade o que diz amigo doutor – mas escute bem - ninguém nunca viu à Deus, em espírito. Como então podemos polemizar doutrinalmente? Esta bem claro que a fraternidade, a obrigação da virtude, a existência do Divino, a imortalidade humana são pontos aceitos por todos. Mas se uma escola rechaça a oração, seja porque que Deus não exista, seja porque o homem é indigno, seja porque o Absoluto não muda para nos agradar, esta escola não estaria na verdade. Há um Deus. O homem é bastante baixo para não ter vergonha de sua pusilanimidade. Seria muito melhor que não pedisse nunca para si mesmo nada material, mas onde está aquele que tem fé? E por último, o Absoluto, apesar de que desta maneira contraria nossa lógica humana, modifica seus planos e seus projetos quando lhe apetece a um de seus bons filhos. Um projeto novo não lhe preocupa, nem tirar algo novo de seu tesouro. Como pode compreender, seus recursos são infinitos. A oração se situa nas antípodas dos treinamentos da Raja Yoga. Existem muitas classes de êxtases, muito mais do que os “adeptos” conhecem.

- Por conseguinte – disse eu – se Pablo de Samosata nega formalmente a divindade de Cristo; se Arrio, em 325, o Concílio de Milão em 355, se o Concílio de Esmirna em 357, se o segundo Concílio de Angora em 358, declaram esta mesma teses; se o Concílio de Efésio admite as duas naturezas, isso prova simplesmente que a luz intelectual abandona o homem que já não alimentam a luz moral. Vem a colação sinalizar, junto a um filósofo católico contemporâneo, as palavras de Santo Agostinho aos Maniqueus: “Aqueles que fazem danos contra vós ignoram que difícil é encontrar a verdade e evitar o erro”.

- Sim, belas palavras – respondeu Andreas – concordando. Tens muita pressa doutor! Ainda tens muito tempo adiante de ti.

- Mas não seria melhor não perder este tempo?

- Sim, mas não desta maneira – disse com um sorriso afetuoso. Discutir se Deus é pessoal ou impessoal? Nem se quer compreendemos se uma pedra pode ou não ter livre arbítrio. Se a escola orientar quer dizer que Deus não é antropomorfo estou de acordo. Se quer dizer que o Absoluto é uma entidade abstrata, vazia e informe, então não, neste caso se refere ao Nada. Não sabemos o que é o relativo, o que podemos dizer sobre sua relação com o Absoluto? Que podemos dizer do Absoluto? Não nos tornemos como galos. Humilhemo-nos, reconheçamos que somos pobres e pequenos. Então chegarão as luzes deste Incognoscível Espírito puro.

- A Trindade Cristã não é a Trimurti de krishna, ou o Sat-Chit-Ananda dos Upanishads? Não seria o Atma o Logos platônico?

- Não, mas isso não tem nenhuma importância. Quando eras pequeno, tua mãe se preocupava de tuas imaginações astronômicas ou de tua obediência?

Passando a outra ideia, sem relação aparente com a precedente, Andreas continuou dizendo:

- A partenogêneses destes homens extraordinários, do Cristo em particular, não é um símbolo, é uma realidade, é inclusive uma necessidade fisiológica motivada pela excessiva tensão dos

trabalhos que precisam realizar. Os gnósticos erraram feminizando o Espírito Santo. O espírito Santo é a mais desconhecida das três pessoas. Não, Deus não se encarna em todas as religiões. Os antigos brâmanes sabem bem disso, basta ler a teoria dos Avatares. Digo isso porque pode lhe servir um dia, mas são temas que é preciso estudar por séculos para se chegar a um êxito.

Muitos hierofantes modernos, apesar de serem ricos em preciosas intuições, carecem de sentido prático. A ressurreição de cultos desaparecidos, reviver dogmas petrificados, o revestimento hebreu, grego, sânscrito ou chinês de teorias de auto-deificação são as respeitáveis ilusões dos filhos piedosos, a inocência comovente de eruditos perdidos em sonho, mas também fazer com que se lhes digam em alto som, sobre os obscuros cimentos de uma religião futura composta de lágrimas, suor e sangue. Estes pioneiros que não aceitam nem a ciência positiva, nem a fé eclesiástica, envelhecem com hieróglifos metafísicos, com fantasmas, com neuroses. Terão sorte se, depois de vinte ou quarenta anos de estudos se derem conta que os símbolos, os arcanos e os ritos exumadores são o verniz dos axiomas de senso comum, da sana razão. Os simples sentem isso instintivamente porque o coração do homem é o tabernáculo onde brilha essa Luz eterna da qual os arcanos do ocultismo não são senão sombras deformadas.

O homem moderno está mal equilibrado. A natureza raramente dá à luz obras mestras. Ardem em nós chamas que nos consomem. Os deuses do dinheiro, da glória, da ciência ou da arte, tiram de seus pobres devotos de órbita. É por isso que os médicos, por exemplo, encontram tantas psicopatias entre os espiritualistas, místicos, entre as massas de crentes e nos pseudo guias de tais massas.

O experimentador da hiperfísica pode permanecer frio, mas o sentimental, aquele que se lança ao mistério com todo seu coração, ansioso e doloroso, desejando tocar o impalpável e falar com os moradores dos infernos e dos paraísos, estes que em uma palavra, tem como objeto todos os fenômenos ocultos, este encontra mil ocasiões para cair em uma histeria qualquer, em uma mania, em uma alienação mental parcial ou em um orgulho tão inocente como exorbitado. No entanto, todos os doentes são uns pioneiros. Não devemos nem desprezá-los, nem nos afastarmos. No entanto meu doutor, não exagere em tuas apreensões. Diga ao Senhor Fulano de Tal, grande fundador de sociedades, que não passa de um orgulhoso. Ainda que seja verdade, conseguirá algo além de feri-lo? Conseguirá mudar seu coração? Olhe para teu interior e verá que não. Muito bem, deixa aos iniciados, aos esotéricos, aos aficionados ao êxtase e aos abstratos renomados. Não os provoque. Escute-os se quiserem expor suas teorias. Não os detenhas, a não ser que vejas que iram desembocar no mal. Trata de obter deles uma emenda prática, em atos ou em pensamento. Isso já seria bom.

Foi assim que meus entusiasmos de ideólogo receberam, baixo à chuva penetrante, uma ducha a mais.

TEOFANE

Na visita seguinte, encontrei Andreas pintando cerâmica ao estilo norueguês, muito na moda naquela época. Enquanto traçava folhagens com um traço puro, pedi algumas explicações sobre a oração, ato ao qual parecia outorgar muita importância.

- Logo se vê que nunca recebeu uma tijolada na cabeça – respondeu sorrindo. Sua Cabala situa um axioma no topo dos ensinamentos, o qual provavelmente o doutor já leu e releu sem prestar atenção: “Tudo é um ser vivo” – disse Simeon Ben Jochai.

Fiz com a cabeça um gesto afirmativo.

- Então, uma alegria ou um problema és, em certo mundo, um ser que possui uma forma, uma inteligência, uma liberdade. Mas, se seu ser físico está limitado, seu ser astral, moral, etc. também estão. Se um orangotango é sete vezes mais forte que um homem, porque não haveriam forças invisíveis mais fortes que as forças interiores que englobamos sob o nome de “vontade”? Quando um destes colossos lhe pega pela nuca e lhe sacode, como você faz com um coelho, que podes fazer senão pedir socorro? Isto é a oração. Se você é atacado em um bosque, e se você soube se fazer querer por seus servidores, estes lhe defenderão. Por isso é preciso se fazer querer pelos servidores do Céu, e para isso é preciso fazer a vontade do Pai. É desta forma que a nossa oração será ouvida.

- No entanto – disse eu – a força moral do homem é limitada.

- Sim, se a deixarmos. Mas e se a cortarmos? Acreditas por acaso que o menor dos átomos de um indivíduo é dele, que lhe pertence? Não se engane. Todo o seu eu é um empréstimo concedido à sua alma. Acredite-me – acrescentou enquanto Estela entrava para se sentar junto à nós – só há uma coisa pela qual o homem pode vencer o mundo...

- Não lhe diga – interrompeu Estela – Vou buscar a carta – e subiu ao seu quarto. Quando voltou, me entregou um papel da China, cuidadosamente guardado dentro de uma carteira de coró.

- Leia – disse ela com gravidade.

Havia algumas linhas em francês, de uma caligrafia forte e marcante, que parecia mais enérgica que a de Napoleão I. Uma emoção tomou conta de mim, sem motivo, enquanto decifrava os hieróglifos. Eis aqui o texto:

“Filha minha, não deve se abater como faz. Leva em teu interior a força eterna pela qual subsistem os exércitos cósmicos: o Amor. Ele é o Pai do que chamamos tempo, o bem, o mal, o prazer e a dor. Sua virtude toda poderosa transfigura as almas. É o Mestre supremo de quem aprendemos todas as lições. É a contra senha que aparta os guardiões de todos os templos. É a espada cuja simples visão faz fugir aos inimigos. Ele ignora os obstáculos do mal. Só vê nesses obstáculos a debilidade. O Amor esquece o passado. O futuro não o inquieta. O Amor só conhece o presente e verte, sem prudência, toda sua riqueza no presente. É a fênix que se imola sem parar, recebendo depois de cada sacrifício um grande tesouro de esperança e de luz. Segue, pois seu caminho Estela e não temas nada. Se fizeste cinquenta vezes o mesmo sacrifício, esteja preparada para fazê-lo cinquenta vezes mais se assim lhe for pedido”.

A assinatura era uma rubrica quase ilegível, mas eu tinha certeza que este papel vinha de Teofanias.

- Recebi esta carta – disse Estela depois de um longo silêncio – por intermédio do consulado da China. Chegou dentro de outro envelope, através de um funcionário do governo, instruído para fazer com que chegasse a mim, selado com o selo imperial, um dragão de cinco garras. Felizmente, um empregado da embaixada que havia sido meu vizinho em Neuilly, se prontificou a me entregá-la, já que me conhecia. Entregou-me o envelope com vivas saudações, ele que com certeza o Filho do Céu havia tido em suas mãos.

O motivo pelo qual Teofane entrou em contato com este monarca, que protege o cerimonial mais estrito, eu nunca soube.

Contemplamos em silêncio o dragão dourado de cinco garras.

- Não lhe parece – disse Estela – que as palavras deste...homem carregam em si, mesmo depois de tantos anos, uma virtude, como que um sopro carregado de perfumes silvestres, que volta a dar esperança e o pressentimento de um Éden desconhecido?

- Quem é Teofane? Quem é? Quem é?

- Querido doutor, acredita mesmo que eu lhe diria, mesmo que eu soubesse? Crê que se ele quiser não lhe dirá? Tem pensado seriamente na verdadeira disciplina dos segredos autênticos?
- Ademias, o Cristo disse: “Eis-me aqui, estarei convosco todos os dias, até o final”.
- Sim, disse a seus Apóstolos.
- Tudo é possível para Deus! Algumas seitas anunciaram o retorno de Cristo. Eu sei que o Cristo deles é falso, mas a ideia é correta.
- Sim, querido doutor. A ideia é exata. Há dois mil anos havia um homem em certa casa. Ocupava-se de seus assuntos como os homens de hoje em dia, e no final do dia ia com outros homens à praça, como vamos hoje à cafeteria. Se o víssemos hoje estaria com uma jaqueta ao invés de uma túnica e assim com tudo. É necessário se acostumar com esta ideia para se fazer mais evidente a presença do Amigo.
- Vocês querem me dizer que sabem que em tal rua, em tal número, vive um personagem que seria...Não, não me atrevo a terminar a frase...
- Vê, vê como às vezes é melhor calar-se. Dizer isso seria terrível. No entanto, disserta sobre a natureza humana e sobre a natureza divina, sobre o conhecimento infuso, o conhecimento experimental e tudo o mais. Disseca a Tomás de Aquino e releia os jesuítas teólogos do Sagrado Coração. Sempre chegará à mesma conclusão: Nada é impossível para Deus.
- Sim, compreendo que é preciso calar-se. Por outro lado, me parece que o simples contato íntimo da alma com Deus é tão sério, tão sagrado que, este fervor me superaria, nunca me atreveria a falar dele.
- Enfim, lembre-se de que fomos advertidos: Se lhe dizem que o Cristo está aqui ou lá, não vá. Isto é - retomou depois de alguns minutos de silêncio – tudo o que podemos dizer a respeito de Teofane. O resto depende de você. Quando você der provas de uma boa vontade, quando não temas perder o caminho de seu país, lhe encontrará. Quem sabe o veja na rua, em sua casa ou no caso dos grandes, ou em um casebre ou em outra esfera; mas seguramente ele virá a vós, quando tenhas demonstrado a humildade e a caridade que são a marca dos filhos da Luz. Você não o conhece, mas ele te conhece. Você não sabe quem ele é, mas ele sabe onde você mora e para onde vai. Por outra parte, lembre-se que o médico está para os doentes e não para os que estão bem.
- Você só o viu cinco vezes na vida? Perguntei um pouco abatido. Porque se um homem com a ciência, energia e bondade de Andreas só havia obtido tão escassas recompensas, o que eu poderia esperar com minha vontade oscilante e pouco valor?
- O vimos em outra ocasião, os dois juntos – contentou Andreas – e, provavelmente nos fará uma última visita antes de deixarmos esta terra.
- O Senhor pensa que pode morrer? – perguntei surpreso, posto que minhas leituras me havia ensinado que o homem que chegou ao grau de ciência e potência ao qual chegou meu interlocutor, deve poder prolongar sua existência como lhe agrada.
- As lendas do elixir da vida tem fundamento – me disse Andreas. Houve homens, há ainda homens que estão na terra desde séculos. Você mesmo os conhece, mas não direi seus nomes para que não tentes julgá-los.

- Faz mal?

- Isso não deve ser feito – respondeu. Quando um homem nasce aqui embaixo, seu destino fica fixado. Caso viole a lei, seja qual for a pureza de sua intenção, sobrepassa seus direitos e não pode fazer isso sem apropriar-se ilegalmente de certas forças, sem exercer violência sobre certos seres, sem transtorno e sofrimento em torno de si.

- Então o melhor é submeter-se a tudo e para tudo!

- Sim doutor, é preciso saber obedecer antes de querer mandar.

Já era tarde. Despedi de meus anfitriões contra a minha vontade. Minha provisão de novas ideias era bastante grande e tive durante os meses que se seguiram, muitas oportunidades para aprofundá-las.

OS COMETAS

Naqueles tempos, houve um cometa cuja aparição havia sido anunciada. Todo o mundo queria vê-lo e aproveitei a ocasião para arrastar Andreas a um daqueles passeios noturnos que ele parecia disfrutar tanto como eu. O trem elétrico dos Inválidos nos deixou uma noite no Vale Fleury. Desde ali, os caminhos florestais nos conduziram ao planalto de Villacoublay, de onde o firmamento era visível quase que por inteiro. Pudemos examinar com prazer a Vênus desnuda.

A beleza da noite nos tocou. Voltamos a descer ao bosque escuro e espesso, conversando algumas coisas e outras.

Que paz sair da cidade febril! Que frescor havia no ar aromático.

A beleza da Natureza era serena em sua variedade, já nos rodeavam pequenas e cândidas lagoas, já separávamos os ramos das árvores, onde os ruídos dos bichos noturnos se destacavam no silêncio, ou quando, indo parar a planície, a lua nos mostrava os altos telhados e as torres da velha fazenda cinco vezes centenária.

De vez em quando os cães ladravam ao longe nas casas florestais e à beira das avenidas, parávamos um segundo para ver os coelhos, enquanto Andreas comentava em baixa voz sobre os costumes das bestas e das plantas. Ele me mostrava a nobre mata de Artemisa, que se alimenta de pedrinhas e de detritos e o humilde *tussilago* que indicam as mudanças hidrométricas e o *fiero verbasco*, preparando para a próxima lua a espiga de sua flor perfumada e outras dezenas de plantas, uma verdadeira população pacífica, harmoniosa, amável e familiar como a claridade delicado dos céus da Ilha de França, que Carot plasmou tão bem. Andreas também me fazia prestar atenção aos sons do campo, do rio, da espessura arbórea, ao uivar do lobo inquieto que devia ter muito medo para arruinar assim sua casa, ao roçar dos insetos ao baterem suas asas.

Depois de deixar à nossa esquerda o Carvalho Ensanguentado e o Cordon de Arriba, chegamos a um elevado arenoso, onde valas haviam sido abertas entre os brejos, *álamos* e *hayas*. Paisagem de uma serenidade mágica se revelava aos nossos pés. A colina descia por uma encosta íngreme, até a lagoa de Sarcelles que nos enviava seu frescor. Os campos de Velisy se estendiam, cheios de casinhas, até a linha férrea e, mais longe, subiam os montes de Viroflay e de Ville-d'Avrey, e os bosques de Fausses-Reposes. O grande silêncio lunar banhava os perfis estilizados das colinas próximas, as milhares de estrelas animavam os céus imóveis.

Nos sentamos para fumar como sachems (Chefe nativo da América do Norte, N.T.) para, sem dúvida, grande desespero de *texugos e martas* as quais incomodávamos em seu retorno. Andreas

falou com uma voz sem timbre e sem ressonância que ele sabia entoar quando não queria que um terceiro ouvisse. Uma vez respondeu a minha pergunta sobre o motivo de tal precaução.

- O campo tem olhos, os bosques tem ouvidos.

- Todas estas estrelas – disse eu – por quê? Como?

- O porquê – respondeu Andreas – é o segredo do Pai, sendo provável que nos diga um dia, quando estejamos preparados para entrar em sua casa. O como...todas as partes da criação se parecem e se reproduzem umas com as outras. Simplesmente, não percebemos, contemplando-a, um todo contínuo. Vemos fragmentos descoordenados. Estes fragmentos tem uma razão e corresponde a outros fragmentos em nossa faculdade de conhecer. Por isso, nesta terra, percebemos os homens sob o aspecto de indivíduos e os minerais sob o aspecto de massa. Elevemos os olhos de nosso espírito ao céu interior e veremos os homens como um conjunto compacto. Elevemos os olhos de nosso corpo ao firmamento, e o imenso exercito dos astros nos mostrará, agigantado sem medida, o mesmo espetáculo que o microscópio descobre na molécula. A batalha rítmica dos elétrons, dos íons, magnétons, não é outra coisa senão uma astronomia infinitamente pequena.

De forma que – disse eu – queres que eu veja o axioma hermético grego sob um novo ponto de vista: Tudo está em tudo; se compreendo bem, a ontologia real enumeraria modos de existência: o modo matemático-lógico, o modo mecânico, o modo fluídico, o modo energético, o modo astronômico, o modo ser coletivo, o modo de liberdade. Cada forma viva, cada criatura, morfa ou amorfa, definida ou indefinida, consciente ou inconsciente conteria todos estes modos juntos, mas estaria organizada de forma a perceber unicamente um deles nas outras criaturas junto às quais vive.

- Sim, o que dizes é uma espécie de redução da biologia na tábua de Pitágoras. Este procedimento contém, sem dúvida, aspectos positivos. No entanto, é apenas um procedimento. Só se revelará um aspecto do Verdadeiro, bastante exato e vasto, por outro lado. A sabedoria humana não encontrou, por mais que eu remonte ao passado das doutrinas secretas, nada melhor. Mas o homem que se voltou a ser puro, abandona estes instrumentos intelectuais, dirigindo-se sem intermediários aos seres que necessita compreender.

- Esta multidão de estrelas tem fim?

- Sim, é um campo – respondeu – ao que o Pai colocou limites. A estrela Polar é um destes limites.

- De fato! Respondi. Se a estrela Polar é um limite, deve ser a mais distante, e os astrônomos dizem que, dentre as estrelas mais perto da terra, a estrela polar possui uma das mais fracas paralajes. Isso significa que está muito longe de nós. Mas há outras ainda mais distantes.

- A terra está no centro do mundo? – O cosmos tem forma esférica? E o sol, não está imóvel? – Perguntou Andreas. Isto ninguém sabe. Portanto, não se pode julgar as distâncias, as grandezas e os brilhos astronômicos, senão em relação à nós. Além disso, não temos perguntado se, atravessando os entornos interestelares, os raios luminosos sofrem refrações, ou metamorfoses, e temos podido calcular se isso existe?

- Não que eu saiba – respondi.

- Portanto, vêes que, por exata que pareça à primeira vista, a ciência astronômica não é segura...Sua utilidade é, definitivamente, puramente moral, porque nos dá ideia de nossa pequenez, da grandeza da obra do Pai, de que, pelos fracassos sucessivos de suas teorias e o precário de seus descobrimentos, humilha nossa vaidade.

- É um pouco o que acontece com todas as ciências. Mas então, o que é todo este universo?

- Este universo? Para nós, seus habitantes, supõe tudo o que existe. Fora dele, só há o Nada. De toda forma, se fosse possível ver as coisas do ponto de vista do reino de Deus, nos daríamos conta de que o Nada também vive. O que sempre impedirá que os metafísicos estejam de acordo entre eles e com eles próprios, é que estes dois pontos de vistas coexistem na alma humana, que esta alma é dupla, criada e incriada, que as percepções do eu natural e do eu sobrenatural se mesclam sempre dentro de nós.

- Portanto, tentar saber é inútil.

- Perdão doutor. É preciso tentar, com todas as nossas forças, não para nossa satisfação pessoal, mas por caridade ou, em outras palavras, para fazer viver as potências racionais e intelectuais cujo depósito nos foi confiado pelo Pai, por obediência e por amor à ele.

- Mas – objetei – tirar do homem o incentivo de um benefício pessoal é cortar-lhe os braços e as pernas.

- Sim, se o homem não crê em Deus. Mas se crê, qual felicidade seria maior do que obedecer a quem amamos? Que motivo daria mais energia, constância e entusiasmo? Se é um homem, portador da tocha do infinito, não faça como este lobo que acaba de se esconder ali embaixo, detrás da mata. Ele crê que sua única razão de ser é engolir o maior número de ovos possível, comer todas as galinhas que encontrar e ensinar seus pequenos a fazer o mesmo. Nós temos outra missão.

Agora, se te parece bem, podemos tirar um cochilo nesta areia, onde não sentiremos o orvalho, enquanto aguardamos a hora em que encontraremos algo para comer entre os brejos.

Depois de ter dormido por algum tempo, retomamos nosso passeio na deliciosa manhã, onde o bosque inteiro brilhava sob a luz clara, como uma virgem saída da fonte agitando seu cabelo úmido. Os paros, os abadejos, as currucas, as merlas, os escribanos sotinhos, cantam alto a estas horas. O ar está cheio de perfumes novos, as folhas são de um verde mais claro, o céu de um azul mais delicado e as nuvens mais vaporosas. O passado cinza já longe, o futuro é amável e uma agradável benevolência nos deixou mais alegres.

Tratei de retomar a conversa.

- Os Puranas dizem também – comecei – que o ovo do mundo nasce de um oceano insondável. Mas onde está a base e as margens deste oceano? Não são concepções semelhantes, até que provem o contrário, um pouco rudimentares?

- Assim seria, com efeito – respondeu Andreas – se a substância do mundo fosse completamente idêntica à substância terrestre. Mas não é assim. Desta maneira, muito perto de nós, passeia um planeta invisível, em outro espaço que não o nosso, cuja densidade é quase que o dobro da Terra. Assim, uma projeção fluídica imponderável de vontade pode atuar sobre uma massa pesada e quantos fatos análogos poderia lhe contar. Nossa consciência só funciona sob certas condições que nos limitam a percepção do sensível. Não podemos fazer ideia de condições diferentes. No entanto existem. Com maior razão não podemos imaginar o Nada, não mais do que podemos imaginar quando vemos as estrelas e tudo mais.

- Então é para se perguntar se as coisas existem. Se há algo mais que a aparência.

- Mas claro, as coisas existem. O homem leva a vida em si. Não pode criar a ilusão absoluta. Toda sua debilidade consiste em ver formas que mudam ao invés de essências puras. Em cada mundo, em cada plano de cada mundo, a aparência é uma medida proporcional entre a essência do objeto, sua

figura atual, a essência pura do sujeito sensível e suas faculdades de percepção mais ou menos sanas.

È a base das ciências dos signos. O tronco desta bétula não nos aparece tão prateado, nem suas folhas tão móveis, mais que como a expressão terrestre de uma força universal. As estrelas vermelhas, verdes e amarelas que olhávamos há um momento são também signos.

- Então o povo tem razão quando vê os cometas como anunciadores de calamidades?

- Sim e não – respondeu Andreas. Quando vai chover, os caracóis saem, mas não chove porque saem. Quando o cometa se torna visível, não é ele que provoca a guerra ou a epidemia, senão que é a consequência astronômica de um ato de demiurgo, de um modelo, do qual a guerra é uma consequência social terrestre.

Eu tinha muitas perguntas sobre os cometas, mas nesta manhã aconteceu o mesmo que em outras similares. A conversa quase sempre se desviava pela vontade de Andreas. No entanto, ele nunca falava primeiro e não fazia mais que responder minhas perguntas. Eu esquecia as perguntas que havia preparado, ou uma espécie de timidez indefinível me impedia de formulá-las. Por outro lado, me consolava pensando que meu mestre sabia mais do que eu aquilo que eu precisava e que noções me seriam mais benéficas ou inúteis.

De todas as formas, perguntei nesta manhã, se não me engano, sobre o papel e utilidade dos cometas.

- Quando um homem está doente – me respondeu Andreas – e os medicamentos não funcionam, buscamos outros métodos de ingestão dos agentes terapêuticos que não sejam a via estomacal, como a pele, os pulmões, o sistema sanguíneo. O soro, por exemplo, segue no organismo uma trajetória diferente da ordinária. O cometa é um regenerador similar do sistema solar. É também um estimulante. Aporta algo inédito ao nosso zodíaco e, por consequência de uma enorme dinâmica, que provém de outro zodíaco, restaura a função perturbada.

Para ele, suas viagens são estudos; concede alguma coisa aos mundos que percorre e também recebe algo. Depois de sua volta ao mundo, com sua velocidade desacelerada, submetido às reações de outros corpos celestes, sua trajetória muda pouco à pouco, desacelera, acabando por se tornar o centro de um sistema. Processo similar ocorre em embriologia, nas primeiras horas que seguem à fecundação do óvulo.

- Parece que li algo semelhante em um Djataka hindu.

- Sem dúvida. São coisas muito simples. No entanto, o cometa tem uma terceira função, já não na ordem cinética, mas na ordem individual.

- Qual seria? Um cometa não é uma pessoa como eu e você?

- Não, é a roupa de uma pessoa, assim como nosso corpo é a roupa de nossa individualidade. Todos os corpos celestes são roupas e os seres que vestem, os que não conhecemos ou não podemos perceber senão depois de penosos trabalhos de aproximação, cumprem cada um uma função. Os cometas revestem aos profetas, para bem e para mal. Também revestem aos artistas que distribuem a alegria, a esperança, o entusiasmo, as notícias.

- Caso você falasse isso em publico lhe taxariam de antropomorfismo.

- Por isso me calo. Por outro lado, é o homem quem está construindo a imagem da Natureza e não a Natureza que está construindo a imagem do homem. Mas estamos tão convencidos de nossa importância que nos acreditamos indispensáveis para a marcha dos mundos. Quantas coisas nós saberíamos se fôssemos humildes!

Nosso passeio nos levou até os canais. Paramos para um café da manhã campestre e a conversa se desviou.

A INUNDAÇÃO

Na época da grande cheia, que provocou tantos desastres na bacia do Sena, foi completamente impossível de visitar Andreas por mais de quinze dias. Tive que abandonar meu laboratório do hospital para ajudar nas consultas. Todos os leitos ocupados, macas em todos os cantos, até nos corredores. Pessoas esgotadas, lugares desorganizados. Nosso velho edifício jamais havia visto tanto movimento desde o ano da gripe. Acabei conseguindo que me colocassem uma cama no quarto de um interno, já que entravam doentes a todo instante. Mas na minha primeira manhã livre, apesar de ter muito sono atrasado, subi à casinha de Menilmontant. Andreas estava preocupado naquela manhã. Habitualmente tão ativo, estava deitado numa cadeira de vime, fumando lentamente um longo cachimbo de barro polido como os bambus de ópio quando usados durante cinquenta anos.

- Belo cachimbo – disse eu.

- Ontem à tarde era branca – respondeu distraidamente.

- Quer dizer que fumou a noite toda?

- Sim, já não tenho tabaco.

Ofereci do meu. Alguns minutos depois Estela apareceu, trazendo um café com leite e comentando o desastre que há semanas desolava Paris e arruinava a periferia.

- De onde vem toda esta água? – perguntou a seu marido. Não vem só da chuva, nem da neve derretida.

- Nem do corte de árvores – acrescentei.

- Não sei – respondeu Andreas – se é verdadeiramente necessário buscar as causas destas enchentes. Que ganharíamos com isso?

- Impedir que aconteça novamente...

- E se for a camada freática que mudou de nível? Os engenheiros vão perfurar poços de dois, três quilômetros ou mais?

- Mas, existe água enterrada tão profundamente? Os parisienses conhecem todos os pequenos estanques que existiam abaixo da Ópera e o que se encontra abaixo dos Moinhos, resto dos riachos do Grange Batelière.

- É verdade – acrescentei – que os saboianos falam de um lago subterrâneo no qual se perde o Ródano e os valdenses dizem que existe um também na extremidade do Lago de Joux.

- Digo-lhe que existe muitos outros, doutor. Conheço só na França, quatro lençóis freáticos situados em profundidades que variam de dois a quatro mil metros, e várias se estendem sobre uma ou duas províncias.

- De forma que se comunicam com algum destes agueiros, como os da cordilheira da Cote-d'Or, onde os camponeses lançam os cadáveres de suas bestas e se ocorrem movimentos profundos, os rios poderiam subir sem medida? Perguntei.

- Sim doutor. Mas isso só ocorre se houver uma ruptura do equilíbrio na massa mineral. Essas modificações provêm ou da proximidade do equinócio ou de uma erupção subterrânea ou talvez do nascimento de um novo foco magnético, como pode ocorrer pela aproximação de um cometa. De qualquer forma, tais acontecimentos não se devem ao azar. São queridos por inteligências cósmicas ou provocados como reação a doenças sociais, étnicas, se preferir assim. O sábio é, portanto, deixar que ocorram.

- E se por acaso houver aí a ação de um poder malicioso?

- Não há um ser que seja absolutamente mau. O que nós acreditamos mau, só é temporalmente, relativamente, e, em todo caso, nunca atua sem a permissão tácita ou expressa do Pai. De todas as formas, se fosse possível mudar o rumo dos fenômenos desta ordem, seria necessário que o operador pudesse conversar cara a cara com o príncipe, o senhor e o espírito da terra, que possui um conhecimento exato do estado do sistema solar inteiro, que pudesse ser consciente do plano dos modelos cósmicos.

- Existe um homem como este aqui embaixo?

- Creio que o doutor suspeita que sim – disse Andreas sorrindo com aquela maravilhosa bondade que as vezes transformava seu rosto rude e imóvel.

- E nós, podemos fazer algo diante destes cataclismos?

- É um pouco tarde. Era preciso alguns homens valentes há cinquenta ou cem anos. A menos que um ser inocente, escondido em alguma parte queira se consagrar a isso, só nos resta sofrer.

- O que chama de um inocente?

- Alguém cujo espírito ainda não conheça o mal.

- E como poderia evitar as catástrofes?

- É com seu espírito que os deuses poderiam fazer um pacto. Nós nada saberíamos do mesmo e, provavelmente, a inteligência deste homem também não seria consciente disso. Só veríamos suas desgraças, inimizades, traições, ruínas e seus sofrimentos morais.

- Outra coisa – disse eu – como pode ser que videntes e astrólogos não previram esta desgraça pública?

- O Céu não ama os adivinhos. Tem dito há muito tempo, através de seus amigos, tudo o que pode ser útil ao homem para que se corrija. O resto é pura curiosidade, mistura, confusão, iluminações fortuitas do intelecto, relâmpagos falazes dos poderes das trevas. Enquanto a mim, ainda que conhecesse o futuro, não teria o direito de revelá-lo. Nós imaginamos que o universo se preocupa de nossa sorte. Sabes muito bem que somos coisinhas simples.

Fiz um gesto de abatimento e fiquei quieto, pensando nestes milhares de pobres diabos, de mulheres anêmicas, crianças mal nutridas, sem lar, sem aquecimento, sem pão.

Estela havia saído da sala. Andreas se calara, perdido em um profundo devaneio. Lá fora, a chuva golpeava os vidros. Uma sonolência se apoderou de mim durante um bom tempo. Tive a sensação de que um homem entrava na sala. Era bem alto. Não pude discernir seu rosto, nem sua roupa. No entanto, vi que irradiava luz. Logo, tudo se tornou escuro. Voltei a abrir os olhos. Andreas estava de pé na minha frente. Tinha a cabeça levantada e o peito estufado para frente, como se fosse decolar da terra e me olhava nos olhos. Uma aura fluída, fresca e forte saía dele. Um mistério ocorria entre nós e eu pensei que estávamos os dois reunidos em nome de Alguém.

Andreas disse com voz inexpressiva:

- Vá buscar a tal e tal pessoa – e me nomeou a um carpinteiro de Batignolles e a uma grande senhora muito conhecida em Paris por sua elegância e pela suntuosidade de sua casa. Peçam a eles, de minha parte, que se comprometam com três coisas: não falar mal de ninguém, não defender-se, seja quem for que os ataques; orar por tudo o que acreditem útil, até que as petições sejam escutadas, ainda que tenham que passar nisso por noites inteiras. E tu, tu te unirás a cada um deles. E, aguentarás com firmeza daqui até São João, algumas desgraças serão evitadas à sua pátria. É o céu quem promete.

O CHINÊS

A inundação não se deteve, mas Andreas não falava disso. Esperava um visitante já há alguns dias, um ancião chinês, cujo nome célebre me surpreendeu muito ao ouvi-lo. Ignorava como este alto funcionário, famoso, rico e poderoso, poderia se encontrar na casa de Andreas. Chegou uma noite, depois do jantar, em uma charrete modesta, acompanhado de um pequeno mandarim taciturno e um soldado da infantaria da marinha, de baixa por convalescência. Eu estava convidado a estas saborosas reuniões as quais um amarelo, senhor, depois de seu imperador, de quatrocentos milhões de homens, o suficientemente forte para fazer fracassar toda a diplomacia europeia, falava com a simplicidade de um soldado, a um médico desconhecido, num antiquário.

Para fazer honra a seu anfitrião, a mulher de Andreas havia decorado um dos quartos com estilo chinês. Uma grande cama de ébano, esteiras, panos bordados, uma estante carregada de jades e bronzes, um magnífico incensório disposto ao solo, transformavam totalmente esta pequena estância.

- Não economizastes nos gastos! – Disse eu a Andreas.

- Não, querido doutor. O oriental gosta das formas. Não se pode ferir ninguém. Em outros tempos, quando estive na casa deste príncipe, todo seu *yamen* foi mobilizado. O doutor não está ciente das formas de cortesia? Muito bem, faça como eu, é preciso respeitar os costumes dos velhos. Ademais, este homem está muito acima de nós, socialmente falando. Nos coloquemos em nosso devido lugar. É ele quem deve nos indicar com que tom deseja que usemos ao tratar com ele. Você também, Marius, disse ao soldado, imagina que são ordens do general em pessoa.

Quando ouvimos a charrete, fomos os três ao encontro do príncipe, que entrou depois de cumprimentos recíprocos, curvando sua grande estatura e agitando suas longas mangas em sinal de alegria, segundo o rito confuciano. Falava francês perfeitamente, com uma voz pesada e grave. Seu rosto gordo e imóvel, marcado por muitas rugas, deixava ver, apesar da bondade de sua velhice e da vontade de seu ser cortês, o imenso orgulho de um homem que se sabe parte de quarenta e cinco séculos de uma genealogia sem rupturas. Apesar de toda eloquência de seus cumprimentos,

muitas coisas nos separavam para que eu não fosse frequentemente molestado pelo olhar penetrante e a clareza de suas pupilas incolores nas estreitas pálpebras inchadas.

Sentou-se na cama baixa e, por cortesia, fumou primeiro um cachimbo longo que Andreas lhe presenteou. Logo, Marius preparou o ópio e, ao cabo de uma dezena de tragadas silenciosas, Shun-Hing se colocou a perguntar-me sobre todo tipo de objetos. Também respondia a minhas perguntas. Tinha uma memória prodigiosa e, segundo o costume das pessoas de Letras, citava sem cessar os poetas de seu país, indicando, por meio de um recitativo intencional, segredos de duplo sentido ocultos na forma literária. Andreas, por sua parte, citava os clássicos, os românticos e os contemporâneos e sabia sugerir, tanto como seu ilustre interlocutor, pela musicalidade de sua elocução, símbolos inesperados, pelo menos para mim.

Aquela noite, Shun-Hing falou da inundações.

- O que dizem, irmão, os mandarins de teu país quando teus dragões se colocam furiosos? Perguntou a Andreas.

- Venerável, os sábios daqui não sabem o que é um dragão. Para eles é como se não existisse, sempre adormecido no fundo do mar.

- É possível isso? Surpreendeu-se o príncipe sem que se estremecesse uma ruga de seu rosto. Então se me permite uma pergunta estúpida, que fazem os mandarins quando a praga chega e quando se vai? Não podem mesmo prever sua chegada?

- Fazem como os oficiais manchues em suas inumeráveis viagens. Dão ordens de construir diques e buscam dinheiro para construir as casas. Os povos vizinhos tem enviado ajuda e nisso, na medida em que minha pequena inteligência pode julgá-los, esta praga é benéfica, já que permitiu às nações de raça branca um gesto de fraternidade.

- A fraternidade é necessária – disse o ancião. Mas quem pode sondar as vontades daqueles que não tem vontade?

- Minha esquerda – respondeu Andreas – onde se encontra meu coração, é a direita de meu irmão, e sua esquerda está à minha direita e temos, os dois, eu e ele, um só coração.

- Tua sabedoria é grande, respondeu Shun-Hing, com um sorriso de satisfação. Colocou de lado seu cachimbo apagado, seus olhos estreitos lançaram um fulgor, mas se calou.

- Digna-te lembrar-se de que eu não sou um mandarin. Disse Andreas. Este aqui, disse apontando para mim, é único na arte de curar. Mas, neste país, os homens sábios de sabedoria sem palavras não são quase nunca alto dignatários, como deveria de ser. Assim se cumpre a lei do Tao: O mérito vive em nossa casa, na sombra e guardado das honras e das cargas...

- Isso eu já sei, vendo você viver sua vida – interrompeu o príncipe com um gesto de deferência.

- Aqueles, pois que suspeitam da existência de dragões, não levam insígnia alguma, não estão revestidos de nenhuma autoridade e não manda mais que no seu próprio lar. Entre eles, alguns sentiram somente o vento de suas asas quando se movimentam. Outros muito raros pensam que esses animais divinos só vivem por cima das nuvens. Mas não conheço um homem que possa seguir os seis movimentos do Dragão de Cinco Garras, em todos os povos de rosto de cor.

- Não conhece um homem assim verdade? – murmurou Shun-Hing, colocando-se de pé em um único gesto.

- O Yin e o Yang não se separam nunca – respondeu meu mestre, levantando-se também para acrescentar: Conheço o homem.

O velho príncipe encolheu sua alta estatura. Andreas se aproximou. Ficaram frente à frente, com os olhos baixos, em silêncio, enquanto seus dedos faziam gestos rápidos, trocando os sinais de reconhecimento das mais secretas das fraternidades asiáticas.

Logo, cada um voltou ao seu lugar. Os cachimbos foram reacendidos, licores raros foram servidos e Andreas retomou a palavra dirigindo-se a mim:

- Existem uma centena de ciclos, se contamos com os astrônomos do Império Celeste.

Nossos povos da Europa sabiam que existem deuses, deusas, gênios e fluídos. O homem é parecido em todas as partes. Nossos ancestrais rendiam culto a estes espíritos e violavam a Lei do Supremo Regulador, tal como o povo ainda faz hoje em dia, no império de nosso mui venerável amigo. Assim caminha o mundo, na extrema esquerda, depois à extrema direita. O mundo chama isso de penas e recompensas, se alguns concebem, seguindo o exemplo de Kong-Tse, a invariabilidade no meio, buscam este meio no caos dos cinco elementos, ao invés de encontra-lo no equilíbrio espiritual da Via.

Teus povos – disse Shun-Hing – perderam a cabeça nos cinco elementos e nos vinte e quatro asterismos.

- Sim, enxergas com exatidão, velho de inteligência aguda – respondeu Andreas olhando fixamente ao seu interlocutor, que parecia dormir. Mas lembre-se dos dias em que recebia, sem que fossem dignos de tua virtuosa hospitalidade. Naqueles anos, entravas nos templos sem portas...e saí deles.

- Lembro-me, irmão maior.

- Os lamas não falam do Teto do Mundo que Tzong-Kapa vem do ocidente?

- Sim – disse o príncipe examinando-me, pois percebeu que meu interesse era muito grande. Fala como um homem muito velho, e eu tento responder-lhe com minha sapiência...sem conseguir. Mas ao lactante se dá o leite, ao velho a boa cozinha e ao homem maduro arroz saudável e pescado. Nosso irmão menor dirá o que pensa dos dragões que fazem transbordar os rios e que derramam as nuvens?

- Eu só sei ler nos livros impressos. Tenho visto que todas as nações acreditam em coisas semelhantes. Os sujeitos do Império Celeste conhecem também os unicórnios, os leões, pássaros estranhos e preces de sonhos. Seus irmãos arianos tem seu abutre Garuda, seu cisne Hamsa, suas serpentes multicéfalas, os Gandharvas e tantas tribos de seres que vem visitar as contemplações dos ascetas nus nos bosques. Os do Tibet, sobre as montanhas geladas, os da Lua Crescente em seus desertos tórridos vem passar, nas noites, toda classe de criaturas...O que poderia dizer que as suas duas sabedorias não saibam, veneráveis pais? O único que tenho feito é ler livros muito antigos, Todos os povos em seu estado natural conhecem a existência de dragões existem e também animais e seres que nossos olhos obscurecidos não podem perceber. Existe no oceano, no golfo, no estreito, na lagoa, no lago, no pântano, na cadeia de montanhas, no topo, no precipício, no deserto, na cidade, no bosque, na pedra, na planta, na árvore, na nuvem, no ar, debaixo da terra, no raio, no vento, na chuva, no continente, na nação, no povo, no Sol, na Lua, nas estrelas, no eclipse, no cometa, no meteorito, na noite, no dia, no crepúsculo, no mês, por último, no ciclo e no ano. Está correto? Eu vos pergunto, cavalheiros do dragão.

- Lao Tsé disse que são formas errantes.

- No entanto – perguntou Andreas – não disse o velho Lao Tsé que todo ser tem um nome, que não é o Nome, ainda que esteja contido no Nome?

Shun-Hing, concordando, recitou com voz firme o verso ao qual Andreas fazia alusão.

- Será que este velho sábio queria dizer que as coisas indefinidas tem um nome? Tudo é portanto indivíduo? Qual tua opinião, mui prudente?

- Tu entrastes no templo sem portas – respondeu o chinês.

- Observe esta rocha, por exemplo. Olhe com todos os seus poderes – retomou Andreas, dirigindo-se a mim. Ou seja, olhe de forma que nenhuma de tuas forças esteja ocupada com outra coisa. Libera para isso teu corpo imóvel dos estremecimentos do ato que vem de contemplar e da lembrança deste ato. Despoja de teus fluídos toda polarização precedente, de teu corpo todo sentimento, de tua inteligência todo pensamento que não seja esta rocha. Olhe, com os olhos baixos. Escuta com os ouvidos fechados. Palpe com as mãos imóveis. No princípio não verás o espírito da rocha, senão as diferentes classes de seres que são envoltórios, guardiões, viajantes. Somente depois deles, quando os tenha separado, perceberás o gênio e, se tua virtude iguala tua força, poderá lhe falar. Porque teu espírito conhece qualquer idioma.

- Um sujeito sonâmbulo? – perguntei – Magia?

- A magia está proibida, sabes bem – respondeu Andreas. Nunca encontrarás um sujeito qualificado para penetrar tão dentro.

- Então? – disse eu – Mas Andreas permaneceu sem responder minha pergunta.

- Sim, tudo existe: os faunos, os sátiros, os aegipanes, silvanos, ninfas, dríades, hamadriades e os semideuses. Hércules e os demais, as deusas, Afrodita e suas irmãs, as musas, as parcas e as fúrias, Zeus e todos os seus pares, os gênios, huries, kobolds, trolls, gnomos, melusinas, fadas, duendes, trasgos, korrigans, não são apenas alucinações de camponeses supersticiosos. Teudad, Thor el Walhalla; os deuses hindus, de quatro e de dez braços e suas saktis; os deuses egípcios com formas de animais; o catoblepas e obasilisco e o *la roca*, e todo o bestiário da Idade Média. Todos estes seres e muitos mais existem, todos viveram em outro tempo sobre esta terra sólida, nas planícies, nos bosques e nas cidades onde irão viver.

Querem dizer que eram ou que são criaturas reais, individuais, como um cão ou um cavalo, que não são símbolos de meteorologia, filosofia, astronomia ou de forças naturais? São animais ou humano-animais? Então os demonólogos Pierre d'Aban, Agripa, os legendários rosa-crucianos Sinistrati, Gaita?

- A Natureza faz seres. O homem é quem faz símbolos – respondeu Andreas sorrindo. Acreditas que o toro com cabeça humana de Asur, a Esfinge de Tebas, são apenas imagens habilmente combinadas? Quando o rishi canta: “A alma do iogui, morado do supremo Brahma”, não estará cantando simplesmente o que viu? Acredita que ele se diverte fazendo o trabalho do retórico? No entanto, não és professor de filosofia, nem membro de nenhuma fraternidade misteriosa supostamente rosacruziana, budista ou templária? Mas – acrescentou parando de sorrir e se inclinando em direção ao velho príncipe – mas se nosso mui venerável se dignar, gostaríamos de ouvir de sua boca eloquente muitas coisas que seus povos conhecem e que escondem dos rostos vermelhos?

- Eu sou um ignorante- disse Shun-Hing, com tom modesto e grave. Se falo é só para obedecer ao meu irmão maior e porque às vezes é necessário que algo seja dito ainda que seja por uma voz indigna. Tenho esquecido muitos caracteres que antes havia admirado e copiado com um pincel respeitoso ainda que um pouco destro. Quão virtuosos foram os sábios dos velhos tempos! Muito justo que eles tenham sido respeitados quando, em minha longa carreira, graças à sua invisível presença e ajuda constante, pude fazer algo de útil para o povo, conforme a Vontade suprema! Mas perdoa que um velho débil e trêmulo chegue nu à casa dos ancestrais bem amados... E que poderia eu dizer? – continuou depois de um curto silêncio- que nosso irmão menor não tem lido nossos livros antigos? Os dez mil seres, os animais do ar, da terra, das ondas, da madeira e do fogo aparecem no arrozal, crescem, logo diminuem e desaparecem... Assim, a crueldade dos homens produz demônios no mundo dos Revés e estes demônios subjulgam aqueles que os produziram. Depois, quando já cometeram muitos crimes, os demônios tomam o sangue espargidos das carnes mortificadas, e seus príncipes constroem corpos com elas. Aparece então o tigre que mata estes mesmos homens, cuja maldade fez com que as portas da terra se abrissem para ele. E quando o “devorador de homens” tenha matado a todos que levavam sua marca, sua força diminui, seu corpo mingua no transcurso dos ciclos, convertendo-se em um gato, elegante, egoísta e medroso. Assim, houve em outro tempo lagartos gigantes e crustáceos tão grandes como bois, e muitas outras criaturas, desvanecidas no reverso deste mundo visível.

- A ciência oculta flui por teus lábios, meu velho – disse Andreas – falemos mais.

- Assim são os dez mil seres – continuou o príncipe. As cem famílias aparecem na terra, mas já apareceram em mil terras; Primeiro habitam os sonhos dos homens sábios, depois estas criaturas nascem com escamas, plumas ou pelos, sem ossos e com ossos. Logo diminuem e desaparecem da vista dos homens sábios. Logo os deuses as tomas e as conduzem a outras terras. Assim, este mundo é um mar de ondas inumeráveis. Veja pois irmão menor, com coração piedoso e sereno. Nenhum ser deve ser temido, nenhum deve ser depreciado e, tu mesmo, deves saber que não és nada e que serás tudo, mas se quiseres te converter em tudo, serás reduzido a nada, como um torrão de terra esmagada na argamassa.

- Fala mais, meu pai muito amado – pedi ao velho mandarin – já que uma espécie de emoção havia animado seu discurso e eu sentia como brotava até ele um simpático reconhecimento.

- Vou me calar – respondeu agitando seu cachimbo enquanto que o soldado redondeava com uma chama a esperada pérola de ópium.. Sim, me calarei – repetiu dirigindo-se a Andreas – já que só você lutou com o dragão pode atuar. Eu só sei falar. Tu és o pai deste irmão menor. Abre-lhe uma das portas brancas, tapa seu ouvido aqui, a fim de que ouça pelo outro lado, cerra suas pálpebras para as trevas daqui, para que veja as tochas sustentadas pelos leões de *crin corta*. Wen-Wang vem conosco.

Logo, voltando-se para a parede, permaneceu em silêncio.

- Ouves? – me disse Andreas – Queres que provemos?

- Provar o que? – Perguntei – e havendo compreendido imediatamente, acrescentei: Sim, enquanto você esteja ai e não seja demasiado longo.

- Um ou dois minutos. Deixe o cachimbo de lado e disponha-se confortavelmente.

Mas, apenas havia dito a primeira sílaba quando o quarto desapareceu de minha vista. Vi-me de pé, seguro pelo braço de Andreas. Shun-Hing, sentado, nos observava. Um Porto do Extremo Oriente apareceu e desapareceu. Logo um rio largo, coberto de juncos mal cheirosos. Depois arrozais, uma montanha, arbustos, uma caverna. Tudo muito rápido, como um filme que passa de pressa, porém

com nitidez extrema. De repente me encontrei na nave da Nossa Senhora de Paris (Notre Dame). Logo na primeira cripta, que todo mundo conhece. Logo na segunda, que havia sido, tive a certeza irreflexiva, o solo de um templo de Júpiter. Por último, em um terceiro subterrâneo, vi grandes pedras, lanças francesas, uma foice oxidada, o fantasma branco de um druída. Ouço um golpe seco, como o de uma forte forja metálica que se cai contra uma armadura. Percebo uma respiração dificultosa e grosseira, mas enorme, há dois passos; um corpo enorme e monstruoso estendido em uma sombra pegajosa. Parecia que tinha uns quinze metros de largura, umas patas baixas e retorcidas de músculos rugosos e ralos, cobertos por uma pele mal sana, insuficiente para levantar seu peso. Era cinza, reluzente, viscoso. Suas costas estavam cobertas de escamas e uma crista dentada de espinhos pontiagudos à coroa. Sua cabeça feroz, evidenciavam rugas profundas termina em pico, pavimentado de várias filas de dentes. Umas antenas filamentosas e trêmulas saíam deste pico entreaberto, tentando tocar a mim e a Andreas. Mas meu mestre se contentava em levantar o braço, como se faz com um cão agressivo. Este monstro reluzia com cores cintilantes, vívidas e venenosas; Suas alas membranosas apoiavam-se no chão estremecendo. Os olhos grandes saltados e desnudos, de pálpebras verdejadas e doentes, nos lançavam olhares humanos. Olhares insuportáveis. A besta estava visivelmente furiosa e sua raiva aumentava com o seu pavor, já que Andreas a fascinava.

- Está vendo? – me disse ele de repente? Bastaria dizer uma palavra a este animal para que ficasse furioso. Seria destruído e em três dias o Sena haveria desaparecido, aí acima das nossas cabeças e Paris entraria em colapso. Lembrarás disso? Tentará compreender, certo?

Fiz um gesto afirmativo. Tudo desapareceu. Voltei a me encontrar no quarto chinês, com seus três ocupantes com a mesma atitude anterior.

- Bem, querido doutor – respondeu Andreas a minha secreta pergunta com voz lenta, ao mesmo tempo que seu rosto se imobilizara e o fogo de seu olhar se tornava insustentável, conservando sua bondade fraternal. Trabalhar! Trabalhar! Querer!.

- Sim – ouviu-se a voz rouca de Shun-Hing caindo sem eco no ar rarefeito. Nós, os filhos do Céu, ficamos imóveis e, por meio de sua essência secreta, a Via vem até nós. Mas entre vós, homens de cara vermelha, vossos corações brilham. Quem tomou o atalho mais curto?

- Mui poderoso irmão, mui velho e mui sábio – lhe disse Andreas. Que é o Nome? É a Palavra. Que é a Via? É o movimento. O que é o Movimento? É a Vida. O que resulta da Via? A multidão inumerável de seres viventes, ou seja, a Verdade.

Shun-Hing levantou a mão para solicitar um cachimbo. Mas, a meia noite acabava de soar. O jovem secretário entrou, Quando eu o cumprimentei, o velho príncipe voltou suavemente seu rosto para a parede, enquanto Andreas seguia fumando na atmosfera opaca.

A PIRÂMIDE

Sempre acreditei que, para uma determinada época, qualquer que fosse o número e a divergência entre as doutrinas que nela surgem, sempre há entre elas energias irmãs, um nexos comum, uma arquitetura secreta, uma armadura profunda que revele que por fim que são as ressonâncias discordantes de uma mesma palavra, inaudível para a massa, mas receptível por alguns.

Nesta tarde, queria obter de Andreas alguma indicação que me permitisse mostrar um exemplo desta unidade secreta organizadora do mundo metafísico. Entre Alfred Fouillée, Secretan y Bergson, por exemplo, entre Traine, Peguy e o Barão Seillière; entre a Ação Francesa, a Democracia e Claridade, um espírito completamente imparcial deve se aperceber, primeiro dos semelhantes, por debaixo, dos pontos de contato situados nesta região de penumbra onde se apagam as disciplinas

clássicas do intelecto, as fugas românticas da paixão, os sistemas da vontade, mas onde aparece pouco a pouco o sol do Espírito. Me esforçava pois, em colocar muito bem os argumentos dos pensadores e Andreas me escutava com paciência, colocando aqui e ali algumas palavras esclarecedoras.

- Toda regra – dizia entre outras coisas – é amarga por fora e suave por dentro. Todo capricho, no entanto, gera sensações inversas. Toda paixão se esgota, toda ação regenera seguindo a qualidade de seus recipientes, tudo se precipita alternativamente de uns extremos a outros. Assim, a verdade não pertence somente à ordem intelectual. Pode ser que um bruto a capte, enquanto que se escape ao mais livre dos pensadores. A verdade não reside em Absoluto aqui ou ali. Não é nem isso, nem aquilo. Não é este combinado com aquele. Nem a análises, nem o sincretismo, nem a síntese, nem a analogia podem apreendê-la infalivelmente. Não se obtém a vista completa de uma árvore olhando de baixo a cima ou de cima abaixo, nem dando voltas ao redor, nem, se é que fosse possível, se nos situarmos em seu centro vital. A assimilação do verdadeiro comporta uma série de tratamento dos fenômenos e dos conceitos que se parecem muito às manipulações químicas. Assim, existem catálises psicológicas e catálises filosóficas. Existem afinidades entre os sentimentos e as ideias. Uma crise passional se parece à luta entre íons no átomo. E a inspiração, ao relâmpago que combina os corpos heterogêneos.

- Em que lugar do Evangelho é possível encontrar referências sobre este ponto?

- Quase que em todas as partes – respondeu Andreas. A parábola das virgens, a parábola das bodas e talvez uma história que ocorre durante a estadia da Santa Família no Egito. Vou conta-la. Sabes que por conta da hostilidade dos vilarejos, mudaram várias vezes de residência, acabando por se fixarem numa pequeno povoado de pescadores, perto da Grande Pirâmide. Perto deste monumento acampavam nômades de uma classe completamente diferente dos nativos. Falavam entre si um idioma estrangeiro, não se misturavam na vida dos locais, ainda que se ocupassem de seus doentes. Falava-se que provinham do ocidente munídico, onde vivem os beduínos, apesar de se parecerem aos antigos invasores ninivitas. Observavam constantemente os astros, e os camponeses perceberam que deixavam o lugar e voltavam sem que fosse possível encontrar na areia as pegadas de seus camelos. Acreditava-se que haviam descoberto subterrâneos antigos e eram temidos. Seus serventes, que iam todos os dias ao povoado para extrair água e comprar grãos ou frutas, souberam imediatamente da chegada da família judia. São José, indo trabalhar e a Santa Virgem se encontraram com alguns destes nômades, constando a eles sua história em algumas palavras.

Certa noite, nossos exilados se aproximaram das pirâmides. O Sol declinava e à sombra dos enormes triângulos de pedra, ardiavam as fogueiras do acampamento beduíno. Começava ali o deserto. Esse mundo onde a imensidade se petrifica, onde só se fala o trovão e o vento, onde a solidão invade o viajante e os denuda frente a si mesmo. Os milanos negros planeavam no céu maravilhoso. Seu declinante esplendor coloria com pompa real os pobres mantos remendados. Um depois do outro, os grandes e barbudos beduínos se levantaram para saldar o velho José e a sua jovem e taciturna esposa, dando lugar ao pequeno menino loiro. Este pequeno já os havia surpreendido. Um dia, de longe, haviam visto uma leoa lambendo os pés e, outras vezes, viram o feneco (raposa do deserto) habitualmente tão medroso, sair do buraco, em pleno meio-dia, para correr col ele. Perceberam que as najas e serpentes haviam deixado seus refúgios no matagal espinhoso e ainda muitas outras coisas. Finalmente, um daqueles solitários perguntou a José a data de nascimento daquele menino encantador.

Enquanto seu pai e sua mãe falavam, o pequeno Jesus, ao abrigo de uma rocha, parecia divertir-se desenhando linhas sobre o solo com a ajuda de uma varinha de cana. Logo, correu ao mais velho dos beduínos, trazendo-o para que visse sua obra, como todas as crianças que relaizam alguma frágil obra mestra. O velho, apenas havia lançado um olhar sobre os desenhos e ficou pálido, inclinando-se com cuidado sobre aquela confusa geometria. Ali descobriu, em um grande triângulo

isósceles, o plano das construções realizadas no interior da pirâmide: a cripta, a câmara do Rei e a da Rainha, as passagens, os poços, enfim, tudo. No entanto, estes nômades eram os únicos que conheciam esta estrutura secreta. Herdeiros de tradições anteriores ao dilúvio, sabiam que as pirâmides, juntamente com a Esfinge, é um dos livros de pedra onde os patriarcas depositaram todas as chaves de seu saber. Sua posição geodésica, sua orientação, suas medidas interiores e exteriores, os ângulos de suas arestas e passagens, as referências de suas câmaras proporcionam elementos de astronomia geral e terrestre, de geografia, sociologia, leis de história política, filosofia e religiosa, as da fisiologia, psicologia...

- Mas, interrompi – os trabalhos de Bruck, de Piazzzi-Smith, de Lagrange nos ilustram isso.

- Sim – continuou Andreas – mas estes sábios não disseram tudo. E, por outro lado, na época dos Tolomeos, ninguém suspeitava destas coisas. Quando nosso nômade olhou, estudou e mediu o desenho do pequeno menino e reconheceu sua exatidão, sua surpresa se tornou extrema e um sentimento de profundo horror se apoderou de sua alma.

- Com efeito – exclamei! Imagino um homem que depois de ter lutado com todas as ideias, depois de ter vencido todas as paixões, de ter enfrentado todos os deuses, de ter por fim conquistado a certeza, descobre seu tesouro nas mãos de um menino, encontrando-se com o milagre, para quem o milagre é a aplicação de uma fórmula secreta. Que colapso de si mesmo!

- Sim – respondeu Andreas. O terremoto exerce seu poder de forma mais violenta sobre a montanha mais sólida. No entanto, para acabar com minha história, quando o menino julgou que já haviam contemplado sua obra o suficiente, retomou a varinha e completou seu desenho, traçando no interior do triângulo novas linhas que fizeram aparecer uma cruz exatamente igual a que, trinta anos mais tarde, os verdugos judeus elevaram sobre o Monte Calvário. Sem dizer nada ainda, indicou ao beduíno o que pareciam ser pontos de referência. Depois de tê-los medido e de realizar cálculos, o rosto moreno do adepto se tornou como cinzas e sua alta estatura se prostrou aos pés daquele misterioso pequeno ser. Mas este, como faria um menino comum, se sentou perto do homem aterrorizado, e começou a brincar com a franja de seu manto.

- Sua história é curiosa – disse eu. Não se trata de ancestrais dos Rosa-Cruzes do século XVII, desta escola que pretende começar em Enoc, o filho de Cain, o forte, centralizador, influenciada por Elias, em sua atração ao alto, que se desenvolve entre o endurecimento e a esperança?

- Esta – respondeu Andreas – é outra lenda. O que queria te fazer ver é de que forma este líbio solitário, que possui todos os elementos cuja combinação nasce a verdade, pode perceber e apreender esta verdade. Pensa um pouco nisso.

- Temos, por um lado a Natureza, o pôr do Sol, os monumentos centenários. Depois temos alguns homens que os estudam. Por último temos três personagens estrangeiros, que não estudam. Que não dizem nada. Dois deles se preocupam unicamente de proteger o terceiro. O terceiro é o menor, o que passa mais despercebido, no entanto, brincando, faz com que se veja a Verdade. E depois? Perguntei.

- Mas, respondeu Andreas – tua análise é completa. É assim como se encontra a Verdade, mas não compreendes porque não para de raciocinar. É preciso, em certos momentos, deixar de raciocinar e simplesmente ver. Por isso a mulher recebe melhor que o homem as verdades intuitivas que conformam os raios primitivos da Verdade. Deus queira que ela não se separe de tão belo privilégio, que não se ponha a raciocinar como um homem. É preciso raciocinar, claro, mas com medida, não o tempo todo. O mais importante é não se tornar cego. É necessário poder parar a máquina mental quando esta começa a dar voltas em círculo e começar a olhar, a sentir, a aspirar a Vida, a viver, a

amar. Eis aqui o método doutor, que não é um método, mas cujo emprego só pode conceber aqueles que já esgotaram todos os métodos.

O AVE MARIA

Andrea e Estela haviam regressado a pouco de uma viagem à Polônia, onde haviam sido hóspedes de um grande senhor que lhes havia passeado por todos os lugares de seus imensos terrenos. Andreas trouxe várias plantas raras e uma certa espécie de muérdago (arbusto) do qual queria extrair medicamentos desconhecidos. Falou longa e extensivamente sobre sua preparação. Logo, a conversa se centrou no povo polaco, do qual me fez elogios.

- O doutor já percebeu – disse – de como esta gente ama a Santa Mãe de Deus, a “swienta Matka Boza”?

- Com efeito – disse Estela – são muitos devotos da Virgem, em todas as classes da sociedade, salvo os intelectuais, que tem o costume de ir à Alemanha para estudar. O curioso é que o culto popular, que brota espontaneamente do coração das massas, se forma quase sempre nos planos, nos bosques, onde há muito carvalho.

- Sim – respondi – Fazem uma famosa peregrinação em Czenstochowa, como se fazia antigamente no desaparecido bosque da Beauce a peregrinação da antiga Virgem Negra de Chartres. Na Bretanha, onde muito se ama a Virgem, há muitos bosques de carvalho. Inclusive em Meudon, onde os seminaristas de Fleury colocaram uma estátua da Virgem, a colocaram dentro de um carvalho.

- Mas, Lourdes, a Salette, o Puy-em-Velay, é a montanha. Objetou Estela.

- Sim, mas estes lugares foram criados desde cima. Não vem dos homens. Respondeu Andreas.

- Por outro lado – perguntei – todas as Virgens milagrosas dos planos são negras e quase sempre adoradas em grutas. Por que isso?

- Querido doutor, o carvalho, o muérdago, as grutas, tudo está unido. Sabes bem que é da substância mais nociva que se estrai as mais maravilhosas medicinas. O muérdago é um parasita, o carvalho uma árvore atormentada. É como a oliveira, que sofre muito para crescer, mas que dá um azeite que se tornou o símbolo da paz.

- Como sofre a oliveira?

- Sofre muito. Nunca viu uma oliveira? Fazemos a energia elétrica com carbono. Quando os antigos queriam atrair um dos fogos do firmamento, operavam nas criptas. O doutor deve saber isso tão bem quanto eu, já que tem estudado os mistérios. Conta-nos suas ideias sobre a Virgem. Com certeza debes conhecer muitas teorias.

- Efetivamente conheço várias, mas nenhuma me satisfaz.

- Conte-nos – disse Estela para me animar.

- Bom – comecei, depois de um sinal de aprovação de Andreas. Há duas classes de teorias: as que consideram a Virgem como um símbolo, e as que a consideram uma força viva, pessoal ou impessoal. As primeiras são sistemas filosóficos, mais ou menos produto do platonismo. Mas não me interessam. Para mim, as ideias não são abstrações, mas possuem uma forma, uma substância, uma energia. Fico então com o segundo grupo de teorias.

- Com certeza o doutor deve ter percebido de que as crenças populares sobre a Virgem, como sobre as forças da Natureza, lhes dão a todas as formas do Invisível uma personalidade. Assim, em toda a terra existe uma lenda religiosa de uma Virgem que dá nascimento a um Salvador – comentou Estela.

- Sim. O povo acredita piamente, mas os sábios tem declarado que era um símbolo. Só que cada classe de iniciado quis se apropriar do símbolo para uso exclusivo...

- Doutor – interrompeu Andreas – os iniciados não estão em posse de toda a Verdade, apesar de que existe entre eles sábios imparciais e tolerantes. É preciso fazer justiça a cada qual. Mas, continue, lhe suplico – acrescentou vendo que estava um pouco incômodo.

- Tenho visto, nos livros dos alquimistas, que consideravam a pedra era a imagem do Verbo no mineral, e que sua matéria prima real era, segundo eles, a Virgem. Robert Flud explica este ponto. Um brahman do Decán ensinava que o Pai, o Filho e o Espírito da Virgem existem no homem. O Pai, segundo ele, é a raiz da vontade. O Filho é o ponto projetado da vontade. A Virgem é a forma imaginativa que alimenta este ponto exteriorizado. O Espírito é a vibração de todo o sistema.

- Conheço Esta teoria – disse Andreas. É quase a mesma que a de Sri Srimat Sankaracharya em sua Ananda Lahari, a propósito das relações entre Shiva e sua esposa.

- Os brahmanes ortodoxo falam de Maya, a ilusão universal. Maria – acrescentei um pouco doutoramente – é Maya que recebeu a R, o signo da existência própria.

- É uma opinião – disse Andreas. Creio que seja de Fabre d'Olivet. Mas, como explica que os brahmanes querem escapar de Maya e que os cristãos, ao contrário, se lancem aos braços de Maria? - Não li nada sobre isso – respondi.

- De minha parte, doutor, creio que o oriental quer escapar do mal fugindo da vida, da mudança, da transformação. Refugia-se ou trata de refugiar-se no zero. O cristão, ao contrário, trata de escapar do mal elevando-se a outro modo de existência.

- Com efeito – exclamei – compreendo. Se Mariah significa espaço celeste, lugar de vida absoluta, ela é a mãe do Verbo, apesar de que seja sua criatura, já que ela lhe proporciona, se podemos dizer assim, a substância de seu desenvolvimento. Na gramática de Fabre d'Olivet, o nome é o Pai, o verbo, o Filho, a relação, o Espírito e o signo, a Virgem.

- Bom, não é preciso saber sânscrito, hebraico e cálculo para isso. O que você diz está escrito em francês em todos os livros de oração! – Disse Estela.

Andreas respondeu sorrindo.

- Veja como és exigente! Por acaso não buscastes por muito tempo aquilo que estava diante de ti? E eu também. Não percorreu milhares de quilômetros ao invés de simplesmente estender as mãos? Então, deixe-o. Nada é inútil.

E voltando-se para mim disse:

- Isto é o que eu faria em seu lugar. Poderia lhe contar intermináveis histórias sobre todos os Mayadevis, Kuan-Yin, Saktis, Hiram e Mirians imagináveis. Se não o faço, sabes bem que não é por dar-me uma de iniciador, para que me rogues; É para fazer com que ganhes tempo. Então, olhe ao seu redor, busque o que a Natureza e as pessoas, obedientes ao instinto vital, tem elaborado. Em nenhum outro lugar fora da Europa se encontra o culto à Virgem. Qual é a base deste culto? O Ave

Maria extraído do Evangelho, as ladainhas e algumas outras coisas especiais das diferentes festas litúrgicas.

- É certo – confessei. O Ave Maria inclui a saudação do anjo e o de Isabel que se encontra já na liturgia de São Tiago Menor e no livro litúrgico de São Gregório o Grande. Baronius disse que a terceira parte vem do Concílio de Efésio de 431, salvo as palavras: agora e na hora de nossa morte, atribuída aos franciscanos. A oração foi importada de Alejandria, creio e havia sido introduzida na França por Luis o Gordo. O Ave Maria procede realmente do cristianismo apostólico.

- Que erudito és! Exclamou Estela sorridente.

- Erudição de aspirante! Mas, perguntei a Andreas – Qual o real motivo da suspensão do culto à Virgem no protestantismo? Por que Cromwell proibiu a recitação do Ave? Para mim sua importância é vital, já que o rei dos místicos protestantes, Boehme, o reinventou, sob o nome de Sofia. Claro que é verdade que os pastores lhe perseguiram.

- O Protestantismo – respondeu Andreas, sem nunca criticar, segundo seu costume – o protestantismo é excelente pelo seu espírito que o anima. Vai à frente, mas tem um grande inconveniente. Seus fundadores, ao cultivarem o livre exame, cultivaram o racionalismo; o racionalismo mina, pouco a pouco, a crença na divindade de Cristo. No século XVI todos os reformadores tinham esta convicção. Hoje, um grande número deles, especialistas em exegeses, renega tal convicção, vendo a Jesus como um homem mais avançado, um reformador social, um adepto, um discípulo dos egípcios ou dos hindus e inclusive um mito. Esta atual cegueira tem sido preparada há três séculos, de forma dissimulada, por certos seres, por meio do desconhecimento da autêntica dignidade da Virgem. Esta é a resposta para a sua pergunta “como”, já o “por que”, doutor, é muito difícil de conceber.

Eu me surpreenderia que um homem tão sábio e tão instruído como Andreas professara a opinião comum e popular sobre o Cristo e sobre a Virgem. Mas, enquanto Estela nos servia um chá, me disse, contestando meus pensamentos:

- Não acredite doutor que eu me permitiria afirmar tão simples opiniões. Digo-lhe estas coisas porque sei.

Eu queria dizer: como sabes? Ou qual o seu critério? Mas Andreas acrescentou:

- Tudo está vivo, nada morre, e a Verdade vem até aquele que a busca com todo o seu ser.

Bebemos em silêncio e tendo me oferecido tabaco, perguntou se podia indicar-lhe a doutrina ortodoxa da Igreja Romana com relação à Virgem Maria.

- Eis aqui o que ela ensina – respondi – A Virgem é a primeira das criaturas, rainha dos anjos e dos homens, concebida sem pecado pela graça do Todo Poderoso, em vista dos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo e ela é sempre virgem. Mãe de Deus, porque seu filho é Deus. Apesar de que sua divindade não proceda dela, a Virgem foi ascendida e coroada por seu Filho no mesmo dia em corpo e alma. Recebe o culto de hiperdúlia. Ela é o canal de todas as graças descendentes e por conseguinte, de todas as orações ascendentes, já que seu filho lhe concede tudo. A igreja grega confessa a mesma doutrina.

- Lembro-me de ter lido livros à respeito – disse Estela. Foi no tempo em que conheci Eliphaz Levi, em 1872. Isso não me torna mais jovem. O pobre Eliphaz já estava com hidropesia. Gostava muito de sair comigo. Vivia ao final da rua de-Sévres. Era quase que no campo naquela época. Toda Plaisance estava cheia de pomares. Havia guinguettes (tabernas parisienses NT) na rua de Meudon.

Íamos ali comer e beber vinho branco. Eu lhe pedia clavículas e ele lhe dava cores, letras e imagens. Quando conseguia vender a bom preço um de seus manuscritos, ele se apressava em me convidar a gastar um montão de moedas, como o estudante boêmio que seguia sendo, ainda que sua barba já estivesse completamente branca. Eram bons momentos de folga para mim! – Estela sorria juntamente com seu marido, contando estas velhas lembranças. Desde então, veja só como envelheci, quase já beirando a senilidade. Mas, o que queria dizer é que Eliphaz Levi havia sido diácono, um aluno problemático do seminário. Havia publicado sob o nome de “Abad Constante”, La Madre de Dios, quando tinha então trinta e trinta e quatro anos, e me emprestou este livro.

- Você ainda tem o manuscrito de Eliphaz Levi, desculpe interromper – perguntei.

- Eu o vi caligrafar uma dezena de suas “clavículas”, mas não sei o que ocorreu com tudo isso. Sabes bem – lançando um olhar de confiança e amor sobre Andreas – faz tempo que essas coisas perderam toda atração para mim. Bem, neste livro Eliphaz, diácono, resumia a doutrina teológica sobre a Mãe de Deus. Nele citava São Buenaventura, Galatino, com um estilo muito oratório, explicava tudo o que você acaba de dizer, descrevendo a Virgem como personagem histórica, em sua essência teológica, comentando o capítulo VII dos Provérbios, mostrando-a em seu mistério de intercessora e com Maria de Ágreda, como a Jerusalém do Apocalipse, como a esposa do Cântico dos Cânticos, como o modelo da Igreja.

É Santo Epifânio, no século IV, quem compara primeiro a Virgem com a Esposa do Cântico dos Cânticos. São Bernardo desenvolveu esta ideia. Maria de Ágreda copiou um pouco a São Benaventura, que escreveu sobre a Virgem um Comentário do Salve Regina, Um Pequeno Saltério, Os Elogios, o Espelho. Este último tratado é um comentário do Ave Maria. Os Elogios são a explicação das figuras do Antigo Testamento: a Fonte do Paraíso, a Árvore da Vida, o Paraíso, o Arco Íris, a Paloma, A Escada de Jacó, a Árvore em Chamas, O Jarro de Maná, o Eixo da Serpente de Bronze, a Vara de Aaron, a Estrela de Balam, o Templo, Judith, Esther, etc.

- Todas estas são, com efeito, figuras da Virgem celeste – disse Andreas. Se o doutor é curioso pode fazer um estudo por sua parte, mas do ponto de vista do símbolo segundo o hieróglifo da letra. No entanto, lembre-se que a ciência adquirida só pelo entendimento se desvanece.

- Eu li a Cidade Mística de Marias de Ágreda, mas em espanhol. É muito bonito, mas as traduções francesas caem como conta gotas tal como as fontes de malvavisco. Esta dominicana faz um elogio ditirâmico da Virgem... – disse Estela.

- Exageras um pouco – disse Andreas. Tens sangue hugonota nas veias. O que diz Maria de Ágreda é bem verdadeiro, só precisa colocar sua visão em seu contexto. Mas siga juntando suas recordações, lhe direi minhas ideias mais tarde.

- A Cidade Mística está cheia de utilidades. Mostra uma vida ideal de menina, de esposa, de mãe, mostrando a possibilidade de interessar ao Céu nas ações mais simples. Comentou Estela.

- Sabe de uma outra coisa? Perguntou Andreas.

- Não – respondi. Todos se repetem. São Ambrosio e São Epifânio são os primeiros que ensinam a Imaculada Conceção desde o duplo ponto de vista do pecado original e do pecado atual. São Bernardo, Jacques Sanazar, o Senhor Olier se copiam uns aos outros.

- E os místicos não católicos?

- Só conheço Boehme e a sua escola: Law, Gichtel, Pordage, Frankenberg. Falam pouco da Virgem. Segundo eles, ela havia proporcionado a matéria do corpo de Cristo e sua natureza humana. Ela era,

enquanto sua alma, uma encarnação da Virgem Sofia, de Natureza-essência, mas somente depois da concepção de seu Filho. Por si mesma não seria mais do que uma mulher santa, que não participava das prerrogativas da divindade. E agora – acrescentei depois de um silêncio – posso pedir que me digam algo?

- Escute doutor. Permita-me não julgar as teorias expostas. Eu lhe diria o mais honestamente possível, minha opinião. À você corresponde comparar, pensar, decidir. Terás o dever de fazê-lo, pois trata-se de assuntos importantes. Isto é o que entendo deste mistério. Quando o Verbo tomou um corpo terrestre foi preciso, por bondade, fixar a debilidade da matéria física. A espada desgasta sua bainha. Se isto é verdade para os homens, com muito mais razão deveria o corpo destinado a converter-se em instrumento do Todo poderoso ter recebido uma têmpera muito pura. Seria preciso portanto, que a mãe física de Cristo, o instrumento deste milagre, estivesse isenta das taras da matéria orgânico ordinária. Por isso ela é a rainha dos anjos ao ter permanecido pura depois de ter passado pelo barro.

- Parece que percebo uma nova ideia – respondi.

- Portanto, não tem nenhuma importância – seguiu dizendo – pelo menos da forma como entendemos, que como ensina a Igreja, Maria havia sido criada pura desde seu primeiro contato com a terra, quinze anos antes do nascimento do Verbo, ou que, como dizem os partidários da reencarnação, tenha descido à terra muitas vezes, levando sem falta uma vida constantemente santa e preparando-se para a mais alta glória de sua última encarnação.

- Agora me explico – disse eu – porque Boehme a chama de “salvação deste vale de dor” e também de “aflição purificada”!

- É por isso – seguiu dizendo Andreas, sem parecer que houvesse me ouvido – que ela é o Caminho para chegar até o Cristo já que, qualquer que seja a teoria que fabriquemos, é um fato que a Virgem sempre cumpriu toda a Lei.

- Todos os Padres da Igreja lhe confere o título de Porta do Céu – disse Estela. Vintras também – acrescentou.

- E eu que pensava que os títulos que lhes são conferidos nas ladainhas e nos hinos litúrgicos são maios do que elogios poéticos, certo?

- Certamente – respondeu Andreas levantando-se – Tudo é verdade, eu lhe garanto, mas em seu contexto. As razões destes títulos estão contidas implicitamente na Anunciação angélica. Vou tentar demonstrá-lo a seguir.

Enquanto passava no seu escritório para escrever num pedaço de papel, Estela continuava com seu ensinamento:

- Olhe – dizia – esta oração tem três partes: Uma que diz o anjo, uma que diz uma criatura privilegiada, a mãe do Precursor e uma inventada por homens piedosos. Cada uma destas três partes se divide em duas frases, e “assim seja” termina o heptasílabo. Desta forma, o número sete se encontra aqui por haver julgado um grande papel em sua vida.

- Como é isso? Perguntei.

- Andreas me disse que aos sete anos ela havia tido a intuição de sua missão, aos quatorze se casou, aos vinte e um seu Filho a deixou, aos quarenta e nove o viu morrer e aos sessenta e três recebeu sua coroa.

- Entendo. Há aqui um ciclo planetário completo: “Deus te salve, Maria, cheia de graça”, é a prostração; “O Senhor seja convosco” é o esplendor divino; “bendita sois vós entre as mulheres” é a energia multiplicadora; “o fruto de teu ventre Jesus...é o coração solar do sistema; “Santa Maria, rogai por nós” evoca a doçura celestial; “na hora de nossa morte”, faz reviver os guias condutores de mortos: Anubis, o Hermes psicopombo, Yama; “Amém”, é a forma do numero sete que, segundo Boehme, corporiza todo desejo, e...

A reaparição súbita de Andreas cortou minha exposição hermética. Ele se sentou retomando a conversa do ponto em que Estela a havia levado.

- O número sete parece ser o mais frequente nesta terra. Deve ter uma relação estreita com a lei da vida humana. Mas este não é o nosso assunto no momento. Tenha bem em conta isso: É um anjo quem sauda a Virgem, é uma mulher reta quem lhe faz um justo elogio; são os pecadores que a elegem; ou se preferir, o anjo nos mostra que ela está diante de Deus, Isabel nos indica seu lugar dentro do gênero humano e a terceira parte é a conclusão inevitável das outras duas;

- Quer dizer que recomendas o culto à Virgem, o culto da hiperdulia? Perguntei.

- Querido doutor - eu não prescrevo nada. Aqueles que se sentem inclinados a que a Virgem apresente suas orações não se enganam. Isto é tudo o que sei.

- Explique-nos como se segue. Pediu Estela.

- O *Ave Maria* em latim, em francês ou em qualquer outra língua tem interpretação e sentidos diferentes, mas veja bem, unicamente no reino da palavra humana. No reino da palavra divina só existe um sentido. A língua deste reino é ensinada pelo Espírito e é preciso se preparar para receber suas lições através do trabalho, através do ato. Eis aqui tão simples mistério. A Virgem não era feminista, nunca presidiu nenhuma loja maçônica, nunca colaborou com um grande jornal. Foi uma menina obediente, uma filha que casaram sem perguntar sua opinião, uma mulher submetida à desconfiança do marido, aos bochichos, aos serviços do lar, uma mãe condenada às piores inquietudes, coroadas pelas mais intensas dores. Uma viúva ativa e bondosa, que também se ocupava da casa dos apóstolos. Uma vida oculta, normal e anti-intelectual. Aqueles que melhor se farão ouvir por ela serão os da mesma condição, os trabalhadores pobres, cuja existência mesquinha se consome entre o cansaço e a inquietude pela comida cotidiana. Estes não conhecem a geometria, nem os mantras. Quando pedem algo é com o grito de seu esgotado e velho coração. Estão muito perto do reino da Palavra. O Céu os escuta muito melhor do que aos iniciados.

- Então Catarina Rmmerich tem razão ao dizer que a Virgem é o modelo de mulher? Perguntou Estela.

- É o modelo da humanidade. Mas é difícil falar de alguém sem julgar. Ela me perdoará se falar algo que não seja preciso ou que os choque doutor.

- Acredito ser sábio o bastante para não rechaçar aquilo que não compreendo, mas lhe rogo que me explique por que o Arcanjo Gabriel a nomeia e a chama de “cheia de graça”? – perguntei.

- Quanto ao seu nome doutor, permita-me não dizer nada. Não estamos em condições de suportar a Ciência dos Nomes. Por outro lado, não a conheço. Enquanto ao título *cheia de graça* isso quer dizer que em Maria tudo foi renovado pelo Céu. Ela não experimentou corporalmente a morte, sabes disso. No entanto, desde a luz central de sua alma, desde os maravilhosos órgãos de seu espírito até a mais diminutas moléculas de seu corpo de carne, tudo nela foi lavado das manchas do egoísmo.

- Como assim? Perguntei.

- Bem! Quando um homem cede à cólera e golpeia seu interlocutor, os músculos de seu braço, que realizaram tal ação se desenvolvem, já que estão atuando segundo o seu fim. Mas, como a intensão é perversa, o desejo, como dizia San Martin, que os colocou em movimento, seu trabalho tem correspondência nefasta que se estendem a todos os movimentos posteriores destes mesmos músculos. Para purifica-los é necessário que o Céu modifique todas estas fibras musculares, além da conversão moral que deve provocar. Portanto, se a Virgem falava pouco, se a amabilidade, a simplicidade e a dignidade de seus modos alcançaram a beleza, é porque todo mal que revela um verbo prolixo, uma atitude carente de graça, havia sido retirado dela e substituído pela graça, pela luz gratuita baixada do Céu.

- Agora compreendo Mestre, porque as ladainhas a chama de “Espelho da Trindade”, “Trono da Sabedoria” e “Madre de Graça”, porque São Bernardo disse que ela é o Céu e o Arco de Deus.

- Existem, todavia, outros motivos para estes títulos, doutor, mas acredite, não se preocupe com estas especulações tão longínquas. Que ganharia você sabendo como ela é uma estela por cima do mar universal, a qual cerimônias invisíveis se referem os títulos de Porta de Cristal, Sala dos Festins, Rosa Mística, em que drama cósmico faz ela o papel de Torre de Davi, Torre de Marfim, Casa de Ouro? Não se pode ser curioso demais. Esta é uma lição que aprendi a minhas custas.

- Então não é preciso estudar? Perguntei.

- Não vá aos extremos. Faça o que é possível fazer. Limite seus estudos ao que é conveniente para a sua vida atual. Seu âmbito já é o suficientemente vasto. Por exemplo, para voltar ao assunto que nos ocupa, compreenda que se o anjo lhe disse “O Senhor seja convosco” é porque a considera a mais humilde das criaturas...

- Li a pouco tempo um documento jansenista que dizia exatamente o mesmo – Interrompeu Estela.
- É também porque ela está, em essência, indissolavelmente unido, por seu amor, a seu Filho. É porque não só durante sua vida terrestre conhecida, senão que sempre e em todo lugar ela se encontra em comunicação constante com ele – não por um esforço magnético ou mental, mas por causa de seu amor; É esta presença de Deus que lhe permitiu suportar tantos sofrimentos, superar tantas provas materiais e morais. Creio, doutor, que ainda não tenhas lido o Evangelho que precisa.

- Deus meu – disse eu – O Evangelho, assim como todos os livros sagrados, abarca vários significados, que se podem descobrir pelos cálculos literários e numerais das palavras, os números, as letras, os capítulos e os versículos; Assim como as línguas, tem seu papel hieróglifo, as traduções comuns são suscetíveis de manipulação, mas a versão latina, grega e aramaica são melhores...

- O doutor vai muito depressa – interrompeu Andreas – Para que um estudo semelhante desse verdadeiros resultados seria preciso conhecer pelo menos a Ciência dos Números e a Ciência das Letras. Mas ninguém, ouça bem, ninguém sabe mais do que a primeira letra destas ciências. Veja então a precisão que deve ter as operações teosóficas, as transposições, os quadrados mágicos e os demais.

Como não contestei nada. Andreas prosseguiu desconcertado:

- Portanto, o Evangelho não possui vários sentidos como você e vários ocultistas entendem esta expressão. Os diferentes sentidos dos livros sagrados seriam como novas frases que apareceriam em um texto criptografado lido com códigos de deciframento diferentes. O Evangelho é sempre um, sempre central. O Leitor encontra nele o centro do plano no qual se desenvolve sua vida espiritual. O significado da palavra do Verbo se nos mostra mais ou menos alta, mais ou menos profunda ou

universal, segundo estejamos nós mesmos mais ou menos afastados do verdadeiro centro. Compreendes doutor que cada palavra deste livro é absoluta?

- É verdade – disse Estela. Quando estou um pouco cansada, digo “estou terrivelmente cansada”. Isso não é exato. Aplicamos termos hiperbólicos e extravagantes o tempo todo, às mínimas coisas. O Evangelho dá a todo sentimento, a toda ideia, a todo feito, sua expressão exata. É o que os literatos chamam de sua simplicidade.

Enquanto eu concordava com a cabeça, estranhando de nunca ter pensado nestas coisas tão evidentes, Andreas continuou:

- O anjo à saúde. É uma cortesia. Sabe o que é a cortesia ou ao menos o que deveria ser?

- Bom – eu disse sorrindo com fingida simpatia – creio que não me deixa muita manobra para responder-lhe.

- No entanto – disse Andreas com seriedade – se alguém lhe incomoda, você não gosta, sua cortesia é uma mentira. Procede das trevas e dá à luz trevas. Não se trata de algo demasiadamente grave, evidentemente, mas se não fazemos as coisas pequenas, como poderemos fazer as grandes? A saudação de Gabriel é animada por um sentimento sincero. Quais são as qualidades dos anjos? A obediência, a inocência. Sem isso não seriam anjos. Ao saudá-la, Gabriel reconhece nesta mulher uma pureza e uma obediência maior do que as que ele mesmo possui. Com efeito, ao vir ao mundo, o espírito de Maria era puro e se manteve puro durante toda sua vida.

- Então você admite a Imaculada Conceção?

- Vamos lá doutor, se uma mulher doente tem um filho, este sairá são? Se o caráter, o temperamento, a mentalidade, em uma palavra, a natureza humana de Cristo eram perfeitos, aquele que foi o laboratório deste diamante poderia estar minimamente pervertida?

- Para voltar à palavra: *cheia de graça* não se refere à beleza física de forma alguma...

- Por que não doutor? A Santa Virgem era muito bela, mas não com a acepção que damos à esta palavra, com exceção de alguns artistas. A intensidade da vida interior modelava seu rosto. Este era extremamente móvel e, como ele fazia tudo com a mais boa vontade, sua figura expressava, para cada uma de suas ações, o tipo ideal da faculdade que ela utilizava. Não sei se me explico bem.

- Creio que sim. Quando rezava, por exemplo, ela teria sido para um artista a encarnação vivente da oração. Quando dava esmolas, seria a encarnação vivente da caridade, e assim sucessivamente.

- É o que eu queria dizer doutor. Tem outra coisa. O que a igreja chama “a graça”, é uma força que o Céu nos envia gratuitamente inclusive quando acreditamos ter recebido por haver praticado uma boa ação. Para você doutor, a graça é uma operação pela qual o Céu substitui em nós uma célula física, mental, astral, ou de ordem que seja, que está doente, por uma célula pura que vem de seu Tesouro. Mas, na Virgem, todos os organismos visíveis e invisíveis haviam sido renovados desta maneira. Só permanecia, se é que posso dizer assim, a trama do trabalho da Natureza.

- Parece-me ter lido algo a este respeito em Henricus Madathanus.

- É possível doutor. Os primeiros Rosa-Cruzes, apesar de serem protestantes, amavam a Virgem.

- Não há uma relação entre as graças que recebeu e os nove coros dos anjos? Perguntei também.

- Há uma relação, com efeito, desde o ponto de vista católico. San Boaventura falou disso. Mas repito, é só um detalhe, além de ser difícil demais para nós.

- Não me dissestes nada sobre o nome Maria!

- Doutor! Conheces tão bem quanto eu todas as explicações místico-hebraicas que este nome deu nascimento. Não quero lhe fazer perder o tempo. Acredite, voltaremos a ver isso dentro de alguns séculos.

- Só se a providência quiser me fazer o favor de voltar a lhe encontrar! Disse eu.

- Sim, claro – disse Andreas sorrindo docemente – isto seria um grande favor! Falemos disso! Não tem que ter estas ideias doutor.!

- Por que diz isso? Vai ferir seus sentimentos! Exclamou Estela com um tom de reprovação. Levantou-se e o rodeou com um braço.

- Bem doutor – disse com gravidade – lhe prometo, já que queres me acompanhar – que pedirei ao Céu que nos dê a força para fazer sempre a sua vontade, da melhor forma possível. É o melhor meio que conheço para seguir juntos para sempre.

Eu também havia me levantado. Um ar mais rápido parecia chegar ao recinto. Um sabor de primavera dilatava o meu ser. Já não pensava mais, relaxava como em um banho de luz rejuvenescedora. Não era a primeira vez que sensações similares me invadiam, sempre repentinamente. Sua pureza, sua força superavam muito tudo o que eu havia podido imaginar alcançar com a leitura dos relatos dos místicos extáticos. Eu não era o único que gostava dos encantos destes inefáveis efeitos. Sempre depois de um destes demasiados breves minutos de paraíso, me dava conta de que, sem o menor esforço de minha parte, adquiria uma espécie de prestígio, exercia uma indefinível atração sobre os outros. Meus doentes, quando deixavam o consultório, diziam experimentar uma sensível melhoria, um apaziguamento físico e moral, do qual não podiam, assim como eu, explicar a causa.

Andreas havia começado a fumar e continuava com os ensinamentos:

- A benção que o Anjo Gabriel outorga a Maria, é a eleição especial da qual ela foi objeto. Foi a primeira criatura na qual se produziu o mistério que a Igreja chama de “nascimento interior do Cristo”. É o exemplo perfeito de um ser obediente, humilde e carinhoso. Na realidade, a mulher, ou melhor, todo o lado feminino do universo, se ajusta mais à Lei do que o masculino. A vida da Virgem lhe foi sempre, em todas as coisas, totalmente conforme. De modo que, falando com propriedade, não deveríamos nos dedicar tanto à imitação de Jesus Cristo, já que o modelo é demasiadamente perfeito, mas sim ao de sua Mãe.

Abria boca para perguntar a razão de um engrandecimento tão excepcional, mas Andreas me advertiu:

- Por outro lado – disse – tudo o que eu lhe digo, não se engane, não passam de aproximações. O Cristo e a Virgem são mistérios. Sua altura transborda nosso intelecto. Seu segredo é o da própria criação. Só poderíamos conhecê-los sabendo o porquê da Vida. Talvez um dia o Verbo se revele, mas nunca seremos merecedores deste favor, se nos for outorgado. Para nós será sempre uma graça gratuita.

- Então, a benção de Jesus, feita por Isabel, é o reconhecimento e o amor daqueles que ele salva.

Simples e claro, doutor. Em cima, poucos pensam em algo tão simples. As pessoas piedosas ou que afirmam ser, sabem muito bem pedir quando necessitam de algo, mas se esquecem quase sempre de agradecer. É preciso agradecer, não porque o Céu se indisponha por nossa descortesia, mas porque nossa gratidão, por mais insignificante que seja, é agradável a seus olhos e porque serve de exemplo aos outros seres que temos a missão de educar.

- Com relação à terceira parte do Ave Maria – disse – me parece que é bastante clara. A santidade da Virgem se deduz dos títulos que o Anjo Gabriel lhe conferiu. No entanto, esse papel de intercessora que lhe é atribuído, é real?

- Sim doutor. Sabes bem que tudo o que se passa nesta terra deixa uma pegada. Tendo a Virgem vivido na terra, provendo os elementos de seu corpo da matéria física, o rastro luminoso que sua partida produziu pode ser encontrado mais fácil por nós que o sulcos de seu Filho, por exemplo, cujo corpo físico eras estranho em nosso planeta.

- Uma tríada druídica disse algo similar sobre o corpo do Verbo.

- Era uma intuição distante – retomou Andreas – mas falaremos disso em outra ocasião.

- Sim – respondi – está ficando tarde. Antes de ir, permita-me fazer uma última pergunta: Por que a ordem terceira de São Francisco introduziu: “Rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte”?

- O doutor não conhece o seu *eu* real. O campo atual de nossa consciência é muito limitado, só engloba uma pequena parte do nosso ser. Por isso, quando rezamos, o nosso corpo físico participa de nosso ato, o espírito de suas células materiais saem, por assim dizer, e vai daqui para lá buscando a luz, como um cachorro esfomeado pelo campo, como um sonâmbulo que busca um objeto perdido. Nosso espírito encontrará mais rapidamente os passos de uma luz que emana em outro tempo por um corpo físico semelhante ao nosso. A oração dirigida à Virgem chega, portanto mais facilmente ao seu destino.

- Mas e “na hora de nossa morte”? Perguntou Estela.

- Bem. Sabes que depois da morte, ocorre um juízo individual. Neste tribunal, a justiça é representada pelos gênios que tinham a missão de nos vigiar, ajudar e orientar. Caso não tenhamos feito uso de seus serviços, eles dizem. Mas o Cristo intervém sempre para abrandar nossas faltas e desculpar nossas negligências. Assim, a forma do Céu, o raio do Absoluto mais perto da terra, é a Virgem. Por isso a igreja nos apresenta a Virgem como a que socorre os agonizantes.

Agradei aos meus anfitriões e me despedi, já que o barulho das carruagens dos leiteiros que desciam de Montfermeil até Paris anunciava a proximidade da manhã. Voltei lentamente para casa, sob um amanhecer cinzento, pelas ruas reluzentes pela chuva, nas quais moviam-se as silhuetas dos varredores.

A VIRGEM

A doçura particular daquele dia de dezembro nos havia seduzido. Passeávamos pelo pequeno jardim de Andreas, sob a vigilância de seu cão, entre as brigas dos pardais da família. Falamos de Olive Schreiner, que acabava de morrer na Transversal. Tanto falamos da nossa conversa sobre as feministas, das garotas modernas, das avós da velha escola e chegamos à conclusão de que a amazona batalhadora de hoje corria um grande risco, apesar de sua eloquência, de não alcançar mais do que uma influência muito externa, muito superficial, muito incoerente. Enquanto que as

mulheres do passado, cujo reino só se estendia da cozinha à dispensa, exerciam uma regência muito mais efetiva, profunda e sana. Uma vez mais se caçava a sombra e não a presa.

- No entanto – retruquei – há muito excesso, muito abusos de autoridade, abusos legais por parte dos pais, dos tutores, dos maridos. E o destino das mães solteiras? E dos filhos naturais?

- Eu sei – respondeu Andreas concordando com a cabeça – muitas lágrimas tem sido derramadas, muitas existências tem sido envenenadas pelo preconceito, pela avareza, pela soberba. No entanto, toda esta aflição tem sido útil, toda, sem exceção. Se os homens pudessem ver o que são as mulheres, se as mulheres pudessem ver o que são os homens, se quisessem olhar um ao outro sem as decisões inflexíveis que se tomam por amor ou pelo ódio, muitas dores seriam evitadas!

- Mas o que seria preciso fazer?

- Só é preciso olhar a Virgem Maria! Disse Andreas dando alguns passos pensativo. Não imaginas que criatura tão maravilhosa era a Virgem! Nenhum artista, de verdade, nenhum artista a viu, nenhum tinha a alma tão grande para poder vê-la. Sua pessoa reunia toda a beleza da raça judia, na qual, contrariamente à opinião dos etnógrafos, o vasto Oriente havia fundido suas múltiplas belezas. As esbeltas formas egípcias, o vigor dos nômades do deserto, a potencia caldeia, a clara graça das jovens celtas exiladas, a languidez síria, tudo isso descansa nela, saindo cada coisa por sua vez, segundo as urgentes palpitações da vida interior mais rica e mais vibrante. Sem dúvida, Cimabue nos pintou seu mistério; Giotto, sua nobreza; Fra Angélico, seu fervor suplicante; Lippi e Botticelli, sua graça festiva; Leonardo, a sutileza de sua inteligência; Bellini, sua tristeza; Michelangelo, sua força; Van Eyck, seu sofrimento; os artistas franceses da Idade Média, suas heroicas virtudes ocultas; Rafael, o pintor que sente com mais dificuldade, sua virgindade. Mas tudo isso, não são mais do que retratos acidentais.

Como também não podes imaginar a incrível riqueza de sua vitalidade. Na sombra violeta da pequena casa, ela resplandecia como um topázio ardente. Todas as tochas do entusiasmo e da inteligência brilhavam em seus olhos, nos raros minutos em que ela não tampava suas radiantes rosetas com as cortinas de suas largas pálpebras. Sobre a cinzas do lar, a massa de pão, a jarra de azeite, ela se inclinava como uma grande flor vivente. Ela magnificava todas as coisas, embalsamava tudo.

Percebe que há seres que, cobertos com as roupas mais feias que possam produzir as fábricas de confecção, parecem contudo aristocratas; seres cujas mãos deformadas pelos mais duros trabalhos seguem sendo expressivas, cujos recursos insultados pela miséria ou por longas intemperes seguem sendo nobres e ricos em numerosas significações. A Virgem era assim. Uma mão meio levantada, uma inclinação da cabeça, uma sinuosidade dos lábios e a esperança e desesperança, a poesia e o abatimento, o cansaço e o êxtase se levantavam diante do esplendor, abandonando seus dramas infinitos. Que olhos doutor, seus vastos olhos tão puros, olhos onde os olhares se apertavam, como os navios num porto! Sua voz, clara até a morte, transparente, limpa, alada, salvo nas raras ocasiões em que, entreabrindo as portas de sua alma, deixava divinizar a entoação de uma palavra as fastuosas harmonias de uma sensibilidade tão especial, quanto profunda! Não meu amigo, não se pode conceber a maravilha que foi esta mulher e sei que mesmo assim, ninguém ao seu redor a compreendeu nunca, salvo seu Filho. Foi-me outorgado medir a largura e o comprimento, o abismo de sua humildade. Foi-me outorgado conceber os motivos pelos quais nunca abriu a boca para queixar-se, nem para se defender, o porquê de ter enterrado sempre em silêncio todos os tesouros da graça, da sensibilidade, da ternura que o Pai lhe havia dotado de forma magnífica. Sempre se calou. Pense nisso querido doutor! Silêncio diante do desprezo, silêncio sob a dor, silêncio frente à admiração, a compaixão, a veneração! Nunca ninguém viu uma lágrima dela, da Virgem, e que virgindade! A mãe, e de que Filho! E que filhos tão ingratos de sua adoção! Quando ouço as mulheres se lamentarem e também os homens que nunca sofrem tanto como as mulheres, todos se

queixando, vejo que é preciso pensar intensamente na piedade inesgotável de nossa Mãe espiritual para que rápidas compaixões para com a dor dos seres se levantem em mim! Nunca, ninguém compreenderá esta mulher!

- Mas será que não sofremos que choramos e até nos matamos para fugir da tortura da existência? Perguntei.

- Sim, sem dúvida, eu também me digo isso. Se bem que a mesma pena deixa insensíveis alguns, enquanto martiriza seu vizinho, mas também sei que, se sofremos, é porque não queremos sofrer, porque para não sofrer seria preciso colocar aos nossos pés o nosso muito querido orgulho. Quando Deus subjuga um de seus servidores com esta terrível carga que é o discernimento das consciências, deveria leva-lo deste mundo, vestibulo do inferno! No entanto, tudo o que Deus faz está bem.

Eu não sabia o que responder. Entrevia, como em um precipício onde flutuam as nuvens, os terríveis conflitos que deviam se agitar entre as duas naturezas, humana e divina, do Mestre de Andreas, do Mestre de todos nós. Passaram vários minutos e a conciliação entre estas incompatibilidades não chegava.

Logo, Andreas se levantou, deu alguns passos e disse:

- Assim sendo, custe o que custar, é absolutamente necessário que um dia ou outro vivamos como viveu Maria. Quando as criaturas desgraçadas vierem chorar diante de ti, não as despreze, mas também não se precipite. Escute as queixas em silêncio e não fale até que sinta, do fundo de teu coração, como te rasga o mesmo arado que rasga a estas vítimas. Então, mas só então, as três palavras que digas atuarão de forma eficaz. Toda pena é ao mesmo tempo ilusória e real. Trate-as com mãos puras e com um coração respeitoso.

- Com efeito – exclamei suavemente – todas as angústias vem da nossa pressa. Queremos possuir isso e o outro, imediatamente. Nunca admitimos que os nossos desejos possam estar equivocados. Tal mãe não aceita que seu filho possa amar tal moça, a qual não gosta. O filho também não concebe que sua mãe, a quem o amor não despoja do sentido crítico, se oponha por questões de fortuna ou de conveniências sociais. Tal esposa não imagina que seu marido desejaria de ser amado de outra maneira, diferente da que imagina. Cada um acredita ser provido de uma inteligência perfeita...

Sim doutor – interrompeu Andreas – seria necessário que ficássemos toda a vida no último banco da escola da Vida. Se nem sequer sabemos o alfabeto desta língua, estamos muito longe de poder falar. Calar-se, falar só para manter o valor e a alegria ao seu redor. Esta é a boa receita. Nunca dominar, nunca reclamar – acrescentou sorrindo.

- Não é certo? Disse eu rindo também – não entediar os outros com ásperos sermões sobre a inutilidade de dar sermões...

PARÁBOLAS

Até o final do meio dia, Andrés me levou ao *Café de la Paix*. Sentamo-nos no terraço, sob os raios declinantes de um sol de inverno cujo calor fora de temporada despertava uma onda de inquietude que se apoderava de nós diante da anormalidade. Com uma roupa de corte pesado, um corte de cabelo à moda antiga e uma camisa resplandesciente, Andreas lembrava o tipo de homem de letras que florescia no bulevar na década de 1880. Alguns transeuntes se davam conta de seu rosto, tão diferente dos rostos de hoje em dia. Ele via desfilar a multidão, a dupla fila de carros, as iluminações repentinas da publicidade moderna, e eu, como de costume, buscava como fazê-lo dizer as coisas. Mas, nesta tarde, ele mesmo se, pois a contar histórias.

- Não te parece que os costumes da nossa época são iguais em todas as partes? Disse ele. Mesmo que estejas em Cingapura, Hong-Kong ou em Shangai verás pessoas sentadas nos cafés, as mesmas caras rígidas, duras, a mesma preocupação pelo preço do trigo, do dólar, da libra, o mesmo interesse por agradecer o patrão ou aos senhores secretos da vida pública. Aqui também passam na frente de nossos olhos sonhadores ou de realistas, gente de todos os países e gente de nenhuma parte, os que nunca serão nada e os que, quem sabe, dentro de dez anos terão a Europa em suas mãos. Veja todas estas cabeças de potentes mandíbulas, com a frente entrada dos girondinos, com estas bocas tão cruéis em sua maioria. São ideólogos de apetites ferozes. São utópicos, mas que só compreendem o material. São destrutores. São espírito lançados sobre a curva descendentes de sua parábola individual. Examinando estes homens podes acreditar na evolução humanitária que profetizaram em 1848, em Juarès, na Liga dos Direitos Humanos? O ideólogo é incurável. O vimos celebrar a Paz em julho de 1914, hoje começa de novo com seus ditirambos, quer a Paz, mas não quer a Deus. Que miséria intelectual! Podemos de verdade dizer que esta multidão que preambula diante de nós está composta de irmãos? Vejam como se empurram no metrô. Caso não houvesse agentes de polícia, nem numerosos inspetores de segurança, ouviríamos um tiroteio, já que não há ninguém nestes cem metros de bulevar que não se cruze com dois ou três inimigos mortais.

- Estou de acordo contigo – respondi – o problema é que não vejo solução. A situação social e internacional atual é consequência do mesmo impulso ao individualismo livre que engendrou a Reforma, a Francomaçõnaria, 1789, 1884, A Internacional, nossa República. Mas este impulso, tão nobre, tão generoso, tem sido levado, por reação contra o catolicismo tradicionalista, a admitir unicamente a razão e a substituir o culto à Deus pelo culto à Humanidade. Por outro lado, a história nos demonstra, o princípio de autoridade, tanto em política como em religião, tende também ao excessivo. Estas lutas, estes equilíbrios entre doutrinas hostis não estão também inscritos na natureza das coisas terrestres?

- Claro que sim doutor. Respondeu com um tom quase que indiferente. Na Natureza não há nem círculos, nem esferas, tudo é elipse ou ovoide. Como além da Natureza, Deus intervém nestas formas curvas ou sólidas, mas nunca de forma regular. Só há parábolas e, eu diria, paraboloides. Além disso, você sabe, o Verbo fala através de parábolas.

- Mas, não se trata de um simples jogo de parábolas? – Perguntei?

- Claro que sim – disse sorrindo. Claro. Não acredito mais que você que o nome de Rambouillet venha de Ram, nem que a palavra cristal venha de Cristo, nem que todas as plantas que tem a predominância da cor vermelha sejam boas para o sangue. Mas nas analogias, nas homônimas, nas homofonias, existe às vezes um resplendor. Em todas as partes existem resplendores, o único é que tudo é extremamente complicado aqui embaixo. As formas terrestres vistas de cima, como resultados, são produtos de inumeráveis forças. Se a folha de carvalho é de um determinado verde e a folha do salgueiro de outro verde, poderá haver talvez três mil causas para esta diferença. Suas virtudes também são diferentes. Além disso, a cor não é o único elemento significativo. Tem também a forma, o sabor, o odor, a densidade. No entanto, o fato das duas folhas serem verdes indica que tem uma propriedade em comum, querido doutor, só uma.

Assim – disse eu – quando o Evangelista escreve: Jesus se expressava com parábolas, é preciso perceber primeiro de que estas palavras não devem servir nem de exemplos, nem comparações, nem simbolismos, nem alegorias, ou seja, nenhuma figura retórica. Logo é preciso dizer que entre o leitor e Jesus existe uma longa distância, um espaço muito vasto que não é um deserto, senão um mundo, vários mundos, povoados de luzes, de substâncias, de forças, de habitantes, e que tudo isso pode desviar o raio de luz e deformar o som e a palavra divina.

- Sem dúvida – interrompeu Andreas. De toda forma, é preciso saber também que, enquanto o ouvinte sabe o que precisa, Jesus suprime a distância, diminuindo-a inclusive na medida em que nos inclinamos à sua doce lei. As visualizações intuitivas estão muito bem, mas até onde chegam? Não é trabalho pequeno fazer com que nossas intuições se tornem tão puras, tão espirituais, tão vigorosas, que se encontrem com a verdade ali onde ela se encontra, ou seja, no centro de nós mesmos, ali onde brilha a chispa do Verbo. Se os românticos, os monistas, se o Senhor Bergson e William James, e nossos jovens surrealistas tivessem compreendido que existe o Criado e o Incriado, não terião feito do homem um deus onisciente. Não imaginavam que o grau máximo da arte ou do pensamento seja se colocar em estado receptivo, esperar e anotar as imagens que passam. Sem dúvida, o verdadeiro místico se situa diante de Deus em estado receptivo, mas antes trabalha constantemente para fazer com que todos os seus órgãos físicos e psíquicos sejam capazes de receber à Deus. O adepto oriental segue esta disciplina segundo um sistema de conhecimento tradicional, e nisso se equivoca, posto que todo sistema de conhecimento é provisional. O servidor de Cristo, que esquece de si mesmo, ao deixar seu mestre atuar em seu lugar, esse não erra em nada e chega ao objetivo.

- Em resumo, disse eu então – se as lições orais ditas pelo Verbo encarnado eram parábolas, as ações do Verbo eterno são também parábolas. Elas lançam as criaturas sobre os campos do Universo, e como o grão semeado no inverno, volta a ser grão no outono seguinte, nós voltamos a ser, ao final do ano cósmico, os mesmos grãos que fomos em seu início, mas multiplicados e aumentados.

- Com a diferença doutor, com a imensa diferença de que, se o grão da colheita é idêntico em natureza ao grão que lhe semeou – ainda que houvesse muito a dizer sobre isso, já que a vida quer sempre crescer – se a elipse, na matéria, quase se fecha, para nós, os humanos, o sacrifício do Verbo abre esta elipse, lança seu segundo foco ao infinito e a transforma em parábola.

- Pelo que diz, podemos deduzir que cada um destes transeuntes que desfilam diante de nós, leva dentro, sem saber, uma palavra do Verbo. Então por que estão quase todos tristes, preocupados ou perdidos? Por que a expressão de seus rostos ou o aspecto de seus corpos nunca são serenos?

- Claro, estas pessoas estão inquietas ou adormecidas. Enxergam mal ou não enxergam. O que acontece é que não aceitam a palavra divina que o Verbo lhes murmura, não a querem. Quero dizer que pelo momento tem medo dela, resistem contra ela, mais tarde a aceitarão, mas depois de muitas batalhas. Poderia ser felizes imediatamente. Mas a matéria, o mundo e a razão lhes fascinam. Veja, somos uma elipse. O adepto busca se converter em um círculo, quer que os dois focos sejam um só, mas nosso Cristo ensina que, ao contrário, é necessário abrir a elipse, projetando um de seus focos até o infinito.

- Com efeito, as curvas fechadas são o Destino. As curvas abertas são a Liberdade. E todos os rostos em torno de nós, cujas bocas são tão amargas e cujo olhar são tão secos, não estarão assim por conta de uma luta colérica contra a Fatalidade? Negam a fatalidade, proclamam-se livres, rejeitam toda herança, não querem mais leis, nem hierarquias. Mas um só se rebela contra seu tirano. Por outro lado, se sentem prisioneiros, e não se dão conta que cada uma de suas revoltas lhes dá uma reviravolta em suas dificuldades.

- Sem dúvida, sem dúvida – disse Andreas. Em nossos dias há um grande número de homens extremamente inteligentes. Já leram tudo, analisaram tudo, compreenderam tudo; já admiraram tudo o que se refere ao ser humano. Adquiriram um excesso de cultura. Seu cérebro sofre de indigestão e seus nervos estão no limite. Assim, podes ver os mais ricos dentre estes temperamentos de artistas e de poeta retornarem às formas primitivas da arte, aos balbucios dos lirismos pré-históricos. Só chegam ao engenhoso artificial. O entusiasmo espontâneo não pode ser dissimulado. O homem só

não pode voltar à candura de criança. Só resta aceitar o socorro do grande Médico de almas, mas não o querem. Portanto, esperemos. Nenhuma revolta esgota a paciência divina.

Este discurso não me satisfazia! Andreas me parecia um pouco simbolista esta tarde e não pude deixar de lhe falar isso. Ele só compreendeu metade do que eu disse.

- Fica tranquilo – me disse. Eu não me tornei um malabarista de palavras, mas quando se fala livremente, com um velho amigo, ao final de um plácido dia, não concorda que nossas palavras podem ir mais longe do que nós dois? Seria de se estranhar que dentro de um tempo, você que fica nesta cidade, não visse o manifesto de uma nova escola onde encontres, de forma geral, as ideias que acabamos de trocar. Nem eu, nem você somos grandes personagens, mas nossos discursos seguem também suas pequenas parábolas. Além do mais, não creio que eu deforme o sentido de um texto evangélico. As histórias que Jesus contava a seus discípulos, não eram, eu repito, alegorias. Quando são explicadas, não se comenta à maneira dos antigos iniciadores. Jesus não é um orador ordinário, você sabe bem – e a voz de Andreas se tornou mais baixa e mais grave. Quando Jesus diz algo, ele acredita nesta coisa. Não importa que nos fale de grãos semeados em diferentes solos ou de árvores, fermento, pérolas. Não se trata de imagens. Se trata Dele. Dele, entende? Estas sementes são Ele. Este grão tão pequeno, é Ele. Esta colherada de fermento é Ele. Essa pérola é Ele. Em certo lugar secreto, vive a pérola, o fermento, a semente. Essas coisas estão já no Reino eterno. No momento em que Jesus as nomeia, descendem à alma da Terra, começam a existir. Podes ver, querido doutor, o que os homens não querem compreender é que a pérola de incalculável valor, já se encontra ao seu alcance; é que os grãos de Luz onde repousa a Verdade, a Beleza e a Bondade eternas, só tem que recebe-los e alimentá-los. Estes feitos, estes fenômenos, estes objetos situados no centro de nosso mundo, irradiam da palavra todo-poderosa do Verbo. Quando seu resplendor cai sobre as pedras deste globo ou sobre as plantas, ou sobre os animais se produz um corpo ou um vegetal ou um animal novo. Quando este resplendor cai sobre o espírito de um homem e este reflexiona sobre seu intelecto, sobre sua sensibilidade, sobre seu corpo, isso engendra uma ideia mais verdadeira, uma arte mais bela, uma força melhor e tudo isso com muitas outras consequências colaterais, é a lenta descida do Reino de Deus, da realização progressiva da vontade de Deus... Quão bom é Deus!

Depois de um certo silêncio, Andreas se levantou, dirigindo-se à Auteuil, onde havíamos planejado jantar.

A HUMILDADE

Fui visitar um doente na região ente Saint Ouen e Clignancourt. A neve noturna havia esbranquiçado os telhados de tabuas e papelão das cabanas miseráveis onde vive um povo dos mais heterogêneos. Todas as tribos da Europa Oriental mesclam ali seus farrapos, dialetos e parasitas. Um médico encontra ali cem exemplos de doenças raras e um filantropo descobre mil formas dos antigos sofrimentos do frio e da fome. Nestes casebres, mulheres preparam comidas inimagináveis, as crianças choram, os velhos recuperam todo tipo de restos. Há carroças de boêmios com seus jumentos enganchados e seus cães sarnentos. Há ferreiros, estampadores, reparadores de bicicletas e, às vezes, esqueletos pré-históricos de automóveis sucateados. Tem comerciantes de sopa, caçadores de ratos, ladrões de cães e todo tipo de revendedores.

Eu levava medicamento para o meu doente, estranhamente, tratava-se de um francês, mas eu não tinha grandes esperanças de salvá-lo. No entanto, sabemos quais recursos vitais se escondem nos corpos que não conheceram nada além de privações, alimentos duvidosos e álcool? Minha visita atraiu algumas vizinhas e, em poucos minutos, estava rodeado de uma numerosa clientela. Não podia me negar a escutá-las, realizando esta consulta ao ar livre, da melhor forma que pude. Já havia anotado alguns nomes e escolhido o menos farrapento dos assistentes para vir à minha casa pegar

amostras grátis de medicamentos que os laboratórios enviam aos médicos, quando vi, saindo de um casebre, um grupo de velhos judeus rodeando um homem que reconheci imediatamente.

Era Andreas. Apertou minha mão e disse: Termine doutor, lhe vejo daqui a pouco.

Fiquei ali por um bom tempo. Andreas havia desaparecido, para minha grande decepção. Para voltar a Paris, tinha dúvidas se ir para a direita ou esquerda, mas ao me aproximar de Clignancourt, fui para este lado, porque era o caminho para voltar antes à minha clínica, onde certamente o trabalho me aguardava.

Nenhum rastro de Andreas durante o trajeto, mas quando cruzei os edifícios públicos, o vi passar diante da entrada do metrô. Veio até mim todo sorridente.

- Vamos comer alguma coisa se lhe agrada doutor. Conheço um comerciante de vinhos, onde tem um bom ensopado e um recomendável camembert.

Uma vez sentados no fundo da loja, observei ao meu mestre, o qual não via há quase um ano. Fisicamente não havia mudado, mas a expressão de seu rosto me pareceu ainda mais indecifrável que de costume. Os artifícios do momento, do traje, da comida especial, ressaltam para nosso olho distraído a raridade de um perfil ou a nobreza de um gesto. Quando passeamos pelo subúrbio, não nos damos conta de como os olhares são belos, alguns de seres enrugados e vestimentas toscas, e nos envolvem no silêncio. Está a beleza da forma e da expressão. Esta domina sobre aquela, assim como o espírito domina sobre a matéria. Andreas, apesar de sua vigorosa estatura e de seu rosto massivo, Andreas é todo espírito.

Eu o observava buscando compreender os sinais contrários repartidos em sua fisionomia: Esta cabeleira negra, ondulante e espessa; o cansaço de sua pele; a intensidade penetrante de seus olhos cinzas, a doçura de seu sorriso, a potência desta vasta frente de luz e sombras, a modéstia da linguagem, a bondade da atitude, a elegância alternada com a pureza, a finura alternada com a candura, a alegria reticente junto a uma melancolia sorridente, a tormenta apagada de paixões formidáveis e a tranquilidade do marinheiro que já realizou todas as viagens. Mas compreender é igualar e mais uma vez renunciei às minhas análises.

Não são as figuras fascinantes que iluminaram o gênio de nossos artistas monótonos e inertes frente às belezas que vem do Céu? A arte é uma alusão à vida, disse um grande poeta. Sem dúvida, mas uma alusão à vida terrestre. É na vida divina que deveria fazer sonhar. E por mais vulgar que parecera à primeira vista, o rosto de Andreas me arrastava sempre irresistivelmente ao inexpressável, ao inacreditável e ao inefável.

Não, a beleza segundo Deus não é uma extensão da beleza segundo os homens. É o contrário. Vem de dentro. Transfigura inclusive o que os homens chamam de fealdade. Não, a verdade segundo Deus não é o total, nem o produto das verdades humanas, mas se situa nos pontos opostos (antipodal). Não, a bondade segundo Deus não se parece à bondade humana. A bondade de Deus vê longe, julga do alto, dá sem nenhuma contraprestação.

Era o que eu pensava.

- Tem razão, doutor – disse Andreas saindo de seu mutismo. O que faz o Céu continua sendo inexplicável para nossa pequena sabedoria. Se julgar ao próximo está proibido, muito mais proibido ainda é julgar um soldado de Cristo. No entanto, é a ele que todos condenam. Ele é o inocente. E é bom que assim seja. Quando mais nos aproximamos de Deus, mais vemos as coisas desde outro ponto de vista. Os que não se preocupam de Deus não podem compreendê-lo. O que interessa ao soldado de Cristo? Expandir a Luz, guiar os homens à Luz. Sua vida será uma série de sacrifícios,

mas, por outro lado, se dentro do exército de Cristo tem uma determinada graduação, por menor que seja, terá duvidoso privilégio, que fazer trabalhar aqueles que lhes foram confiados. Será necessário que mostre àquele que está orgulhoso de sua virtude, como esse orgulho torna esta virtude frágil. Deve ser engenhoso para que esta pessoa pague sua dívida o quanto antes, para que esta não aumente, com o risco aumentado de ter que pagá-la junto com ele. Colocar o outro diante da insanidade de suas ambições, porque o triunfo o fará perder-se demasiadamente dentro das trevas. E assim tudo...

- Entendo bem – interrompi – mas não se pode repetir o que você diz por que onde está o iluminado, onde está o espiritualista que não se acredite um soldado do Céu? E a que loucura nos conduziria ideias semelhantes?

- O único que tens a fazer é se calar também, querido doutor.

- Então por que me conta estas coisas?

- Para que esqueça. Veja bem, a humildade – enquanto não se é um zero, não se é um soldado – a humildade não é fazer reverências ou dizer frases de submissão. Nem é sentir-se menor diante de um chefe, um sábio ou qualquer homem eminente; isso também não é humildade, mas simples sentido comum, modéstia. Para se tornar humilde, é necessário que, aos olhos das pessoas, pareça que deliramos. Imagina um general vitorioso que diga sinceramente ao seu soldado: “Se a batalha for ganha, o mérito não é meu. Em meu lugar, tu haveria se saído tão bem ou até melhor do que eu”. É provável que os oficiais do estado maior, ao ouvir tal afirmação, pensassem: “O velho perdeu a cabeça”. Teriam razão desde o ponto de vista social. Mas do ponto de vista eterno, seria o velho general, que teria razão.

- Por isso que tenho visto amigos seus se deixarem enganar por camaradas muito mais fracassados que eles, ou deixar-se mandar por uma mulher autoritária e de pavio curto. Respondi.

- Claro querido doutor! Esta é a escola da humildade. A retórica deste programa se realiza quando se ama alguém de todo coração, quando se esgota dando-lhe tudo o que é possível, quando se lhe professa todo o carinho de que se é capaz e lhe dá provas disso, e ainda assim essa pessoa te despreza, explora e evita. Quando te rechaça, quando não quer acreditar em ti, atribuindo tua bondade à consequência de uma paixão. Esta é uma lição difícil. E mesmo que aprendas a lição, engula todos os sapos, agradeça e continue amando, acreditando atuar com humildade, ainda assim não possuirás a humildade.

- O caminho que descreves é um pouco frustrante. Além disso, se faço um esforço, como posso não saber que o faço? Segundo este raciocínio seria impossível a conquista da humildade ou de qualquer outra virtude?

- Tem razão – respondeu Andreas – mas o que é impossível para o homem é possível para Deus.

- Quer dizer que em certo momento, o esforço de suportar as mais duras humilhações chega a seu limite? Que se compararmos o coração do orgulhoso com um diamante, a virulência dos ácidos da ingratidão, da injustiça, da inveja é capaz de transformar esta jóia em um magma inconsistente e que então, esta matéria ablandada recebe como uma fulguração o fogo divino de uma determinada virtude?

- Como te expressas – disse Andreas sorrindo – Eu comecei a rir também, já que sabia que não gostava de grandes palavras. Mas tuas comparações esclarecem bem o que eu não tenho sabido dizer.

- Aí está minha lição – pensei comigo. No entanto, Andreas seguiu com um tom quase indiferente:
- Sim, saber que somos isso ou aquilo, está é nossa prisão. Esquecer o que somos, esta é nossa libertação.
- Mas, na prática? Perguntei.
- Na prática, doutor? Repetiu sorrindo. Na prática, é preciso ir à escola e esforçar-se. Cada um deve fazer o que puder, o que pode de verdade, ou seja, ir ao limite de suas forças sempre. Sabe, o limite de nossas forças está longe, muitos poucos chegam até ele. Imagina que tem um colega que busca briga contigo, que joga pesado e te coloca em má posição. E você se encontra diante de teus colegas, acusado de qualquer coisa. Você não tem provas, teu adversário as tem. Você é julgado, condenado e desprezado. Imagina então que o único que podes obter de teu amor próprio ferido é não fazer justiça a ti mesmo. Fica então tranquilo e volta para casa ouvindo sarcasmos. Bom. No dia seguinte, você encontra teu inimigo diante das testemunhas da cena do dia anterior. O que você faz? Irá desafiá-lo se é um homem de honra, segundo este mundo. Mas se quiser imitar a teu Mestre, irá até teu inimigo e o saudará cordialmente, imaginando se não irá te indultar por aparente covardia. Com isso, você irá ampliar os limites de teu pequeno possível. Continua nesta mesma direção. Um dia os insultos não despertam mais nenhuma reação em ti. Só tuas orelhas os escutam. Escuta os insultos, mas não pensa: é um coitado. Diga a ti mesmo: Quem sabe ele tenha razão, vou examinar a questão. Nesse dia, já não terás feito um esforço, mas já será um humilde.
- Em resumo – quis responder...Mas Andreas estava de pé. Dois jovens mecânicos brigavam em frente ao balcão, e o patrão se preparava para expulsá-los. Andreas escolheu um momento em que tanto os combatentes, quanto os consumidores retomavam o fôlego para perguntar o endereço de uma fábrica de baterias que havia no bairro, cujo nome havia esquecido. Todo mundo começou a falar nomes de diversas empresas. Quando um dos dois mecânicos lhe deu a indicação, seu adversário lhe deu outra, e uma discussão técnica se instalou entre estes dois homens que, três minutos antes, queriam se matar a pauladas. Andreas ofereceu a todos uma rodada, distribuiu tabaco, apertou de mãos, e saímos do estabelecimento. Mas a conversa se desviou da mecânica para a eletricidade.

O LOUVRE

Naquela manhã, Andreas havia me levado a ver o Louvre, antes da abertura, para ver a *Colección Camondo*. Havia ali uma estátua búdica notável pela expressão de um gesto muito peculiar. Procurando-a passamos por uma janela aberta. Um busto siamês, um bronze velho azul esverdeado realçava-se sobre um pedestal. Detrás dele, o céu primaveral de Paris estendia suas sedas deslizantes entre as perspectivas clássicas do Carrossel e elegantes árvores Tullérias. Ao longe, no alto de uma subida, rosado, acinzentado e robusto, o Arco do Triunfo delineava sua silhueta de jade sobre os naves rosas do ocidente. Paisagem belíssima, sorriso de Paris, graça francesa, ordenada com encantadores imprevistos, cheia de matizes, de alentos, com aquela nitidez no desenho de tirar o sono e obrigando-o a se converter em pensamento.

- Veja – me disse Andreas – veja a alma da França.
- Sim, observo com toda atenção...
- E ainda não observa o suficiente. Ah, querido doutor, tenho conhecido muitos países. Mas a França! Não sabemos tudo o que o Céu tem dado à França.
- Mas tenho uma dúvida: por que é que parece ser a França a que conduz a Europa a todos os tipos de desordem, violência e escárnios?

- Primeiro doutor, é porque, pela graça de Deus, quando França faz o mal, faz a vista de todos, muito mais que qualquer outra nação. Poder fazer isso é um grande privilégio. Além disso, lembre-se de tua alquimia: é preciso levar as forças à extrema esquerda para que voltem à extrema direita. A França, neste atamor da raça branca, é o sangue do leão.

- Será esta a razão pela qual, em nossa época, e sobretudo em nosso país todas as tendências políticas, filosóficas, religiosas e sociais se irritam e se ponham tensas? Seria este um exemplo do mundo da cólera do qual fala Boehme, raivosa e que ferve de furor até o estrondo, até o raio do Fogo?

- Toma estas imagens se lhe convém, pois são bastante exatas. Observe ao teu redor, olhe o seu próprio campo, a medicina. Não lhe parece que os esforços mais ousados são uma violação das leis da Natureza?

- Quer dizer que os trabalhos de Carrel – já que se trata do esforço mais firme não são vitais? Vejo ali os sonhos dos alquimistas quase que superados. Entrevejo um futuro de um esplendor quase pasmoso, é...

- Eu, querido doutor, te vejo em uma de suas crises de esoterismo – interrompeu Andreas sorrindo. A verdade segundo a Natureza e a verdade segundo Deus são duas verdades. A alquimia, sabes bem, vista segundo a Natureza chega a resultados cientificamente verdadeiros. Vista segundo a Sobre-Natureza, é falsa.

- Sim, mas Carrel não faz alquimia.

- Claro que sim, querido doutor. Os alquimistas obrigam o mineral a viver como um vegetal. Hoje se obriga o tecido animal a viver como um vegetal. É uma violação espiritual. Para não falar de todas as complicações futuras destas células desorientadas! Quanto sofrimento para os doentes e para os animais! Quantos gritos, do outro lado, quando morrem!

- Nossa! Suspirei – e como se diz: não se coloca remendo novo numa roupa velha, não é mesmo meu Mestre?

- Claro que sim. E no entanto tudo é tão simples. Se os homens quisessem, o Cristo lhes enviaria milagres constantemente. Se você soubesse como o Pai é imensamente bom!

E o velho Andreas abanava a cabeça, encolhendo seus ombros largos. O ar sutil do espírito pacificador passava sobre nós, naquelas salas cujos muros resplandeciam os esforços extremos da extrema cultura humana. Que diferença entre estas duas atmosferas.

EM COMPIÈGNE

Veio um ano em que a política europeia se complicou terrivelmente. Um de meus amigos, que trabalhava em um escritório de Assuntos Exteriores, me disse que estas complicações haviam sido provocadas pela esposa de um célebre banqueiro, em benefício de sua amante, um aventureiro cosmopolita. Este era ávido por dinheiro e para satisfazê-lo, a mulher teceu toda uma intriga com a amante de um soberano, o que gerou, depois de algumas campanhas da imprensa, a um tal nervosismo na opinião pública que os Parlamentos de três reinos votaram ao mesmo tempo solicitar créditos para a defesa nacional. A grande banca pode ganhar centenas de milhões de benefícios e o aventureiro conseguiu seu dinheiro. No entanto, a guerra era eminente.

Andreas me confirmou a veracidade deste relato.

- As grandes catástrofes históricas, como se sabe, não tiveram causas menos fúteis. Devemos sempre prestar atenção se estamos em posição de intervir de maneira útil. Nós, os franceses, temos mais que qualquer um, o direito e o dever de amar a nossa pátria com força e entrega. Se o doutor tem algum conhecimento das coisas do Invisível, sentirá quantas luzes e belezas generosas têm chegado até a Europa pela nossa França, apesar de todas as loucuras de seus filhos e de todas as extravagâncias de seus príncipes. Nenhum povo tem infundido tanto seu impulso às nações menores como nós. O Céu não tem interferido tão diretamente nos assuntos de nenhum outro povo. É conveniente portanto que amemos a França, porque somos seus filhos e filhos do Céu.

- Sim, Mestre – respondi – Mas que relação tem o que diz com a trama que falamos a pouco?

- Bom – querido doutor! Falemos de medicina. O fato de que o tongseng de Anan faça seus diagnósticos a partir das relações do glóbulo vermelho com a luz vital, com a luz mental e com a vontade; se o espargista busca com o mesmo objeto as relações entre o sal, o mercúrio e o azeite sulfuroso, si Van Kelmont analisa as tensões das arcadas, se hoje se busca fenômenos micro bióticos, se o magnetizador disseca fluídos, se o espírita se interessa por entidades invisíveis, isso não prova se uns e outros estão completamente no erro ou completamente na verdade, já que cada um julga segundo seu ponto de vista. Isso prova que um fenômeno físico é o último ligação de uma longa corrente; prova que tal fenômeno se desenvolve através de um germen imperceptível...

Neste momento, Andreas esvaziou cuidadosamente seu cachimbo.

-...Pode ver que, quase sempre, o ser humano é a terra onde crescem esses grãos.

- Então – perguntei – para o caso que nos ocupa?

- É muito simples. A ingratidão não é unicamente patrimônio dos homens. Os indivíduos que o eloquente Eliphas Levi chama de egregóricos, possuem também este defeito. Os egregóricos de outros povos, não sentem reconhecimento algum pelos do nosso país. Ao contrário, gostariam de subjuga-los e mata-los para enriquecer-se com seus despojos. E o Adversário, que rodeia sempre quando há possibilidade de disputa, os ajuda em tudo que pode. Eles encontraram nas três pessoas que falamos há pouco, um maravilhoso caldo de cultivo. Nenhuma das três tem pátria ou religião. Seu deus, são elas mesmas, e os invisíveis irão se esforçar para se beneficiarem das paixões egoístas destes três seres, que têm em suas mãos uma poderosa alavanca da vida social para acabar com nosso país.

- Começo a compreender. Mas – disse eu – se me permite a indiscrição, pensa em intervir nesta coalisão?

- Claro que sim, querido doutor. Não é meu dever, se a Providencia me outorga os meios para isso? Eu começava a acostumar com Andreas, mas o caráter fantástico destas ideias formuladas placidamente por um homem, que esta tarde, apresentava o aspecto de um valente empresário retirado dos negócios, me deixava um tanto perplexo. Você teria três ou quatro dias para me conceder? Perguntou-me.

- Quando iríamos?

- Amanhã à tarde, as cinco na Estação do Norte.

- Tudo bem! Vou trocar minhas consultas para metade amanhã e metade na próxima semana. No dia seguinte, encontrei Andreas na estação.

- Devo apresentar minhas desculpas – disse. Tomei acentos na terceira. São incômodas, mas vamos apenas até Compiègne e tenho previsto encontrar informação no trem.

- Respondi o que a cortesia exigia. Andreas, como de costume, entrou no trem, examinou a locomotiva, saudou os mecânicos, e por último escolheu um compartimento vazio. Uma camponesa e seu filho pequeno subiram em seguida. Logo depois um homem com sua filha e maletas.

Partimos. Chovia. O homem e Andreas se elogiaram mutuamente. Falaram do mal tempo, das culturas em perigo, dos catadores de trigo, dos impostos mal repartidos. O homem era um comerciante de vinho de Epinettes. Acompanhava a sua pequena à casa de um primo agricultor. Por casualidade tinha família em Compiègne. Lá parecia ter velhas igrejas, antiguidades romanas.

- Exatamente – disse o homem. Existe em Compiègne uma velha torre na casa de uma prima minha, quase às margens do Oise. Podemos ir até lá se quisermos.

- Vamos todos – disse Andreas – e jantamos juntos. É a torre onde Joana D’Arc sofreu a primeira etapa de seu calvário – acrescentou a mim.

- Não posso de forma alguma – disse o comerciante de vinhos – por causa da menina. São quase 10 quilômetros de caminhada até a casa de meus parentes, chegaríamos tarde demais.

Andreas o convenceu para que aceitasse. Deixemos o Chantilly para trás com suas brancas barreiras, seus campos limpos e casas confortáveis. Creil e suas fábricas, os grandes campos salpicados de pequenos bosques, os amáveis horizontes da Ilha de França, o Oise, cinza e tranquilo e chegamos.

Jantamos no Hotel de la Cloche. Cozinha apetitosa, sala de jantar acolhedora, vinho peleón. Nosso convidado, encantado, falava alto. Retomava contato com velhos companheiros. Andreas convidava todo mundo, oferecia cigarros, brincava, sem perder a oportunidade de dar uma receita ou um conselho.

- Veja – me disse à parte – temos sorte. Se tivéssemos tomado bilhetes de segunda, não teríamos conhecido este homem, que trabalhou por vinte anos de porteiro no banco de Israel do qual falamos ontem à noite. Informa-me sem se dar conta.

- Eu não entendia o que uma torre velha tinha a ver com a situação política europeia, mas você me acostumou aos planos incompreensíveis. Disse eu. Será possível que um fio fino uma o banqueiro ao tenor, as duas mulheres, a política, a heroína de Vaucouleurs aos lugares que vamos visitar?

- Faz quase quatrocentos e vinte e um anos, quase que exatamente que Joana D’Arc foi encarcerada ali, onde iremos dentro de um momento....respondeu Andreas.

Não compreendi nada, mas não perguntei mais.

Depois do jantar, Andreas encontrou um pretexto para despedir-se do comerciante de vinho, prometendo-lhe ir vê-lo muito em breve.

- Compreende – me disse – era necessário saber se Joana D’Arc havia realmente estado presa a uma torre. Era preciso conhecer alguém do país, desde muito mais tempo do que ele imagina. Mas veja bem, é necessário que estejamos sozinhos nesta torre.

Voltamos à cidade. Era quase as onze e nos dirigimos à casa que nosso companheiro de viagem nos havia indicado.

No momento que Andreas abriu a porta, um cão latiu, mas Andreas assobiou muito suavemente e assim que entramos, o guardião, suponho que seduzido, veio a nos fazer mil carícias.

- Fica com ele – me disse. Esconda-te detrás destes barris. Não durma, nem se mova por nada, sob nenhum pretexto. Veja o que veja, ouça o que ouça. Não fume. Fora isso não há perigo algum.

Em seguida, subiu até a torre onde ficou em silêncio. Somente os relógios, o barulho de rio rápido e a partida de um carreteiro perturbavam a quietude noturna. De vez em quando a sonolência caía sobre os meus olhos como um golpe de martelo. Eu me assustava despertando rapidamente já que havia prometido não dormir. Assim se passou uma meia hora.

O cão acabou encostando-se a minhas pernas. De repente o senti tremer. Procurei ao redor o motivo de seu medo, já não via a casa, nem o galinheiro, nem os armazéns. Do solo dos velhos muros de pedra haviam surgido tochas dentro de suas vainas, cravadas no portal – personagens que iam e vinham, vestidos com trajes do século XV: pessoas com capa, cavaleiros, serviçais. Falam uma língua difícil de compreender. Reconheci nela entoações borgonhas e palavras inglesas. Então compreendi. Andreas recriava, melhorando, a famosa cena dos mortos, de Cagliostro. Este homem fez girar a roda do tempo. Voltamos há quatrocentos e cinquenta anos atrás. Sem ritos, sem preparações, sem ajuda, com um formidável gesto de vontade, conseguiu a invocação de Joana D'Arc.

Com efeito, alguns instantes mais tarde, a visão mudou, em uma sala abobadada, vi Andreas de pé, falando com uma mulher jovem vestida com o traje que todos os pintores tem atribuído à heroína. Não era uma visão, pois sentia embaixo de minhas mãos o frio do muro, ouvia a voz dos interlocutores e inclusive participei da conversa.

Uma hora mais tarde tudo desapareceu. Estava tudo de volta ali: a casinha, o pátio, o cão. A primeira coisa que disse Andreas é que eu promettesse que guardaria segredo sobre tudo o que havia ouvido e sobre tudo o que poderia ouvir ou ver nos próximos dias.

Não valia à pena buscar um hotel na pequena cidade as duas da manhã. Entramos no bosque através de pequenas passagens e descansamos um pouco em uma pedreira abandonada que Andreas descobriu.

Pela manhã, encontramos rapidamente um albergue, onde tomamos café da manhã. Andreas conversou com os poucos clientes que ali havia: um guarda florestal, um professor primário, um camponês; acabei compreendendo que tentava que lhe indicassem a localização das ruínas de um castelo não mencionado por nenhum guia.

Saindo do albergue, depois de ter feito uma reserva de fósforos, fizemos alguns rodeios pelos “caminhos de terra” – como dizem na região – para despistar os curiosos e começamos nossas explorações. Fomos ao priorado cisterciense de Saint-Jean-aux-Bois, ao Convento dos Beneditinos, à Renardière, sem êxito. No dia seguinte visitamos Pierrefonds, mas Andreas reclamou que tinha gente demais. Só no terceiro dia, na saída do Caminho dos Litigantes, quando me fez pensar que breve atingiríamos nosso objetivo. Um planalto amplo e circular de um quilômetro de largura, plantado de Fresnos, altos e silenciosos, apareceu diante de nós ao final de uma costa. Um solo repleto de folhas mortas amortecia o ruído de nossos passos. A curta frase da oropêndola, escondida ao longe, no matagal, o grito colérico do gaio esvoaçando entre os galhos intermediários, a chamada de uma urraca empoleirada sobre a frondosidade quebravam o silêncio. O odor agreste das colmenillas se misturava com o perfume tônico da madeira inchada de sabia. Entre as colunas dos

grandes e lisos troncos se filtrava o azul do céu e os raios baixos do sol crepuscular surgiam como jabalinas de ouro em mãos de anjos guerreiros.

- Esta é a assembleia dos velhos do povo florestal. Mais sábios que os homens, falam pouco. Tem visto anões aparecerem e desaparecerem há muito tempo lá embaixo, sob seus pés. Acolhem as criaturas débeis. Como acontece com o sanniasi que busca liberação, sentado numa selva murmurante, os pássaros se aninham na trama emaranhada. Eles proporcionam a estes pequenos comida e abrigo. Submergido na grande alma hospitaleira do solo paterno, seu espírito contempla, ve como dão voltas as rodas das gerações. Dia após dia, a neve trás o verão, os ventos traz os ventos que sopram do ocidente, povo depois de povo, tudo isso circula ao seu redor. Eles conhecem a lei. Sabem que tudo obedece ao grande deus, o tempo, este tempo que os fizeram nascer de uma semente miserável, este tempo que os fazem crescer e que, na hora inscrita em seu livro invisível, enviará fatalmente o lenhador assassino.

Era meio dia. O bosque inteiro tirava a *siesta*. De repente Andreas me reteve. Havia percebido um movimento insólito em um bosquete a trezentos metros. Vi também que algo se movia;

É um cervo e duas cervas – sussurrou em voz baixa. Regressam depois de ter bebido, porque é o servo que vá atrás. Ou talvez algum temor os tiraram de seu refúgio. Vamos ali de onde vieram. Encontraremos água ou alguma outra coisa.

De fato, alguns minutos mais tarde, chegamos a um pequeno arroio, que se convertia em lagoa para a continuação retomar seu caprichoso curso.

- Vê os lírios?

- Sim – respondi – olhando à esquerda.

- Para isso tenho meu antídoto. Dois minutos mais tarde me dava para guardar na mochila uns punhados de dragontea que havia colhido com raízes.

- Agora – disse – vamos encontrar as ruínas. Não se vê nada com este matagal. Era preciso encontrar uma boa vista. Vamos pela encosta. E foi para a esquerda, com passos lentos, inspecionando as árvores com atenção, golpeando o solo com seu bastão, recolhendo, de vez em quando, um pouco de terra.

- Vê? Buscamos mata e serpentes, portanto, terreno seco, arenoso ou rochoso, brejos, ervas cortantes, zimbro, carvalhos, bétulas. Me parece ter visto um canion de fusil em frente a nós....e Andreas acelerou o passo.

Um pouco mais adiante, através de um caminho que se cruzava ao nosso, apareceu um guarda. Andreas respondeu à sua saudação e disse:

- Viu o cervo, perto do riacho, há poucos instantes?

- Não. Disse o homem.

- Vinha da pequena lagoa e se desviou à esquerda. Tinha duas cervas.

- Ah, sim! Disse o guarda. Devia vir de longe. Algo deve ter feito com que se desalojasse esta manhã.

Andreas havia se desviado enquanto falava. Deu alguns passos para trás e acabou tropeçando em uns ramos secos na beira do caminho. Levantou-se, se reequilibrou e disse:

- Ah! Normalmente não vem até aqui. Há uma colônia em uma pendente há um quilometro daqui. Não se pode ver a causa do monte alto, mas existe um grande círculo pedregoso, coberto de mata. Eram as antigas canteiras, mas nunca por ali.

- Nós também não – Andreas se sentou e ofereceu um cigarro ao guarda. Acendendo seu cachimbo pediu informações sobre o caminho de Compiègne. Falamos um pouco e o homem, depois de tocar se cap, nos deixou.

- Agora é conosco – disse Andreas – esfregando as mãos. Vamos a esta mata.

Chegando ali, ele pegou as ervas que havia colhido no início do caminho e me deu a metade e enfiando as calças dentro dos sapatos, fez uma coroa com as ervas, previamente compactadas, ao redor dos calcanhares.

- Desta maneira – disse – nenhuma víbora nos morderá. No entanto, ande com precaução, mesmo por que não se pode andar rápido por aqui.

Com efeito, nos vimos em tal emaranhado de ortigas, espinhos, acácias, canhas e cardos que a cada passo parecia impossível dar outro. Serpentes de todos os tamanhos surgiam a toda hora. Um sol pesado e o calor que subia do solo me golpeavam e os grandes troncos silenciosos pareciam batalhões de lanças imóveis vigiando-nos com olhos inumeráveis.

O corpo massivo de Andreas ia e vinha pela mata, abrindo caminho sem ruído. Eu o seguia, ensopado de suor, quando Andreas deu um grito surdo. O terreno baixava bruscamente em vertical e, abaixo do barranco, vimos umas ruínas cobertas de vegetação.

- Vamos em frente – me disse – ao invés de descer. Tem que haver restos de uma porta falsa.

Demoramos cerca de três quartos de hora para dar a volta e quase chegamos ao nosso ponto de partida, quando descobrimos os restos dos pilares de uma ponte levadiça. Tivemos que descer pelas pedras soltas e subir em seguida assustando a muitos lagartos. Sentei. Andreas cortava ramas secas e fez várias estacas.

- Isto nos servirá de tochas – explicou.

- Você está querendo descer aos sótãos? – Perguntei com certa apreensão.

- Claro que sim! Inclusive, se não me engana o odor que ronda o local, vamos descobrir algo mui raro. Mas não se assuste caro doutor. Vamos buscar as escadas. Siga-me.

Havia pedaços caídos da enorme muralha, mas estavam tão enterrados no húmus, tão cobertos por plantas trepadeiras, tão defendidos por velas árvores, que era preciso tocá-los para vê-los. Havia ali toda uma rara fauna e uma flora inesperada. Enormes cleópteros, grandes ninhos de vespas, abelhas selvagens, digitalis enormes, prados de bezos tão altos como nós mesmos, euforbias, alguns robes tinham vigos.

- É algo raro na França – disse Andreas. Visgos em carvalhos é comum no Menez, na Bretanha e os camponeses os protegem com feracidade.

Eu estava demasiadamente preocupado de onde pisava para manter uma conversação, mas ele ía e vinha sem cansaço aparente, como se estivesse passeando pelas Tullerias.

- Aqui está o pátio, ali o poço, do qual não tomaremos e a masmorra deve estar não no meio, senão em gente, na periferia e é por ai que se deve descer às masmorras. Vamos ver. Na metade das escadas, Andreas entrou numa passagem estreita, construída na parede da muralha e que nos conduziu a uma capela subterrânea, onde nos sentamos.

Ali ocorreu uma cena similar a da véspera, mas muito mais dramática. Não posso contar nada mais. Tudo o que posso dizer é que, alguns anos mais tarde, Europa entrava no mais espantoso ciclone que seus povos já haviam sofrido.

NATAL

Ocorreu que tive que prestar a uma jovem do mundo cosmopolita um desses serviços banais cuja nojosa consequência é que é preciso aceitar como se estivéssemos encantados a liberalidade que o paga. Meus anfitriões tinham me convidado, na noite de Natal, num destes lugares de Paris cujo luxo é mais palpável e de melhor estilo. A sabida delicadeza da senhora, a elegância dos convidados, não foram suficientes para que a cerimônia me parecesse menos longa. Por fim chegou a hora de ir, mas no momento de me despedir, vi em um grupo de homens, que também saíam, a estatura de Andreas. Estava com traje de noite e seus acompanhantes, entre os quais reconheci alguns rostos famosos, pareciam oferecer-lhe pequenos cuidados como se fosse um personagem importante.

Ele me viu, veio até a mim, despedindo-se das suas companhias, me propôs passar com ele as duas ou três horas que nos separavam do dia. Eu tinha alguns pacientes interessantes para visitar logo cedo, depois subiríamos até sua casa para passar um tempo juntos. Aceitei e fomos embora.

Andreas havia emagrecido. Sua beleza que parecia envolta pelo elo do vigor corporal, estava mais exposta pela depuração ocasionada por fadigas demasiadamente longas. Seu cabelo que agora estava longo, acentuava o caráter sobre humano deste rosto cujas linhas e partes planas irradiavam cada vez mais o poder da doçura. As rugas se acentuavam em sua admirável fronte, ao redor de seus vigilantes olhos, de sua boca, de tão comovente sorriso. Seu olhar, porém, continuava sendo luminoso, límpido e magnífico. Segundo seu costume, me interrogou com frases curtas, cujo sentido não se compreendia à princípio.

- O que você diz doutor de todo este pântano que o mundo inteiro se afunda? O que se fala à sua volta?

- Nada que você não saiba, seguramente – respondi – a julgar pela diversidade de condições das pessoas com as quais é visto. Todo o mundo se queixa ou se irrita, mas é o abatimento e o desespero dos homens de boa vontade o que me parece mais significativo e o que mais me irrita.

- No entanto, não há nada pelo que se desanimar – respondeu Andreas guardando seu cachimbo – a menos que as pessoas que você chama de “boa vontade” não sejam servidores do Céu. Quem sabe o doutor se pergunta: Quem é um verdadeiro servidor do Céu? Sim, tem razão em perguntar. Quem serve ao Céu? Eu também me pergunto. Sou eu um servidor?

Há tanto o que fazer, tanto que fazer...

- Mas é você quem diz as palavras mais desencorajadoras! Se considera que o trabalho supera suas forças, logo você, que podemos dizer nós, que posso dizer eu?

- Dirás que sou um velho chocho – disse Andreas sorrindo. Podes ver que sei muito bem que as coisas parecem ir mal, e eu sinto muito. Também sei que as coisas vão como tem que ir, como é bom que vão e continuo confiando. Você é um ser jovem e simples. Vê tudo em preto e branco. Eu sou um velho rabugento e complicado.

- Você gosta de dizer isso – afirmei. Tudo o que penso de você é que é bom e serviçal. Creio que realmente faço da vida e dos seres uma representação demasiadamente simplista. Eu não sou simples, sou simplista, enquanto você é simples. Não é a mesma coisa.

- A vida se desenvolve com inumeráveis matizes. É por isso que ainda não se inventou um sistema que englobe todo o possível. É por isso que o destino de nenhuma criatura é definitivo. Nenhum dos sequazes do Adversário está metido nas Trevas com o mesmo grau. Nenhum dos servidores do Céu possui exatamente a mesma quantidade de Luz. A maior parte inclusive, o grosso de cada um dos dois exércitos é apenas uma massa incoerente, flutuante, indecisa nos resplendores difusos de um morno crepúsculo. É por isso que se quiser falar de Deus aos homens é preciso primeiro prudência e por último prudência.

- Com tanta prudência não acabarei ficando bem tranquilo em minha casa?

- Não, nunca – declarou Andreas com energia. Seria um engano. É preciso sair. Por acaso acredita que quando me ocupo de alguém, não me é mostrado seu futuro e o que fará com a Luz que lhe dou? Acredita que de cem indivíduos que vem até a mim pedir trabalho só vejo a um, talvez dois que farão o trabalho até o final? Mesmo sabendo disso tenho direito a negar uma pequena luz aos outros noventa e oito?

- Sem dúvida – disse eu – as traições ou se preferir os desafetos conscientes, não me surpreendem, nem me afetam. Mas as negligências involuntárias, os abandonos inconscientes dos corações que apreciamos, aos que queríamos dar tudo, e que não podem receber, que vão para a esquerda acreditando ir-se para a direita, que se imaginam trabalhar quando o único que fazem é viver do trabalho dos demais...

- Em que isso pode lhe afetar, caro doutor? Contestou Andreas. Se te pedem, dê. Se te oferecem, aceita. Se rejeitam teu presente, guarde-o com cuidado. Se vão, peça ao bom Deus pelo aventureiro viajante. Se queres fazer algo por teus irmãos, que tuas fantasias não te surpreendam. Não poderás reter ninguém contra sua vontade. O essencial é que, enquanto te escutam, pronuncies verdadeiramente uma palavra de Vida. Aqueles entre teus amigos que querem trabalhar, que trabalhem duas vezes: para eles e para os novatos que acreditando amigos teus não trabalham. O valor de uns, a indolência de outros, tudo isso se voltará a encontrar mais tarde. Nada se perde, Enquanto não te abandonam, é por que ficam, verdade? Por isso não te atormentes por outra coisa por dar-lhes hoje o que hoje te pedem. Amanhã será outro dia, para ti, para eles e para mim.

- Aceito suas boas palavras de todo meu coração. Mas permita-me por último, esta pergunta indiscreta. Desta forma, você não se engana em suas eleições? Você sabe sempre com quem está tratando?

Você também sabe com quem está tratando desde a primeira vista. Não confessa isso a ti mesmo porque o Céu lhe há dado humildade. Mas, sabes. Eu também sei, todos nós sabemos, é a Luz que existe em nós que nos dá a informação. Ademais, não sabia Jesus, desde o primeiro dia que o conheceu, em sua infância, que Judas o trairia? Não o aceitou apesar disso? E a Pedro? Também, verdade?

Havíamos chegado perto do velho cemitério de Belleville. Algumas luzes da aurora perfuravam a obscuridade azul de uma noite que tocava a seu fim. O frio era intenso. Alguns cantos isolados

chegavam até nós, parecendo-nos inapropriados para Aquele que pretendiam alcançar. A cidade imensa, ainda com todas suas luzes acesas, flutuava nas trevas indecisas, como uma grande nave cheia de surdos rumores entre as brumas do oceano setentorial. Um misterioso espetáculo que podia ser uma metáfora de minha resolução. A profunda voz de Andreas rompeu seu encanto.

- Sim – disse - somos só ignorância, cegos guiando cegos. Às vezes a onisciência no transpassa. Seu brilho breve e imprevisto deve nos bastar. Sempre coincide com uma possibilidade importante. Não esperamos de nosso trabalho atual uma colheita normal. No entanto, por raras que possam ser as espigas maduras, seu valor ultrapassará sempre as nossas penas, Se consideramos a imensa solicitude do Pai e o pequeno número de corações que aceitam recebe-las, não parece que ele também se equivoca constantemente? No entanto, ele não se equivoca nunca. Assim pois, caro doutor, afirma tua alma, consolide-a, faz dela uma rocha inquebrantável. As deserções, traições, só são passos atrás para tomar impulso e dar um salto adiante no futuro. Somos nós pessoas as que, no fundo, nenhum fracasso desconcerta? Os outros que se dispersam regressam seguramente um pouco mais tarde e o laço sólido e folgado que de todas as formas os ata a nós mesmos, é precisamente a nossa primeira acolhida, aquela que você incorretamente assegura ser uma falta de clarividência ou de firmeza. Ve, dou de frente com a Verdade de que andas por bom caminho. Mas lembre-se sempre de que é difícil... E – acrescentou tomando seu aspecto habitual de afetuosa bondade – vamos pra casa pedir uma boa xícara de café pra minha mulher.

ANTIBES

Nesta manhã, uma rajada de vento frio varria as nuvens chuvosas que, desde alguns dias, lançavam uma água benéfica sobre os campos secos há meses. Sobre o horizonte norte, os montes italianos estendiam neve que o sol nascente decorava com um rosa precioso. As colinas despertavam na névoa de ametista que subia desde seu vale. O mar, contrariamente, aprofundava os azuis metálicos dos dias de muito sol e, no pequeno porto, os pequenos barcos à vela eram lentamente preparados, abrindo suas dobras cinza e vermelha, sob o olhar atento dos velhos e imóveis pescadores.

Na parte de trás de uma embarcação livornesa, um homem conversava com os marinheiros. Ele não me era estranho. Quando me aproximei vi, com surpresa, que se tratava de Andreas. Andreas me viu passar e, com uma piscadela, me fez compreender que falaria comigo em um momento. Eu o esperei passeando por um estaleiro de lanchas. Logo, a barça soltou as amarras e, uns minutos depois, Andreas veio até mim, com o mesmo aspecto tranquilo e o mesmo sorriso paternal, com o mesmo olhar poderoso e bondoso.

Mas, seu rosto envelhecido mostrava as marcas de esgotadoras fadigas e imediatamente lhe falei de minha inquietude.

- Não é nada – respondeu. Não é nada. Não te atormente. Sabe bem que se eu pedir, o Pai me outorgará a vitória daqui a três dias, mas temos tempo para ganhar, entende? Não temos pressa para acabar. Só devemos ter pressa em espargir a Luz. Quanto mais longa a luta, mais alto subirão os seres.

- Vejo que é você é o mesmo de sempre, inabalável, como se estivesse de pé sobre o umbral da eternidade.

Ele fez um gesto de sorridente negação:

- Caro doutor, não faça poesias. Eu sou um homem semelhante a todos os demais. Não esquente a cabeça. A vida já é bastante complicada tal como é. Cada um de nós tem seu pequeno trabalho. Façamos este trabalho, simplesmente, mas até o final. Você doutor, como vai?

- Você sabe de sobra – disse eu. Não estou muito satisfeito...

- Quem pode estar? Por exemplo, veja a embarcação. Tem bom vento. Chegará ao Porto Maurício na hora prevista. As coisas sempre se arrumam quando não perdemos a confiança. Ontem à tarde nada ia bem. Amanhã tudo irá perfeitamente, se Deus quiser. Você, caro doutor, segue sendo o mesmo. Preocupa-te demais. Paciência, paciência. A cada dia seu afã. Quando sejas santo, então começarão as verdadeiras dificuldades. Por hora o trabalho é leve.

- O trabalho é leve – interrompi um pouco surpreso. Sem dúvida, mas é preciso realiza-lo vinte e quatro horas de cada dia, para que estas horas sejam perfeitas, definitivas, para que não precisemos voltar a se ocupar delas. Como é difícil pra mim isso!

- Tem toda razão, nada é mais fácil! – afirmou Andreas em tom grave. O erro que cometemos é viver hoje pensando no depois de amanhã. Eu não proíbo a previsão, mas a previsão de hoje, ainda que aponte o mês seguinte, pertence ao trabalho de hoje.

- Sim. Dedicar-se por inteiro ao trabalho atual! Isso é possível para você, mas e para nós?

- Para todo mundo, caro doutor, porque se eu tenho um Amigo, já que você é meu amigo, você também tem este Amigo. E teus amigos podem tê-lo também. Todos aqueles dentro de teus camaradas que atravessaram a guerra sem acidente, é porque souberam ser simples. E eu te digo que se continuarem sendo simples, poderão atravessar a paz, o que chamamos de paz. Só não podem ser pedantes com Deus em seu coração. Veja como tudo é muito simples! O Cristo é simples, suas ordens estão claras, somos nós quem complicamos tudo...

- No entanto – me aventurei- encontrar dinheiro para os pobres, encontrar forças para os aflitos, encontrar a cura para os doentes, não me parece assim tão simples. Ganhar o pão honestamente, entre todas as cobiças, não é nada cômodo.

- Claro que sim. É simples. Vocês, todos vocês buscam a simplicidade no meio da complicação. Seria melhor ir à simplicidade pela simplicidade, ou seja, tornando-se bem pequeno, bem pequeno. Observe os grandes poetas, os grandes pintores. Um dia vamos conversar com eles. No começo todos produziram livros ou quadros muito densos, com um monte de investigações, de procedimentos, de subtextos, de palavras raras e técnicas eruditas. Logo perceberam que estavam fazendo um ofício, não arte. Então começaram a criticar, restringir o vocabulário ou sua paleta. Sobretudo, começaram a abrir sua sensibilidade, a agradar sua compreensão, a enobrecer sua alma. Agora, são quase simples. Poderiam ter sido trinta anos antes se tivessem lido o Evangelho. Você, da mesma forma, torne-se simples em teu coração e logo encontrarás procedimentos simples para sanar e ajudar.

Aqui, Andreas fez cara de quem iria submergir em um dos longos silêncios aos quais estava acostumado. Como eu temia perde-lo de vista, talvez por meses, pedi outros conselhos para alcançar este estado de solidez interior que favorece a atividade mais intensa que permite o mais livre dos desenvolvimentos de nossos nobres desejos e nossos entusiasmos. Ele me respondeu aproximadamente o seguinte:

- Sabe? Engana-se aquele que pensa que, por ter se entregado ao Cristo sua vida será tranquila e monótona; da mesma forma se engana aquele que pensa que, por ter entregado sua vida à Cristo, sua vida será um martírio. Tanto um como outro só tem razão quanto a uma coisa: ter se entregado à Cristo. Mas, posto que se entregaram a Cristo de cuja onipotência e infinita bondade estão certos, por que se preocupam então? Já que estão nas mãos do Pai, que cumpram com seu dever até o final, que rogue por tudo, isso basta. Se nos concede o que pedimos está bem, se nos nega, está bem

também. Se nos dá provas, está bem; se nos manda alguma felicidade, bem está. Observa cuidadosamente este senhor que desce de sua charrete e que se aproxima, o reconhece, sem dúvida. Com efeito, era um grande personagem que todo mundo conhecia o nome. Havia parado esperando um gesto de Andreas, exatamente como eu havia feito, há alguns minutos, no porto.

- Veja teus camaradas, em cinco anos, escaparam dez mil vezes da morte. Estão vivos. Ele, desde há três anos, há sido perseguido por milhares de homens, extorquido, sem dinheiro, sem refúgio. Acredita que está em uma fortaleza ou sepultado sob a neve, em algum lugar do Oriente. Ai está. Soube permanecer simples. Vamos cumprimenta-lo, já que também o conheces, vamos almoçar juntos.

A BATALHA

Uma mensagem solicitava minha presença em Nyon; cheguei à estação de trens bastante atrasado, corri ao guichê. Alguém que estava à minha frente, me cumprimentou dizendo: Não corra, caro doutor, temos que esperar ainda dez minutos, pois suponho que vai pegar o trem de Pontalier. A locomotiva não funciona, será preciso trocá-la.

Era Andreas. Não me deixou recompor-me da surpresa.

- Vou ao telégrafo – seguiu dizendo. Compre-me um bilhete de segunda e me espera. Podemos ir juntos até Dijon? Eu vou a Creusot.

O trem saiu realmente com o atraso anunciado. Havíamos encontrado um compartimento vazio. Andreas me ofereceu um periódico, pedindo-me permissão para trabalhar. O tempo era escasso para o que tínhamos a falar. Eu sabia o que queria dizer. Compreendi o acidente com a locomotiva e por que tínhamos a sorte de estar sozinhos em um trem infestado de gente. Eu me sentei ao outro extremo da banqueta e, voltando-me para a porta, deixei de ocupar-me de meu acompanhante. Quando, excepcionalmente, Andreas não trabalhava só, queria que o ignorasse completamente. Tive todo o tempo para saborear aquele feliz encontro. Uma tarde, depois de ter me deixado, havia mergulhado na multidão, que se fechou atrás dele, como faz o mar com o barco que lhe adentra. Quantas vezes, durante o sangrento cataclismo que assolava a Europa não havia pensado tristemente o meu coração neste homem? Que faria durante este imenso pesadelo? Violando a regra que Cristo impõe à seus soldados eu me estranhava de não ouvir falar de Andreas na crônica secreta. Queria tê-lo visto dando conselhos aos grandes chefes. E ali estava, de repente, tão tranquilo, tão afetuoso, com seu sorriso paternal. Certamente, eu sentia que não havia posto freio a suas misteriosas atividades. Como no ano passado, o ar entorno à ele vibrava com toda classe de presenças, eu respirava força e imutabilidade. Era ele mesmo, o mesmo da cabeça aos pés.

Um pouco depois de Fontainebleau, Andreas rompeu o silêncio:

- Bem, querido doutor, o que diz de tudo isso?

- Tenho muitas perguntas, muitas petições. Veja tudo que me falta, tudo o que falta a todos nós. Que posso fazer?

- Mas a França possui todos os elementos da vitória. O Céu dará a vitória à França quando quiser. No que diz respeito a ti, está em plena tormenta. Segue em teu posto, aguenta até o final. É necessário...

- Aguentar não é o suficiente. Eu não estou fazendo nada. Sou um inútil.

- Ninguém é inútil, querido doutor, tenha paciência. Sabes muito bem que não gosto de dar conselhos. Isto aumenta as dificuldades, sobretudo para nós, que somos observados pelos sequazes invisíveis do Adversário. Porque a verdadeira batalha ocorre no invisível. Esta guerra foi extraordinária: militar, política, etnográfica e espiritual. Os exércitos físicos se encontraram na prolongação exata dos dois exércitos místicos da Luz e das Trevas. Somos afortunados por ter vivido em semelhante época!

- Sim, os que lutaram, mas e os demais?

- Que lutem agora. A batalha cívica está aí. Todos os escritores a indicaram, mas poderiam ter feito mais.

- Mais o que? Diga-me?

- Não fazer outras coisas, fazer mais a fundo o que fazemos: a ajuda social, o comportamento moral, a propaganda diante a imprensa, as conversas....e tantas coisas, porque há muitos tipos de combates – disse Andreas – depois de ter lançado um olhar perscrutador.

Recolhi-me por um instante e logo me decidi:

- Escute – disse. É provável que não queira me dar ordens. Mas explique-me o que acha que eu sou capaz de realizar. Pensarei sobre o que disseres.

- Sim, - continuou Andreas como se não me escutasse – as trincheiras, as granadas, as armas, os gases asfixiantes, o corpo a corpo, todos estes horrores espantosos são apenas a sombra do que passa do outro lado. No entanto, se para enfrenta-los, se apenas para se comportar como um bom cidadão, é preciso ser heroico, que será capaz de enfrentar a guerra espiritual? Que homem pode pedir isso? Que homem pode mandar isso?

- Mas o Cristo busca a estes homens. Pede isso a mim, eu sei, como também sei que não os encontro por casualidade.

Depois de um curto intervalo, Andreas continuou:

- Ações brilhantes são preciosas, mas as ações que só Deus vê são superiores. As primeiras são flores, as segundas, sementes e Cristo é o jardineiro. Só os que sabem calar-se podem realiza-las. Você conhece aqueles que sabem se calar?

- Conheço pessoas discretas.

- Sim, todo o mundo é discreto, mas com a condição de que o vizinho se dê conta de que estamos guardando uma informação sensacional. Disse Andreas com um leve sorriso.

Existe uma discrição interior, uma circunspeção mental. Não só seria preciso se calar, mas também não deixar ver que poderíamos falar. Haveria que esquecer efetivamente e lembrar segundo queiramos. Que o olho mais penetrante não possa ler em meu rosto que guardo alguma coisa. Que os demônios sutis nem sequer suspeitem.

Ai está, querido doutor, este é o primeiro apontamento. Sabe que os apontamentos em campanha tem a morte como castigo. Imagina o que arrisca o soldado de Cristo. E é justo, posto que o ato não carrega em si todo o seu valor, mas sim depende em grande parte daquele que o efetua. É inútil te dar exemplos, não é mesmo? Esta é a razão pela qual alguma coisa tão mínima como não criticar a

ninguém seja tão importante para nós. Centenas de seres ao nosso redor se ajustam ao nosso aspecto, e outra centena nos espia para nos fazer cair.

- Sim, me lembro que você me disse isso em outra ocasião. Mas nunca lhe demos importância suficiente aos trabalhos simples. Também, no futuro...

Andreas me deteve:

- Está bem, é suficiente. Você conhece teu dever, execute-o até o final, com obstinação. Se morrer de cansaço, quem se importa?

- De acordo – respondi. Além de tudo, há a oração.

- Qual? A oração oportunista? A oração econômica, cortada em fatias preparadas? A oração pusilânime, a egoísta? Não, doutor. Uma oração perpétua que abarque desde os menores detalhes até os objetivos maiores. Uma oração de ternura desbordante e no entanto impassível. Uma oração desnuda, reta, segura de Jesus, mas abnegada, isso é o que falta. De um coração incandescente cai a chuva fresca do bom Deus sobre o solo seco pelo inferno. Ante o nosso Rei, nada é pueril, nada é irremediável. Ante ti, pois, que tudo apareça como sementes de eternidade. Para aquele que nesta hora, assumo o emprego da oração, não haverá nenhuma vigília, nem sono, nem descanso, nem leitura, nem dispersão. Só oração e pena. Que force o seu eu até rompê-lo. Que seu corpo se submeta ou que caia. E se o corpo cai, o espírito continuará, do outro lado, com o trabalho...

Estas foram, em resumo, as palavras de Andreas, ditas com o tom familiar. Mas, toda uma avalanche de forças vibrava por debaixo desta voz tranquila. A certeza soberana, a sabedoria, e as mais vastas concepções se adivinhavam. Dela não se desprendia o entusiasmo instintivo que suscitam os fanatismos. Minha vontade subia a um mundo novo. Sem lugar para dúvidas, as luzes se despertavam em mim. Sentia que me convertia em outro. No entanto, escutava o eco interior de suas últimas frases quando Andreas seguiu dizendo:

- Por outro lado, existem reações. Ai está o mais duro do trabalho de rezar. Entre nossos inimigos, há homens inteligentes, homens com um forte magnetismo. É evidente, já que servem ao Príncipe deste mundo, que entre outras coisas governa os magnetismos. Os espíritos destes homens atacam nossos espíritos, com a força e com a astúcia. Um soldado de Cristo pede, por exemplo, que um prevaricador seja detido. Imediatamente os gênios de todas as engrenagens administrativas afetadas por tal prevaricação, os espíritos dos cúmplices, os espíritos dos inimigos, de todas suas formações correspondentes, de suas ciências, de suas fábricas, de seus centros intelectuais, todos os falsos anjos de sua religião, todos os servidores da Besta, em uma palavra, tudo isso reage e tenta subjugar o servidor de Cristo. O Exército da Matéria contra o Exército do Espírito. Se o soldado de Cristo, vendo que todos os seus esforços foram provisoriamente infrutíferos, se desanima, se sua tranquilidade se altera, si se irrita, se critica, então é preciso voltar a começar tudo de novo. O general, em meio a seu estado maior, prepara seus planos com relativa tranquilidade. O soldado de Cristo é ao mesmo tempo combatente e estrategista. Tem que sofrer e permanecer lúcido. Por outro lado, deve tomar uma ocupação material qualquer.

- Então vejo que ninguém pode dizer: eu serei um soldado.

- Não, querido doutor, ou pelo menos, não...e sim.

- Bem, eu entendi.

- Neste caso, caminha – concluiu Andreas. E trata de que outros lhe acompanhem. O Céu ajuda aos débeis. Não tenha medo, querido doutor, acrescentou sorrindo enquanto me olhava fixamente nos

olhos com um olhar claro e forte; uma sensação estranha de alegria tranquila me inundava, agitando meu corpo e iluminando minhas faculdades.

- Deve ter entre as purificações morais, uma especialmente adequada para fazer com que nossas preces sejam satisfeitas. Perguntei, depois de alguns minutos de reflexão.

- Em primeiro lugar a Caridade; o ato de caridade é o melhor para tudo. Por outro lado, se não nos dá medo o muito que custa fazê-la, abstenho-nos de falar mal, não somente de uma pessoa, mas inclusive dos animais, objetos, inclusive do tempo... Claro que sim – acrescentou Andreas diante de meu gesto de surpresa. Um animal tem inteligência, assim como um objeto, a chuva, tudo isso são seres que vivem. Parece que se esqueceu que o discípulo de Cristo se encontra em espírito na casa de Cristo, onde tudo é vida, inteligência e amor.

- Sim, havia esquecido – murmurei.

- Bom, algum dia recordarás, sabes bem. – disse como consolo. Somos servidores de Cristo, do Verbo... do Verbo, entende? Mas o verdadeiro Verbo é o ato. É por isso que, durante a guerra, foi o soldado raso o que ocupou o papel principal. O civil, ainda que seja um santo, ainda que seja um homem brilhante, só ocupou o segundo plano. Enquanto aos que ficam no mesmo lugar, sem se mexer, pior para eles. Prolongam sua dívida sobre a terra por seis mil anos mais, ou até mais que isso. Mas veja só, eu falo para que as pessoas se calem e eu falo pelos cotovelos. Adeus querido doutor, adeus... Não se preocupe, fique sentado.

Assim que o trem entrou na estação de Dijon, Andreas desceu.

Como passou rápido estas horas!

Quantas perguntas eu ainda tinha, quantos sonhos para lhe contar, quantos desejos que formular. Mas, inexorável apesar de seu sorriso. Andrea desceu. Dirigindo-se à saída, me acenou adeus com a mão. Na medida que se afastava, eu compreendia mais tudo o que me havia dito e como, resumindo, tão pouca informação englobava todo o único Necessário.

RESSURREIÇÃO

Os últimos episódios que acabo de contar produziram em mim uma impressão definitiva que, sem dúvida, a torpeza de meu relato impede de compartilhar com o leitor. Penetrei com ardor na estreita via que agora me parecia ter descoberto. Mas demorei um pouco para reconhecer os frutos de minha inexperiência. Quis comprovar com fatos a verdade das doutrinas de Andreas. Curava gratuitamente os doentes, doava meu dinheiro e meu tempo, passava noites em branco, sofria os caprichos de meus amigos, suprimi meus deleites com a arte e a literatura, vendi meus livros. Riram de mim e logo se compadeceram de minha debilidade de caráter. As consultas rentáveis se espaçaram no tempo. Os que me escreviam me julgaram morno, já que eu não mais elogiava suas manias de magismo, de adivinhação e de fenômeno. Minha reputação diminuiu nos círculos do iluminismo. Alguns casos desesperados que não pude curar fizeram crescer em mim dúvidas que aumentaram gradualmente até chegar a um taciturno desespero.

Pouco a pouco o valor me abandonou. Tudo me parecia insípido e cansativo. Tomei remédios para dormir, para não pensar. Sair de casa me era odioso, ficar era um suplício. Ler me aborrecia. Quase nem me dava o trabalho de me alimentar.

Depois de três meses nesta melancolia, quando me tinha resignado a esperar o final sem mover um dedo, quando me parecia evidente que nem o universo, nem eu mesmo tinha qualquer sentido ou

meta, me vieram buscar uma noite. Uma mulher jovem da vizinhança estava morrendo de tuberculose que se arrastava já por um ano. Estava nas últimas. Nenhum médico queria se dar ao trabalho de vê-la. Seu marido, desesperado, explicava-me que já não esperava vê-la curada, mas que acreditava que houvesse um meio de aliviá-la pelo menos uma hora, o tempo que durasse esta agonia. Eu me encontrava completamente indiferente a tudo para negar-me.

Fui com ele. Eram as duas da madrugada. Do outro lado da rua, diante de nós, apareceu um homem, que veio ao nosso encontro. Era alto, mas tão bem proporcionado que só me dei conta de tão grande que era, quando já estava bem perto. Nada de seu traje deixava entrever, mas tinha aspecto de grande senhor. Quando nos cruzamos, levantei os olhos para ele automaticamente, recebendo seu olhar como uma chama de luz suave. Passou por nós. Voltei-me para ele, ele também se voltou para nós e então, sem pensar, me aproximei. Ele tirou seu chapéu e me disse:

- Doutor, creio que lhe conheço. Perdoe minha indiscrição, mas o senhor não é amigo de Andreas? Eu também me sentia bastante desconcertado.

- Sim – respondi. E enquanto buscava as palavras, ele disse:

- Com certeza está indo visitar um doente. Talvez eu possa ser útil se me permite acompanhá-lo.

Compreendi subitamente, era Teofanias, Era ele. Meu coração começou a palpitar. Desespero, rancor, obsessões, amarguras, cansaço, sentia como tudo isso se dissipava em pesadas ondas rastejantes enquanto eu explicava ao meu cliente:

- É um médico amigo de meus amigos, um especialista. Vamos levá-lo a ver sua esposa.

O homem, perdido em sua dor, não perguntou nada e logo chegamos.

Era um lar pobre e comovedor de um empregado, com uma decoração banal de falsa comodidade. A mãe da enferma estava ali, já sem lágrimas, com expressão fixa, numa espécie de topor. Disse a seu genro com voz ausente:

- Tarde demais. Está morta.

Eu me inclinei sobre a cama da doente. Nenhum ruído do coração, nenhum alento. O nariz delicado estava inchado. O rosto havia retomado a calma imóvel que não engana. Um pouco de calor persistia unicamente no oco do estômago. Porém, o pobre corpo, terrivelmente magro, com grandes inchaços nas articulações parecia suplicar que o deixassem já tranquilo nas trevas tranquilas do caixão.

- Acreditas que está morta? Perguntou de repente Teofanias. Sua voz suave como um canto no silêncio.

Fiz um gesto afirmativo.

- Você a ama, certo? Tem filhos? Perguntou consecutivamente ao marido. E sem esperar resposta continuou:

- Então, se ela voltar à vida, se a despertamos em um momento do meio dos mortos, você se mostrará agradecido ao Céu? Ficarão com ela, não a abandonará, nem de coração, nem de corpo?

O pobre homem, desorientado, não atrevendo-se a compreender, nos olhava sem conseguir nos dizer nada.

- Fique tranquilo – disse Teofanias, muito suavemente. Não fique triste. Responda-me com consciência.

- Mas será possível? Balbuciou o marido. Não pode ser que esteja brincando... Sim, se você diz, pode reviver...Eu prometo... Então se caiu, estremeceu pelos soluços, enquanto que a velha mãe, devotada, beijava apaixonadamente o corpo já frio de sua filha.

Teofane, aproximando-se do cadáver, pegou as duas mãos com a mão esquerda e levantando a cabeça inerte com a mão direita, lhe disse docemente em voz baixa – mas todos nós ouvimos: Minha menina, filha minha, vem, volta, você será levada em conta. Precisam de ti.

Sem que sentíssemos nenhum calafrio, com muita naturalidade, a morta ressuscitou. A mulher abriu os olhos, se levantou, olhou o quarto.

- Eu sonhei – suspirou.

Sua mãe e seu marido, de joelhos, lhe beijavam as mãos e ela, aninhada ao peito de Teofane se pôs a chorar silenciosamente.

- Ascendam uma segunda lâmpada, disse Teofane.

A mãe se levantou, titubeante e logo voltou com uma lâmpada para iluminar bem a enferma.

- Vejam – já se recupera – disse Teofane. Com efeito, depois de um quarto de hora, já não estava com olheiras, seu rosto estava mais cheio, com mais cor. Arrebatado de alegria, o marido se jogou aos pés de Teofanias, mas este o levantou, como se fosse uma criança.

- Não, não, lhe disse, é ao Céu que deve agradecer, dando um passo para trás.

- Lembre-se do que prometeu. Há um livro de histórias sobre mortos que voltaram à vida. Façam o que ensina este livro. Bom, adeus. E irradiando afetuosa bondade, beijou a mulher, a mãe e ao marido, saindo comigo.

Eu acreditava estar sonhando. No entanto, conhecia a rua pela qual estávamos caminhando. Uma cerca aqui, um solar ali, o forno do padeiro mais abaixo, à esquerda o bar onde gritavam os boêmios frágeis. Sim, estava na Terra, em Paris. Caminhava ao lado de um desconhecido. Era ele, Teofanias, o iluminador, o guia tão esperado, cuja simples presença dissipava minhas trevas, afugentava minhas dúvidas, consolava meu cansaço.

Disse que as quatro da manhã tinha que tomar o rápido de Brindisi, que não podia atrasar sua viagem, já que este trem só circulava uma vez por semana. Por outro lado, tinha muito o que me dizer e que, se eu estivesse livre, me convidava para acompanhá-lo até Modane. Em Seu compartimento pessoal nos sentiríamos em casa. Eu estava encantado. Chegamos tranquilamente à estação de Lyon e, durante dez longas horas, seguiu instruindo-me, sem deixar de fumar. Porque parecia, como Andreas, viver segundo o costume comum.

Falava sem pressa, com frases curtas e simples, sem buscar um efeito. Parecia ter sido o espectador de tudo o que me contou. Explicou minha persona a mim mesmo, desmontando as engrenagens mais ocultas de minha consciência. Seu olhar perfurava a obscuridade opaca dos séculos desaparecidos. Não posso contar aqui tudo o que me ensinou naquela noite. A ela se opõem todo tipo de motivos, mas imaginem a maior concentração mental funcionando com uma limpidez perfeita da inteligência. Imagine uma compreensão imediata e sempre exata das relações entre

causas e efeitos; uma memória que recordava os menores detalhes, uma sensibilidade extraordinária que abarcava tanto os seres atuais, como os afastados no tempo e no espaço. Uma alegria muito íntima, muito tranquila, muito límpida, este era meu estado de ânimo esta noite, de forma que o cansaço, a febre, o peso e a sonolência foram esquecidos. As palavras não podem, de forma alguma, expressar o extraordinário, o frescor ideal, a vitalidade vigorosa, a confiança serena que banharam como jatos o meu espírito.

Esta felicidade e as que se seguiram, acredito que nunca poderei pagá-las, ainda que tivesse que sofrer sem cessar em todo o meu ser, durante toda a minha existência. Minha única pena hoje é que há tantos homens que passam bem ao lado deste Céu sem conhecê-lo, não porque está escondido, mas porque, não saindo de si mesmos, não querem e nem podem vê-lo, porque não olham.

FIM